



Kat Martin

Coração Leal

Série Coração 01

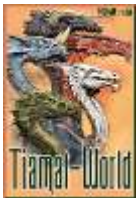
Krista Hart, editora de um jornal para damas londrinas, ganhou inimigos por escrever sem fazer rodeios. Quando se encontra com um guerreiro viking preso em uma jaula como se fosse uma atração de feira, exige sua imediata liberação. Embora diga a si mesma que liberar Leif Draugr é simplesmente o correto, não pode negar a atração que sente por ele, especialmente depois de que seu pai o transforme em um "perfeito" cavalheiro inglês...

Disp em Esp: Elloras Digital
Envio do arquivo e Trad: Gisa
Revisão: Audrey Suria
Revisão Final: Matias Jr.
Formatação: Gisa
Tiamat - World

Comentário da Revisora Audrey Suria - adorei esse livro, leitura fácil e fluida, e Leif é tudo de bom queria um Viking desse aki em casa rrsr só a mocinha é meio chata mais fazer o q né!

Comentário do Revisor Matias Jr.: Um livro de fortes emoções. As paixões e a sensualidade são exploradas sem receio e de forma muito atraente. O amor reconhecido e mesmo assim quase desperdiçado. Ótima história com dados históricos interessantes. Uma boa leitura.





*Para minha mãe, que faleceu recentemente,
Por todos os anos de constante apoio.
Sinto sua falta, mamãe.*

Capítulo 1.

Inglaterra, 1842

Leif tremia sob a fina manta, quão único possuía para proteger seu corpo quase nu contra o frio. Ainda não era primavera, os caminhos estavam cheios de lodo e inclusive congelados em alguns lugares. Os débeis raios de sol apareciam esporadicamente entre as nuvens, brilhando durante breves momentos, antes de desaparecer de novo.

O frio vento agitou a manta e Leif a rodeou ainda mais ao corpo. Não tinha nem ideia de onde estava, só sabia que estava atravessando uma campina salpicada ocasionalmente por pequenas aldeias com atalhos irregulares delimitados por muretas de pedra. Devia levar nessas terras mais de quatro luas, mas o mais provável era que a essas alturas tivesse perdido a noção do tempo. A única coisa que sabia com certeza era que seu pequeno navio fora jogado contra as rochas em alguma parte da costa ao norte de onde se encontrava, levando consigo nove de seus companheiros ao fundo do mar e deixando seu corpo maltratado.

Um pastor o resgatara do mar gelado acolhendo-o em sua casa e cuidando-o durante a febre que sofreu. Leif mal se recuperou quando chegaram ao mercado, pagaram ao pastor e o levaram junto.

Queriam-no porque parecia distinto, porque era "diferente" de qualquer um dos homens que povoavam essa terra estranha. Não falava sua língua, nem compreendia uma palavra do que diziam, o qual parecia diverti-los e aumentar seu valor de algum jeito. Eram pelo menos quinze centímetros mais alto que a maioria deles, e seu corpo era muito mais musculoso. Embora houvesse alguns homens loiros, como ele, poucos tinham barba e nenhuma era tão longa e povoada como a sua. Levavam o cabelo curto, enquanto que o seu chegava aos ombros.

Leif estava muito fraco e fora incapaz de defender-se quando o colocaram à parte traseira de uma carreta para transladá-lo da cabana do pastor. Quando sua força começou a ressurgir, os homens que o mantinham cativo começaram a temer, e imobilizaram seus braços e as pernas com pesados grilhões de aço. Colocaram-no à força em uma jaula que não era o suficientemente grande para um homem de seu tamanho, por isso se via forçado a permanecer agachado sobre a palha do chão como se fosse um animal.

Era prisioneiro em uma terra hostil, consideravam-no uma raridade digna de ser exibida para as pessoas do campo, uma maneira cruel de entretê-los. Foram vê-lo, sabia. Um homem gordo com uma cicatriz na cara levava comida para ele e arrecadava moedas das pessoas que se reuniam



ao redor de sua jaula. O homem - que se chamava Snively - o feria e perseguia, tentando tirar para fora um temperamento violento, o que parecia agradar ao povo que pagara para lhe ver.

Leif odiava a esse homem. Odiava a todos.

Onde ele vivia, era um homem livre, era alguém de prestígio entre os seus. Seu pai lhe implorara que não abandonasse a segurança do seu lar, mas Leif queria ver o mundo que se estendia além da ilha. Depois disso, vira pouca coisa além da jaula, o ódio e a cólera o corroíam como se fossem uma besta faminta. Todos os dias rezava aos deuses para que o ajudassem a escapar e que dessem forças para aguentar até que chegasse esse momento. Prometeu a si mesmo que esse dia chegaria, jurou que conseguiria, e esse juramento era quão único o mantinha cordato.

Mas passavam os dias sem que ocorresse nada, e seu desespero era cada vez mais profundo. Sentia como se o estivessem empurrando a converter-se em um animal e que só na morte encontraria a paz.

Leif lutou contra o escuro desespero, aferrando-se a débil esperança de que algum dia voltaria a ser livre.

Capítulo 2.

Londres, Inglaterra, 1842

—Menina, já é hora de que cumpra com seu dever! - A venosa mão do conde de Hampton se estrelou de repente contra a mesa.

Krista Hart sobressaltou-se ante o som.

—Meu dever? Não é meu dever casar com um homem a quem não posso suportar! - Estavam assistindo a um baile na mansão do duque de Mansfield. Através das paredes da biblioteca, podiam ouvir a música que uma orquestra de oito membros tocava no suntuoso salão de baile, no piso acima.

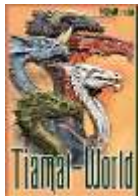
—O que tem de mal lorde Albert? - O homem alto, de cabelo grisalho e ligeiramente curvado, seu avô, fixava nela seu olhar azul claro. - É um jovem atraente, segundo filho do marquês de Lindorf, membro de uma das famílias mais proeminentes da Inglaterra.

—Lorde Albert é um autêntico sapo. Um homem vaidoso, afetado e cheio de si mesmo. É vaidoso e não é particularmente inteligente, e não tenho nem o mais mínimo interesse em me casar com ele.

A enrugada cara de seu avô se tornou púrpura.

—Existe na Inglaterra um homem que possa te agradar, Krista? Começo a acreditar que não. É tua responsabilidade me dar um neto que assegure a descendência... e o tempo voa!

—Sei qual é meu dever, avô. Recordam-me isso frequentemente. - Sem herdeiros varões



diretos, só graças a um decreto especial do defunto rei, o título do Hampton podia ser irradiado pelas mulheres da família ao primeiro descendente varão. Depois da morte de sua mãe, converteu em dever de Krista providenciar esse herdeiro. - Não é que me negue a me casar. É só...

—É só que está muito ocupada com esse teu resumo. - Falou com tal veemência que seu semblante adquiriu um matiz avermelhado. —Seu pai concordou que sua mãe trabalhasse como se fosse uma plebeia e agora permite isso a você também. Pelo amor de Deus, nenhuma mulher de nosso círculo social que se considere decente trabalha. Nem se associa com gente de classes inferiores, como faz você para publicar essa ridícula revista.

—De *Coração a Coração* não tem nada de ridículo. Nossos artigos são educativos além de informativos, e estou extremamente orgulhosa do trabalho que desenvolvemos.

Ele soltou um sopro irado.

—Deixando de lado essa maldita revista sua, é hora de que comece a pensar no futuro, de que assuma suas responsabilidades como minha única descendente viva e me dê o herdeiro que necessito.

Krista caminhou para ele, as anáguas de seda que levava sob a saia produziram um frufrú contra suas pernas quando se aproximou da ornamentada mesa da biblioteca onde estava sentado. Tiveram essa mesma conversa infinitas vezes, sempre com o mesmo resultado, mas adorava seu avô e não queria discutir com ele.

Inclinando-se, beijou sua pálida face.

—Quero ter marido e família quase tanto como você, avô, mas nego a me casar com um homem como lorde Albert. Estou segura de que com o tempo conhecerei o homem perfeito.

E possivelmente já o fizera. Na semana anterior conhecera ao filho de um amigo de seu pai, Matthew Carlton. Matthew era professor associado e segundo filho do conde de Lisemore, quer dizer, o tipo de homem com o que sua família queria que se casasse e, além disso, Matthew parecia muito interessado em iniciar uma relação.

Mas não se atrevia a mencionar isso a seu avô por temer que começasse a pressioná-la para que se casasse com ele.

O conde a olhou diretamente.

—Quero que seja feliz. Sabe, não?

—Sei. É só questão de tempo. - Ou ao menos isso esperava. Ela era distinta das demais mulheres de sua classe social: mais alta do que se usava, com muito mais busto e, sobre tudo, mais independente.

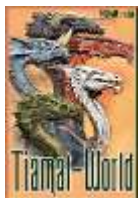
Não tinha uma grande lista de pretendentes esperando na porta, e seu avô sabia.

—Tempo, mofou-se ele, - justo o que um ancião como eu não tem.

Ela se inclinou e segurou sua magra mão.

—Isso não é certo. Ainda está em muito boa forma, não o negue. - Mas enquanto o olhava percebeu que sem dúvida ele estava envelhecendo, e se ela não se casasse e desse início a sua família logo, o título (tal como temia o conde) acabaria em mãos de algum primo longínquo.

O ancião suspirou.



—Põe a prova minha paciência, menina - se queixou.

—Sinto muito, avô. Faço o melhor que posso.

Krista não disse nada mais. Tampouco o fez ele, lançando um beijo enquanto deixava a biblioteca, dirigiu-se para a alegre música do salão de baile, mas já não estava de humor para dançar e fingir que passava um bom momento.

Bom, fizera uma promessa a seu avô, e ainda era cedo. Enquanto percorria a casa em busca de seu pai e sua melhor amiga, Coralee Whitmore, que a acompanhara ao evento, pensou em Matthew Carlton e avaliou as possibilidades.

Leif se apoiou contra as barras da jaula. Ao longe ouvia aquelas estranhas notas musicais que tocava uma máquina cada vez que a companhia ambulante entrava em um povoado. O sol já saíra e começava a esquentar, mas sua jaula estava em um lugar à sombra e um vento gelado arrepiava sua pele. O único objeto que levava em cima era um retalho de pele que apenas cobria seus atributos masculinos. Não servia para esquentar.

Olhou através das barras da jaula. Nas últimas semanas, perdera a noção do tempo e não sabia quantos dias passaram. Uma e outra vez atacara aos homens que o mantinham preso, lutara como um louco para recuperar sua liberdade, mas, preso com grilhões, não teve nenhuma possibilidade.

Inclinou-se e afastou a palha úmida que cobria o chão da jaula. Desejou ver o mundo e por isso se afastou de sua terra natal. Riu. Realmente vira coisas assombrosas com essas bestas estrangeiras, coisas distintas a tudo o que conhecia; vira edifícios maiores que seu povoado. Vira pessoas com a pele de distinta cor, de formas e tamanhos diferentes. Se não estivesse preso nessa jaula, estaria fascinado por todos aqueles lugares nesse mundo novo e estranho, mas, em lugar disso, estava preso, e o tratavam como se fosse um monstro.

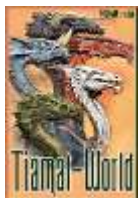
Nos dias que estava como prisioneiro, fora objeto de brincadeira, insultos e burlaram-se dele, o apedrejaram e golpearam. Pensavam que estava louco, e alguns dias ele também acreditava. Era pior quando se penalizavam. Vira como algumas mulheres choravam pelas crueldades que sofria. Não queria sua piedade, mas esse tipo de reação o fazia pensar que não todas as pessoas desse mundo eram como as que o privaram de liberdade. Poderia em algum momento encontrar alguém que o ajudasse a escapar. Precisava encontrar a maneira de falar, de fazer-se entender.

Dirigiu uma silenciosa oração aos deuses, tal e como fazia cada dia, rogando que o ajudassem.

Possivelmente em algum momento o fizessem. Inclusive poderia ser esse mesmo dia.

Leif se aferrou a esse pensamento enquanto as pessoas começavam a desfilar ao redor da jaula.

Essa noite o céu estava claro; a lua cheia iluminava as ruas de Londres. Reclinando-se contra o assento de veludo da carruagem, Krista escutou o som dos cascos dos cavalos, agradecendo que



por fim finalizasse o dia.

—Deus, como odeio este tipo de festa que o meu avô quer que vá. - Da noite que discutiram na biblioteca do duque de Mansfield, fazia quase um mês, Krista comparecera assiduamente a todos os recitais e bailes em que haviam sido convidado. Essa mesma noite, retornava a casa depois de comparecer a um recital de musica na casa do marquês de Camden.

Seu avô queria que encontrasse um marido, e ela assumia a obrigação que tinha.

A imagem de Matthew Carlton surgiu em sua mente e pensou no tempo que estiveram juntos essas semanas, acreditava que uma relação entre eles podia chegar a um bom porto.

Souu um bocejo no interior da carruagem.

—Acredito que foi uma noite maravilhosa. - No assento, a seu lado, estava Coralee Whitmore, sua melhor amiga desde que estudaram juntas na Academia Briarhill, recostada contra as almofadas de veludo da carruagem. - Se não tivéssemos tanto que fazer amanhã, poderia ter dançado até o amanhecer.

A diferença de Krista, que era alta e loira, Coralee era pequena, com o cabelo acobreado escuro, olhos verdes e traços delicados. Gostava dos bailes e das festas e parecia que nunca se cansava deles. Mas a gazeta semanal De Coração a Coração que Krista e seu pai possuíam era o primeiro para ambas, embora significasse abandonar uma das festas mais importantes de Londres pouco depois de meia-noite.

Embora parecia muito mais tempo, fazia só seis anos que a mãe de Krista, Margaret Chapman Hart, fora contra os desejos de sua própria família e contra todas as regras estabelecidas sobre o papel que desempenhava uma mulher na sociedade, e tinha baseado a revista. Três anos depois, adoecera e faleceu depois de uma grande e dolorosa enfermidade que deixara Krista intumescida e afligida, e a seu marido ainda mais afetado.

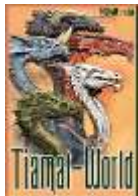
Krista fizera dezoito anos justo o dia que estava no cemitério da igreja ante a tumba de sua mãe, com seu pai chorando muito a seu lado. Sabendo o importante que a gazeta era para sua mãe, Krista tomara as rédeas da publicação, o que, como muito em breve descobriria, proporcionara uma finalidade a sua vida, aliviando a dor de sua trágica perda. Havia resolvido converter De coração a coração em um êxito, e faria qualquer coisa para obtê-lo.

Um som chegou até elas do outro lado da carruagem, e Krista sorriu ante o suave ronco de seu pai. Sir Paxton Hart era professor de história reformado, renomado cavalheiro pela Rainha por sua contribuição ao estudo das línguas arcaicas. Era perito em escandinavo antigo, a língua que falavam os primeiros colonos escandinavos. A tradição viking era a especialidade do professor e, depois da morte de sua esposa, mergulhou completamente em seu trabalho.

—Já vê o quanto meu pai desfrutou com a noite - disse Krista dirigindo-se a Corrie enquanto observava a postura que adotara seu pai no assento; sua cabeça descansava em um incômodo ângulo contra o veludo vermelho. Era um homem alto e magro, com o nariz reto e bastante largo, e o cabelo escuro salpicado de fios brancos.

—Seu pai só desfruta quando está absorto em seus estudos.

Krista trocou de posição no assento, tentando ignorar as baleias do espartilho que lhe



oprimiam a cintura sob o vestido de noite de tafetá cor verde pálida.

—Meu pai não teria ido sequer a esse recital se avô e ele não estivessem tão empenhados em me encontrar marido.

—Presumo que o último candidato é Matthew Carlton - brincou Corrie. - Esta noite dançaste com ele pelo menos três vezes. Suponho que ele pediu permissão a seu pai para te cortejar. — Desde que se conheceram a mais de um mês, o interesse de Matthew por Krista não fizera mais que aumentar. Na semana anterior falara dele com seu pai. Matthew era exatamente o tipo de homem com o que sua família queria vê-la casada. Além disso, também gostava e se sentia adulada por seu interesse. Mas mesmo assim, necessitava tempo para conhecê-lo. Disse a si mesma que permitir que um homem a cortejasse não era como casar-se com ele.

—Poderia ser muito pior, sabe - disse Corrie, enquanto a carruagem rodava na escuridão e as lanternas do interior arrojavam uma tênue luz amarela. - Pelo menos é um homem de aparência agradável inteligente E...

—Alto? - interrompeu-a Krista arqueando uma sobrancelha dourada. Corrie riu.

—Não ia dizer isso. - Mas o certo é que a maioria dos homens não estavam interessados em se casar com uma mulher mais alta que eles. Era algo que simplesmente não se fazia. —ia dizer que além disso é filho de um conde. - Mas a condição social não era algo importante para a Krista. Era Corrie a que mais se preocupava com a classe social. Era uma dama dos pés à cabeça, filha de um visconde, tinha dinheiro e posição. Coralee amava as roupas formosas, as festas e as saídas à ópera e ao teatro.

Quanto a Corrie, o que gostava mais do que tudo aquilo era escrever, e quando Krista tomara as rédeas da gazeta, convencera a sua amiga de que se unisse à revista para escrever sobre os temas que mais amava. Corrie desafiara a sua família ao aceitar o trabalho, e se encarregava na atualidade da seção de mulheres, o qual constituía uma considerável porção da revista.

O chofer dirigiu a carruagem por um caminho de cascalho e se deteve diante das escadas da casa de Corrie, um elegante edifício de pedra de três andares situado em Grosvenor Square.

—Nos vemos amanhã no escritório - disse Coralee, enquanto um lacai a ajudava a descer da carruagem, - e não se esqueça que prometeu vir comigo ao circo no domingo.

—Não o esquecerei. - Corrie queria escrever um artigo sobre o Circo Leopold para uma das seções da gazeta e pedira a Krista que a acompanhasse à sessão dominical. Como Krista não fora ao circo desde que era menina, achava que podia ser divertido.

Corrie a desejou boa noite e permitiu que o lacai a escoltasse pela escada de pedra até as maciças portas principais da mansão, logo este voltou para seu lugar na parte traseira da carruagem. O carro começou a rodar e o pai de Krista se moveu no assento frente a ela, estirando suas longas pernas diante dele.

—Já estamos em casa?

—Em seguida chegaremos, pai. Estamos à volta da esquina. - Como Coralee, Krista provinha de uma família enriquecida, pelo menos pelo lado materno. Margaret Chapman Hart fora filha de um conde, e embora se casou com o Paxton Hart, um erudito sem capital, seu status como



membro da aristocracia permitira a entrada de Krista nos mais exclusivos círculos sociais.

No que a Krista concernia, era mais uma carga que outra coisa.

Chegaram a sua casa uns minutos mais tarde. O mordomo, Milton Giles, abriu a porta e, uma vez que entraram, ajudou-os a despojar-se de seus trajes: a seu pai foi o casaco de seda de noite e a Krista da capa de caxemira com capuz.

—Foi uma noite longa - disse ela. - Vou à cama. Verei-te pela manhã. - Levantando ligeiramente a saia de seda, começou a subir a escada curva. antes de chegar ao final se voltou e perguntou: - Não sobe, pai?

—Em seguida vou. Estou estudando um antigo texto escandinavo. Há uma passagem que eu gostaria de repassar antes de ir à cama. Só será um momento.

Krista sabia que um "momento" tinha um significado distinto para seu pai e ia começar a discutir com ele, recordar que precisava dormir, mas sabia que não serviria de nada. Seu pai sentia tanta paixão por seus estudos como Krista por sua gazeta.

Pensando no artigo que precisava terminar pela manhã antes que a gazeta entrasse em impressão, continuou subindo as escadas.

O edifício de tijolo de três andares onde ficavam os escritórios da gazeta semanal para mulheres, De coração a coração estava situado em uma estreita rua próxima a Piccadilly. A alma da revista, uma pesada prensa Stanhope - uma das mais modernas do mundo, - estava situada na planta baixa junto a uma caixa que continha as tipografias metálicas: as letras, números e caracteres usados para imprimir a publicação semanal.

Krista caminhou para o arquivo de madeira. Acabava de terminar o artigo que escrevera para a edição dessa semana e, salvo mudanças de última hora, a gazeta estava pronta para imprimir à manhã seguinte.

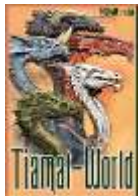
Além de Krista, seu pai e Corrie, o pessoal da revista incluía ao Bessie Briggs, que exercia funções de caixa; um impressor chamado Gerald Bonner; seu jovem aprendiz, Freddie Wilkes; e um ajudante de meia jornada que fazia o que fosse necessário para que a gazeta chegasse a seus assinantes.

Toda a equipe ficava trabalhando até mais tarde, uma noite antes que a gazeta fosse para impressão. No exterior já anoitecera, as ruas estavam em sua maior parte vazias e um intenso vento de abril soprava sobre o Támesis. Krista parou ao lado da prensa, ajustou algumas tipografias e logo se girou para a janela para ouvir o som de passos apressados sobre o cascalho do caminho frente ao escritório. O cristal da janela se fez pedacinhos e uma das mulheres gritou quando uma pesada pedra cruzou a habitação. Krista apartou a cabeça e se salvou por escassos centímetros.

—Céu Santo! - Corrie ficou sem fôlego.

A pedra aterrisou com estrépito e rodou pelo chão enquanto Krista aproximava-se correndo à janela.

—Viu algo? - Corrie foi rapidamente a seu lado. - Viu quem o fez?



Ao final da rua, o resplendor de uma das luzes iluminou um moço com calções marrons que corria como um louco para a esquina. Um momento depois, desapareceu de sua vista.

—Era só um menino - disse Krista, dando as costas à janela e passando um pano sobre a tinta que manchava suas mãos. - Já se foi.

—Olhe! Há uma nota! - Afastando o cristal quebrado, Corrie se ajoelhou sobre o chão para recuperar um papel preso à pedra com uma corda.

—O que diz? - Krista se aproximou de seu lado. Corrie alisou a enrugada parte de papel.

"Mantenha-se longe dos negócios dos homens. Se não o fizer, lamentará-o."

Krista suspirou.

—Suponho que alguém pagou a esse menino para que o fizesse. —Essa não era a primeira advertência que recebia De coração a coração desde que mudaram o formato para incluir editoriais e artigos sobre a educação e assuntos sociais.

Na semana anterior, junto com os habituais temas de moda e atividades domésticas, incluíram um artigo elogiando o relatório sanitário sobre as condições de salubridade escrito pelo senhor Edwin Chadwick, no que se demandavam importantes mudanças no sistema londrino de rede de esgoto e água potável, necessários, segundo sua opinião, para a prevenção de enfermidades.

A proposta, muito cara, era extremamente impopular tanto entre as companhias fornecedoras de água como entre as autoridades locais e os coletores de taxas, que sustentavam que não poderiam permitir o luxo de pagar essas reformas.

—Sempre haverá quem não esteja de acordo com nossa postura - disse Krista a Corrie enquanto tomava o pequeno papel das mãos de sua amiga.

—Não vai mostrar a nota a seu pai? - Corrie dirigiu a ela um olhar de advertência, pois sabia quão independente era Krista e quanto odiava incomodar ao professor com problemas que concerniam à gazeta. —Krista...?

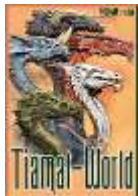
—Certo, mostrarei. - Percorreu com a vista o buraco da janela que permitia passar o ar frio de abril. - Avisa para que também o buraco com pranchas e que limpem os cristais. —dirigiu-se para as escadas com a nota na mão. - Estarei de volta em um minuto.

As noites que Krista trabalhava até tarde, seu pai insistia em acompanhá-la a casa. Chegara ao escritório a várias horas e se acomodou em uma saleta provisória que tinha no piso de cima. Na planta alta havia também uma sala de reuniões e uma estreita *chaise longue* onde podia dormir um momento se se fazia muito tarde.

Golpeou a porta, esperou e chamou outra vez. Dando-se finalmente por vencida, abriu a porta e entrou na saleta de tetos altos e com prateleiras de livros de parede a parede.

—Sinto muito te incomodar, pai, mas...

—Já me parecia que ouvira algo. - tirou os óculos de armação metálica que usava para ler e colocou sobre o livro que tinha aberto sobre a mesa. Era magro e extremamente alto. Krista devia



sua estatura superior à média a seu pai, mas o cabelo loiro, os olhos verdes, a figura arredondada e o busto proeminente eram legado de sua mãe.

—Estava extremamente concentrado nesta tradução - esclareceu o professor. - Está pronta já? É hora de voltar para casa?

—Ainda não, mas estamos a ponto de terminar. - Cruzou a habitação mostrou a nota. - Pensei que devia te mostrar isto. Alguém a atou a uma pedra e lançou pela janela. Suponho que não gostou muito do artigo sobre o relatório do senhor Chadwick.

—Isso parece. - O professor a olhou. - Está segura de que sabe o que faz, querida? Sua mãe tinha opiniões muito arraigadas, mas só em estranhas ocasiões as colocava em um artigo.

—Certo, mas queria fazê-lo. E a situação é distinta agora. O número de assinantes não tem feito a não ser crescer desde que adotamos o novo formato.

—Suponho que lutar por uma boa causa implica assumir algum risco. Mas tome cuidado e não leve as coisas muito longe.

—Não o farei. Faremos um artigo mais sobre quão necessária é a água em toda a cidade e quão importante é melhorar o sistema de rede de esgoto e nos voltaremos a centrar nas condições de trabalho em minas e fábricas.

Ele riu entre dentes.

—Por isso eu recorde, esses artigos mexeram também em mais de um vespeiro.

Krista reprimiu um sorriso, pois sabia que tinha razão.

—Mesmo assim, penso que o esforço que tomamos não cairá em esquecimento. - Rodeou o escritório para olhar por cima do ombro de seu pai. - No que está trabalhando?

—Estudo umas pranchas irlandesas do século cinco com as que se pode calcular a altura do sol a meio - dia para cada semana do ano. São notavelmente precisas. Faz um momento estava revisando uma tradução de um texto da Heimskringla.

Por isso Krista podia observar, o texto tinha sido escrito em escandinavo antigo, a linguagem falada pelos colonizadores escandinavos durante mais de oitocentos anos até que, ao redor do século XV, desapareceram os últimos vikings da Groenlândia. Seu pai conhecia essa língua.

Pensou nas horas que passara de menina em seu estudo, escutando histórias de vikings e aprendendo seu idioma. Seu pai e ela praticaram juntos, e como ela desejara o agradar, trabalhara duramente para aperfeiçoar essas habilidades. A educaram mais que à maioria das mulheres e, além de suas ideias reformistas, sentia, como seu pai, grande fascinação pela cultura e a vida escandinavas.

—Tem sangue viking nas veias - dizia ele quando ela se lamentava de sua altura e de que a maioria dos homens que conhecia fossem mais baixos que ela. - A linhagem de sua mãe se remonta até os dinamarqueses. Deveria te orgulhar de seus genes.

Pelo geral, Krista só desejava que seu aspecto não fosse tão diferente das demais mulheres. Seu pai ordenou alguns papéis do escritório, fechou o livro que estava lendo e a olhou.

—Ouvi que Coralee e você irão ao circo no domingo.

—Você gostaria de vir conosco? - perguntou; seu interesse era uma autêntica surpresa.



Seu pai riu entre dentes.

—A verdade é que vontade não me falta. Suponho que saberá qual é a atração de moda. Um homem ao que chamam o Último Bárbaro.

Krista riu.

—Sim, suponho que é parte do espetáculo. - Nesse momento se deu conta do por que o interesse de seu pai. - Dizem que é viking. - Qualquer coisa que se referisse aos vikings atraía a curiosidade dele. —Dizem que mede mais de dois metros e dez, e que tem o cabelo comprido e loiro.

O professor sorriu e negou com a cabeça.

—Tolices para chamar a atenção da gente. Bom, poderia ser interessante. Dizem que é brutalmente aterrador, que só por ver um de seus ataques de fúria vale a pena pagar a entrada. Indubitavelmente, é algum pobre diabo que escapou do Bedlam. Um louco de atar, suponho.

—Provavelmente. Mas já que parece tão interessado, prometo que irei vê-lo. Poderia ser algo interessante para incluir no artigo de Corrie.

Seu pai assentiu com a cabeça.

—Enquanto isso, tenta não acender o ânimo do resto dos homens de Londres.

Krista sorriu.

—Meus artigos têm o mesmo número de seguidores que de caluniadores, pai. Eu diria que inclusive temos mais partidários.

—Possivelmente. Mas a maioria deles não se encontram em uma posição de poder.

Isso também era certo. Eram os homens e mulheres da classe operária os que queriam melhorar sua posição, não as pessoas enriquecida.

Krista abandonou o estudo de seu pai um pouco inquieta. Até que ponto iam poder silenciar uma voz que saía em defesa do saneamento da cidade e que apostava por melhorar as horríveis condições que sofria a classe operária?

Não importava. Estava plenamente convencida do rumo tomado, e além disso, os artigos aumentaram a tiragem da revista em mais de vinte por cento. Entretanto, a maioria dos homens desaprovavam que as mulheres queriam manter-se informadas, pois estava ficando cada vez mais evidente que as mulheres queriam precisamente isso.

De *Coração a Coração* seguiria nessa linha, igual seguiria publicando o folhetim e os ecos de sociedade que tanto gostavam e que eram responsabilidade do Coralee.

Enquanto baixava as escadas para fechar a edição semanal da gazeta, encontrou-se desejando que chegasse no domingo para ir com sua amiga ao circo.

Capítulo 3.

Chegou o domingo e Coralee Whitmore apareceu na porta principal de Krista exatamente à



hora que estipularam para ir juntas ao circo. Uma fresca brisa primaveril agitava o ar, enquanto os débeis raios do sol brilhavam sobre o rio onde as pessoas do circo estacionaram os vagões e armaram as tendas.

Krista levava posto um casaco curto sobre o vestido com raiais de seda malva e negra; Corrie levava um vestido de seda em tons água com nós rosados e um gorro cor rosa de seda combinando.

—Isto é terrivelmente excitante - disse Corrie, transbordando, como sempre, o que parecia ser uma energia ilimitável - Nunca vim no circo, e você?

—Meu pai me trouxe uma vez quando era menina. Mas agora tudo parece diferente.

Embora possivelmente fosse por culpa desse circo em particular. O Circo Leopold era simplesmente uma companhia ambulante proveniente do norte, além do Newcastle. Deslocou-se para o sudeste através de pequenos povoados, até chegar a Manchester, logo percorreria o sul, para Bristol, até que finalmente chegou a Londres.

Krista e Corrie vagaram pelo terreno até que chegou a hora da primeira função da tarde. Desfrutaram da função na pista, sob uma pesada lona, em que destacaram as atuações dos animais amestrados. Viram ursos dançarinos, com saias vermelhas em miniatura e chapéus combinando, e vários macacos simpáticos que tagarelavam sem cessar enquanto escalavam os mastros até o teto da tenda. As jovens observaram o número dos malabaristas e os equilibristas, agradeciam a um par de palhaços alegremente vestidos e a ousadia de três cavaleiros fazendo acrobacias de pé sobre os quartos traseiros de seus cavalos enquanto estes trotavam.

O aroma de serragem enchia o ar, e a música de um realejo alagava todo o espaço mesclando-se com os gritos de quem vendia as mercadorias fora da tenda principal.

Era uma maneira interessante de passar a tarde, mas Krista estava surpreendida por quão descuidado parecia tudo.

Ao observar atentamente, descobriu que os brilhantes coloridos dos trajes dos artistas não eram tanto, que os cavalos eram velhos e mal podiam trotar.

Inclusive os artistas do circo se viam cansados e pareciam ter vivido dias melhores.

Bom, o circo era uma novidade em Londres e uma boa maneira de celebrar a chegada da primavera.

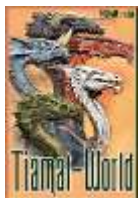
—Deveria entrevistar o dono - disse Corrie, decidida a olhar as atuações sob uma luz positiva. - Se chama Nigel Leopold. Venha, vamos ver se estiver em seu vagão.

Encaminharam-se nessa direção. Corrie olhava a seu redor, tomando nota mental de tudo o que via. Tinha uma memória assombrosa para os detalhes, sendo essa uma das razões de que fora tão boa em seu trabalho.

—Encantaram-me os ursos - disse enquanto caminhavam, - parecia como se sorria uma vez que dançavam.

Krista não mencionou que antes do espetáculo, quando passaram pela zona das jaulas, observara como o treinador atava os focinhos com uma pedaço de corda.

Percorreu com a vista o que a rodeava e se fixou em um grupo de artistas que voltavam a



seus vagões para preparar-se para a seguinte função. Um dos domadores conduzia cinco grandes cavalos pardos.

—Há algo neste circo - disse Krista. - Tudo parece muito... descuidado.

—Sim, eu também o notei. Suponho que tanta viagem passa fatura aos cavalos e ao pessoal.

—Pode ser. - Mas a Krista preocupava que os animais tivessem tão mau aspecto. Aos pôneis notavam as costelas a pesar da pelagem, e as cabeças dos ursos penduravam como se os animais não tivessem forças para mantê-las erguidas.

Corrie e ela abriram passagem através da multidão que saía da tenda principal, e se fixaram em que um grupo de pessoas parava na parte dianteira de um dos vagões do circo pintado com brilhantes cores.

Krista vislumbrou as barras de uma jaula, e se perguntou que tipo de animal haveria no interior.

—Vamos ver o que há ali - disse Corrie, empurrando-a nessa direção. Coralee era pelo menos quinze centímetros mais baixa que Krista, e bastante miúda. Eram totalmente diferentes, uma pequena, outra alta, uma loira e outra com um brilhante cabelo acobreado, mas sempre foram as melhores amigas do mundo.

Como Krista era tão alta, inclusive desde sua posição detrás das pessoas, podia ver que a criatura da jaula não era nenhum animal. No letreiro em cima da jaula, podia ler-se:

"O Último Bárbaro", e debaixo em letra menor: "Cuidado! Aproximem-se sob sua própria responsabilidade."

—É ele! - quase gritou Corrie. - Veem, nos aproximemos mais. - Era ele, o homem que o pai de Krista mencionara. Permanecia curvado na jaula, muito pequena para que pudesse endireitar-se por completo, e estava totalmente nu, exceto por uma pequena tanga de pele de animal, que ocultava seus atributos masculinos. Sacudia os barrotes como um louco. Krista, estupefata, via como um homem musculoso com uma cicatriz na face o provocava com uma varinha afiada.

O homem da jaula estava com os pés e as mãos atados e muito furioso, amaldiçoando - estava segura, - apesar de que nenhum das ladainhas que cuspia tinha sentido algum.

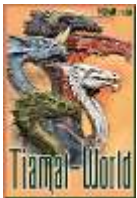
Mas não media mais de dois metros e dez. Nem estava coberto por uma capa de cabelo loiro. Bom, era mais alto que qualquer dos homens que conhecia, o cabelo loiro lhe chegava até mais abaixo dos ombros maciços e uma descuidada barba repousava sobre um peito de marcados músculos. Grandes músculos ressaltavam em seus braços e coxas, e seus olhos...

Inclusive de longe, podia ver a ferocidade, o ódio implacável que ardia nas incríveis profundidades daqueles olhos azuis, a cor mais intensa que tivesse visto nunca.

—Céu Santo - disse Corrie com temor. - Temos que nos aproximar mais.

Com o olhar ainda fixo na criatura da jaula, Krista se moveu ante a urgência de Corrie, atravessando a multidão até situar-se na primeira fila. O coração de Krista transbordou compaixão pelo homem, e uma parte dela desejou não ter visto nunca a jaula.

"Deus Santo, até o pior criminoso do mundo merece um trato melhor que o que recebe o homem dessa jaula."



A vara afiada se cravou nas costelas de Leif pela segunda vez e soltou um rugido. Agarrou as barras de sua jaula e sacudiu porque sabia que se não o fazia cravariam a vara outra vez. Tinha cicatrizes nos braços e pernas, nas costas e nos tornozelos esfolados pelos grilhões que lhe tinham posto.

Uma parte dele já não sentia dor. Logo que tinha vontade para despertar cada manhã e confrontar outro dia infernal, quase não importava se viveria ou morreria.

Mas logo estava essa outra parte que seguia lutando para manter-se com vida, que o impulsionava a resistir outra hora, outro minuto mais.

Seguia tendo a esperança de que de algum jeito encontraria a forma de liberar-se.

Ignorando o rugido da multidão que se reuniu diante da jaula, com algumas pessoas apontando e rindo, e outras burlando-se e insultando, olhou à diminuta criatura que penetrava entre as barras para aproximar-se dele. Chamavam-no "macaco"; ele, entretanto, chamava-o Alfinn, demônio, o único amigo que Leif tinha nesse mundo deixado da mão de Deus que teve a desgraça de conhecer; o que fazia que apreciasse ainda mais sua amizade.

Leif falava com o macaco como se este realmente pudesse compreendê-lo, mofando-se das pessoas que a sua vez se burlavam dele, embora é obvio não soubessem o que estava chamando. Em vinte e quatro horas, disse, em vinte e quatro horas encontraria a maneira de sair dessa jaula, de livrar-se das cadeias que o mantinham impotente ante seus captores. Em vinte e quatro horas, tiraria a vara do gordo Snively para cravar em seu retorcido ventre.

O macaco seguia tagarelando e saltando enquanto Leif insultava ao Snively em outro ataque de fúria. A multidão rugia e se separava da jaula. Algumas mulheres gritavam de medo. Gostava que lhe temessem.

Era o único poder que mantinha em um mundo onde se sentia completamente impotente, onde sua vida não lhe pertencia mais.

Pouco a pouco, a multidão começou a dispersar-se. Viram já o que queriam, viram o selvagem da jaula. Quando voltou a olhar outra vez, só ficavam duas mulheres. Uma era ruiva, miúda e bonita, embora não era exatamente seu tipo, parecia uma menina. Fez recordar o que se sentia ao abraçar a uma mulher, uma mulher de verdade, uma das que podiam fazer rugir o sangue de um homem.

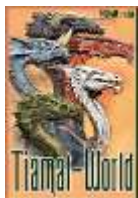
A loira sim era seu tipo. Alta, voluptuosa, disposta para as carícias de um homem, com a pele cremosa e uma boca feita para a paixão. Sua virilha pulsou.

Era bom saber que, apesar de como o trataram, seus captores não o quebraram. Era bom saber que ainda era um homem.

Dirigiu-lhe um amplo sorriso ao macaco.

—Aí há uma mulher... uma mulher de verdade - lhe disse. - Pode fazer arder o sangue de um homem com o simples olhar de seus preciosos olhos verdes.

Alfinn respondeu como se lhe tivesse entendido. A loira lhe disse algo à outra mulher, logo se voltou para partir. Leif observou como a brisa arrancava o gorro da cabeça. Uma mecha de



cachos dourados caiu sobre seus ombros, brilhante como o sol, mas com um matiz incluso mais profundo, mais rico. Ela se inclinou para recuperar o gorro e, embora a amplitude de sua roupa dissimulava suas curvas femininas, pôde dar-se conta de que tinha uma cintura diminuta e um traseiro arredondado.

—Olhe isso, Alf. Esse traseiro foi criado para o prazer de um homem. Se não estivesse nesta jaula, daria uma boa cavalgada, uma cavalgada que agradaria extremamente aos dois.

Apagou o sorriso quando a loira se girou rapidamente para enfrentar a ele. Suas faces ardiam e seus olhos verdes jogavam fogo. Dirigiu-se para ele a passo vivo, igual a um falcão equilibrando-se sobre sua presa, e Leif se separou das barras da jaula.

—Como se atreve!

Durante uns segundos, ele ficou paralisado, perguntando-se como era possível que essa mulher lhe tivesse lido a mente.

—Não é mais que uma besta grosseira e vulgar! E pensar que sentia lástima por você... mas que parva fui! - Ela o olhou com faíscas nos olhos, um olhar muito mais ardente que qualquer das que lhe tivesse dirigido à multidão. Logo se voltou para sua amiga antes que ele fosse consciente de que falara na mesma língua em que ele se dirigiu a ela.

—Esperem! - gritou-lhe. - Não vão! Perdoem minhas palavras. Não sabia que me estavam entendendo. Não tinha nenhuma intenção de te insultar. Juro que jamais tive intenção de insultar a uma mulher!

A garota elevou um pouco sua cabeça loira, mas seguiu andando com passo irado junto a sua amiga.

—Por favor! Tem piedade de mim! Preciso sua ajuda. - formou um nó na garganta. Cada dia estava mais perto de perder o juízo; fracamente se perguntou se finalmente teria ocorrido.

—Por Deus, retornem. Rogo a ti isso. - Lhe quebrou a voz - São mi... única esperança.

Nesse momento ela se deteve, e permaneceu imóvel durante uns segundos compridos. Logo se deu a volta e retornou junto à jaula. Não havia se tornado louco, realmente o entendera.

Leif não se deu conta de que tinha lágrimas nos olhos até que piscou e sentiu que escorregavam pelas faces até a barba.

As enxugou antes que ela as visse.

—Sinto-o - disse ele, quando ela se deteve ante a jaula - Sei que te insultei, mas não era minha intenção. Falam minha língua. Ninguém me entende. Estou preso aqui e preciso desesperadamente de sua ajuda.

Ela tinha o cenho franzido, mas pelo que via, já não parecia zangada.

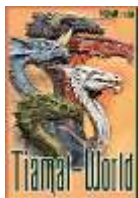
—A língua que falam... Como a aprenderam? - Embora não pronunciava perfeitamente, suas palavras foram o suficientemente claras para que ele as pudesse compreender.

—Assim falamos ali de onde eu venho.

—Não é possível. Ninguém fala o escandinavo antigo há mais de trezentos anos.

—Na Ilha Draugr é o único idioma que se conhece.

—A Ilha Draugr? Nunca ouvira falar dela.



O coração de Leif pulsava com violência. Sabia que com um só deslize, um só movimento em falso, essa mulher partiria, e com ela seu único caminho para a liberdade.

—Saí dali faz seis meses. Meu navio naufragou contra umas rochas muito ao norte daqui. Apareci ferido em uma praia.

—Naufragaram?

Ele assentiu com a cabeça.

—Quando estive o bastante reposto para saber o que ocorrera, me capturaram e venderam ao que me trancou nesta jaula.

A loira se mordida o lábio, carnudo e com um rico matiz rosado. Assombrou-lhe sentir um forte golpe de desejo por ela. Depois de viver como um animal nos últimos seis meses, chegara a pensar que isso não voltaria a ocorrer.

—Meu nome é Leif.

Ela baixou a vista para o punho dele e viu o rastro apenas perceptível do sangue que começava a gotejar por onde roçavam os grilhões.

—Meu pai fala seu idioma muito melhor que eu, Leif. Ele poderá falar com você, conseguirá tirar desta jaula.

Leif se conteve para não mover-se para ela. Não queria fazer nada que pudesse parecer ameaçador. Não podia permitir o luxo de afugentá-la.

—Voltarão? Trarão com você a seu pai?

—Sim.

—Como lhes chamam?

—Meu nome é Krista Hart.

—Jura - me isso por sua honra, Krista Hart?

Por um momento ela pareceu perplexa.

—Sim, juro-o solenemente por minha honra.

Ele assentiu fracamente com a cabeça. Enquanto a observava partir, sentiu-se repentinamente esgotado. Possivelmente porque pela primeira vez se sentia esperançado.

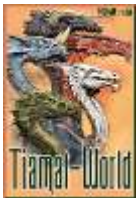
Perdera o pouco que ficava e acreditava que não seria capaz de sobreviver se ela não retornasse.

Sentou-se sobre o chão da jaula, e o macaco, Alfinn, subiu a seu ombro. Esperariam juntos a que viesse o homem chamado Snively e seus ajudantes. Conduziriam-no a uma jaula algo maior, alimentariam-no e tratariam como a um animal. Orvalhariam com água gelada para mantê-lo limpo e logo o fariam voltar para a pequena jaula outra vez para a seguinte função.

Leif podia sentir como encolhia o coração. Esperava ardentemente que ela voltasse no dia seguinte.

Recordou o grosso cabelo dourado que tinha recolhido e deixava soltos alguns cachos que emolduravam essa preciosa cara e esses vivos olhos verdes, pensou naquele corpo moldado pelos deuses e rezou para que ela não fosse simplesmente uma bela mulher.

Rogou para que Krista Hart fosse uma mulher de honra.



Capítulo 4.

Krista se dirigiu o mais depressa que pôde a sua casa no Mayfair, entrando diretamente no escritório de seu pai. Coralee a seguia um passo atrás desde que saíram do circo.

Krista golpeou brandamente a porta e logo a abriu de repente sem esperar a que a convidassem a entrar.

—Pai! Não vais acreditar nisso?

Interrompeu-se ao ver como Matthew Carlton se levantava de uma cadeira diante do escritório de seu pai. Não esperava encontrá-lo ali, embora ultimamente Matthew visitava sua casa bastante frequentemente.

Seu pai também ficou em pé.

—O que acontece, carinho? teve mais problemas com a gazeta?

Ela olhou ao Matthew. Agora a cortejava abertamente, embora Krista não tinha claro ainda o que sentia por ele. Matthew era inteligente e um bom conversador, e com esse cabelo castanho claro, os olhos cor avelã e os traços bem definidos, o podia considerar um homem atraente. Era um bom partido, pelo menos isso acreditava seu pai. E Matthew também acreditava que se levariam bem.

É obvio, o interesse do Matthew podia ser devido ao considerável dote de Krista e à herança que recebera de sua mãe.

—Não, pai, isto não tem nada que ver com De coração a coração. - Voltou a cravar o olhar no Matthew, sem estar segura de por que não se decidia a falar diante dele. Coralee estava na porta, ansiosa por ouvir o que diria o professor quando lhe falasse do homem da jaula.

—Sinto-o - disse Krista - mas preciso falar com meu pai. A sós.

—É obvio. - Matthew manteve uma expressão neutra, embora estivesse bastante claro que não gostava que o jogassem. Era, depois de tudo, professor associado e segundo filho de um conde.

E se comportava de uma maneira cada vez mais possessiva com respeito a ela. - Inclinou a cabeça educadamente. - Se me desculparem?

—Possivelmente Matthew e a senhorita Whitmore possam esperar enquanto tomam algo na sala de estar - propôs seu pai com muita diplomacia.

—É uma boa ideia. - Da porta, Corrie dirigiu ao Matthew um sorriso indolente enquanto atravessava o escritório para o tomar pelo braço. Dirigindo a Krista um desses olhares "me - deve-uma", conduziu-o para o vestibulo.

No momento em que a porta do estudo se fechou atrás deles, Krista começou a falar com seu pai sobre a aventura do circo e sobre o homem selvagem que tinha visto na jaula.

—Uma coisa assombrosa, pai. Esse homem fala em escandinavo antigo. Essa é a razão pela



que ninguém compreende o que diz. Jamais imaginei que podia ser por algo assim.

—Tentou não ruborizar-se ao recordar os comentários obscenos do enorme homem quando ela parou diante da jaula.

O professor tirou os óculos, morto de curiosidade.

—Disse onde aprendeu essa língua?

—Isso é o melhor de tudo. Diz que provém de um lugar que se chama a Ilha Draugr. Diz que ali todos falam em escandinavo.

O professor abriu os olhos com assombro.

—A Ilha Draugr? Está segura de que disse isso?

—Sim. por que o pergunta?

—Em escandinavo antigo, draugr significa fantasma. Existe uma lenda sobre a Ilha do Fantasma. diz-se que é um lugar coberto por uma capa de névoa, um lugar rochoso e inacessível, muito perigoso para qualquer capitão incauto. Diz que nem sequer existe.

—Que lenda é essa?

—Supõe-se que os vikings que se assentaram na Groenlândia não se extinguiram no século dezesseis como acreditam a maioria dos estudiosos. Quando começaram a morrer pelas enfermidades e o clima hostil, muitos emigraram à segurança de uma ilha ao norte das Arejadas.

—À Ilha Draugr.

Ele encolheu seus magros ombros.

—Ninguém sabe. Mas isso diz a lenda.

Krista pensou no homem da jaula.

—É bastante provável que seja algo mais que uma lenda, pai, é quase seguro que seja verdade.

Contou então o que lhe disse sobre o naufrágio e como fora capturado e vendido como escravo.

—Foi algo terrível. Não deveriam tratar a ninguém como tratam a esse pobre homem.

O professor rodeou o escritório com os olhos brilhantes de excitação.

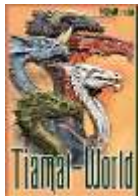
—Não acredita que possa ser um louco? Alguém que aprendeu essa língua de alguma outra maneira e que se está inventando essa história?

—Não sei o que acreditar. Mas prometi que o ajudaríamos. Dei minha palavra.

—Então o ajudaremos. - Seu pai atravessou o estudo e abriu a porta, esperando-a para sair ao corredor. - Apresentaremos nossas desculpas ao Matthew e deixaremos ao Coralee em sua casa de caminho ao circo.

Krista se sentiu aliviada. Dera sua palavra. Estava decidida a que se cumprisse.

Leif estava de retorno na jaula para a função da tarde. O gordo Snively não parava de ferir para obrigá-lo a gritar e enfurecer-se com a multidão. Tudo o que Leif precisava fazer era pensar que a mulher romperia sua palavra e não retornaria. Tudo o que precisava imaginar era viver o resto de seus dias encolhido nessa jaula de ferro e a frustração que sentia em seu interior o fazia



ferver de fúria.

Reuniu a multidão habitual. O bonito, Alfinn, apareceu como se de algum jeito sentisse a necessidade de companhia que tinha nesses momentos. Leif levantou seu punho maniatado e o golpeou contra as barras; um dos homens da multidão lançou uma pedra. Alguns o imitaram, aumentando a fúria de Leif.

Snively sorria sem dissimulação, satisfeito com a atuação, e a fúria de Leif se voltou ainda mais feroz. Fervia de raiva, e estava insultando à multidão com palavras não aptas para os ouvidos de um homem decente, quando vislumbrou fugazmente a brilhante mata de cabelo loiro detrás da multidão.

Seu coração palpitou com força como se no lugar do coração tivesse um martelo golpeando violentamente contra seu peito. Ela havia tornado. Não cabia a menor dúvida que a mulher loira e alta que se destacava entre a multidão, com essa pele suave e esses olhos verdes, era ela. Mordeu a língua para não gritar à multidão. Já ofendera à mulher em uma ocasião. Não o faria novamente.

Em silêncio, observou-a mover-se para ele, seguida por um homem inclusive mais alto que ela, um homem muito magro que levava uma dessas altas cartolas que pareciam de moda entre esses homens. Leif se obrigou a esperar pacientemente a que chegassem junto a ele, quando tudo o que queria era gritar de felicidade ante suas renovadas esperanças.

Nesse momento, Snively ficou diante da jaula, impedindo que o casal se aproximasse; uma forma de advertir de que se afastassem do perigo, supôs Leif.

O homem magro simplesmente sorriu. Começou a falar com o Snively, mas Leif não podia entender o que dizia. Durante todo o tempo, a mulher observava a Leif e sua expressão se ia voltando cada vez mais sombria. Logo o gordo disse algo e se voltou para partir. Leif imaginou que ia procurar a seu amo e uma sensação gelada o atravessou. O homem a que chamavam Leopold era ainda pior que Snively.

Leif centrou a atenção no casal que se deteve diante da jaula.

—Meu nome é Paxton Hart - disse o homem magro, e Leif compreendeu cada uma de suas palavras.

—Sou Leif do Draugr. Dali é de onde venho.

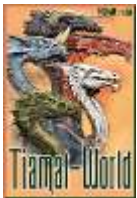
—Minha filha me contou parte de sua história. Eu gostaria de ouvir o resto.

Leif olhou com inquietação para o vagão onde estaria Leopold com toda probabilidade, mas não perdeu nem um segundo mais. Com rapidez, contou ao Paxton Hart que abandonara a Ilha Draugr com outros nove homens, que naufragaram e como ele chegara em más condições a terra. Que o mais provável era que os outros homens tivessem morrido, e que enquanto ele estava inconsciente, curando-se na casa de um pastor, tinham-no preso e vendido.

—Era um homem livre, mas agora sou escravo. Espero que possam me ajudar.

—Não existe a escravidão na Inglaterra - disse Paxton. - Aqui nenhum homem pode ser o dono de outro. - Olhou à mulher que dizia ser sua filha e lhe falou em um idioma que Leif não podia compreender.

Ouviu-se o ruído de passos e viu como Leopold se aproximava. Embora tentou controlar-se,



revolveram as vísceras.

—É você o dono deste circo? - perguntou o professor.

O homem que se aproximava era moreno, e passava dos quarenta. Fez uma exagerada reverência e esboçou um sorriso enjoativo.

—Niegel Leopold, a suas ordens. E você é?

—Sou o professor Paxton Hart.

—Sir Paxton Hart - acrescentou Krista, esperando que seu título pudesse ajudar de algum jeito.

—É uma honra te conhecer, sir Paxton. - Leopold esboçou outro falso sorriso, e Krista, instantaneamente, sentiu aversão por esse homem.

—Senhor Leopold - disse ela, - mantém preso um homem contra sua vontade. Afirma que o sequestrou. O que o faz culpado de um crime horrível. - Apontou para a jaula. - Solte imediatamente.

Leopold simplesmente riu.

—Este homem escapou do Bedlam. Estou fazendo um trabalho social, mas se desejarem que o devolva?

—Não está louco - disse seu pai. - Simplesmente fala uma língua diferente.

—Isso Galimatías é o que fala. Está como um guizo. Aqui ao menos ganha o sustento. Alimentamos três vezes ao dia, e proporcionamos um lugar seco onde dormir.

—Não é um animal - disse Krista. - Não merece que o tratem como se fosse.

—Esse homem está louco. Como já o percebeu, só estou fazendo um favor.

Seu pai estudou ao dono do circo com o cenho franzido.

—Acredito que compreendo o problema. Quanto quer por liberá-lo?

Leif era uma atração única. O Último Bárbaro atraía a muita gente. Leopold não queria perdê-lo, e comprar sua liberdade não seria algo barato.

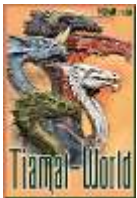
—Confie em mim, amigo, não posso permitir - o disse Leopold.

Krista voltou a vista ao enorme loiro encadeado como um animal que permanecia curvado em uma jaula que obviamente era muito pequena para ele. Embora durante o dia fizera um pouco de calor, agora havia uma brisa fresca, e com tão pouca roupa tinha que ter frio. Durante um instante, o olhar de Krista se cruzou com o dele e viu tal desespero em seus olhos que ela sentiu um nó no estômago. Não importava o que custasse. Era abominável deixar a qualquer ser humano preso nessa jaula. Precisavam tirá-lo dali.

Seu pai ofereceu uma generosa soma de dinheiro, mas Leopold simplesmente sorriu e negou com a cabeça.

—Temo-me que não, chefe. Como já disse, neste lugar esse homem ganha o sustento.

—Então suponho que teremos que tomar outras medidas - disse Krista. - Em primeiro lugar, não fica mais remédio que recordar que meu pai foi nomeado cavalheiro pela rainha. Em segundo lugar, meu nome é Krista Chapman Hart. Meu avô, Thomas Herald Chapman, é o conde do Hampton.



As finas sobrelanceiras do Leopold se elevaram com rapidez, embora imediatamente suavizou os rasgos.

—Dito isto - continuou Krista - o homem da jaula acusou que tem um delito. Tanto meu pai como eu falamos sua língua e estamos mais que dispostos a atestar ante um tribunal que o retiveram ilegalmente e o retêm contra sua vontade, que o escravizam e exploram para benefício próprio. Em resumo, informaremos às autoridades, senhor Leopold, de que você é quem deveria estar atrás das grades.

A cara do Leopold adquiriu uma vivida cor vermelha.

—Não podem me ameaçar!

—Minha filha não o ameaçou - disse o professor. - Simplesmente tem exposto uns fatos. Se os quer refutar, será sua palavra contra a nossa.

O avaro proprietário de um circo contra um cavalheiro pertencente à aristocracia. Krista quase sorriu.

—A escolha é sua - continuou o professor - Ou aceita uma razoável quantia de dinheiro como pagamento pelo que tem investido no senhor Draugr estes últimos seis meses, ou enfrenta às autoridades.

O que prefere?

Leopold explodiu, soltando uma réstia de maldições. Apertou um de seus punhos e o levantou em direção a Krista. Na jaula, a suas costas, ouviu como Leif ameaçava cortando a língua ao Leopold se punha a mão em cima a qualquer deles.

Pela segunda vez, Krista esteve a ponto de sorrir, mas quando se girou para a jaula viu as grandes mãos encadeadas do homem apertando as barras como se tivesse intenção de arrancar com uma mera bafurada de força bruta, e seus olhos, do azul mais intenso que tinha visto nunca, prometiam vingança.

Por Deus, o que fariam com esse homem quando o pusessem em liberdade? Não podiam abandoná-lo. E, é obvio, seu pai estava resolvido a estudá-lo.

O que ocorreria se ele em realidade era tão perigoso como o dono do circo assegurava?

—Senhor Leopold? - pressionou seu pai.

—Está bem, está bem. Você ganha. Me dê o condenado dinheiro. Levem ao maldito bastardo e espero não ver suas caras por aqui nunca mais.

O professor esclareceu a voz.

—Temo-me que não levo essa quantidade em cima neste momento. Teremos que esperar a que minha filha volte com o dinheiro.

Leopold jurou e se deu a volta.

Krista entendeu o sinal e voltou rapidamente para a carruagem. Meia hora mais tarde, retornou ao circo com uma bolsa de soberanos de ouro. Seu pai a levou ao vagão do senhor Leopold e logo voltou para a jaula com o homem corpulento que ela vira com antecedência, o homem da cicatriz na face.

Amaldiçoando entre dentes, o homem colocou a oxidada chave de ferro no ferrolho e abriu



a porta para deixar em liberdade a Leif da Ilha do Draugr.

Krista estava ao lado quando a porta da jaula se abriu e o gigantesco loiro baixou os degraus de madeira. Quando se ergueu em toda sua estatura, deu-se conta de que era pelo menos quinze centímetros mais alto que ela.

Era assombroso. Pela primeira vez em sua vida, sentiu-se realmente pequena.

Parou diante de seu pai enquanto o grosso homem, Snively, recordou, ajoelhava-se para lhe soltar os grilhões dos tornozelos, logo os tirou dos braços. Assim que esteve livre, Leif agarrou ao homem pelo peitilho da camisa e com um grunhido o levantou, sacudindo-o com tanta força que Krista temeu que lhe rompesse o pescoço.

—Leif! Basta! Sei que te fizeram mal, eles voltarão a te prender em uma jaula! - gritou em escandinavo antigo.

Olhou-a aos olhos e ela pôde sentir as emoções tormentosas que ali se escondiam. Durante um momento, seguiu sacudindo ao homem. Logo pareceu como se as palavras de Krista atravessassem sua fúria e o deixou cair com descuido como se não fosse mais que um saco de lixo.

—Amigo - disse o professor ao Leif, - deveria aprender a controlar esse magnífico temperamento que têm se for viver entre pessoas civilizadas.

—Estou controlando meu temperamento - disse Leif - Se não fosse assim, esse filho de cadela estaria morto.

Krista conteve um sorriso.

—Acredito que é um bom momento para partir - anunciou seu pai.

—Não vou sem meus pertences. - Leif dirigiu ao Snively, que tratava de ficar em pé, um olhar irado. - Diga que quero minha espada e o resto das coisas que me roubaram. —Logo deslocou o olhar ao diminuto bonito que se aferrava as barras da jaula. - E lhe digam também que Alfinn vem comigo.

—Alfinn? - repetiu Krista.

Leif assinalou o pequeno animal, apenas maior que sua mão.

—Alf é o único amigo que tive nos últimos seis meses. Não o deixarei aqui.

Krista suspirou.

—Verei o que posso fazer. - Traduziu as palavras do loiro assinalando ao macaco, e Snively resmungou algo que ela não entendeu.

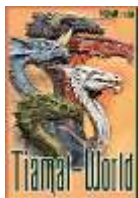
Leif, ameaçador, avançou um passo para ele, e Snively levantou as mãos e retrocedeu.

—Diga que pode levar esse maldito macaco. Irei buscar suas coisas.

Leif agarrou ao Alfinn, que subiu por seu braço até sentar-se sobre seu ombro, parecendo ridiculamente feliz. Krista teve que admitir que o bonito era adorável, embora não tinha nem ideia do que fariam com ele.

E se pensarem nisso, tampouco tinham ideia do que fariam com o Leif.

Alguns minutos mais tarde, retornou o corpulento homem. Colocou a pesada espada de Leif, protegida por uma grossa capa de couro, sobre o chão; ao lado deixou um pendente com forma de planta e um bracelete que aparentemente também lhe pertenciam.



—Diga que suas roupas ficaram feitas pedaços contra as rochas. - Krista assentiu com a cabeça, traduziu para o Leif e o homem partiu apressadamente. Seu pai pôs-se a andar e Leif, depois de recolher suas escassas posses, seguiu-o. Krista ignorou às pessoas que cravava os olhos neles enquanto avançavam: dois homens, um quase nu, e uma mulher tão alta como o homem médio. O trio se deteve quando chegaram à carruagem, onde esperava o chofer.

—E bem, pai? O que sugere que façamos agora?

—O que? OH, sim? sim, temos que pensar nisso. - Observou ao enorme loiro. - Está claro que não têm aonde ir, Leif de Draugr. Deve saber que poderá ficar conosco até que tenha tempo de esclarecer as coisas.

Embora sabia o que vinha a seguir, Krista gemeu interiormente.

Leif pareceu sopesar a situação.

—Necessitarei um navio para retornar a casa. - Dirigiu o olhar para as abarrotadas ruas londrinas. - Este lugar onde vivem? Como se chama?

—Londres - disse o professor.

—No Draugr, durante anos, os jovens sonham vendo lugares longínquos, em seguir a esteira de nossos antepassados. Mas não tínhamos madeira, não tínhamos maneira para construir um grande veleiro como os que faziam nossos antepassados, que foram grandes guerreiros vikings em seu dia. Um dia um navio encalhou nas rochas ao norte da ilha e tivemos a oportunidade que estivemos esperando.

Os olhos de Leif se moveram para a Krista, tão azuis e intensos que ela sentiu como se a tocassem, logo voltou a dirigir-se a seu pai.

—Deixei a ilha para descobrir o mundo, para aprender tudo o que pudesse. Até agora, só vi crueldade, mas acredito que o bem também existe nestas terras. Além disso, agora mais que nunca, preciso aprender tudo o que possa. Poderiam me ensinar?

O professor dirigiu um sorriso radiante.

—Façamos um trato. Eu te ensinarei se você me ensinar!

Na cara do loiro se desenhou um amplo sorriso, revelando um brilho branco através da espessa barba. O sorriso transformou seus traços, o fez parecer jovem, e inclusive os olhos pareceram mais azuis em contraste com a pele morena.

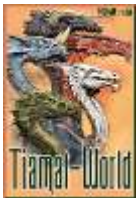
Leif estava quase nu, e pela primeira vez, Krista o percebeu como um homem. Tinha o corpo de um guerreiro viking, um físico tão assombrosamente viril que provocou que um pequeno calafrio percorresse as suas costas.

Seu pai deveu notar a direção de seu olhar, pois abriu a porta da carruagem e tomou a manta de debaixo do assento. Pô-la sobre os poderosos ombros de Leif e o macaco se moveu sob a manta até voltar a aparecer ao cabo de um instante, para retomar sua antiga posição no ombro.

—Estou seguro de que já teve bastante gente te olhando.

Leif assentiu com a cabeça. Rodeando firmemente a manta a seu corpo, esperou até que Krista subisse à carruagem e se acomodou dentro.

O professor entrou a seguir e Leif o seguiu, enchendo o interior do carro com seu poderoso



corpo. Quando o veículo entrou em marcha, Krista se encontrou a si mesmo estudando a cara do viking, essas altas maçãs do rosto e esses incríveis olhos azuis.

Não podia deixar de perguntar-se que idade tinha nem que aspecto teria com o cabelo curto e a barba feita.

Capítulo 5.

—Não tenho muito claro o que fazer agora - disse o professor a Krista quando entraram em sua casa.

—Necessita roupa. - Krista tentou não cravar o olhar nas poderosas pernas que se entreviam sob a manta que ele sujeitava firmemente sobre os maciços ombros - Precisa barbear-se e que lhe cortem o cabelo.

—Sim, sim, certamente. - Seu pai repetiu as palavras para o Leif, que apertava ligeiramente a mandíbula. - Se quer viver aqui, terá que aprender nossos costumes - disse o professor - É esse seu desejo?

Leif olhou a seu pai e logo a ela e inclinou a cabeça.

—Estou aqui. Não tenho outra escolha.

Observou atentamente a seu redor, levantando o olhar às luzes dançarinas que cintilavam através dos prismas de cristal do abajur de aranha que pendurava sobre suas cabeças, logo a baixou ao chão de mármore branco e negro sob os pés nus. Era um lugar elegante e na moda, decorado com um gosto delicioso pela Margaret Hart. A sala de estar, a sala do chá e os quartos de hóspedes estavam decorados em cores pastéis, com empapelados claros e elegantes. As habitações próprias dos homens - escritório, biblioteca e sala de bilhar - estavam revestidas com painéis de madeira escura e recarregadas com móveis de estilo barroco.

Leif estudou a elegância que o rodeava, e Krista pôde observar o assombro que refletia na cara. Avançou uns passos e agarrou um abajur de cristal.

—É para dar luz?

—Sim - disse ela - Arde com azeite.

—Nós usamos velas e tochas. Esta é uma boa ideia.

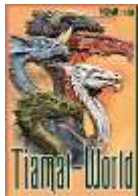
Ela reprimiu um sorriso. Ele se separou deles para entrar na elegante habitação, sentando-se no sofá de veludo rosa.

Saltou sobre o assento para provar sua resistência, logo levantou a vista para ela, que estava parada junto a seu pai na porta.

—Não usam peles? Nós usamos peles de lobo para nos abrigar.

—Peles de lobo! - Ela assinalou a lareira de mármore. - Nós queimamos carvão - acrescentou.

Observou-o mover-se pela habitação, levantando um artigo atrás de outro, um floreiro



cloisonné, um pequeno retrato de sua mãe, um candelabro de prata com uma vela de cera de abelha. Seu pai lhe concedeu uns momentos para familiarizar-se com a casa, logo se aproximou dele.

—Mostrarei isso tudo em seguida - disse - Está vendo coisas que provavelmente não tenha visto em sua vida e que certamente encontrarão interessantes. - Leif só inclinou a cabeça, mas seus olhos percorriam sem cessar os artigos da casa - Enquanto isso, por que não vamos acima e chamo o meu ajudante de câmara? - O olhar do professor se deslocou pelo comprido corpo e a espessa barba do Leif —vai ter um pouco de trabalho. Vejamos se Henry está à altura do desafio. - Dirigiu a Krista um sorriso - nos Desculpe, querida.

Ela assentiu com a cabeça.

—Enquanto estão nisso, verei se posso encontrar algo para que se vista.

O professor arqueou suas sobranceiras castanhas.

—Esse aspecto poderia, certamente, expor um pequeno problema.

—Já pensarei algo. - Krista deixou a seu pai com sua tarefa e se aproximou dos estábulos. O chofer era um homem de grande tamanho, não tão grande como Leif, mas possivelmente suas roupas pudessem valer.

—Skinner! - chamou, e apareceu um homem grande e corpulento. - Tenho que te pedir um favor. Se estiver de acordo, compensaremos você com generosidade. - O chofer escutou o que oferecia e sorriu amplamente. Vinte minutos mais tarde, retornou à casa com umas calças marrons e uma camisa de manga longa de trabalho. O mais provável era que aqueles objetos ficassem justas, mas era melhor que nada.

Krista deu tempo aos homens para que finalizassem o que parecia ser uma tarefa difícil, logo subiu as escadas com as roupas no braço e um par de botas do Skinner na mão. Percorreu o corredor em direção ao dormitório de seu pai, mas se deteve paralisada no momento em que viu pela porta entre aberta o quarto de banho e Leif parado em meio da sala. Se não fosse pela pequena toalha branca que lhe rodeava os estreitos quadris, estaria completamente nu.

Sacudia a cabeça como um grande cão molhado, pulverizando gotas de água dentro e fora do quarto de banho. Os olhos de Krista se encontraram com os dele e conteve o fôlego.

Com o cabelo curto e o rosto bem barbeado, Leif do Draugr era incrivelmente bonito. Maços do rosto altos, nariz reto e lábios bem definidos, com uma mandíbula firme e dura. E quando sorria, mostrava os dentes muito brancos.

Fez uso de toda sua força de vontade para afastar os olhos dos seus, embora não pôde evitar percorrer o corpo com o olhar. Agora que a barba loira desaparecera, o peito ficava descoberto. Era poderosamente musculoso e estava coberto por uma fina capa de pelo dourado.

Os olhos de Krista foram mais abaixo, à única parte dele decentemente coberta. A toalha se moveu, começando a elevar-se, e ela abriu ainda mais os olhos com surpresa.

Seu olhar retornou com rapidez à cara de Leif e pôde observar o indício de um sorriso em sua boca.

—Espero que você goste da vista, milady. Pode seguir olhando tudo o que queira.



Com a cara ardendo, Krista apartou com rapidez o olhar. Pôde ouvir o pequeno macaco tagarelando como se estivesse rindo.

Aferrando-se a sua dignidade, seguiu caminhando pelo corredor e golpeou com força a porta do dormitório de seu pai e entrou.

O professor estava sentado diante da penteadeira lendo um livro e tirou os óculos de aro metálico.

—O que acontece, querida?

—Esse, esse homem - estalou. - Tem que fazer algo com ele.

—Faço o melhor que posso, querida. Henry o barbeou e cortou o cabelo. E deu um banho a fundo. Pensava que se via muito melhor.

E se via melhor, muito melhor. Leif do Draugr era bonito como o pecado e tinha a constituição de um deus viking, o melhor espécime humano que Krista já vira antes. Entregou as roupas.

—Está quase nu ainda e é... é...

—Sim?

O que podia dizer? Que era a direção que tomara os pensamentos do homem o que a preocupava? Possivelmente não estava sendo justa. Depois de tudo, o pobre homem passara os últimos seis meses encerrado em uma jaula e era, sem dúvida, um indivíduo muito viril.

—Não tem importância. - Deixou as roupas nos braços de seu pai - Ficarão um pouco justas, mas pelo menos estará apresentável.

Seu pai assentiu com a cabeça.

—As levarei em seguida. - Krista o observou percorrer o corredor e desaparecer no quarto de banho. Voltou uns minutos mais tarde.

—Está se vestindo. Seguro que está faminto. Pedi que se unisse a nós para o jantar, diga à cozinheira que teremos um convidado para jantar, de acordo, querida?

Krista tentou imaginar-se ao enorme homem sentado com eles na mesa. Esse homem era um bárbaro. Provinha de uma cultura que se acreditava extinta fazia mais de trezentos anos. Embora encontrasse aos vikings fascinantes, eram pessoas selvagens, agrestes e primitivas.

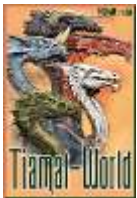
Krista gemeu interiormente. Precisava encontrar a maneira de enviar ao Leif de Draugr a sua casa logo.

Leif terminou de secar o cabelo com a toalha, gostava da sensação de ter o cabelo curto e as faces raspadas. Em seu mundo, os homens levavam o cabelo e a barba longos, mas durante os últimos meses, desde sua captura, começara a odiar o cabelo enredado e a barba suja.

Possivelmente esse lugar, Londres, tinha alguns bons costumes.

Se vestiu com as roupas que Paxton Hart dera. Os calções - calças, tinham-nos chamado - eram muito pequenos e tão apertados que pensou que poderiam arrebentar pelas costuras. Seu membro viril enchia a braguilha, pressionando tão forte contra o tecido que era quase doloroso.

Em sua casa, os homens levavam cômodos calções que eram folgados sob seus kirtles, e



longas túnicas que caíam até os joelhos. Durante o verão as túnicas eram mais curtas, deixando as pernas completamente nuas, salvo pelas botas, que chegavam até os joelhos.

Leif colocou também o objeto branco; Paxton a chamara camisa. Paxton era professor. Assim chamavam ali aos mentores. No mundo de Leif não havia lugar para a aprendizagem. Os conhecimentos passavam de geração em geração: como cultivar a terra, como criar às ovelhas e as cabras, como pescar e navegar, como lutar para proteger a sua família. Era, ou pelo menos sempre o pensara assim, uma boa maneira de viver.

Embora existia a linguagem escrita no Draugr, grande parte de sua história se transmitia por tradição oral de geração em geração. Neste novo mundo, a informação estava escrita no que o professor chamava livros.

—Tenho uma grande sala cheia de livros - havia dito o homem com orgulho - Uma vez que saiba falar inglês, poderá aprender a ler, e terá o mundo ao alcance da mão.

Justo nesse momento o pequeno Alfinn começou a rondar pelo quarto de banho, examinou a tina e o lava-mãos. Leif se voltou e se viu momentaneamente refletido em um espelho, onde observou como a camisa branca se esticava em seus ombros forçando as costuras. E as mangas eram muito curtas para seus longos braços.

Pelo menos estava vestido, recuperara parte de sua dignidade.

Um sorriso apareceu em sua boca. Durante os longos meses de cativo, aprendera que as mulheres dali eram bastante afetadas e pareciam saber pouco dos homens. Mas às vezes seus olhos as traíam, refletiam a curiosidade que sentiam e uns pensamentos frequentemente bastante lascivos.

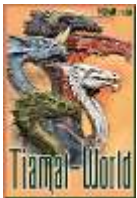
Inclusive a loira mostrara curiosidade. E além disso gostara do que via. O comera com os olhos. Também teria gostado de ver a desse modo, embora pensava que ao professor não faria nenhuma graça.

Inclusive no Draugr, os pais protegiam a virtude de suas filhas. A virgindade de uma jovem era algo importante para seu marido. Havia mulheres que gozavam igual aos homens de uma tarde de prazer, e se tinha suficiente dinheiro, um homem podia permitir o luxo de acrescentar várias concubinas ao núcleo familiar além de ter esposa.

Antes de deixar Draugr, Leif considerara casar-se, e muitas mulheres estariam ansiosas por ocupar esse posto. Mas estava decidido a descobrir o mundo além de sua ilha e quando surgira a oportunidade, ele a aproveitara. Sofrera por isso, mas havia má gente em todos os lados e a bondade mostrada pelo professor e sua filha havia devolvido a esperança de que sua viagem não tivesse sido em vão.

Dando as costas ao cristal, deixou o macaco no quarto de banho com a promessa de voltar com comida e se dirigiu à escada. Ajustadas as calças apertavam sua virilidade levando seus pensamentos de novo à loira. Tentou afastar ela de sua mente, mas então a viu; estava de pé ao lado do professor.

Tinha posto um vestido de noite tecido delicadamente com o mesmo verde intenso de seus olhos. A parte superior se adaptava perfeitamente a seus seios voluptuosos e tinha uma cintura



menor que qualquer mulher da ilha. A metade inferior do vestido era ampla e caía de seus quadris de uma maneira tentadora.

Entretanto, essa estranha moda na maneira de vestir que atraía, parecia ser inclusive mais incômoda que os objetos de vestir masculinos. Mas gostava do leve vislumbre de pele cremosa que aparecia pelo V no decote. Seios redondos e bonitos, em sua opinião; suas calças se voltaram ainda mais apertadas.

—Boa noite, pró-fé-irmã - disse utilizando a palavra inglesa. - Milady. - Não sabia a palavra inglesa, mas supunha que a aprenderia muito em breve.

—A maneira correta de dirigir-se a mim é "senhorita Hart".

—Se-nho-ri-ta Hart - repetiu ele, sem dificuldade. Levava escutando esse idioma mais de seis meses. Desde o começo tentara decifrá-lo, pois uma vez em liberdade seria útil dominar com mestria alguns sons e aprender algumas palavras. Agora que era livre, era ainda mais importante.

—Amanhã começaremos suas lições - disse o professor - Esta noite falaremos em seu idioma. Deve ter fome, Leif. Por que não vamos todos para o jantar?

O estômago de Leif grunhiu em resposta, e assentiu com a cabeça. Rezou para que essa gente comesse algo mais substancial que as papas com as que o estiveram alimentando durante os últimos seis meses.

Krista observou o Leif de Draugr enquanto caminhava diante dela para o refeitório. Embora a mulher era respeitada na sociedade viking, ocupava o segundo lugar depois do homem. Aquilo, certamente, não o fazia muita graça. Leif de Draugr tinha muito que aprender se tencionava integrar-se no mundo civilizado.

Krista ia instruir ele, a deixar claro que ali os cavalheiros cediam o passo sempre às senhoras. Logo recordou que seu pai havia dito que essa noite não haveria lições. Supôs que o viking merecia desfrutar da liberdade embora só fosse por uma noite.

Sentaram-se à mesa, seu pai ocupou seu lugar na cabeceira, Leif tomou assento à direita. Pareceu um pouco surpreso quando a viu sentar-se frente a ele.

—Imagino que têm fome - disse ela, decidida a tranquilizar ele.

—Poderia comer duas pernas de cordeiro inteiras - disse ele com um amplo sorriso que formou uma covinha na face. Por Deus, deveria existir uma lei que proibisse que um homem fosse tão bonito. Não era justo para o resto da população masculina. Embora o rude comentário recordou a Krista que ele não era mais que uma cara bonita e que nunca teve interesse por esse tipo de homem.

Seu pai clareou a garganta, advertindo a de que não corrigisse as maneiras de Leif, e começou a fazer perguntas. Falaram com fluidez, e embora Krista se perdeu grande parte da conversação, acreditou ouvir que Leif era solteiro e não tinha filhos, que era o primogênito do chefe da ilha.

—Tenho vinte e sete verões - disse ele - E como muitos dos jovens da ilha, sentia curiosidade por ver o que havia além da ilha.

Krista estendeu o guardanapo sobre o regaço.



—Disseram que o navio que construíram se afundou ao norte daqui.

Ele assentiu com a cabeça e seguiu seu exemplo.

—Meu pai temia que ocorresse algo pelo estilo. Como seu primogênito, é meu dever governar em seu lugar quando ele se for. Proibiu-me que fosse, mas não o escutei.

Estava claro quanto preocupava este fato. Tinha um dever para com seu pai, seu clã, e parecia que, a menos que pudesse retornar, não poderia cumprir com ele.

Um par de serventes chegaram justo nesse momento com as bandejas de carne e verduras, e a conversa terminou. Leif observou ao professor, que lhe mostrou como se servir de cordeiro assado da bandeja que estendiam. Leif tomou uma grande porção, logo outra, suficiente para encher seu prato até em cima.

No momento em que colocou o prato sobre a mesa, afundou a faca em uma das partes de carne e o levou a boca.

Krista abriu os olhos com assombro quando ele sorriu agradando ante semelhante manjar e limpou a boca manchada com um pouco de graça com o dorso da mão.

—Isto está muito bom - disse ele.

Ela abriu a boca para dizer que ali se comia com o garfo e não se tomava tanta comida de um só bocado, mas seu pai negou com a cabeça.

—Começaremos amanhã - disse a ela calmamente em inglês.

Leif tomou um grande gole da taça de cristal cheia de vinho tinto e ficou paralisado. Seus olhos se encontraram com os dela, que se deu conta de que o sabor era completamente estranho para ele e que não parecia agradá-lo. Leif olhou para o chão, e Krista compreendeu que pensava cuspi-lo. Rapidamente sacudiu a cabeça.

—Aqui não se cospe.

Leif a olhou um momento mais, logo tragou o vinho como se fosse veneno.

—O que é isto? - perguntou com uma careta de repugnância.

—Vinho - respondeu seu pai. - Sei que seu povo bebe normalmente cerveja, se mal não recordar. Lamento que o vinho não seja de seu agrado.

O viking torceu o gesto e Krista conteve um sorriso.

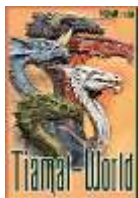
—Terá que acostumar ao sabor - esclareceu seu pai.

Leif terminou a comida em pouco tempo. Krista comera só a metade do que se serviu quando se deu conta de que ele tinha o prato vazio.

—Acredito que o Leif gostaria de comer um pouco mais - disse a seu pai, tomando cuidado de falar em escandinavo, tal como haviam acordado. O olhar do professor caiu sobre o prato do viking, que estava completamente vazio. Krista fez um sinal a um dos serventes para que levassem outra bandeja com carne e verduras.

Leif ignorou as cenouras, os nabos e as batatas, e ela recordou que, salvo cebolas silvestres e um par de variedades de algas marinhas, os vikings se alimentavam em sua maior parte de pescado, carne e derivados lácteos.

A sobremesa seguiu à comida, e Leif olhou com desconfiança o pudim de nata coberto com



uma massa de amêndoas surrupiadas que um dos serventes colocou diante dele.

—Não têm que comê-lo - disse ela - A não ser que goste.

Leif não o pensou duas vezes. Empurrou a cadeira para trás e se levantou.

—Prometi ao Alfinn que levaria comida. - inclinou-se para agarrar a bandeja de nabos e cenouras, incorporou-se e se dirigiu para a porta do comilão. Estava claro que não estava acostumado a pedir permissão.

—Os macacos, pelo geral, não permanecem na casa - gritou. - Possivelmente Alfinn estaria mais feliz nos estábulos.

—Es-ta-bu-los? - perguntou, girando para olhá-la.

—É onde se alojam os cavalos.

Leif assentiu com a cabeça.

—Alfinn está acostumado a estar em companhia de outros animais. Acredito que ele gostará. - Leif desapareceu, e enquanto estava fora, Krista terminou a deliciosa nata. Quando acabou a comida, Leif ainda não retornara.

O professor se levantou com inquietação da cadeira.

—Deveria me aproximar e ver o que ocorreu.

—Ordenei preparar para ele uma das habitações de hóspedes - disse Krista - Deveria acomodar-se ali.

—Vou procurá-lo e mostrarei seus aposentos.

Mas quando seu pai retornou, estava sozinho.

—Vai dormir fora, no estábulo. Fez uma cama com palha em uma das baias. Vou me assegurar de que não o despertem.

Depois do que sofrera nos últimos seis meses, se preocupava em imaginar ele dormindo uma noite mais na palha.

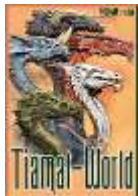
—Possivelmente não me entendeu. Irei explicar e dizer que não tem por que viver mais como um animal.

Seu pai assentiu com a cabeça. Estava cansado, imaginou. O mesmo acontecia com ela. O dia seguinte era segunda-feira e precisava trabalhar no editorial da edição dessa semana. Um artigo mais sobre os benefícios que o saneamento suporia para a cidade e poderia voltar a dedicar-se a outros temas.

Um desses temas era a proposta de lei que proibiria às mulheres, adolescentes e meninos trabalhar nas minas. Embora a proibição devia-se em sua maior parte para um tema de moral pública, depois de que tirasse o chapéu que mulheres e meninos frequentemente foram quase nus para tolerar o calor, acreditava que a lei era uma boa ideia.

Krista saiu da casa e foi aos estábulos, sem estar ainda segura do que fazer com o Leif.

Leif dormia profundamente. Sonhava com sua casa, como estava acostumado a fazer muito frequentemente, imaginando a vida que deixara atrás. O certo era que nunca deveria ter abandonado a ilha. Seus amigos ainda estariam vivos e ele não estaria tratando de abrir caminho em um mundo hostil e completamente estranho para ele. Mas agora que era livre, que começara



a ver o mundo que esperara descobrir, arrepender-se de ter saído de Draugr era bem mais difícil.

Não obstante, se tivesse ficado, não estaria dolorido pela necessidade urgente de possuir a uma mulher; sonhar com curvas suaves e femininas, seios cheios e cabelo dourado que podia endurecer a um homem e até voltá-lo louco de desejo.

Uma voz flutuou até ele na escuridão, penetrando na neblina de seus sonhos. Recordou então que Inga fora a sua cama essa noite e que ele a tomara até que os dois estiveram completamente saciados. Agora estava meio acordado, duro outra vez e preparado para mais. Quando ela sacudiu um pouco seu ombro, soube que de novo estava tão preparada como ele.

Alcançou-a, jogou ela para baixo, para o montão de palha e rodou até tê-la debaixo de seu corpo, logo começou a amassar um seio redondo e cheio enquanto a beijava em um lado do pescoço.

—Sempre foi uma mulher apaixonada, Inga, mas esta noite?

O grito quase arreventou seus tímpanos. Leif se separou dela com brutalidade completamente acordado, piscando com desconcerto enquanto recordava que já não estava em Draugr, a não ser em um lugar chamado Londres.

—Como se atreve ?

Estava em Londres, não em Draugr, e os amadurecidos seios que esteve acariciando pertenciam à loira voluptuosa.

—Estava sonhando. Pensei que fosse outra pessoa.

—Outra pessoa! - chiou ela. - Outra pessoa! - Krista se ergueu e levantou o nariz enquanto o olhava. Inclusive zangada, era bela, com os mesmos traços deliciosos de uma viking, o pescoço esbelto e os lábios cheios. —Esta é a terceira vez que me insulta, Leif de Draugr. Ou se desculpa agora mesmo ou deixa esta casa para não voltar!

Leif apertou a mandíbula. Não tinha nenhum lugar onde ir. Necessitava ajuda dessa gente, mas não queria que uma mulher mandasse nele, não importava quão atraente fosse.

—Não sinto por ter tocado você. Só lamento que não o desejasse. Espero que me desculpe, milady.

Ainda levava posto as incômodas calças que rodeavam os quadris e as pernas como uma segunda pele. Mas desabotoara a braguilha e temia que ela visse o que provocara. Levantou, deu as costas a ela por um momento e tentou fecha-las.

Sob a tênue luz da lanterna que estava pendurada na parede, podia ver que Krista estava totalmente ruborizada e que as forquilhas desapareceram de seu cabelo.

A pesada cabeleira caía em grossos cachos de ouro sobre seus ombros, e as fibras de palha salpicavam o cabelo aqui e lá.

Sua virilha se esticou ainda mais. Não podia recordar de nenhuma outra mulher que tivesse provocado sua luxúria dessa maneira. Jurou em um sussurro.

—Ouvi - disse ela - Enquanto permaneça aqui te guardarão esses juramentos.

—Dá ordens como um homem, milady. É esse outro de seus costumes?

A Krista arderam as faces. Durante um instante afastou o olhar. Estava acostumada a dar



ordens, mas no mais profundo de seu ser, tal como ele observou agradado, ela era ainda uma mulher.

—Vim aqui para dizer a você que não é necessário que passe a noite no celeiro. Têm uma habitação preparada na casa.

Ele olhou ao diminuto macaco, que o olhava com temor em seus escuros olhos brilhantes.

—E o que acontece com o Alfinn? Pensará que eu o abandonei.

A mulher olhou ao macaco.

—Os macacos não ficam nas casas.

Alfinn lançou um chiado desesperado e lastimoso, um truque com o que tinha aprendido a obter obséquios da multidão.

A mulher suspirou.

—Certo, pode trazê-lo com você, mas terá que limpar qualquer desastre que faça.

Leif sorriu amplamente.

—Alf é um macaco muito limpo.

Ela pôs os olhos em branco e empreendeu a volta para casa, Leif se apressou em segui-la. Essa moda feminina escondia a maior parte das curvas das mulheres, mas seu traseiro se balançava brandamente em baixo do pesado tecido.

Pelos deuses, precisava conter-se no que concernia a Krista Hart. Levava muito tempo sem uma mulher, e esta o agradava muito. Estava acostumado a desfrutar de qualquer mulher que desejasse. Nunca teve problemas nesse aspecto. As mulheres aceitavam alegremente qualquer de seus avanços.

Não era assim desta vez. Embora agora ele fosse um homem livre, precisava privar-se de seu prazer. Pensou na afronta que a infligira quando sem intenção acariciara seus seios. Alegrava-se de não ter tido sua arma perto. Se ela tivesse encontrado sua espada, certamente a teria enterrado no coração.

Leif grunhiu. A diferença da Inga, não parecia provável que a loira o convidasse a sua cama.

Capítulo 6.

Levantou tarde. Krista poucas vezes dormia muito, e essa manhã não tinha outra desculpa salvo que esteve tão furiosa depois do encontro nos estábulos que teve dificuldades para conciliar o sono.

Leif Draugr era um grandalhão rude e caipira, um homem que não tinha sequer a mínima sensibilidade. Tomou pequenas liberdades! Nenhum homem a havia tocado nunca da maneira em que ele fez.

Nenhum homem se atreveu nunca a manusear seus seios, e muito menos a acariciá-los como se soubesse exatamente quão sensíveis eram. Já sabia que o viking seria um problema, mas



nunca imaginara até que ponto.

Krista saiu ao corredor, negando-se a pensar nele enquanto se dirigia ao quarto de banho, abriu a porta e entrou. A comoção fez abrir os olhos como pratos ao ver o enorme cafajeste na banheira de cobre.

Tinha as pernas pressionadas contra o peito e a água mal cobria seus atributos masculinos.

—Bom dia, milady.

Krista deu as costas a ele com a cara ardendo. Inconscientemente, fechou a bata com mais força.

—O que esta fazendo aqui dentro? - Manteve os olhos fechados, mas não podia esquecer a imagem daqueles largos ombros musculosos e desses braços que pareciam tão sólidos como o aço.

—Estou tomando banho - disse ele, como se tivesse todo o direito do mundo a permanecer no quarto de banho de mármore que sua mãe desenhara - Acreditava que aqui também existia o costume de banhar-se.

Em meu país nos aseamos em arroios ou em poças vulcânicas de água quente, mas suponho que isto terá que valer.

Ela chiou os dentes, mas seguiu dando as costas. Entretanto, a mente de Krista escolheu esse momento para recordar o instante em que esteve debaixo dele nos estábulos, recordou a sensação desse enorme corpo apertando-a contra a palha e a cálida boca sobre seu pescoço. Um ligeiro estremecimento a atravessou.

Aspirou profundamente.

—Por que será que cada vez que o vejo está quase nu?

Ele começou a replicar, mas ela simplesmente saiu pela porta fechando a de uma portada e retornou ao dormitório.

Seguia furiosa quando retornou ao banho muito mais tarde, depois de que ele saiu. Por Deus, fora no dia anterior quando sua casa parecera um refúgio tranquilo?

Agora fora invadida pela presença de um homem enorme e arrogante, e ela não tinha a menor ideia do que fazer.

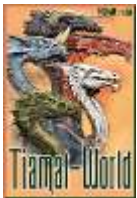
Sua donzela, Priscilla Dobbs, ajudou-a a se arrumar e pentear o cabelo com estilo, logo Krista se apressou escada abaixo, atando as cintas de seu gorro a caminho da porta. A carruagem a esperava a diante.

Pegou a capa de lã do cabideiro da entrada, apressando para ouvir o relinchar dos apreciados cavalos castanhos de seu pai e o tinido dos arnês, que deixavam a mostra a impaciência dos animais por empreender a marcha.

O mordomo, Milton Giles, empregado da família desde fazia muito tempo, com o cabelo branco e maneiras sempre impecáveis, abriu a portinhola e colocou os degraus para que pudesse subir.

—Que tenha um bom dia, senhorita.

—Obrigado, Milhares.



Ela se apressou, ansiosa por chegar ao escritório, mas antes de poder subir à carruagem, Matthew Carlton cruzou em seu caminho, parando ela justo no último dos degraus do alpendre.

—Krista! Esperava poder encontrar você aqui. - Sorriu - Passei pelo escritório. Disseram-me que ainda não chegara. Esperava te encontrar antes que saísse de novo. - Krista reprimiu um suspiro de frustração.

—Sinto muito, Matthew. Estou muito apressada esta manhã. Precisa algo?

—Suponho que sim. O visconde de Wimby e sua esposa, Diana, têm feito um convite para que unamos a eles esta noite na função do Uearthly bride, no Teatro Majesty.

Sou consciente de que te aviso com muito pouco tempo, mas esperava que pudesse me acompanhar.

Ela precisava ficar ao dia com o trabalho. Precisava escrever o editorial dessa semana, o que recordou que devia falar com a Corrie sobre o artigo do circo.

Krista queria assegurar de que sua amiga omitia qualquer referência ao selvagem da jaula. Corrie ainda não sabia que o homem vivia na casa de sua melhor amiga, ao menos de momento.

Uma vez que dissesse, daria conta da importância de proteger sua privacidade.

—Agradeço a você o convite, Matthew, de verdade, mas tenho muitas coisas que fazer e!

—E o que? Parece que sempre tem algo mais importante que fazer que passar um momento comigo.

—Isso não é verdade. É só que estive ocupada. Chegou a casa um inesperado... convidado que tem feito que atrase de minhas demais obrigações.

Levantou a vista e gemeu interiormente. Leif estava descendo as escadas nesse momento vestido com a camisa e as calças ridiculamente apertadas sem afastar seu perspicaz olhar do Matthew.

Matthew, do mesmo modo, devolvia o olhar de Leif com dureza.

—Quem é esse? - Os olhos quase saíram das órbitas quando caiu na conta. - Não será este o convidado que tem em casa, verdade?

A Krista não gostou de seu tom e, por isso pôde apreciar, tampouco Leif. Embora ele podia não entender nenhuma de suas palavras, tinha a mandíbula ligeiramente tensa.

—É uma história muito longa, Matthew. Agora não tenho tempo para explicar isso.

Matthew olhou ao loiro alto, tão de aparência agradável - inclusive com aquelas roupas que tão mal estavam - e predominantemente viril.

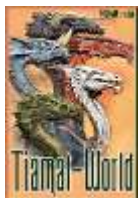
—Se quiser que exista algum tipo de compromisso entre nós dois, terá que encontrar tempo para me explicar isso.

Sem dúvida alguma não podia estar ciumento. Leif podia ser bonito, mas era insuportavelmente rude e absolutamente bárbaro, de maneira nenhuma era uma ameaça para um cavalheiro como Matthew.

Krista sorriu.

—Certo, iremos à ópera, se quiser. E explicarei isso tudo esta noite.

—Eu gostaria que me explicasse isso agora. Acredito que é o mínimo que mereço.



Por sorte, seu pai apareceu no vestíbulo nesse momento.

—Pensei ter ouvido vozes?

Krista suspirou aliviada.

—Papai, Matthew tem algumas perguntas que fazer sobre nosso convidado. Tem um momento para explicar-lhe?

Leif baixou um degrau.

—Quem é este homem? - perguntou como se tivesse todo o direito do mundo. Pronunciou as palavras em sua língua e com tanta rapidez que se não fosse pelo tom contundente não teria entendido nada.

—É um amigo - disse, observando como Matthew elevava as sobrancelhas ante o idioma que utilizavam.

Seu pai falou em inglês para o Matthew.

—Chama-se Leif Draugr. É viking. E está falando em escandinavo. Eu adorarei te explicar isso Matthew, mas em troca espero que seja discreto.

Esta é uma excelente oportunidade para estudar uma cultura que se acredita morta.

Matthew lançou um olhar de soslaio a Leif, que a sua vez o olhava como se fosse o homem gordo que o cravava com a vara na jaula.

—Tem minha palavra - disse Matthew, obviamente intrigado - O que me conte ficará entre nós dois.

Seu pai assentiu com a cabeça e olhou ao Leif.

—Têm que me perdoar, Leif. Preciso intercambiar umas opiniões com meu discípulo. Logo que possa, começaremos suas lições. - Olhou a Krista.

—É óbvio que o primeiro que necessita nosso convidado é um pouco de roupa. Se não te importar, Krista, agradeceria que o ajudasse com as compras.

Jogou uma olhada a Leif. Parecia desconcertado. Não só porque estivesse vestido com as roupas de um criado, mas sim porque ficavam muito pequenas.

—Poderia ir busca-la esta tarde no escritório - disse seu pai - se tiver um momento livre.

Krista suspirou interiormente. Sua mãe sempre ajudara a seu pai com o guarda-roupa, o aconselhando sobre quais eram os tecidos que melhor sentavam e quais combinavam mais.

Krista assumira depois o controle dessa tarefa e dava bastante bem. Ela poderia ajudar o viking muito melhor que o professor.

—Bom, irei. Deveria ficar tudo preparado para esta tarde.

—Vem bem ao redor das duas, então?

Krista assentiu e logo dirigiu um sorriso ao Matthew.

—Agora, cavalheiros, se me desculparem?

Matthew e seu pai fizeram umas breves reverencia. Não disse nada a Leif, mas pôde sentir seus olhos sobre ela enquanto se dirigia à carruagem. Ignorando o formigamento do estômago, subiu ao veículo.

O trabalho na gazeta continuou como sempre. Ultimamente esteve procurando um tipo de



papel mais econômico, e passou a manhã revisando ofertas. Inundada no trabalho, Krista não reparou na hora.

Sentada ante o escritório, estava absorta nas notas que tomara para o artigo que precisava terminar, quando seu pai entrou em seu escritório.

—OH, Senhor. Sinto muito, papai. Perdi completamente a noção do tempo. - tirou o avental que tinha sobre o vestido cor cinza pomba, que estava adornado com um cós cor escarlata e que era um de seus favoritos.

—Deixa que me ponha o gorro e em seguida estarei contigo.

Ele assentiu e esperou pacientemente enquanto ela ia ao espelho na sala contigua para comprovar sua aparência, e logo agarrava sua capa e o gorro com adornos escarlates.

Colocando o gorro sobre os cachos loiros que caíam até os ombros, atou as cintas sob o queixo e desceu as escadas.

—Leif espera por você na carruagem - disse o professor.

E bastante impaciente conforme descobriu quando subiu ao veículo e tomou assento frente a ele.

—Chega tarde, milady.

Ela se sentiu incômoda.

—Supõe que as mulheres devem chegar tarde. É o que se espera delas. Além disso, como sabem?

Vocês não têm... um... - não sabia a palavra em escandinavo antigo para designar um relógio, assim simplesmente disse: - uma maneira de medir o tempo.

Ele se inclinou e olhou pela janela, assinalando a esfera amarela que brilhava sobre a cidade.

—O movimento do sol me diz tudo o que preciso saber. - Fulminou-a com o olhar - E você, milady, chega com atraso.

Krista abriu a boca para dizer que tinha sorte de que ao menos tivesse aceito acompanhá-lo, mas seu pai a silenciou com um olhar.

—Tenha em conta, querida - disse ele em inglês - que as coisas são diferentes aonde vive Leif.

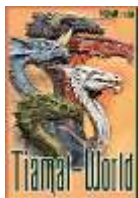
—Tá, bom, mas Leif está agora em Londres, não na Ilha Draugr. - Dirigiu ao loiro um olhar irado - Tem que aceitar como são as coisas aqui.

Leif grunhiu como se tivesse entendido o significado de suas palavras.

Krista o ignorou, simplesmente se reclinou no assento e olhou pelo guichê, sofrendo em silêncio o estalo continuado da carruagem enquanto atravessava o saturado tráfico londrino. Mesmo assim, era muito consciente de sua perturbadora presença. Podia sentir cada um de seus movimentos, o calor de seus olhos quando a percorriam de cima abaixo. Nunca fora tão consciente de um homem.

Encontrava-o extremamente inquietante.

Chegaram à alfaiataria favorita de seu pai, Stephen Ward & CIA, em Regent Street, e entraram no edifício.



Enviaram uma nota com antecedência informando ao senhor Ward de sua chegada, e este se apresentou no mostrador para atendê-los.

—Bem-vindo, sir Paxton Hart. Como sempre é um prazer estar a seu serviço. - Era um homem pequeno, de cabelo negro com raia no meio e um fino bigode. Só a leve sublevação de uma de suas sobrancelhas negras revelava a surpresa que sentia ante a visão da alta figura de Leif com essas roupas ajustadas.

—Este é o senhor Draugr, nosso amigo da Noruega - disse seu pai brevemente - Roubaram sua bagagem quando chegou ao mole, e como pode observar, necessita com urgência um novo guarda-roupa.

—Sim... isso está claro, certamente. - O homem girou, deu duas palmadas e dois de seus jovens aprendizes, um alto e esguio com a pele muito pálida e outro mais baixo, com o cabelo avermelhado e os olhos azuis, apareceram na sala.

—Acredito que temos um árduo trabalho por diante - disse o alfaiate. Voltou e sorriu ao professor - Não tema, sir Paxton. Stephen Ward tem tudo sob controle.

Guiou ao grupo através de uma cortina pela loja mobiliada luxuosamente e assinalou o soalho que havia em um extremo.

—Se o senhor Draugr subir ao soalho, começaremos a tomar medidas necessárias.

Leif olhou ao professor, que traduziu os desejos do senhor Ward, logo subiu ao soalho.

Stephen Ward se aproximou até ele, detendo um momento para examinar a impressionante largura de seus ombros.

—Por Deus, é um bom espécime. - Havia uma evidente admiração nos escuros olhos do homem.

Krista, que permitira a si mesma realizar sua própria inspeção, não podia culpá-lo. No V aberto do peitilho da camisa de manga longa de Leif se podia apreciar o movimento de seus poderosos músculos.

Tinha a cintura estreita, o abdômen plano e as pernas longas e musculosas.

Durante um instante, seus olhos ficaram presos na pesada protuberância da braguilha antes de sair de sua absorção e devolver o olhar à cara de Leif.

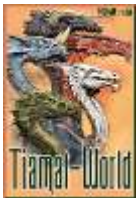
Leif curvou levemente a comissura dos lábios.

—Se desejam fazer as roupas com a medida correta, milady, não deveria cravar o olhar nesse lugar em particular.

Ardeu-lhe o rosto. Deus Santo, o que havia dito! Em seus vinte anos, Krista ouvira suficientes falações de mulheres para saber como era a anatomia de um homem. Sendo ele tão grande, e vendo o que as calças revelavam, Leif Draugr devia estar muito bem dotado. As mulheres casadas ririam dissimuladamente sobre isso. Krista tentou não imaginar o que significava para uma mulher que um homem tivesse uma masculinidade tão desenvolvida, mas sua mente acabou pensando nisso de todas as maneiras.

Apesar de tudo, Leif parecia gostar de seu interesse, inclusive o falava.

—É bom que uma mulher saiba o que quer.



Em silêncio, mordeu a língua, contendo o rude comentário que tinha na ponta da língua. Endireitou os ombros.

—Está ficando tarde - disse ela ao senhor Ward - Podemos nos pôr mãos à obra? Tenho um negócio que atender.

—É obvio - disse Stephen Ward - Deixe que tome umas medidas rápidas e logo decidiremos que estilo poderia ir bem a seu amigo. Assim escolheremos o tecido e as cores mais convenientes para ele.

Assim que acabemos, podem levá-lo a chapelaria do Menkin para escolher os chapéus que poderia necessitar, logo podem ir a Beasley e Hewitt para escolher as botas e os sapatos. - O alfaiate pôs os olhos em branco - Diria que o senhor Draugr é um homem afortunado, tendo em conta que ao final do dia será o orgulhoso dono de um guarda-roupa novo.

"Um completo guarda-roupa novo", pensou Krista franzindo o cenho. Um guarda-roupa novo que seu pai e ela teriam que pagar. O menos que podia fazer Leif era mostrar um pouco de gratidão.

Em lugar disso, protestou e grunhiu durante todas as provas, reclamando do incômodo e áspero que era o tecido.

—No Draugr, a roupa dos homens é muito cômoda - disse a sir Paxton; logo fixou os olhos azuis na Krista - E as roupas de mulher aqui são ainda piores. Como podem se mover com uns objetos tão restritivos?

Acaso não impede o fluxo de sangue a cabeça?

Krista se deteve na tarefa de escolher entre as dúzias de diferentes tecidos e estilos, e dirigiu um olhar irado.

—Esta é a maneira em que se veste uma mulher civilizada. É o - não conhecia a palavra escandinava para a moda, mas estava segura de que existia uma - é a maneira correta de vestir.

A maioria dos homens acham que esta roupa nos faz parecer atraentes.

Negou a admitir que ele tinha um pouco de razão, que ela em particular odiava levar espartilho, um objeto que rodeava incomodamente a cintura e forçava o corpo a parecer com um relógio de areia.

Os olhos de Leif a percorreram dos pés a cabeça, parando na pequena cintura, observaram um momento seu busto e logo retornaram a sua cara.

Ele inclinou levemente a cabeça.

—Um ponto a seu favor, milady. Mas acredito que sua beleza tem pouco a ver com a roupa. De fato, estaria muito mais atraente sem levar nenhuma só peça de roupa em cima.

Os olhos de Krista se aumentaram, escandalizada. Não podia acreditar que ele houvesse dito isso, e diante de seu pai! E a maneira em que a olhava? nenhum dos homens que conhecia se atreveria a olhá-la assim.

Seu pai clareou a voz e se dirigiu ao Stephen Ward.

—Como minha filha há dito, tem muito trabalho que fazer esta tarde. Se pudéssemos nos dar um pouco de pressa?



—Sim, sim, é obvio. - O alfaiate correu a completar as medidas com a ajuda de seus aprendizes.

—O senhor Draugr necessitará de roupa o mais rápido possível - disse Krista - Por todos os incômodos que causarmos, estaremos encantados de pagar o preço que estime oportuno.

Os pequenos olhos do alfaiate brilharam ante o oferecimento.

—Sim, bem, posso me dar conta da urgência existente. Podemos ter as peças de uso diário prontas dentro de três dias. Os trajes de ornamento estarão o fim de semana.

—Muito bem - disse seu pai, parecendo muito satisfeito - Voltaremos dentro de três dias.

Ao sair da loja, passaram pela chapelaria, logo foram à sapataria. Quando por fim acabaram e retornaram à carruagem, Leif parecia um grande leão inquieto preso no assento de veludo frente a ela.

A carruagem a levou de volta ao pequeno edifício que albergava os escritórios de Coração a Coração e seu pai a acompanhou ao interior.

—A que hora estará em casa?

—Matthew me pediu que o acompanhe à ópera esta noite. Necessitarei tempo para me arrumar. Espero estar em casa às seis.

O professor assentiu com a cabeça, embora parecia distraído, possivelmente inclusive preocupado, e ela se perguntou teria algo a que ver com os olhares ardentes que Leif dirigira a ela durante todo o trajeto.

Capítulo 7.

O Teatro Majesty de Haymarket era ostentoso, com abajures de aranha, cortinas vermelhas de veludo e guarnições douradas nas paredes sobre o empapelado de cor vermelha.

Damas e cavalheiros vestidos com seus melhores ornamentos enchiam os assentos dos camarotes, e a multidão ficou de pé no pátio de poltronas quando a função tocava a seu fim.

Para essa ocasião, Krista escolhera um traje de seda púrpura, com um sutiã que deixava os ombros ao descoberto, debruado no decote com um cordão dourado que exibia modestamente o busto.

A saia era ampla, com a sobrefalda franzida em forma de V invertida na parte dianteira e recolhimento detrás - como ditava a moda - por um laço combinando com o do resto do vestido.

A ópera finalizou, a música desvaneceu quando baixou o pano de fundo. A multidão aplaudiu com força, quão mesmo Matthew sentado ao lado de Krista no elegante camarote do visconde, lorde Wimby, que gritava: "Bravo!"

Sua senhoria - um homem de idade com o cabelo cinza escuro e rosto corado - estava acompanhado por sua jovem esposa, Diana, e duas damas mais como acompanhantes já que tanto Krista como Matthew eram solteiros.



Matthew levantou da cadeira e ajudou a Krista a ficar em pé.

Posou a mão firmemente na cintura e a guiou para a cortina vermelha de veludo que fechava o camarote.

—Michael Balfe é maravilhoso, Matthew - comentou ela referindo-se ao compositor - Obrigado por me convidar.

Ele sorriu.

—Asseguro a você que o prazer foi meu.

—Matthew pelo geral prefere passar as noites fazendo algo um pouco mais excitante - disse Diana, dirigindo a Krista um sorriso enigmático.

—Tanto seu pai como eu o animamos para que desfrute dos prazeres mais deliciosos da vida - disse lorde Wimby - Esperamos que seja uma boa influência para ele.

—Os olhos brilharam ante a referência de que poderia acabar sendo seu marido. Krista ainda tentava acostumar-se à ideia de pensar no Matthew e ela desse modo.

Saíram ao corredor. Diana abriu um leque de plumas negras e bateu o ar diante de seu rosto.

—Uma ópera esplêndida, verdade? Eu adoro música romântica. Poderia escutar durante horas. Não há nada que eu goste mais.

Com um traje negro adornado com fitas de seda azuis, o cabelo acobreado caindo em cachos emoldurando o rosto, Diana Cormack, Viscondessa de Wimby, era uma mulher extremamente bela.

—Adora a música - conveyo seu marido com um suave sorriso só para ela - mas também você adora o teatro. - Era óbvio que o homem estava apaixonado por sua jovem esposa, uma viúva com a que se casou no ano anterior.

—Tem razão, carinho. - Seu olhar azul posou por um momento em Matthew - Deveria haver dito que só é uma das coisas que mais eu gosto.

Abandonaram a zona de camarotes, baixaram a escadaria para o vestíbulo de entrada e se dirigiram para a fileira de carruagens paradas em frente do teatro.

O luxuoso veículo de quatro montagens do visconde não demorou muito em chegar, e logo estiveram deslocando-se pelas ruas de Londres para levar a Krista a sua casa.

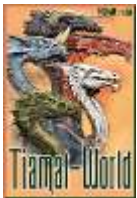
Era perto de meia-noite quando chegaram à residência Hart, em St. George Street, e Matthew a escoltou à porta. Como todos os serventes foram à cama, usou sua chave para entrar, logo se voltou para desejar boa noite.

Matthew a surpreendeu ao atraí-la para si e dar um suave beijo na face.

—Obrigado por uma encantadora noite, Krista. Temos que repetir logo. Virei te visitar dentro de um par de dias e pensaremos em algo.

Krista simplesmente assentiu com a cabeça. Desejava ter claro o que sentia por Matthew Carlton. Cada vez que estavam juntos, sentia-se mais insegura. Possivelmente saberia a resposta depois de um tempo.

Fechou a porta principal e se dirigiu para as escadas, logo divisou o leve resplendor de um abajur ao final do vestíbulo, brilhando através da porta entreaberta do escritório de seu pai.



Supunha que ele ficou trabalhando até muito tarde ou que teria esquecido de apagar o abajur quando foi à cama, assim que se dirigiu nessa direção para comprová-lo.

Quando entrou no escritório, viu que não era seu pai, a não ser a cabeça loira de Leif que se inclinava sobre a mesa de mogno que havia em um extremo. Deteve-se de repente ao vê-lo.

Sujeitava um lápis na mão, aferrando-o como se fora a escapar parecia como se estivesse tentando imitar as notas que seu pai escrevera.

Krista fez algum tipo de ruído, porque ele deixou a um lado o lápis e empurrando bruscamente a cadeira para trás e ficou em pé.

—Assim... que por fim chegou a casa.

Krista elevou o queixo ligeiramente. Por que esse homem conseguia incomodá-la sempre?

—O que faço com meu tempo não é seu assunto - disse ela, pensando que as palavras escandinavas que tinha utilizado eram muito simples.

Ele assinalou a janela com a cabeça.

—Este seu amigo... esteve com ele até altas horas da noite. - Havia uma lanterna acesa justo ao lado da porta principal e Krista se deu conta de que devia havê-la visto com o Matthew.

—Fomos a uma... um... - não tinha nem ideia de que palavra escandinava poderia definir uma ópera - um lugar onde se escuta música, e não estávamos sozinhos.

—Dizem que é um amigo, mas acredito que é algo mais. - Ela ignorou o comentário. Matthew só a beijara na face, não era suficiente para merecer recriminações e, certamente, não de Leif.

Sem fazer caso, dirigiu-se à mesa detendo-se detrás para olhar o que ele esteve estudando. Viu as notas que escrevera uma e outra vez, melhorando em cada intento.

—Meu pai te ensinou a escrever o alfabeto. Assim que o domine bem poderá aprender a ler. Sabem o que significa essa palavra?

Ele assentiu com a cabeça.

—Antigamente, nossa gente transmitia as sagas vikings de geração em geração de forma oral. Logo chegaram os sacerdotes. Ensinararam a minha gente a palavra escrita e todo o relativo a seu Deus cristão.

—Assim são cristãos?

Ele se encolheu de ombros.

—No Draugr temos nossa própria religião. É uma mescla entre o cristianismo e as antigas crenças dos deuses vikings.

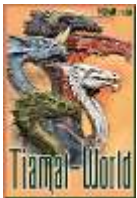
—Entendo. - Queria perguntar mais sobre o lugar de que tinha vindo, mas era tarde e se deu conta de que Leif a estava observando com aquele olhar ardente que a punha nervosa.

—Já passa da meia-noite - disse ela - Acredito que é hora de que vamos à cama.

Seus olhos azuis se cravaram nela.

—Sim, milady, se esse for seu desejo. Não há nada que deseje mais.

Ela não estava preparada para o rápido movimento que a impulsionou os braços de Leif. Ficou sem fôlego quando sua boca baixou sobre a dela. Durante um instante esteve muito



chocada para afastá-lo.

Logo, a calidez dessa boca, o roce de sua língua sobre os lábios fizeram ignorar suas insolências, insistindo a abrir-se a ele, provocando uma quebra de onda de calor que fundiu sua mente por completo.

Sentiu um nó no estômago e o calor se estendeu por suas extremidades. Os lábios de Leif se moviam suave mas firmemente sobre os seus e fecharam os olhos. O coração pulsava disparado,

Leif pressionou seu duro corpo contra o dela provocando que os mamilos endurecessem sob o sutiã do vestido. Sentiu como se seus ossos se fundissem com os dele.

Logo as mãos de Leif se deslizaram mais abaixo, até seus quadris, cavando o traseiro através das capas de roupa, e os olhos de Krista se abriram de repente.

Deus Santo! Pela primeira vez, ela se deu conta do que Leif desejara dizer exatamente... que de algum jeito ela traduzira erroneamente em seu idioma o desejo de retirar-se para dormir, com o que ele acreditara que o estava convidando a sua cama.

Começou a lutar para liberar-se, pressionou as Palmas das mãos contra seu peito tão duro como o granito e tentou afastar ele à força.

Com óbvia relutância, Leif finalizou o beijo um instante antes que seu pai entrasse no escritório.

Ela respirava com certa dificuldade, quão mesmo ele, e pôde sentir como suas faces avermelhavam. Seu pai passeou o olhar de um a outro e arqueou as sobrancelhas.

—Vim procurar o Leif - disse a Krista - para dizer que é hora de que vá à cama.

Krista avermelhou ainda mais.

—Sim, bom, estava tratando de explicar o mesmo. - Manteve o olhar fixo em seu pai a propósito. - Infelizmente, disse-o de maneira incorreta e Leif me interpretou mal.

O professor arqueou as sobrancelhas um pouco mais como se não compreendesse o que queria dizer.

—Isto... realmente não foi sua culpa - disse ela. - Traduzi mal as palavras e ele teve a impressão equivocada.

O professor dirigiu um olhar a Leif, que seguia ali parado imperturbável, sem compreender nenhuma só palavra.

—Já vejo.

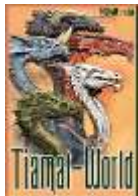
—Você mesmo disse que as coisas eram distintas ali de onde ele vem. - por que o defendia era algo que não compreendia. Possivelmente só estava sendo justa, porque a verdade era que havia devolvido o beijo, ao menos durante um momento, e que não a desagradara absolutamente. Pensá-lo a fez avermelhar de novo.

Senhor, estava sendo cortejada pelo Matthew Carlton, considerando a possibilidade de compartilhar a vida com ele. O que acontecia?

—Eu gostaria de saber o que há dito a seu pai. - O olhar de Leif a deixou paralisada.

—Hei dito o que passou, que interpretaste mal minhas palavras.

—Exatamente - acordou o professor, falando agora na língua de Leif - Minha filha só tratava



de sugerir que deveriam ir à cama.

O brilho da paixão retornou aos olhos de Leif.

—Isso é o que disse. Então, é costume aqui que um homem compartilhe a sua filha com os convidados?

—Não! - disseram os dois de uma vez.

Seu pai clareou a voz.

—O que ambos queríamos dizer é que é tarde e que precisavam dormir um pouco. Isso e nada mais.

Sua expressão se tornou contrita. Logo se endireitou, parecendo ainda mais alto do que era.

—Sinto muito, professor. Não pretendia insultar nem a você e nem a sua filha.

—Estou seguro de que não era essa sua intenção, Leif.

—Admito que eu gostaria de tê-la em minha cama. Qualquer um pode ver que é uma mulher de grande beleza e fortes paixões.

Uma vez que tenha aprendido sua língua e seus costumes, e possa me dirigir bem, possivelmente faça uma oferta por ela.

Krista conteve o fôlego e seu pai emitiu um som estranho. Pareceu procurar cuidadosamente as palavras.

—S-fui, bom, os dois apreciamos seu interesse, Leif, mas acredito que Krista tem seus próprios planos.

—É sua filha. É sua decisão decidir o melhor para ela. Mas agora não é o momento. Não tenho nada que oferecer, nem maneira de mantê-la. Quando for o momento adequado, falaremos outra vez.

Seu pai dirigiu um olhar suplicante, mas Krista estava tão surpreendida que não ocorria nada que dizer.

—Sinto-o - disse ele - Não acredito que o tempo vá mudar as coisas.

Leif apertou a mandíbula.

—Já veremos - disse simplesmente.

Krista centrou a atenção no professor e se obrigou a sorrir.

—Vamos, pai. Como bem diz, já é hora de que todos descansemos um pouco. - Ela o pegou pelo braço e o guiou para a porta.

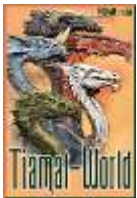
—Boa noite, Leif-acrescentou para ele, sem deixar de sorrir cautamente antes de desaparecer pela porta.

Krista não podia dormir. Santo céu, estaria completamente louco aquele homem? Fazer uma oferta por ela! Dez vacas, possivelmente, ou talvez doze ovelhas?

Isso era o que um guerreiro viking fazia quando queria uma esposa. Inaudito!

Bom, havia dito que era uma mulher de grande beleza e fortes paixões. Nunca pensara em si mesmo dessa maneira, e a fazia sentir-se estranhamente feminina, em realidade, nunca havia sentido tão feminina.

Enquanto deitava na cama, levou os dedos inconscientemente aos lábios. Leif podia ser um



bárbaro, mas o certo era que sabia beijar. Possivelmente era isso. O homem era selvagem, primitivo.

Talvez seus indomáveis desejos despertaram um pouco do desatinado e primitivo nela. Fosse qual fosse a razão, disse, descobrira algo sobre si mesma essa noite.

Descobrira que ela era, certamente, uma mulher; uma com os mesmos desejos físicos que o resto das mulheres. Era uma revelação que bem valia um beijo escandaloso; entretanto, jurou, não podia permitir que ocorresse de novo.

Uma semana deu passo a seguinte. Krista raramente via Leif, que passava a manhã e a tarde no estudo com seu pai. Inclusive comiam ali, declinando unir-se a ela, possivelmente porque seu pai queria economizar ter que presenciar a falta de maneiras de Leif na mesa.

Embora fosse óbvio que o professor começava a pensar muito bem dele.

—Esse moço é assombroso - disse com orgulho uma manhã quando ela se dispunha a sair para a gazeta. - Nunca conheci a um aluno tão aplicado.

É muito preparado, e a memória que tem para as palavras é assombrosa. Cada dia consegue realizar todo o trabalho que ponho, e domina com mestria uma nova lista de palavras.

Krista podia ver o muito que Leif se esforçava. Ficava no estudo até muito tempo depois de que todos se fossem à cama, e quando ela descia pela manhã já o encontrava concentrado em seus estudos.

E é óbvio, era meticulosamente limpo, pois agora ele terminava no quarto de banho muito antes que ela se levantasse.

Durante toda a semana, o professor acompanhou duas vezes Leif ao Stephen Ward & CIA para fazer ajustes em seu guarda-roupa. Como prometeram, as roupas chegaram na tarde da segunda-feira seguinte.

Logo que as receberam, Leif foi a sua habitação para provar. Henry, o ajudante de câmara do professor, apressou para o ajudar.

Não voltou a ver o Leif até uma hora depois. Matthew Carlton passou para apresentar seus respeitos antes de suas classes de esgrima, e Krista se dirigia à sala de estar para o saudar quando viu Leif e ao pequeno ajudante de câmara de seu pai baixando as escadas. Henry parecia gabar do trabalho que fizera com o homem que considerava o protegido do professor.

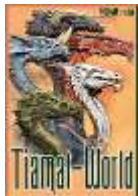
Krista elevou a vista. Durante um momento, só pôde olhar.

Com um par de calças cinza, um colete de seda azul claro com bordados em azul marinho movia-se com uma surpreendente graça para um homem de seu tamanho.

Tinha o cabelo bem penteado, de um dourado tom loiro, e a cara bronzeada fazia destacar o azul de seus olhos. Era o filho de um chefe viking, e nesse momento manifestava cada gota de seu sangue aristocrático.

Então Leif atirou com força da larga gravata branca engomada que rodeava seu poderoso pescoço, soltou uma suave maldição e a ilusão se desvaneceu com rapidez.

Era Leif de Draugr, o bárbaro analfabeto, recordou a si mesma. A atração que sentia por ele não era mais que uma mera reação a seu surpreendente atrativo físico.



Mas quando ele se deteve diante dela, e Krista levantou o olhar para esses melancólicos olhos azuis, o coração deu um tombo e começou a repicar como a chuva no telhado.

—Você gosta da roupa nova, milady?

Ela trágou.

—Está muito... muito...

Ele curvou os lábios.

—Você gosta de minha aparência. Posso ver em seus olhos. É o que tinha esperado.

Certamente esse homem não faltava o ego... isso, era certo.

—Acredito que ficam... bem as novas roupas. - Muito bem. De fato, não podia deixar de olhá-lo e seguiu fazendo inclusive quando Matthew e seu pai saíram da sala de estar.

Matthew olhou atentamente a Leif e franziu o cenho. Seu pai passeou o olhar do Matthew a ela, e logo olhou a Leif, e também franziu o cenho.

Leif e Matthew pareceram medir-se mutuamente. Havia algo territorial na expressão de ambos os homens, como se advertissem o um ao outro de que se mantivessem afastados do prêmio, que neste caso parecia ser ela.

Leif deu um passo para ela, que retrocedeu com rapidez.

Conseguiu esboçar um sorriso.

—Matthew, recorda ao senhor Draugr?

Matthew parecia estar tentando controlar-se.

—Como seria possível esquecê-lo?

Leif apertou a mandíbula. Não tinha nem ideia do que diziam, mas o olhar de desdém que Matthew lançou aparentemente foi suficiente.

Seu pai clareou a voz.

—Matthew passou por aqui para apresentar seus respeitos, querida. Por que não vão a sala de estar e peça ao Giles que leve um chá quente?

Krista se obrigou a sorrir.

—Parece-me uma boa ideia. - Algo para se livrar da tensão que transmitiam ambos os homens.

Mas Matthew negou com a cabeça.

—Lamento não poder ficar para tomar o chá. Meu professor de esgrima é um homem muito impaciente. Só vim para trazer um convite.

Meu pai oferece um pequeno banquete no sábado que vem, e me perguntou se o professor e você poderiam assistir.

O conde do Lisemore era um homem muito poderoso e não gostava que ninguém negasse seus desejos. Se estava interessada em Matthew não ficava mais remedeio que aceitar o convite.

Além disso, se queria chegar a conhecer o homem que a cortejava, precisava pôr ao menos algo de sua parte.

—Pai?

—É muito amável por parte do conde - disse o professor - É obvio que estaremos



encantados de assistir.

—Estupendo. Mandarei a carruagem para recolher vocês... digamos, no sábado às sete?

Seu pai assentiu com a cabeça.

—Enquanto isso, eu gostaria de falar em privado com você, professor Hart.

Seu pai olhou Leif e com resignação assentiu com a cabeça.

—Iremos ao escritório, de acordo? Perdoa um momento, carinho? - desculpou-se com Leif, que pareceu apertar ainda mais a mandíbula, e os dois homens se dirigiram ao escritório.

—Eu não gosto desse homem - disse Leif.

—Nem sequer o conhece.

—Sei que deseja você. Tenta ocultar. Não sei por que.

Ela não tinha a menor ideia de que Matthew a desejasse ou não. E agora que o mencionava Leif, se deu conta de que não sabia.

—Matthew me está cortejando - disse ela, esperando ter traduzido as palavras de maneira que Leif as entendesse - É o costume que temos aqui quando um homem está interessado em uma mulher.

—Fez uma oferta a seu pai?

—Estamos nos conhecendo. Não falamos ainda de matrimônio.

Ele grunhiu.

—É débil. Você é uma mulher de fortes necessidades. Esse não é homem para ti.

—Se for ou não uma boa escolha, não é teu assunto. Agora, se me desculpar... - Ela virou e pôs-se a andar, logo sentiu como Leif a agarrava pelo braço e a girava para ele.

—Necessita um homem forte, Krista Hart, um homem que saiba te dirigir. Um homem como eu.

Ela puxou para se livrar de sua presa.

—Leif Draugr! É um arrogante e um presunçoso, o tipo de homem que não necessito. - Ela se voltou para partir, e embora ele não tentou detê-la esta vez, ouviu o débil som de sua risada enquanto subia as escadas.

"Que descarado!"

No piso de baixo, abriu a porta do escritório e ouviu como o professor falava com Matthew enquanto caminhavam pelo corredor. Krista os ignorou. Estava cansada dos homens e suas constantes manipulações.

Seu pai, seu avô. Inclusive Matthew. Leif podia ser audaz e atrevido, mas ao menos dizia o que pensava com franqueza.

Enquanto abria a porta do dormitório, perguntou-se do que teria querido falar Matthew com seu pai... logo se disse que não importava.

Era um homem, e estava farta de todos eles. Krista fechou com firmeza a porta de seu quarto.

Um novo dia amanheceu e Leif, com seu escuro olhar, fez sair correndo a Henry, o pequeno ajudante de câmara, do dormitório. Já ensinaram no dia anterior a vestir-se. Não era tolo.



Era perfeitamente capaz de colocar por si mesmo a estranha roupa que usavam os homens desse lugar.

Sorriu. Homem, se Krista Hart queria o ajudar... ficou duro só pensando naqueles suaves dedos deslizando-se por seu corpo, abotoando o peitinho de sua branca camisa vincada, descendo para baixo para ajudar a fechar as calças.

O desejo se intensificou. Se ela estivesse ali para ajudar, não importaria deixar colocar aquelas peças de vestir tão ridiculamente incômodas.

Sustentou em alto as brancas cuecas de algodão que os homens usavam ali, logo os colocou descuidadamente a um lado.

Colocaria a camisa e as calças, e a casaca cor borgonha, mas não as apertadas peças masculinas que os homens usavam debaixo da roupa. Havia um limite para sua tolerância, e o alcançara.

Colocou a camisa e fechou os botões, logo alcançou as calças. A roupa era incômoda, mas era de seu tamanho, e supôs que não tinha mais remedeio que levá-la posta.

Precisava partir dali logo, abrir caminho nessa terra estranha a que fora parar acidentalmente. O certo era que pensava fazer muito mais que isso.

Desafiara a seu pai ao deixar a ilha, embora pensava retornar logo. Tinha deveres, responsabilidades, e não tinha intenção de esquivá-los. Mas uma força que não podia controlar o levava a ver o mundo que havia além de sua casa. Durante um tempo, depois de sua captura, acreditara que se equivocou, que a única coisa que encontraria era a morte.

Mas agora era livre, e um novo mundo se estendia ante ele. Sua aventura finalmente começara e tinha intenção de aproveitar a fundo.

E ele aprendia rapidamente. Os deuses o tinham bento proporcionando ao professor para que o ensinasse. Leif aprenderia tudo o que precisava saber para sobreviver nesse mundo estranho.

E com o tempo - estava seguro - prosperaria.

Ganharia o dinheiro suficiente para comprar um navio que o devolveria a sua terra natal. Quando isso ocorresse, não voltaria nem pobre nem fracassado, mas sim como um homem que alcançara o êxito naquele lugar chamado a Inglaterra.

Faria que seu pai se sentisse orgulhoso, faria ver que seu filho teve razão ao querer partir.

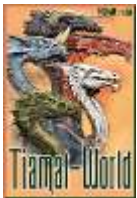
Virou quando escutou um golpe na porta. Devia ser essa pequena doninha, Henry.

Tentara dizer que não necessitava de sua ajuda para se vestir, mas o homenzinho não o entendera, e Leif finalmente o jogara da habitação fazendo tropeçar e cair sobre seu pequeno traseiro fraco.

Abriu a porta, mas não era Henry a não ser Krista quem chamava. Estava fantástica, como sempre, com essas tentadoras curvas femininas e o brilhante cabelo dourado.

—Meu pai quer nos ver no escritório.

Ele assentiu com a cabeça e, recolhendo a casaca cor borgonha que o professor havia dito que precisava colocar, seguiu a ao corredor.



Caminhou junto a ela para a escada, agradado por sua altura, nada comum na maioria das mulheres dessa terra, e pensou o bem que se moldariam essas curvas suaves a seu próprio corpo, mais duro.

—Que deseja o professor? - perguntou, para evitar que sua mente tomasse outros caminhos.

—Não sei.

Parecia um pouco nervosa, e perguntou a que se deveria. Ocorreu que possivelmente o professor decidira que chegara o momento de que se fosse, mas Leif não acreditava.

Paxton parecia um homem de palavra, e fizeram um trato para aprender um do outro. Leif pensava que o homem estava muito satisfeito com o que estava ensinando.

Quando entrou na sala chamada estudo, tomando a mão de Krista para que entrasse atrás dele, viu que o professor franzira o cenho. Pela primeira vez chegou a pensar que podia estar equivocado e que Paxton Hart tinha chegado à conclusão de que devia partir. Leif não estava preparado para isso. Necessitava mais tempo, precisava aprender a língua desse país e seus costumes antes de seguir seu caminho.

Quando se aproximou da cadeira que havia em frente do professor, perguntou que destino teriam os deuses preparado dessa vez.

Krista caminhou atrás de Leif, que a guiou ao interior do escritório, ainda seguro de seu direito de preceder a uma mulher. Solto a mão, mas a calidez de seu contato permaneceu.

Quando se aproximaram do escritório, seu pai levantou da cadeira e fez um gesto para que cada um deles tomasse assento diante dele.

—Chamei vocês por uma razão - disse o professor em escandinavo; parecia estar escolhendo cuidadosamente suas palavras.

—Estive pensando neste tema durante muito tempo, e os comentários que fez ontem Matthew Carlton me fizeram refletir ainda mais.

Embora Leif e ela sentaram, seu pai permaneceu de pé com uma expressão funesta em seu rosto.

—É cada vez mais evidente que a presença de Leif aqui, em nossa casa, desestabiliza à família.

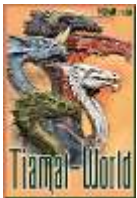
Krista conteve o fôlego. Seu pai não podia estar pensando em tirar a esse homem de casa. Leif não poderia sobreviver ali fora. Ninguém o compreendia. Não tinha dinheiro, nem lugar onde ficar.

Acabaria em uma dessas horríveis instituições.

—Não estará dizendo que Leif deve partir, verdade? - disse a seu pai em inglês.

—Me escute bem, querida. Embora Leif aprende muito rápido, não está preparado para viver nesta cidade. Logo que possa arrumar tudo, levarei isso ao Heartland. - Era a fazenda familiar que tinham em Kent.

—Ali estaremos livres das regras da sociedade. Poderei emprestar a Leif toda minha atenção e em troca poderei estudar tudo o que ele tem para ensinar.



Krista se sentiu aliviada.

—O que está dizendo? - perguntou Leif com um olhar preocupado.

—Meu pai vai tirar você da cidade, o levará a um lugar onde poderá estudar e aprender sem que incomodem.

—É o melhor, Leif - disse o professor - Você gostará de Heartland e terá todo o tempo que necessita para estudar e aprender.

—Preocupam-se com sua filha. Sabem que a desejo.

A Krista avermelharam as faces.

—Aqui não se fala desse modo, Leif - disse ela com suavidade. - Essa classe de pensamentos se mantêm ocultos.

—É isso o que faz Matthew? Não penso dissimular que te desejo.

Krista afastou a vista ante a intensidade de seu olhar, com o coração pulsando erráticamente.

—Está bem, Leif - disse seu pai silenciosamente - Foi honesto em seu interesse por minha filha. Não posso culpar você. Por isso acredito que é o mais correto. Se quer aprender, virá comigo a Heartland.

Leif não disse nada durante alguns momentos, logo assentiu com a cabeça.

—Possivelmente estejam certo. Aqui há muitas distrações. Irei com você. Há muito que aprender e dou graças aos deuses por haver colocado você em meu caminho para me ensinar. - Olhou a Krista.

—Quando tiver aprendido o que necessito, voltarei.

Havia algo nesses olhos azuis, algo que formou um nó ardente no estômago. Era ridículo. Esse homem não tinha dinheiro, nem futuro. Não sabia nem ler nem escrever, nem sequer sabia falar inglês.

Embora tivesse algo...

—Meu pai tem razão - disse a Leif, muito agradecida de que seu pai tivesse tomado essa decisão. - Será mais fácil para você aprender sem a distração da cidade e estou segura de que gostará de tudo aquilo.

O ar é puro e a erva verde. Possivelmente se pareça mais a seu lar.

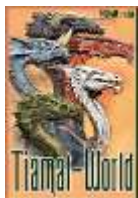
E possivelmente sua vida voltasse para a normalidade, como era antes que visse Leif da Ilha Draugr no circo.

Depois de comunicar sua decisão, seu pai e deu permissão para abandonar o escritório, e ela rapidamente se levantou para ir enquanto os homens se dispunham a seguir a jornada diária.

Krista saiu ao corredor e fechou a porta, sentindo como se tivessem tirado um peso de cima. Leif iria. Sua vida voltaria a ser sua outra vez.

Pela primeira vez em dias, podia voltar a centrar-se no trabalho.

Capítulo 8.



As semanas foram passando, maio seguiu a abril, o verão se aproximava, as tardes se voltaram aprazíveis e cálidas quando julho substituiu a junho.

As assinaturas da gazeta aumentavam cada semana, e o dinheiro entrava em torrentes.

Nos meses que transcorreram desde que seu pai e Leif abandonaram a cidade, De coração a coração se converteu na publicação para damas mais bem-sucedida de Londres.

Com ajuda de Coralee, Krista trabalhara muito duro para incrementar o número de assinantes, e seus esforços deram seus frutos.

As longas horas que passava no trabalho impediram que sentisse saudades de seu pai. Estava acostumada a sua companhia e seus conselhos.

Nem sequer a presença de sua tia Abigail, que se devotara a ser sua dama de companhia enquanto o professor trabalhava com seu protegido no campo, podia encher sua ausência.

Krista disse a si mesma que não sentia saudades de Leif Draugr no mais mínimo. Era um homem escandaloso. Era rude e franco, e não tinha nem um pinga de maneiras. Vivia em um mundo diferente, um ao que finalmente retornaria, e que ainda se lembrasse do calor de seus beijos fazia que estivesse mais resolvida a esquecê-lo.

Mesmo assim, esperava com ânsia a chegada das cartas de seu pai, nas quais sempre elogiava a surpreendente aptidão de Leif para aprender e elogiava suas muitas virtudes.

Recordou parte da primeira carta que recebera.

Este homem é assombrosamente inteligente, muito mais do que tinha suposto em um princípio. Já começou a ler e tem um ouvido incrível para os idiomas. Parece gostar do campo. Diz que sua ilha tem o mesmo ar fresco, mas ali esta brisa impregnada do aroma de mar. Ao parecer é uma ilha rochosa, suponho que muito mais parecida com Escócia, e mais fria, é obvio. Está claro que gosta de tudo o que vê aqui no campo.

Relatava cada progresso que fazia Leif, igual aos conhecimentos que por sua vez adquiria da cultura do viking.

Por isso Leif me contou, estou convencido de que sua gente descende dos vikings que emigraram da Groenlândia a Draugr no princípios do século XVI. Na ilha, têm seus próprios costumes e religião

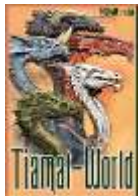
—uma mescla entre as crenças nórdicas e cristãs, - aparentemente as pessoas de Draugr são completamente autossuficientes.

Pensei que poderia escrever um artigo para a gazeta sobre o tema, embora Leif me tem feito prometer que não se divulgará nem seu nome nem a localização de sua terra natal.

Cada vez que recebia uma carta de seu pai, os pensamentos de Krista retornavam a Leif, e passava os dias seguintes se perguntando por ele.

Sentia falta do som de vozes masculinas na casa e não deixava de repetir a si mesma que era simplesmente porque sentia falta de seu pai.

Felizmente, tia Abby a mantinha distraída. Lady Abigail Chapman Brooks era irmã da mãe de



Krista é a viúva de um proeminente advogado londrino. Tia Abby vivia em uma preciosa casa clara em Oxfordshire, mas sempre vinha a Londres no princípio da temporada.

Tinha quarenta e oito anos, mechas chapeadas no cabelo que uma vez fora loiro, e uma figura tão esbelta e provocadora que seguia atraindo o olhar de muitos homens.

Tia Abby era vivaz e encantadora, uma presença vibrante que vivia a vida intensamente, o qual era bom para a Krista, já que sua tia a obrigava a frequentar o círculo social que geralmente evitava.

—Mas devemos ir ao baile de lorde Stafford, querida - disse tia Abby ao aproximar o fim de semana - Será o maior acontecimento da temporada.

Não importava quantas débeis desculpa expusera Krista, sua tia sempre acabava convencendo-a.

—E recorda que Matthew Carlton provavelmente assistirá.

—Suponho que o fará. Parece gostar deste tipo de acontecimento.

Sua tia arqueou uma de suas sobrancelhas loiras.

—Não soa muito entusiasmada. Sabendo que esse homem é um dos solteiros mais cobiçados de Londres, o normal seria que se sentisse afortunada por ser a mulher que captou seu interesse.

Tinha sorte, supôs. Matthew tinha todas as qualidades que uma mulher podia desejar em um homem. Era amável, considerado, inteligente. E em todas as noites, bailes e festas às que sua tia insistia em que assistissem, ela teve a oportunidade de conhecê-lo um pouco mais.

Com seu pai fora, Matthew estava mais perto dela do que estava habitualmente, e quando julho deu passo a agosto, Krista passava cada vez mais tempo em sua companhia, com sua tia de dama de companhia, é obvio.

Essa mesma noite, tia Abby e ela acompanharam Matthew junto com seu irmão mais velho, Phillip, barão de Argyle, e sua esposa, Gretchen, a desfrutar da representação teatral do opulento camarote de seu pai no teatro Royal de Drury Lane.

Embora a peça teatral fora muito entretida, Krista estava cansada pela longa função; seu vestido de seda azul marinho estava um pouco enrugado, e seus cachos começavam a desfazer-se sobre seus ombros nus.

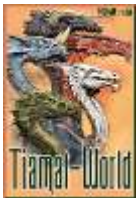
Matthew não parecia estar cansado, e quando chegaram a sua casa, surpreendeu-a perguntando se podia entrar para tomar um brandy.

A tia Abby, incansável como sempre, aceitou imediatamente.

—É obvio que pode entrar. Eu deveria ter convidado você. Nós gostaríamos de poder desfrutar de sua companhia.

Sentaram na sala de estar um momento enquanto conversavam educadamente embora Krista tentasse reprimir um bocejo com a mão. Logo Matthew sugeriu sair ao terraço os dois a sós para respirar um pouco de ar fresco.

Quando transpassaram as portas francesas, Krista viu sua tia observando com atenção através das cortinas, exercendo com toda correção seu papel de acompanhante; entretanto, tanto



Matthew como Krista simularam não vê-la.

—Desfrutei essa noite, Matthew - disse ela, tentando conter outro bocejo - Obrigado por me convidar.

Uma ligeira brisa agitou o cabelo castanho de Mathew, que respondeu com um sorriso cálido.

—Espero compartilhar toda uma vida de entardecer contigo, Krista.

Ela afastou o olhar. Ultimamente, Matthew mencionara várias vezes o matrimônio de maneira indireta e ela não fazia mais que recordar que era justo isso o que queria.

Era hora de que sentasse a cabeça. Seu avô já descobrira que Matthew a cortejava e era partidário de que o aceitasse. O devia a ele e a sua família, e devia a si mesma.

Sabia que era muito alta para atrair a muitos homens e além disso era muito independente. Não tinha precisamente uma cauda de admiradores esperando na porta. Se as coisas não resultavam com Matthew, poderia ficar solteira e isso não era o que queria. Queria ter filhos tanto como qualquer mulher e, aparentemente, Matthew também desejava formar uma família.

Krista se obrigou a devolver o sorriso; então notou a sutil mudança de sua expressão, o resolvido olhar de seus olhos, mas não sabia o que significava.

Ficou petrificada quando Matthew se ajoelhou diante dela no terraço e segurou sua mão coberta por uma luva branca.

—Já deve saber o que sinto por você, Krista. Quão profundos são os meus sentimentos. Levamo-nos bem. Podemos ser felizes juntos. Case comigo, Krista, e me faça o homem mais feliz de Londres.

Tremeu a mão que ele sujeitara. Ali, diante dele, disse que chegara a hora. Gostaria de ter uma ou duas semanas para considerar sua oferta, mas sabia que já não podia seguir prolongando por mais tempo.

Sabia que não estava apaixonada por ele, e ele tampouco mencionara, mas tinham muitas coisas em comum e se gostavam. Frequentemente os matrimônios começavam com muito menos.

Krista tragou, e dirigiu a ele um sorriso inseguro.

—Sentirei-me muito honrada de me tornar sua esposa, Matthew.

Ele ficou de pé, levou a mão a seus lábios e a beijou.

—Não se arrependerá, carinho, prometo isso. Vamos ser muito felizes. - Tomou entre seus braços e a beijou, e Krista rezou para sentir ao menos parte do fogo que havia sentido a noite em que Leif Draugr a beijara.

Mas só foi uma sensação agradável, muito mais próxima ao afeto que ao amor - Temos que dizer a nossas famílias.

Ela assentiu com a cabeça.

—Escreverei amanhã mesmo a meu pai.

Matthew sorriu satisfeito.

—Eu falarei com meus pais para dar a notícia. Sei que se alegrarão muito. - Sorriu. - Me tem feito um homem muito feliz, Krista. - Matthew a beijou outra vez, agora com mais suavidade.



Caminharam de retorno à casa e comunicaram a notícia a tia Abby, que olhou com cumplicidade a Matthew. O prometido de Krista sorria. Tia Abby se sentia feliz.

Krista não podia deixar de perguntar-se por que era quão única não se sentia assim.

Já estava. Tomara uma decisão. Ao ano seguinte por essas datas, Krista seria uma mulher casada.

A primeira coisa que fez na manhã seguinte foi escrever uma carta a seu pai comunicando a nova notícia, e dois dias mais tarde recebeu uma nota como resposta, dando a Matthew e a ela sua bênção e suas felicitações mais efusivas. Sabia que também devia dizer a seu avô, e o faria, disse a si mesma. Logo.

Mas ainda não tinham data para o enlace, e tanto Matthew como ela estavam de acordo em que seu compromisso não deveria ser oficial até que seu pai retornasse do campo. Conforme avançavam os dias,

Krista não pôde mais que alegrar-se dessa circunstância, já que da noite que aceitara a proposta de Matthew, viu-se acossada pelas dúvidas.

E ultimamente, como se com isso não bastasse, os problemas em De coração a coração não faziam mais que incrementar-se.

De pé, com a Coralee, ao lado da pesada prensa Stanhope, pensou na quantidade de notas ameaçadoras que recebera desde a partida de seu pai - sete no total,

—incluindo a que encontrara em sua porta essa mesma manhã e que agora sustentava na mão.

—O que diz? - perguntou Corrie, tentando ler a nota por cima do ombro de Krista.

Passou o papel a sua amiga.

—É quase tão agradável como a última.

Corrie leu a nota em voz alta.

"Esta é a última advertência. Aguarde às consequências."

Levantou a vista, e colocou uma mecha de cabelo acobreado detrás da orelha.

—Acredito que o estilo de escrita não é o mesmo que da última nota. - Krista entrou no escritório e se aproximou da mesa.

Abriu a gaveta da esquerda e tomou a pequena pilha de notas que recebera durante as últimas semanas.

A primeira dizia: "Semente do diabo. Deixem de se intrometer ou sofrerão as consequências."

Essa fora a última, encontrara cravada na porta principal dos escritórios de coração a coração.

Krista rebuscou na pilha.

—A escrita parece distinta. Ao parecer temos todo um exército de inimigos aí fora.

—Ou ao menos isso é o que querem que pensemos.

—Embora a letra seja distinta, várias das advertências parecem estar relacionadas. - Estendeu as notas a Corrie.



Em duas delas protestavam pelos artigos que Krista escrevera em relação às melhoras imprescindíveis em saneamento e rede de esgoto, e o controvertido gasto público. Outras arremetiam contra a campanha que iniciara depois da partida de seu pai, sobre a Lei de Minas. Nela, proibia-se que as mulheres e meninos pequenos trabalhassem nas minas.

Como os meninos eram mão de obra barata, era uma medida altamente impopular entre os donos de minas.

De fato, um homem chamado Lawrence Burton, um dos principais acionistas da Companhia de Minas, fora particularmente incisivo, mas, é obvio, não fora o único.

Coralee olhou à mensagem que receberam essa manhã.

—Nenhuma delas deseja nada bom, mas de algum jeito, esta parece mais sinistra que as demais.

Krista sorriu.

—OH, não sei... "Semente do diabo", nesta parece que estiveram inspirados.

Sua amiga riu.

—É hora de chamar as autoridades, Krista. Temos que dar estas notas à polícia. Possivelmente possam descobrir quem está detrás das ameaças.

—Por agora isto é tudo o que temos, e como você diz, a letra nem sequer é a mesma, o que quer dizer que devem vir de pessoas diferentes. Não sei por onde poderiam começar a procurar as autoridades.

—Bom, acredito que deveria considerá-lo.

Krista não respondeu. Já tinha muitos problemas sem que se metesse por meio à polícia.

Ou ao menos era o que pensava enquanto saía da gazeta essa noite para ir para casa.

Mas quando à manhã seguinte voltou para os escritórios de coração a coração e se encontrou com um montão de brasas incandescentes e cinzas, compreendeu que se equivocou.

Krista chegara muito cedo essa manhã ao edifício de três andares onde se localizavam os escritórios de coração a coração. De caminho ao trabalho, fazia que o senhor Skinner, o chofer, detivesse no Grosvenor Square para recolher Coralee, como fazia ultimamente.

Krista estava dizendo algo a sua amiga quando divisou a carruagem vermelha conduzida por um par de pesados cavalos em um dos becos laterais do edifício. Abriu de repente a porta da carruagem antes que o veículo parasse por completo, rapidamente baixou as escadas e se equilibrou sobre a cena.

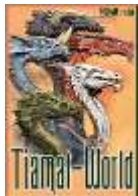
Corrie estava logo atrás.

—Santo Céu!

O fogo estava virtualmente apagado, por isso Krista podia ver, só ficavam umas espirais de fumaça ascendentes onde uma equipe de bombeiros molhavam os escritórios com um grosso jorro de água.

Mas o dano no edifício era importante. Rezou para que o fogo não se estendesse à zona do edifício onde estava localizada a prensa.

—Vão para trás, senhoritas - disse um corpulento homem com grosso cabelo avermelhado



que parecia estar ao mando - É por sua própria segurança.

—Meu nome é Krista Hart. Neste edifício estão situadas meus escritórios. Poderia me dizer o que ocorreu?

Ele olhou a fumaça que saía por uma das janelas quebradas.

—O fogo começou atrás do edifício. Entretanto, não chegou à zona principal.

—Graças a Deus. Como começou?

—Em princípio acreditam que alguém lançou algo por uma das janelas da parte traseira.

Krista abriu os olhos com incredulidade.

—Quer dizer que não foi um acidente?

—Não, senhorita. O caso é que se a velha senhora Murphy não tivesse visto as chamas, teria queimado não só o edifício inteiro, a não ser toda a rua.

A senhora Murphy vivia com seu marido doente em cima da loja de comestíveis que ficava só umas ruas mais abaixo.

Krista tremeu ao pensar na propriedade, nas vidas que poderiam haver se perdido se não fosse descoberto tão rapidamente.

A seu lado, Corrie examinava as enegrecidas paredes de tijolo e os cristais quebrados que se pulverizavam pelo beco.

—Bom, suponho que isto vai muito além das simples ameaça.

Krista suspirou.

—Estava equivocada. Deveria ter ido antes às autoridades como me sugeriu.

—Não é muito tarde para isso. Tem que falar com seu pai. Já não pode seguir mantendo isso em segredo.

Assentiu com a cabeça. Enviaria uma carta ao professor. Não queria que se preocupasse, mas não tinha mais remédio.

—Quem acredita que foi? - perguntou Corrie.

—Não tenho nem ideia. Possivelmente à polícia ocorra algo.

—É possível, mas estão muito ocupados. Talvez deveríamos contratar a alguém nós mesmas para que investiguem a fundo.

—Essa é uma boa ideia. Quando escrever a meu pai, perguntarei se conhece alguém competente.

Krista observou os bombeiros recolher as mangueiras e as colocar no carro de bombeiros. A polícia chegaria logo e haveria muitas perguntas que responder.

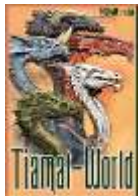
Corrie dirigiu um olhar de advertência.

—Envia hoje a carta, Krista.

Krista piscou ante a fumaça acre.

—Sim, acredito que é o melhor.

Leif entrou nos estábulos de Heartland, um grande edifício de pedra com aroma de pó e feno recém-coberto. Sentado sobre seu ombro, o bonito, Alfinn, tagarelava alegremente, contente de estar de volta em seu lugar favorito. Quando entraram no escuro interior, o macaco saltou,



encarapitando-se sobre o poste de uma das quadras para subir às vigas.

—Te comporte, Alf - advertiu Leif, e o macaco respondeu com um som agudo contente de voltar com o Jamie Suthers, um menino que assumira o controle de seu cuidado.

—Não tem feito mais que travessuras esta manhã - disse o esguio menino de cabelo escuro, com óbvio afeto.

—Vejo que se divertiu. Gosta de Jamie. - Leif estreitou a mão do jovem, feliz ao saber que Alf houvesse encontrado outro amigo, e retornou à casa.

Como sempre atravessou o vestibulo com o chão de mármore até a biblioteca de altos tetos que o professor tinha como escritório.

Depois dos meses que passara longos dias nessa confortável estadia com painéis de madeira e estantes carregadas de livros, sentia-se mais a gosto ali dentro que em qualquer outra habitação da elegante casa.

Leif pensou nas primeiras semanas depois de sua chegada. Heartland era um lugar digno de um rei. Construída de pedra avermelhada, com quatro andares e um telhado de piçarra negra, a casa se assentava sobre o topo de uma colina rodeada por vastos campos de grama verde. A erva estava ordenadamente cortada, e um riacho, cheio de peixes, flanqueava uma lateral do edifício.

O interior era de uma elegância assustadora, algo que ele, com seu limitado conhecimento do mundo, jamais imaginara; era inclusive mais impressionante que a casa do professor na cidade.

A cama em que Leif passava a noite era maior que a de Londres, o colchão não só era de plumas, mas também das mais suaves plumas de ganso.

O professor dissera que havia centenas de casas muito mais elegantes que Heartland, mas para Leif isso não era importante, pois se apaixonara pelo lugar no momento em que o viu e não podia imaginar por que queria o mais rico dos homens aspirar a algo mais.

Sentou-se em uma cadeira de madeira esculpida que recordava a cadeira em que seu pai - a cadeira do chefe - dirigia do alto de um estrado. Esta cadeira era uma das seis que rodeavam a mesa de madeira que estava situada no centro da biblioteca. Uma pilha de livros - que o professor acreditava que a Leif poderiam interessar - repousava na mesa frente a ele. Tomando o primeiro da pilha, começou a ler.

Não tinha muito tempo, sabia. Muito em breve, Paxton Hart chegaria com uma nova lista de palavras e significados, e começariam de novo suas lições. As horas se faziam longas e ele se cansava, mas ia a bom ritmo, dizia o professor, e Leif acreditava que o resultado valeria a pena.

Lembrou-se das primeiras semanas no campo. O professor começara seus estudos com o que ele chamava uma "picarro", um pesado tabuleiro para escrever dividido em três partes. Assim que Leif aprendeu o alfabeto e pôde escrevê-lo perfeitamente segundo os altos padrões do professor, começou a escrever palavras. Era um aluno rápido e estudava com esforço, e o professor parecia contente.

Leif aprendeu a ler com uma cartilha para meninos, logo leu livros para jovens adultos. Agora lia de tudo, aprendendo cada vez mais palavras e a maneira correta de dizer.

Depois de quatro meses de estudo intensivo, sentia orgulhoso de seus progressos, sabia que



progredira mais do que o professor esperava.

Nesse momento, o homem apareceu na porta da biblioteca, alto e frágil, com seu cabelo castanho começando a encanecer. Leif franziu o cenho ao dar-se conta de que a cara do professor estava tensa, e que o jornal que levava na mão tremia ligeiramente.

Leif ficou de pé.

—O que é isso, professor? - Agora só falavam inglês, ocorria desde fazia um mês. Leif se dava conta de que cada vez pronunciava as palavras com maior fluidez.

—Ocorreu algo. Temos um problema na gazeta. Devo retornar à cidade.

—Que classe de problema? - Agora sabia o que eram os periódicos e as revistas, sabia que o professor e sua filha possuíam o que chamavam gazeta, um jornal semanal para mulheres.

Estava desejoso de ver a máquina que realizava tão complicada tarefa.

—Krista recebeu mais mensagens ameaçadoras. Recebera alguns antes que fôssemos, mas não pareciam mais que uma brincadeira de mau gosto - explicou Paxton - Nunca cheguei a levar a sério.

—Às damas não gostam do que escreve em sua ga-ze-ta?

O professor negou com a cabeça.

—Não foram as damas. Krista esteve escrevendo artigos sobre a reforma social. Melhora nas infraestruturas da cidade, corte nos horários trabalhistas de meninos e mulheres, esse tipo de coisas.

Ao parecer, ganhou alguns inimigos, homens que não querem que as coisas mudem. Ontem alguém incendiou os escritórios.

Leif sentiu uma pontada de alarme.

—Está ferida sua filha?

—Não, Krista está bem, mas está preocupada. A polícia não tem pistas para encontrar o responsável e ela teme que alguém consiga fazer a ela danifico. Não quero pensar que alguém a faça mal.

Devo retornar imediatamente.

—Vou com você - disse Leif.

O professor dirigiu um olhar de soslaio.

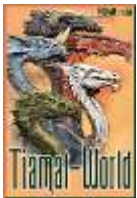
—Tinha esperado que tivéssemos um pouco mais de tempo. Ao menos umas semanas mais. Falta instruir você no comportamento social, coisas que precisa saber para dirigir com soltura na alta sociedade.

Pensei que seria melhor aprender essas coisas depois de que dominasse nosso idioma. É obvio, fez um trabalho excelente - sorriu - E se estiver na cidade, possivelmente minha filha esteja disposta a ensinar.

Dirige melhor que eu nesse tipo de coisas.

—Talvez... sim, certamente, isso será o melhor. Voltaremos e nos asseguraremos de que Krista esteja a salvo, e ela, em troca, ensinará-me o que preciso aprender.

O professor vacilou só um momento, logo assentiu.



—Sim... agora que o penso, é melhor que vá. Minha filha aprecia sua independência. Não querará que ninguém vele por ela, mas depois do incêndio, acredito que será necessário.

Com os dois cuidando-a, possivelmente possamos mantê-la a salvo.

—Sua filha estará a salvo, professor. O prometo.

Capítulo 9.

—Está segura de que é prudente ir, Krista? - Tia Abby seguiu a Krista para a porta principal claramente nervosa. Passaram três dias desde o incêndio, e cada dia perguntava o mesmo.

—Como já disse,penso que deveria ficar em casa, ao menos de momento. Dê à polícia um pouco de margem para investigar o incêndio e averiguar quem pode ser o culpado.

Krista se inclinou e beijou a empoeirada face de sua tia.

—A gazeta sai amanhã. É necessário que todo o pessoal contribua para que esteja pronta para a partilha, e como o escritório de impressão e distribuição resultou afetado pelo incêndio, teremos que mudar toda a equipe ao segundo piso, o que complicará as coisas.

Tomou seu chapéu de palha do alto do cabideiro, mas não a capa. Estavam em meados de agosto, fazia calor, o ar era quente e pesado.

Sua tia se apertou as pálidas e magras mãos.

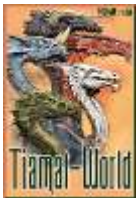
—Eu gostaria que seu pai estivesse aqui. Seguro que ele a proibiria abandonar a casa até que se esclarecesse toda esta confusão.

Krista não acreditava que seu pai fosse capaz, mas com todos os problemas em De coração a coração, agradecia que seguisse no campo. Seu pai ficaria profundamente preocupado e ela não queria isso.

—Prometi a você que tomaria cuidado e o tive. - Ainda não recebera resposta de seu pai e, como a polícia não progredia em suas pesquisas, contratara um investigador que o pai de Coralee, o visconde Selkirk sugerira. Seu nome era Randolph Petersen - Dolph, conforme constava em seu cartão - e, assim que aceitara o cargo, insistira em que empregasse a um vigilante noturno para proteger os escritórios de Coração a Coração quando não houvesse ninguém ali. O Senhor Petersen era eficiente e Krista acreditava que com o tempo descobriria a identidade do atacante e a polícia poderia prendê-lo. Até então, tinha uma revista que precisava continuar. Encaminhou-se para a porta e baixou os degraus do alpendre rapidamente para subir a sua carruagem, mas então viu outro veículo estacionado atrás da dela. Abriu a porta e Matthew Carlton desceu os degraus metálicos, com o cenho franzido.

—Ouvi o que aconteceu na gazeta - anunciou ele - Toda a cidade fala disso. Por que não me disse isso? Não sabia que me inteiraria cedo ou tarde? Todo mundo comenta sobre por que fui o último em sabê-lo.

Não acha que devia ser informado? Acaso pensou que não me preocuparia?



Krista brincou com uma dobra de sua saia cor pêssego.

—Sinto muito. Realmente não queria que ficasse preocupado.

—Tá, mas me preocupo e acredito que não deveria ir a De Coração a Coração até que a polícia não tenha detido a quem provocou o incêndio.

Krista suspirou. Essa era exatamente a razão pela que não havia dito nada a Matthew desde o começo.

Sabia que não gostaria que seguisse trabalhando, e como agora estavam comprometidos - extraoficialmente, é obvio - não queria levar a contra gosto.

—Temos que publicar a gazeta, Matthew. Tomamos muito trabalho. Como sou a editora, tenho que estar ali para ajudar.

Ele inclinou a cabeça e a olhou.

—Assim que nos casemos, terá que ocupar seu tempo em outras coisas, não nesse estúpido jornal.

Ela se enrijeceu.

—De Coração a Coração não tem nada de estúpido. Pensava que compreendia. Disse a você que a revista era importante para mim, e me disse que estávamos fazendo um trabalho admirável.

Disse que elogiava meu espírito independente.

Sua expressão carrancuda se suavizou.

—Sinto muito, carinho. É obvio que o entendo. É que estou preocupado. Não poderia suportá-lo se passasse algo contigo.

Parecia sincero. Deveria agradecer sua preocupação.

—Matthew, contratei um investigador. E a um guarda para vigiar o edifício de noite. Não recebi mais nota depois do incêndio. Não há nada com o que preocupar-se.

Ele suspirou.

—Espero que tenha razão. - Tomando sua mão ajudou a subir à carruagem - Falei ontem à noite com meu pai. Acredita que deveríamos pôr data para as bodas.

Krista negou com a cabeça.

—Não até que volte meu pai. É o que concordamos. Suponho que estará de volta em um par de semanas, um mês no máximo.

Matthew não discutiu, mas não pareceu contente. Inclusive com aquela expressão tão séria, era bonito; com os raios de sol arrancando brilhos de seu cabelo castanho claro e esses rasgos tão refinados.

Podia ter eleito a qualquer dos melhores partidos de Londres, mas escolhera a ela.

De novo, tentou não perguntar se o tamanho de seu dote seria o motivo do seu interesse.

Matthew fechou a portinhola enquanto Krista se acomodava no assento. Apareceu pelo guichê.

—Suponho que segue em pé o jantar do sábado a noite na casa de lorde Wimby.

—É obvio - disse ele - Às oito recolherei, a sua tia e a ti.

—De acordo, até lá. - A carruagem entrou em marcha e Krista se reclinou contra o assento.



Por que Matthew sempre a crispava dessa maneira? Não sabia por que, mas nunca era capaz de relaxar em sua companhia.

Com o tempo, isso certamente mudaria.

A manhã passou sem incidentes. Ao final do dia, estava ainda pensando em Matthew, preocupada com o que realmente sentia por ele quando abandonou o escritório e se dirigiu a casa na carruagem.

O crepúsculo tingia a cidade de um suave resplendor púrpura.

O dia fora longo. A gazeta ficara pronta para sua distribuição na manhã seguinte. Estava muito cansada e preocupada com a revista e os possíveis problemas.

Com a cabeça em outro lugar, subiu as escadas dianteiras do alpendre.

Giles abriu a pesada porta principal, como sempre, e se inclina para ela. Krista ficou paralisada ante a imagem do gigante loiro que descia furioso pela escada da casa.

—Por fim chegaste. - Leif Draugr a olhava do terceiro degrau, dirigindo-se a ela em um inglês quase perfeito - Seu pai e eu íamos sair para te buscar.

Krista não disse nada. Esquecera o devastador efeito que esse homem tinha nela, o incrivelmente bonito que era, tão alto, forte e masculino.

—Justo acabamos de chegar - acrescentou, com um ligeiro acento escandinavo que suavizava as palavras, dando de algum jeito um tom sedutor - Seu pai esteve muito preocupado por ti desde que recebeu sua carta.

Dizendo mentalmente que não podia olhá-lo fixamente e ignorando a cálida sensação na boca de seu estômago, umedeceu-se os lábios com nervosismo.

O olhar perspicaz de Leif se deslocou até sua boca e em seus incríveis olhos ressurgiu a abrasadora chama azul que ela tão bem recordava.

—Pensei frequentemente em ti, Krista Hart.

Ela tragou e finalmente encontrou um fio de voz para dizer:

—Há... aprendeste muito desde que foi.

Ele sorriu.

—Trabalhei muito, mas ainda fica muito que aprender. Seu pai diz que poderá me ensinar.

As palavras a deixaram sem fôlego.

—Te ensinar? Não sei como posso...

—Aqui está! - O professor apareceu antes que ela tivesse tempo de terminar - Querida... passou tanto tempo.

Krista correu para ele, e sentiu como os magros braços de seu pai se fechavam a seu redor.

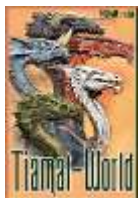
—Senti sua falta, pai. Não foi o mesmo sem você aqui.

—Não sabe quanto me alegro de verte. - Abraçou-a com mais força e devolveu o abraço.

Com um frufrú de saias de seda, tia Abby se uniu ao pequeno grupo da entrada.

—Acreditei ouvir vozes. - Sorriu a Krista - Me alegro de que tenha voltado sã e salva para casa, carinho. Tinha começado a me preocupar. Logo chegaram seu pai e o senhor Draugr.

Estavam a ponto de sair para o Piccadilly para ir te buscar.



—Então, já a apresentaram ao senhor Draugr?

Nunca vira em sua tia um sorriso tão radiante.

—Sim. Contou-me algo dele, mas esqueceu mencionar que era muito bonito.

Isso era algo que Krista tentara esquecer.

Olhou a Leif, que sorria amplamente ante a adulação. Estava claro que seu ego aumentara junto com sua educação.

—Sua tia é uma mulher muito bela - disse ele - É fácil ver o p... par...

—O parecido - terminou o professor.

—É fácil ver o parecido entre as duas.

Krista não pôde reprimir um sorriso. Assim que esse homem podia ser encantador. Nunca o teria imaginado.

—Não te esperava em casa até dentro de várias semanas - disse a seu pai.

—Sim, bom, depois de receber sua carta, nos preocupamos muito.

Leif preocupado por ela? O mais seguro é que seu pai estivesse sendo educado.

—Bom, já está em casa de novo, e não posso dizer que o sinta.

Os olhos de Leif se obscureceram.

—Assim que você também sentiu minha falta.

As faces de Krista se voltaram de uma cor rosada. Não pensara nele absolutamente. Ou, ao menos, tentara com todas suas forças que não fosse assim.

—Referia a meu pai.

Mas era óbvio que Leif não a acreditara. Esse homem não trocara. Seguia sendo um provocador.

—Teve um dia muito comprido - disse seu pai - Suponho que deve estar cansada. Por que não sobe e te asseia um pouco? No jantar poderemos nos pôr em dia de todo o ocorrido nestes últimos meses.

Estava cansada e além disso necessitava um momento a sós para tranquilizar-se.

—Sim, acredito que essa é uma boa ideia. Realmente, o dia foi longo. - Agradecida pela pausa, voltou-se para as escadas - Se me desculparem...

Quando passou junto ao console do vestibulo de entrada, vislumbrou seu próprio reflexo no espelho dourado, seus cachos loiros se estavam desfazendo e um pouco de tinta tingia a face.

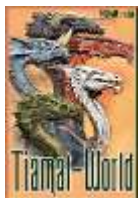
Estava um desastre, mas Leif não pareceu notá-lo. Não pôde evitar pensar em Matthew.

Podia compreender quão importante era a gazeta para ela, mas sabia que se ele a tivesse visto tão desarrumada essa noite teria desaprovado seu aspecto imediatamente.

Deixando aos homens, levantou as saias e se dispôs a subir a escada. Krista podia sentir os olhos de Leif em suas costas.

Perguntou-se se seu pai haveria dito que estava comprometida, e se ele compreendera que isso queria dizer que agora estava fora de seu alcance.

Quando terminou de subir a escada, olhou por cima do corrimão de ferro forjado onde ele estava parado. Seu olhar ardente deixava às claras seus pensamentos.



Desejava-a, isso não mudara.

Ignorou a sensação de sufoco no peito. Certamente, assim que ele entendesse...

Se bem que, apesar de toda sua educação recém-adquirida, esse homem era ainda um bárbaro. Possivelmente, inclusive embora compreendesse o que significava um compromisso, não deixaria de desejá-la.

Pensar nisso produziu um nó na boca do estômago.

Capítulo 10.

Para o jantar dessa noite, Krista usou o mesmo vestido de seda azul marinho que levara a noite que Matthew se declarou. Não estava muito segura da razão.

Talvez precisava recordar a si mesma que logo anunciariam o compromisso.

Encontrou seu pai e Leif no escritório, inclinados sobre uma pilha de livros. Trocaram de roupa igual a ela; Leif levava agora uma casaca negra, um colete prateado e calças cinza.

Recordou ter escolhido esses tons de tecido aquele dia no Stephen Ward, mas nunca pensou no bem que sentariam em Leif.

Seu pai se levantou quando ela entrou na sala. Leif seguiu com o olhar e imitou o movimento, ficando de pé a seu lado.

—Está preciosa, querida - disse o professor.

O olhar de Leif a percorreu de cima abaixo, detendo-se finalmente em seu seio, modestamente exposto segundo a moda que se usava para os vestidos de noite. Um lento sorriso se estendeu pelos lábios de Leif.

—Inclusive Freya estaria enciumada de sua beleza - disse ele.

Krista se ruborizou. Freya era a deusa viking do sexo, mais bela que qualquer outra deusa. Era apaixonada e completamente insaciável. Krista não acreditava que a comparação fosse certa, embora Leif, certamente, sim.

—Obrigado. - Na cadeira que havia atrás dele, ela viu o bonito, Alfinn, e não pôde evitar um sorriso - Já vejo que trouxeste contigo o seu amigo.

—Teria se aborrecido no campo - disse Leif, soando surpreendentemente mundano.

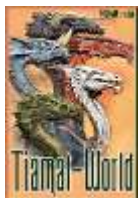
Krista dirigiu a Leif um olhar de soslaio.

—Sim, estou segura disso. A vida na cidade, inclusive para um macaco, é muito mais excitante.

Leif fez um gesto com a boca, mas não acrescentou nenhum outro comentário. O macaco era seu amigo. Onde ia ele, ia Alf. Era de simples assim.

Ainda estavam no escritório quando apareceu tia Abby, vestida com um traje de noite de brocado dourado e adornado com nós de tafetá verde escuro no sutiã e areia na saia.

—Boa noite a todos.



—Boa noite, Abigail - disse seu pai. - Já conhece senhor Draugr, mas não acredito que a tenham apresentado ainda ao Alfinn.

Tia Abby arqueou suas pálidas sobrancelhas ante a imagem do pequeno macaco.

—OH, Senhor. Que bonito é! De onde o trouxeste ? - Leif esticou a mandíbula levemente. Krista se deu conta de que falar desses dias em que esteve prisioneiro não gostava de nada.

—Alf é amigo do senhor Draugr - disse seu pai com diplomacia.

O macaco inclinou a cabeça, dirigindo a tia Abby um desses largos e cativantes olhares, sorriu.

—Bom, não parece um encanto? - inclinou e acariciou a cabecinha peluda com uma de suas mãos enluvadas, e Alf gostoso se apoiou na palma de sua mão.

—Encanto ou não - disse o professor - já é a hora do jantar. Jamie estará procurando Alf. Leif, possivelmente deveria levá-lo de novo aos estábulos.

—Jamie? - perguntou Krista.

—Alf fez um novo amigo em Heartland - disse Leif.

—O menino dos Suthers - esclareceu o professor. - O recorda? Trabalhava nos estábulos de Heartland. O macaco e ele se tornaram inseparáveis. Pensei que poderia ser útil aqui e de passagem encarregar-se do Alf.

O macaco saltou da cadeira à mesa do escritório e logo se dirigiu para onde Krista permanecia de pé. Estendeu uma mão diminuta para ela, sujeitando o dedo e olhando a de uma maneira que fazia que seus olhos parecessem maiores e escuros.

—Acredito que Alf tem dom de gente - disse ela.

—Gosta de você - disse Leif. - O salvou esse dia e o recorda.

Ela olhou ao alto viking. Havia algo em seus olhos que dizia: "Também me salvou, e também o recordo."

Krista se voltou com o coração pulsando com força, e sorriu em direção a seu pai.

—Estou completamente faminta. E vocês?

—Fa-min-ta? - disse Leif a suas costas - O que significa essa palavra?

—Quer dizer esfomeada - disse o professor.

—Fa-min-ta. - Leif a repetiu várias vezes enquanto Alfinn subia pelo braço e ambos se dirigiam para os estábulos. Com cada repetição, sua pronúncia melhorava.

Era um homem assombroso, pensou Krista, tal como seu pai havia dito, e tão formoso como o pecado.

Olhou para baixo, ao vestido de noite de seda azul marinho que tinha posto, e com firmeza conjurou a imagem de Matthew Carlton em sua mente.

Para celebrar a volta dos homens a casa, a cozinheira preparara uma enorme quantidade de comida a base de costelas assadas, alabote (peixe) assado em molho de ostras e empanadas de carne de veado.

Leif consumiu uma boa parte, inclusive comeu as batatas e a cenoura, algo que Krista acreditava que deixaria a um lado.



Pareceu gostar especialmente do pescado, e perguntou se em seu lar uma parte da dieta provinha do oceano.

Leif trouxe um bocadinho de alabote e assentiu.

—No Draugr, nos alimentamos principalmente das ovelhas, o gado e as cabras que criamos, embora também há cervos na ilha, que são os que nos proporcionam peles e carne. Comemos pescado e outros animais procedentes do mar que chamam focas. De vez em quando, um animal que vós conhecem com o nome de morsa chega a terra. Aproveitamos tanto sua carne como suas presas.

Krista notou que as maneiras de Leif melhoraram ao observá-lo esperar como um dos criados voltava a servir uma porção de carne.

Mas ainda parecia pensar que o lugar de um homem estava sempre por diante de uma mulher. E não utilizava todos os talheres para comer, só a faca e a colher.

Krista olhou um momento a tia Abby, que o observava com fascinação. Se notava sua falta de sofisticação na mesa, não parecia lhe importar.

Abby sorriu em direção a Leif.

—Tem você um bom apetite, senhor Draugr.

Leif assentiu com a cabeça. Durante um instante, cravou o olhar na Krista.

—Sempre fui um homem de fortes apetites.

O olhar de tia Abby seguiu o seu e aumentou os olhos. Um leve rubor tingiu suas faces.

—Sim, já... posso supor.

O professor clareou a voz.

—O que o senhor Draugr quer dizer é que um homem de seu tamanho deve comer com muito apetite para manter-se forte.

"Certo", pensou Krista. Parecia tão forte como um carvalho, inclusive com a casaca negra sob medida e as calças cinza. A contra gosto tinha que reconhecer que se via muito elegante.

Decidida a represar a conversação por outros roteiros, tomou um pequeno sorvo de vinho, logo deixou a taça sobre a toalha.

—Disse para nós que na ilha não há madeira. Sem navios, imagino que pescar seria algo difícil.

—Temos botes, pequenos botes feitos com canos. Mas não são o suficientemente estáveis e fortes para navegar grandes distâncias.

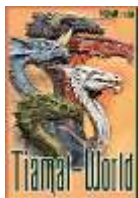
Em outros tempos, havia bosques na ilha e construímos navios, mas ao passar os anos, acabou-se a madeira e os navios envelheceram e se apodreceram.

—Também disse que um navio estrangeiro encalhou contra as rochas. Como puderam utilizá-lo para chegar até aqui?

—O navio se rompeu em pedaços, mas a maior parte das madeiras estavam em bom estado. Alguns dos homens, ingleses, sobreviveram e desejavam retornar a suas casas.

—Ignorou o vinho e bebeu de uma das cervejas que seu pai proporcionara.

—Possuíamos desenhos dos navios que nossos antepassados guerreiros tinham na



antiguidade, e construímos um desse tipo. Alguns de nós levávamos anos rezando aos deuses para que nos dessem a oportunidade de ver o mundo além de nossa ilha. Finalmente nossas preces foram ouvidas.

—Tem família ali, senhor Draugr? - perguntou tia Abby.

—Sim. Meu pai, minha irmã, Runa, e meus irmãos, Olav, Thorolf e Eiriz. Meu pai não queria que eu viesse. Sou o maior e meu dever é ocupar seu lugar quando morra.

É uma responsabilidade que não posso ignorar, e a razão pela que devo retornar à ilha.

Esticou a mandíbula com férrea determinação. Era óbvio que Leif Draugr era um homem que não brincava com suas responsabilidades.

Falaram um pouco mais sobre a ilha, sobre os meses que passara em Heartland e o quanto aprendera.

—Realmente você é um jovem assombroso, senhor Draugr - disse tia Abby - Não posso nem imaginar quão difícil deve ser assimilar uma cultura totalmente diferente à sua em tão pouco tempo.

—Assimilar?

—Absorver - disse Krista, e ele assentiu com a cabeça.

Seu pai sorriu.

—Leif trabalhou muito enquanto estávamos fora. Não podem imaginar a quantidade de livros que leu, e continua ampliando seus conhecimentos todos os dias. Agora, entretanto, chegou o momento de que aprenda a mover-se em sociedade. Nesse tema, espero que possam ajudá-lo vocês duas. - Uma luz se acendeu na mente de Krista. Assim era isso o que tinha em mente seu pai.

Os olhos de tia Abby brilharam ante a ideia.

—Isso parece divertido. Estou segura de que o senhor Draugr será um aluno muito aplicado.

—Não sei se eu seria de muita ajuda - replicou Krista, procurando uma desculpa - Apenas me desembrulho em sociedade. E estou muito ocupada com a gazeta.

—Tem livre as tardes e os fins de semana - disse seu pai - Acredito que ajudar alguém a desembrulhar-se em um país estrangeiro não é pedir muito.

A Krista doeu a consciência. Seu pai e sua tia tinham razão. Leif trabalhara duro. Merecia que ajudasse a melhorar. Só esperava estar preparada para a tarefa.

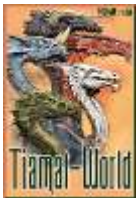
Esboçou um sorriso forçado.

—Têm razão. Eu adorarei ajudar a tia Abby a ensinar o senhor Draugr o que precise aprender.

—OH, eu não poderei ajudar você - disse Abby - Chegou a hora de que retorne a minha casa no campo. Tenho obrigações ali, já sabe, embora lamentarei muito perder isto.

—Mas há dito...

—Hei dito que seria entretido, e o será. Imagina o divertido que será ensinar ao senhor Draugr a dançar valsa. Tem que aprender como fazer uma reverência corretamente e como escoltar a uma dama.



É obvio, terá que levá-lo a ópera e ao teatro, e possivelmente deveria aprender a montar a cavalo. Qualquer cavalheiro deve ser um bom cavaleiro, e você pode o ajudar, Krista. É uma boa amazona.

—Leif monta muito bem - disse o professor - Me demonstrou isso em Heartland.

—No Draugr temos cavalos - esclareceu Leif - Meus ancestrais os levaram a ilha.

—Krista também é uma amazona excelente - disse o professor com orgulho - E estou seguro de que será uma boa professora de protocolo social.

Krista gemeu interiormente. Pensou na lista de coisas que sua tia mencionara e em todas as demais que Leif teria que aprender. Ao menos não seria necessário que ensinasse a montar.

—Estarei encantada de ajudar em tudo o que possa.

—Estupendo! - Seu pai sorriu satisfeito. - Então está decidido. Ah... só uma coisa mais.

Ela o olhou com cautela.

—O que?

—Leif expressou o desejo de pagar de alguma forma. - Houve um olhar de cumplicidade entre ambos os homens. - Não quer ser uma carga.

Pedi trabalho e eu, como dono de Coração a Coração, contratei-o para trabalhar na gazeta.

—Você o que?

—Não há nenhuma razão pela que não deva fazê-lo. Sem dúvida alguma poderá utilizar a um homem grande e robusto como Leif para que te ajude no escritório.

Krista conteve seu temperamento. Não era tola. Depois do incêndio seu pai estava preocupado. Queria impor a ela um guardião, alguém que atuasse como seu protetor.

Embora fosse ela a que dirigia diariamente a gazeta, oficialmente o dono era seu pai. O normal era que deixasse as decisões sobre o semanário, já que era a editora, mas tinha direito a contratar a quem quisesse.

—Temos pessoal de sobra, pai. Não sei o que pode...

—Estou seguro de que pensará algo.

Krista rilhou os dentes. Leif queria trabalhar. Pois bem, teria uma ocupação.

Tomou um sorvo de vinho, olhando ao enorme loiro por cima da taça. Encarregaria-se de que Leif Draugr se arrependesse de ter escutado o nome de Coração a Coração.

Na sexta-feira chegou o calor, o ar era espesso, úmido e quente, só uma débil brisa movia as folhas depois das janelas. Quando Krista deixou seu dormitório e fechou a porta, viu Leif esperando-a ao pé das escadas.

—Bom dia - disse ele.

—Bom dia. Presumo que ainda quer ir trabalhar com... - Suas palavras se desvaneceram quando notou a pesada espada que agarrava firmemente na mão.

A arma, com sua capa de couro, era a mesma que recuperara o dia que abandonou o circo. - O que pensa fazer com isso?

—Você tem um problema. - Desembainhou parte da espada, e ela serve para resolver problemas.



Ela negou com a cabeça.

—Aqui as pessoas não usam espadas há séculos, Leif. Agora os homens usam armas de fogo: pistolas e mosquetes.

Ele devolveu a espada à capa, provocando um som metálico.

—Seu pai me ensinou essas coisas. Usamos para caçar em Heartland.

—Bom, então, dará-te conta do ridículo que é andar por aí com algo tão passado de moda, tão...

—Levarei a espada. - Caminhou para a porta e se deteve um momento para olhar por cima do ombro. - Vem?

—Eu... - Deu um passo, logo se deteve. - Ainda não. Dado que meu pai e você me deram a tarefa de te ensinar maneiras e etiqueta, podemos começar agora mesmo.

Na Inglaterra, é costume que um cavalheiro ceda a passagem a uma dama. Isso quer dizer que de agora em diante vou diante de ti, Leif, não atrás.

Ele franziu o cenho.

—Os homens andam atrás das mulheres? Por quê? Os homens são fortes, e devem proteger às mulheres. Deveriam estar em uma situação vantajosa em caso de perigo.

—Quase impossível encontrar perigo ao entrar na sala de estar, não há necessidade de que o homem vá diante. É um sinal de respeito deixar passar às damas primeiro.

O cenho de Leif se fez mais profundo.

—Tem em casa algum livro sobre isto da eti - queta?

—Sim, e é uma ótima ideia. Pode estudá-lo enquanto te ensino. Darei o livro quando retornarmos esta noite para casa.

Saíram da casa; Krista atrás de Leif, que levava a ridícula espada.

Parecia ser o tipo de homem que se sentiria perfeitamente a gosto na idade Média, como um guerreiro escocês com sua espada de punho de osso, uma arma impressionante sem importar quão envelhecida parecesse.

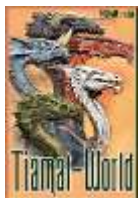
Quando chegaram à carruagem, deu a ele outra breve lição, explicando como um cavalheiro devia ajudar a uma dama a subir à carruagem. Krista ignorou a calidez da mão de Leif sobre sua cintura enquanto a guiava para subir as escadinhas metálicas e se acomodava no assento, colocando a saia do vestido azul claro ao redor das pernas. Leif subiu atrás dela, ocupando o assento em frente.

Até vestido com aquelas custosas roupas sob medida, parecia fora de lugar na carruagem.

Quando o veículo entrou em marcha, rodando pelas ruas abarrotadas para o Piccadilly, ela notou que o olhar de Leif se desviava frequentemente pela janela, e compreendeu que se mantinha alerta se por acaso surgia algum problema.

—Há enfrentamentos em sua ilha? - perguntou ela, sentindo de repente uma grande curiosidade por saber para que poderia necessitar ele uma espada.

—Há vários clãs no Draugr. Um deles cobiça nossa terra, que é menos rochosa e mais fértil que a deles. Assaltam nossas casas, raptam a nossas mulheres e roubam o gado. Defendemo-nos



quando é necessário.

É obvio que precisava haver disputas. Não eram homens?

—Meu pai diz que sua gente é completamente autossuficiente. Se não comercializarem, como conseguem o ferro para as armas?

—Há suficientes depósitos de ferro nas montanhas para cobrir nossas necessidades, chega a nós para fazer espadas, pontas de lança, tochas, panelas e ferramentas agrícolas de lavoura.

Krista não disse nada, mas não pôde evitar notar a facilidade com que levava a espada, como se a arma fosse parte dele. Apostaria o que fosse que sabia usá-la perfeitamente. Krista tremeu.

Na superfície, Leif parecia civilizado, mas, debaixo de suas roupas de cavalheiro, era um guerreiro viking. Isso não mudara.

A carruagem abriu passagem pelo Piccadilly, dobrou em uma das ruas laterais e os deixou diante do edifício de tijolo onde estavam os escritórios de Coração a Coração.

Krista guiou Leif pelo interior diretamente a seu escritório.

Assinalou a espada.

—Pode deixar isso aqui dentro, por favor. - Abriu uma porta que havia à direita, um pequeno armazém onde se guardavam os fornecimentos de escritório.

—Prefiro levá-la comigo.

—Pode deixá-la aqui dentro ou pode deixá-la acima. O que não pode é passear com ela pelo escritório. Dará um susto de morte a todos os empregados.

—De morte?

—Quero dizer que os desgostará. Agora deixa a espada.

Ele resmungou algo que ela não pôde ouvir, mas viu como apoiava a espada com a capa contra a parede interior e fechava a porta.

—Agora mostrarei o escritório e te apresentarei ao pessoal, logo pode se pôr a trabalhar. - No dia anterior, haviam impresso a gazeta e prepararam os pacotes para o envio.

Hoje precisavam carregar esses pacotes nas carruagens que levariam a revista a todos os pontos de distribuição da cidade.

Era o trabalho perfeito para o Leif, além de outras tarefas que tinha em mente para ele.

—Eu gostaria de ver como se imprime a revista - disse ele enquanto abandonavam o pequeno escritório e o conduzia à pesada prensa Stanhope.

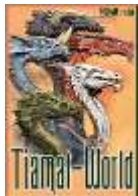
—É um invento do conde de Stanhope - disse ela - É a primeira prensa que foi construída totalmente em ferro.

—Como funciona?

Mostrou a ele a caixa com as tipografias metálicas que utilizavam para imprimir cada edição da gazeta, logo voltaram para a pesada prensa.

—A máquina utiliza um sistema de pesos e alavancas para aumentar a pressão com a que a prancha cai sobre o papel. Este é um modelo melhorado com respeito aos primeiros que se comercializaram.

Podemos imprimir até duzentas páginas por hora.



Leif estudava a prensa, examinando cada uma de suas partes desde todos os ângulos, enquanto Coralee veio até eles.

—Corrie, este é Leif Draugr. Acho que o recorda.

Leif virou-se para ela e Corrie abriu a boca, estupefata. Ficou ali, com o olhar fixo em sua cara. Logo foi baixando o olhar, aos largos ombros, a seu estômago plano e a longitude de suas pernas.

—Não pode ser... é impossível...

—Leif, esta é a senhorita Coralee Whitmore. É a diretora editorial da seção de mulheres da gazeta.

—O que é uma "diretora editorial"?

—É a pessoa que fiscaliza uma das seções do jornal, que artigos se escrevem e esse tipo de coisas.

—Encantado de conhecê-la, senhorita Whitmore.

Corrie seguia ali, estirando o pescoço para olhá-lo.

—Não... não posso acreditar nisso.

—É difícil, admito-o. Mas não impossível, asseguro a você isso.

—Céu Santo.

—Exatamente.

Corrie lançou a Krista um olhar acusador que dizia: "Não me disse nunca quão muito bonito era!"

Krista a ignorou.

—O senhor Draugr trabalhará conosco durante um tempo, Coralee. Assim que o apresente ao resto do pessoal, porei-o a trabalhar com o Freddie para que o ajude com os pacotes.

O olhar de sua amiga voltou a repassar o imponente físico de Leif.

—Sim... suponho que o senhor Draugr será muito bom nisso.

Krista passou por seu lado, continuou mostrando a Leif o escritório e apresentando o pessoal como um amigo de seu pai recém-chegado da Noruega.

Bessie Briggs, que se encarregava do layout, ficou olhando como se os olhos fossem sair das órbitas.

Gerald Bonner, o impressor, parecia pequeno e efeminado a seu lado, e Freddie Wilkes, o jovem aprendiz de Gerald, que tinha quatorze anos e o cabelo cor areia, olhou-o com temor.

—Encantado de conhecer, chefe - disse o jovem.

Leif franziu o cenho.

—Che-fe? O que significa isso que me chama?

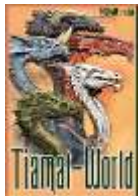
Um espiono de medo alagou os olhos do jovem.

—Não quer dizer nada mau. Palavra.

—É uma maneira de falar - esclareceu Krista - É um dialeto local. Uma espécie de saudação.

Leif assentiu.

—Pois também tenho prazer em conhecê-lo, "chefe".



Krista pôs os olhos em branco, pensando no trabalho que tinha por diante. Converter a um viking em um cavaleiro parecia uma missão impossível.

Quando se dirigiram à parte traseira do edifício, Leif se deteve.

—Há muitos destroços - disse ante os rastros de fuligem e água que tinham ficado depois da devastação do fogo.

Todos os móveis estavam negros e queimados, e havia montões de exemplares empapados e chamuscados pelo chão - Quando terminar de carregar a gazeta, virei aqui a limpar.

Krista aumentou os olhos. Esse era o horrível trabalho que ela desejara dar, um castigo por intrometer-se em seu mundo. Que se oferecesse voluntário para tão desagradável tarefa a fez sentir ruim e miserável.

Confirmava coisas sobre seu caráter que só começara a suspeitar.

—É muito amável te oferecer, Leif, mas...

—Alguém tem que fazê-lo e eu sei como.

—Obrigado - disse ela brandamente.

Ele estendeu a mão e tocou a face.

—Não se preocupe, Krista Hart. Acredita que não necessita de um homem, mas te provarei o contrário.

Abriu a boca para dizer que estava equivocado, que não necessitava de um homem absolutamente. Pelo menos não para tudo, mas o certo era que havia coisas que não podia fazer por si mesma.

Ter família era uma delas, por isso logo se casaria.

Uma imagem de Matthew Carlton cruzou por sua mente. Precisava assegurar-se de que Leif compreendera, mas deu a volta antes que ela pudesse pronunciar as palavras, e ele e Freddie começaram a carregar os pesados pacotes da gazeta.

Tirando a jaqueta e o colete, Leif os lançou sobre o respaldo de uma cadeira, soltou o nó da gravata e a tirou. Abriu o botão do pescoço da camisa e começou a carregar os pacotes às carruagens de partilha.

Krista foi trabalhar em seu escritório, mas não passou muito tempo antes que ele aparecesse na porta.

—Já o carregamos tudo. Começarei a trabalhar na parte de trás.

Carregaram dois carros em um tempo recorde, embora Freddie e ele tiveram que carregar os pacotes da parte dianteira do edifício até a traseira.

Durante as horas seguintes, pôde ouvir como Leif carregava os escombros do que foram os escritórios da parte traseira.

—O senhor Draugr parece ser um homem muito trabalhador - disse Corrie quando Krista saiu de seu escritório para informar do progresso de Leif.

—Isso parece...

Depois abriu a porta traseira e viu que Leif tirara a custosa camisa sob medida e a estava usando para limpar o suor e a fuligem da cara e o peito.



—Agora falta pouco - disse ele - Fiz uma pausa para tomar um pouco de água.

Os olhos de Krista se deslizaram por seu poderoso peito coberto de suor.

—OH, Meu deus - disse Corrie, cravando o olhar no mesmo ponto.

Leif tinha a cara manchada de fuligem. Seus braços brilhavam de suor, ressaltando seus musculosos bíceps, e Krista podia ver o umbigo, exposto pelo cós da calça que caía sobre os quadris.

Tragou ar.

—Leif, não pode... não pode te despir em público. É algo que simplesmente não se faz em nosso mundo.

—Aqui dentro fazia calor e só tirei a camisa.

—Sim, dou-me conta de que faz um trabalho muito duro, mas... mas...

Leif sorriu amplamente.

—Ainda é uma donzela. Chegará o dia em que não se envergonhará diante da visão do peito nu de um homem. - Estendeu o enrugado objeto manchado de fuligem, sacudiu-a e a pôs pela cabeça. - Sinto ter te ofendido.

—Não... não me ofendeu. - Levantou o queixo. - É que tenho que ensinar a você maneiras, e isso é o que estou tratando de fazer.

Leif deslizou o olhar com o passar do corpo de Krista.

—Há umas quantas coisas que eu desejaria ensinar a ti, Krista Hart. E se os deuses estão de acordo, possivelmente... seja assim algum dia.

Krista ficou sem fôlego. Ele queria ensinar coisas, e ela sabia muito bem que classe de coisas eram. E em que pese a tudo, durante um amalucado momento, quis aprender mais que nada no mundo.

Mas em algum momento, nas próximas semanas, seu compromisso sairia à luz. Ia se casar com Matthew Carlton. Era o homem adequado para ela. Precisava dizer a Leif, precisava fazer ele entender.

Precisava o convencer de que a deixasse em paz.

Precisava convencer a si mesma de que isso era o que queria.

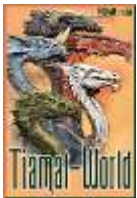
Krista trabalhou em seu escritório o resto da tarde e, quando retornaram a casa, foi direto a seu dormitório.

Mais tarde, quando essa noite se reuniu com o Leif e seu pai para o jantar, o viking estava outra vez limpo e corretamente vestido.

Mas nunca esqueceria essa imagem dele, em meio do escritório, semidesnudo e coberto de suor. Acelerou o pulso ao recordá-lo.

O dia seguinte era sábado. E trabalharia com ele todo o dia, ensinando maneiras e etiqueta. Deus Santo, como sobreviveria a isso?

Capítulo 11.



A manhã de sábado Leif foi em busca de Krista. Fazia horas que estava acordado, repassando os livros de boas maneiras que tinha entregue a noite anterior depois do jantar.

Começara por Livro de etiqueta para cavalheiros, embora ainda não sabia como se pronunciava a palavra "etiqueta".

Suspirou enquanto percorria o corredor. O livro fora pesado e aborrecido, absolutamente distinto dos fascinantes livros que o professor dera sobre temas relacionados com os céus, que estavam repletos - como aprendera - de planetas e estrelas. Tinha lido sobre grandes navios movidos por vapor e feitorias mecanizadas onde se teciam os tecidos com que se costuravam as roupas.

Um dia esperava poder ver todas essas coisas incríveis.

Baixou o olhar ao livro que levava na mão, um livro cheio de regras absurdas. Sobre como fazer uma reverência correta em uma apresentação ou como escoltar a uma dama em um jantar.

Havia uma seção onde explicava a maneira correta de comportar-se em uma carruagem, e outra sobre como relacionar-se com as pessoas segundo a classe social: com os inferiores, os iguais ou os superiores.

Ora, tudo isso era ridículo. Um homem devia ser julgado por seu valor na luta, se era honorável ou não, se era sábio ou estúpido. Essas coisas sim que tinham importância.

Ao menos importavam para ele.

Mas cada vez que pensava no tempo que estava perdendo ao aprender costumes sem sentido que regiam nesse lugar chamado de Inglaterra, recordava os horríveis meses que passara em cativeiro, vivendo em uma jaula como um animal. Nunca esqueceria a terrível humilhação, as crueldades que sofrera, a maneira que o fizeram sentir, como se fosse menos que um homem.

Se queria sobreviver nesse lugar, precisava saber, precisava aprender os costumes dessa gente. Precisava encontrar uma maneira de ganhar dinheiro se queria voltar para casa algum dia.

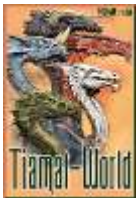
Pensar nisso fez que sentisse uma dor no peito. Seu pai e ele se separaram cheios de cólera; Ragnaar não entendera as razões de Leif para partir. Ele estava decidido a ver o que havia além dos limites da ilha.

Era a vontade dos deuses - ou isso acreditava Leif - que tivesse deixado sua casa e chegado a esse lugar.

E que lugar resultara ser! Mais fascinante que qualquer outro que pudesse ter imaginado, mais inovador, mais intrigante. Não poderia imaginar - nem se vivesse cem anos - todo o conhecimento desse lugar.

Ficaria ali se pudesse, mas deveria voltar. Precisava retornar a sua terra natal, precisava cumprir a promessa que fizera a seu pai. Precisava assumir os deveres para os que nascera.

Mas Leif acreditava que os deuses guiaram ali por alguma razão e, durante todos os meses que esteve em Heartland, e os dias que levava de volta em Londres, descobrira qual era esse propósito.



Pensar nisso o fez sorrir. Retornar à vida que levava antes não era tão mau, disse, pois quando retornasse a casa levaria consigo a sua prometida.

Nesse estranho lugar chamado Londres, conhecera à mulher que os deuses destinaram para ele como consorte.

Leif nunca conhecera alguém como ela, como essa mulher, Krista Hart. Orgulhosa. Inteligente. Independente. Uma mulher que ganhava a vida a sua maneira nesse difícil mundo controlado pelos homens, uma mulher que era respeitada pelas pessoas que trabalhavam para ela, que era tão preparada como um homem e possivelmente mais decidida.

Alta e loira, era tão formosa como uma deusa, tão bem proporcionada como a Deusa Freya.

Recriou sua imagem na mente e seu corpo se esticou com um urgente desejo. Havia-se posto duro em um instante, tão entristecedora era a necessidade que tinha dela. Durante a estadia em Heartland, pensara em Krista frequentemente, despertou-se de noite com seu grosso membro dolorosamente erguido e palpitante.

No estábulo de Heartland, tomara a uma das leiteiras que se ofereceu a ele, e depois de tantos meses sem uma mulher, o ato fora um alívio. Mas enquanto estava enterrado entre as pálidas coxas da criada, pensara em Krista Hart e a desejara com desejo. Quando chegou ao clímax, seguiu sentindo-se insatisfeito. Soube então que nenhuma mulher poderia saciar o desejo que sentia por ela.

Era a escolhida pelos deuses para ele, e Leif não pensava deixar essa terra sem ela.

Imaginou sua noite de núpcias e como plantaria sua semente no mais profundo do corpo de Krista, imaginou os filhos fortes que ela daria e seu membro ficou dolorosamente rígido.

A nuca umedeceu com suor e os músculos de seu ventre se esticaram. Nunca havia sentido essa luxúria implacável por uma mulher.

Sabia que era virgem e que não entendia as sensações que ele despertava nela; Leif estava seguro de que Krista sentia o mesmo desejo premente que ele. Ensinaria, jurou.

Despertaria suas paixões e faria arder o sangue até que ela não pudesse pensar em nenhum outro homem que não fosse ele.

Burlou-se da atenção que emprestava a esse pretendente que tinha, Matthew Carlton. Esse homem era uma débil criatura, não era o suficientemente forte para uma mulher como Krista.

E com o tempo, Leif faria que se desse conta disso.

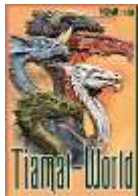
Bom, ainda não era o momento, não podia aproximar-se dela como queria. Leif respeitava enormemente ao professor e acreditava que o homem desenvolvera certo respeito por ele.

Com o tempo, Paxton se daria conta de que Leif era o homem adequado para sua filha.

Enquanto isso, precisava aprender, precisava encontrar a maneira de ganhar o dinheiro que necessitava para pagar o dote de uma noiva e comprar um navio que o levaria a casa junto com sua futura esposa.

Enquanto descia ao vestíbulo para procurá-la, Leif olhou o livro de boas maneiras que levava na mão. Aprenderia qualquer coisa que necessitasse, faria tudo o que fosse preciso.

Estudaria esse livro, e escutaria os ensinamentos da mulher que tencionava reclamar como esposa.



Leif sorriu de novo. Além disso, começava a acreditar que poderia gozar enormemente dessa parte.

Tia Abby se foi na manhã de sábado ao campo. Krista estava segura de que sua tia tinha um pretendente, alguém da pequena aristocracia local, embora ela nunca mencionara.

Essa mesma manhã, Krista recebera uma mensagem de Matthew Carlton para comunicar que acontecera algo importante e que não poderia acompanhá-la ao jantar de ornamento que lorde Wimby daria essa noite.

Matthew esperava que o pudesse perdoar.

Deus Santo, Krista esquecera por completo do acontecimento. E, ele esperava que ela o perdoasse? Tudo o que sentia era alívio.

Mas chegara o sábado e Krista prometera a seu pai que ensinaria boas maneiras a Leif Draugr. E não importava quão difícil a tarefa pudesse resultar, era o que tencionava fazer.

E com esse fim, colocou um singelo vestido de gaze amarelo com rosas bordadas na volta da ampla saia franzida e abandonou a segurança de seu dormitório. A manhã passava com rapidez e não devia adiar mais a tarefa.

Ao chegar às escadas, viu Leif percorrendo o vestibulo em sua direção, dirigindo essas longas pernas com um único propósito. Levava um exemplar de Livro de etiqueta para cavalheiros na mão, um dos volumes que o dera a noite anterior na biblioteca, entre os quais se incluíam também exemplares de Guia para o correto adorno dos cavalheiros e do pretendente inadequado, que tratava das complexas relações entre damas e cavalheiros, cortejo e matrimônio, um livro que poderia resultar extremamente útil. Leif se deteve diante dela.

—Temia que tivesse esquecido.

"Oxalá tivesse podido."

—Não me esqueci. Simplesmente... dei a você um pouco de tempo para que desse uma olhada nos livros.

—Eu li este. - O mostrou, e ela notou que escolhera bem para começar. Perguntou-se até quando ele teria ficado acordado na noite anterior concentrado na leitura dessas páginas.

—Há muito que aprender - disse ele - Não entendo por que necessitam tantas regras.

—Não tenho a resposta para isso, mas sei que estas regras se dispuseram faz centenas de anos.

Leif baixou a vista ao livro encadernado em pele e logo a olhou.

—Por onde começamos?

Krista tentou não ficar presa nas profundidades cristalinas de seus olhos azuis.

—Estive pensando nisso, me siga. - Girando, foi para a sala de jantar, com as fortes pisadas de Leif ressonando no chão de mármore atrás dela. Entrou na sala; sobre a mesa já estava disposta a porcelana a China e o faqueiro de prata para o jantar - Até onde tem lido o livro?

—Quão último tenho lido é a seção de visitas sociais. - Levantou o livro e assinalou com o dedo o que tinha "As visitas marcado" pela manhã são antes do almoço, a partir desse momento se chamam visitas da tarde e deve ser entre as três e as seis. - Olhou-a e sorriu amplamente,



mostrando uma diminuta covinha na face - Uma informação muito interessante.

Krista pôs os olhos em branco.

—Asseguro a você que é, mas por agora, já que tem poucos conhecidos em Londres a quem visitar, vamos a algo um pouco mais prático. - deteve-se ao lado de uma das doze cadeiras de respaldo alto.

—Imagine que estamos aqui para jantar. Depois de acompanhar à dama a mesa, afaste sua cadeira e a ajuda ela a sentar. Vamos tentar?

Ele ofereceu o braço como ela o ensinara anteriormente, e percorreram os últimos metros que faltavam para a mesa. Leif separou uma das cadeiras e Krista se sentou, colocando a saia ao redor das pernas.

—Agora sente-se ao meu lado. Tenha em conta que seu lugar na mesa dependerá de sua posição social. Em um jantar formal, haveria um cartão com seu nome no lugar que correspondesse a você.

Leif assentiu com a cabeça e sentou corretamente.

—Bem, agora vamos aprender a boas maneiras na mesa.

Um leve rubor apareceu nas faces de Leif.

—Vais me ensinar a utilizar isso que chamam "garfo". - Estava envergonhado. Ela nunca o vira assim e se sentia fascinada.

—As pessoas neste país comem com garfos. Já comeu como um viking por muito tempo.

—Sou viking - disse ele.

—Sim, mas isso não vem ao caso. Agora está aqui. Usar garfo é a maneira correta de comer.

—Tentei. Mas sou incapaz de dominar com perfeição essa merda de costure.

Os olhos de Krista aumentaram.

—Q-o que há dito?

—Que não posso dominar essa merda de costure.

—Ouvi-te a primeira vez.

—Então por que pergun...

—Porque um cavalheiro não fala assim. Ao menos não diante de uma dama. Quem te ensinou essa palavra?

—A ouvi de uma das leiteiras.

—A uma leiteira?

O rubor de Leif se acentuou, e de repente Krista suspeitou por que.

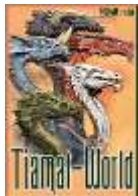
—Estava falando com uma vaca. Eu gostei de como soava essa palavra.

—E também você gostou da leiteira? - perguntou Krista com suavidade, embora sentia uma estranha sensação de desgosto.

Leif a olhou diretamente.

—Encarregou-se de minhas necessidades, isso é tudo. Desejava a você, mesmo que estivesse entre as pernas da leiteira.

Krista abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu dela. Umedeceu seus lábios, que



repentinamente estavam tão secos como o algodão.

—Leif, não deve... não deve... Um homem não diz essas coisas a uma dama.

—Por que não, se forem certas?

—É que... simplesmente não é correto fazê-lo.

—Em que parte do livro diz isso?

"meu deus!"

—Duvido muito que o mencione. Terá que confiar em mim neste assunto.

Ele sorriu, um sorriso radiante nessa cara de aparência tão agradável que a fez conter o fôlego.

—Confio em ti, Krista Hart - disse ele meigamente, com os olhos cravados nos dela. - Espero que com o tempo você também aprenda a confiar em mim.

Algo se revolveu no estômago de Krista. Era estranho, mas de algum jeito já confiava nele. Era muito sincero para seu gosto, mas se sentia mais segura com ele que com qualquer outro homem.

Leif não faria mal a ela. Pensou na espada que levava sempre que a acompanhava ao escritório. Ele a protegeria a qualquer preço, possivelmente inclusive com sua vida.

Seus pensamentos voltaram para a leiteira, e sua mente conjurou uma imagem deles dois juntos, de Leif fazendo o amor apaixonadamente.

Os ciúmes se mesclaram com uma imagem erótica que provocou que o pulso de Krista disparasse. "Deus Santo!" De todos os homens de Londres, por que precisava sentir-se atraída por esse?

—Bom, retornemos ao que nos tínhamos entre as mãos - disse ela de repente, tomando rapidamente as rédeas de uma situação que parecia estar saindo de suas mãos. - Te ensinarei a maneira correta de usar um garfo.

—Tomando o maior dos garfos de prata que Leif tinha a sua esquerda, o colocou na mão. - Usa a mão direita para escrever?

Ele assentiu com a cabeça.

—Mas posso dirigir a espada com as duas.

—Por que será que não me surpreende? - Ele franziu o cenho, parecia não entender nada. - Veja. - Levantando da cadeira, ela ficou detrás dele, inclinou sobre seu ombro e segurou sua mão.

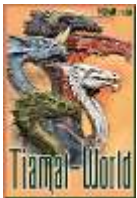
Era grande, forte, masculina e quente ao tato. Ignorou o pequeno estremecimento que a percorreu dos pés a cabeça. Separando os dedos, colocou o garfo na posição correta, logo fechou seus dedos sobre os dele.

Leif olhou para suas mãos unidas e girando sobre a cadeira colocou a Krista sobre seu colo.

—Leif!

—Faz que me esquente o sangue, Krista Hart. - Ela tentou levantar, mas ele a manteve ali, com o traseiro aninhado contra suas duras coxas - Pode sentir o que me faz?

"Santo Céu!" Inclusive através das capas de roupa, saia e as anáguas, podia sentir a grossa e dura longitude dele. Esse homem era enorme! A cara de Krista ficou sem cor.



—M solte neste agora mesmo, Leif Draugr!

Ele a soltou e ela ficou de pé, com todo o corpo tremendo.

—Tem que deixar de fazer estas coisas, Leif. Não pode se comportar assim. É algo que não se faz!

Ele franziu o cenho.

—De verdade não quer saber quanto te desejo? Qualquer mulher deveria sentir-se adu... adu...

—Adulada?

—Qualquer mulher deveria sentir-se adulada por provocar o desejo de um homem. É uma mulher muito bela. Muitos homens devem desejar você, mas não dizem isso. E eu digo isso para que saiba quão bela é.

Krista tomou ar tremendo e se afastou da mesa, dando as costas a ele. Estava quase sem fôlego, tinha as Palmas das mãos ligeiramente úmidas, mas se sentia estranhamente poderosa ante suas palavras.

Possivelmente Leif estava certo. Possivelmente uma mulher precisava saber que era desejada pelos homens.

Bom, não podia deixar que soubesse como a afetou suas palavras. Tranquilizou-se e lentamente se voltou para enfrentar ele.

—Realmente quer aprender ou só quer passar um bom momento as minhas custas?

A pergunta fez ele refletir.

—Devo aprender todas essas coisas que estiver de acordo em me ensinar.

—Então não haverá mais conversações deste tipo. Se Comportara como o cavalheiro que tem que ser. Compreende ?

Ele assentiu brevemente.

—Como deseja.

—Agora... segure o garfo como o ensinei.

Ele fez o que ela disse.

—Pegue o garfo e simule que crava um pedaço de carne... e outra coisa. Dado que é tão "malditamente" bom com essa infernal faca, usa-o para cortar a comida em pedaços pequenos.

Uma vez que o tenha feito, pode usar o garfo para pegar cada um deles.

Ele parecia estar tentando conter um sorriso.

—Não só desejo você, Krista Hart, eu gosto. Farei o que desejar, *honning*.

—O que me acaba de chamar?

—*Honning*. Quer dizer...

—Sei muito bem o que quer dizer, e eu não gosto que me chame assim! - *Honning* queria dizer mel, mas em escandinavo se utilizava como sinônimo de carinho, esse idioma tinha poucos termos que expressassem esse tipo de afeto. Pensou que Leif aprendera a tradução e a mudara um pouco para adequá-la a seu propósito.

—Guarde isso para sua leiteira!



Então ele sorriu.

—Está ciumenta. Eu gosto disso em uma mulher.

—Uma palavra mais, e vou e não volto.

Leif deu as costas e olhou ao prato. Não disse nada mais - graças a Deus - até que acabaram a lição.

Quando deixaram a mesa, as maneiras de Leif eram impecáveis. Mas, é obvio, ainda não utilizara o garfo em uma refeição de verdade.

—Vamos a sala de estar - propôs Krista - Lá podemos praticar as reverências. Veremos como você faz e se tem algo que melhorar.

Recordando que as mulheres ficam na frente, seguiu para a sala de estar, onde começou a instruí-lo sobre as saudações e as reverências corretas. Ao final da manhã, as fazia com mais graça que seu pai, que tinha quarenta anos de prática, e quando Krista apoiou a mão sobre a manga de sua jaqueta, simulando que a conduzia a um salão de baile, teve que recordar a si mesma quem era exatamente ele.

Depois de uma breve parada para almoçar - com Leif utilizando o garfo corretamente - retornaram a sala para uma lição sobre a hora do chá.

—Normalmente é um costume feminino, mas em qualquer momento pode surgir que tenha que assistir e deve saber o que fazer.

—Ensine-me - ordenou.

Depois de um pouco de prática, e com apenas um contratempo em que a taça de chá - felizmente vazia - aterrissou de bruços sobre o tapete persa,

Leif dirigia a delicada taça de porcelana com a habilidade de um professor.

E sua memória era algo assombroso. Não importava quantas regras desse ela, podia as repetir quase palavra por palavra. Nunca conhecera a um homem mais decidido a aprender.

Krista não conseguia imaginar o que o impulsionava. Depois, recordando os meses que passara preso em uma jaula, pensou que possivelmente sabia sim.

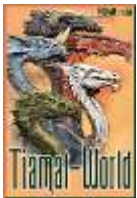
No meio da tarde, estava claro que, se Leif continuava trabalhando assim duro, poderia dominar com facilidade as tarefas que estava ensinando e muito em breve estaria perfeito para se integrar na sociedade.

Cada vez estava mais seguro de si mesmo, o que o fazia mais atraente, e a atmosfera entre eles começou a mudar.

Krista tentou ignorar a tensão crescente. Mas Leif era um homem de aparência agradável e viril, e quando posou a mão sobre sua cintura para ajudá-la a subir um lance de escadas, ou quando a tirou do braço para acompanhá-la ao sofá, sua proximidade começou a cobrar os custos.

Fez uma reverência perfeita, cravando os olhos em sua cara, e o coração de Krista começou a palpitar. Quando ele simulou que ela era uma condessa, chamando-a "minha condessa" com essa voz profunda e sedutora, um leve tremor percorreu suas costas. Quando segurou a mão, levando aos lábios, a Krista pareceu que o coração deixava de pulsar.

—Onde... onde aprendeu isso?



—Vi um desenho em um dos livros.

—Ah, bem... mas só deve fazê-lo em circunstâncias especiais. Possivelmente seria melhor que o esqueça.

Um débil sorriso curvou os lábios de Leif.

—Gostou. Sei pelo rubor de suas faces.

Sua cara se ruborizou ainda mais.

—Eu não gostei. Só me surpreendeu, isso é tudo.

Ele se aproximou ainda mais enquanto a olhava aos olhos.

—Quanto te surpreenderia, Krista Hart, se te beijar?

—Leif, não deve...

Mas já era muito tarde. Sua boca cobriu a dela, o beijo foi tão quente e audaz como a vez anterior; derreteu as vísceras e fez que seu coração batesse loucamente. Durante um momento, devolveu o beijo, deixou-se levar pelo prazer, as incríveis sensações eróticas fizeram pulsar nela essa profunda parte feminina que agora começara a conhecer.

Poderia ter seguido o beijando se Leif não tivesse gemido.

Abriu os olhos de repente. Plantou as mãos no peito e o afastou firmemente com um empurrão.

—Isso... é outra coisa que um cavalheiro não deve fazer.

Leif passou um dedo pela face.

—Me comportarei como um cavalheiro com fim de conseguir meu propósito, mas não sou um cavalheiro de verdade. Sou um homem e te desejo. E sei que você me deseja.

Tratou de alcançá-la outra vez, mas ela escapou de seu abraço.

—Está equivocado, Leif! Não te desejo. Tomou por surpresa, isso é tudo. Além disso, nem sequer deveria falar disto. Estou prometida a outro homem. - Já estava.

Finalmente o havia dito, tal e como deveria ter feito desde o princípio.

Leif franziu o cenho.

—Seu pai fixou o preço da noiva? Por que não me disse isso?

—Não fixou o preço. Aqui não se paga pelas noivas. Enquanto meu pai e você estavam em Heartland, passei muito tempo na companhia de Matthew Carlton. Pediu que me casasse com ele e aceitei.

—E seu pai esteve de acordo?

—Sim. Deveria ter dito a você. Não sei por que não o fez.

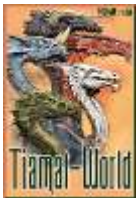
Leif deu as costas, aproximou-se da janela e olhou ao jardim.

—Possivelmente... possivelmente pensou que não me importaria - voltou para olhá-la, com uma expressão intensa. - Deste já sua palavra? Prometeu casar com esse homem?

Pensou em mentir, dizer que era questão de honra que ela se casasse com Matthew Carlton. Leif era desses homens que compreendia a honra. Aceitaria os fatos e a deixaria em paz.

Mas não podia obrigar-se a pronunciar as palavras.

—Não... não exatamente. O compromisso é o tempo que os noivos se dão para se



conhecerem o um para o outro. Em um par de semanas faremos o anúncio formal e uns meses depois nos casaremos.

Retornou a seu lado movendo-se silenciosamente sobre o tapete.

—Mas só casará com ele se os dois estiverem de acordo.

—Sim, mas deve saber, Leif, que Matthew e eu nos damos bastante bem. Temos os mesmos objetivos, os mesmos amigos, os mesmos interesses. Essas são coisas importantes em um matrimônio.

Leif estendeu a mão e roçou sua face.

—Está equivocada, Krista. Isto é o que é importante em um casal. - Durante um instante cravou os olhos nos dela, que não pôde afastar o olhar dele. Logo a segurou entre seus braços e a beijou com sabedoria.

Krista disse a si mesma que precisava se opor a ele, que precisava terminar com essa tolice. Tentou liberar-se, mas ele não o permitia, seguiu abraçando-a e beijando-a, brincando com seus lábios e mordiscando sua boca até que seus lábios se suavizaram sob os dele e rodeou os ombros com os braços. Persuadiu-a para que separasse os lábios, logo deslizou a língua dentro, e o prazer a invadiu.

Uma quente sensação invadiu suas vísceras e se estendeu por suas extremidades.

Deus Santo, era meio da tarde e estava beijando um homem que não era seu prometido, beijando e beijando, e parecia não poder parar.

Leif finalizou o beijo muito antes que ela estivesse preparada, deixando-a enjoada e desorientada, quase capaz de sustentar-se em pé.

—Verá, Krista, com um marido se deve compartilhar muito mais coisas que os mesmos interesses. Demonstrarei isso a você.

Sacudindo bruscamente a cabeça, separou-se dele.

—Não pode, Leif. Somos de mundos diferentes. Nunca poderia funcionar entre nós... sabe tão bem como eu. Isto não pode... não pode ocorrer de novo.

Leif a ignorou como se ela não tivesse falado.

—Amanhã me ensinará isso que chamam dançar.

Krista tragou saliva. "Dançar?" Mas isso era quase tão sedutor como beijar!

—Não posso... possivelmente possa encontrar a alguém que o ensine.

Leif se aproximou, agarrou a mão, a girou e pressionou a palma contra sua boca.

—Não tenha medo, Krista Hart. Não vou te fazer nenhum mal. Prometo isso solenemente. - Endureceu a mandíbula. - Nenhum homem se atreverá jamais a te machucar.

Krista levantou o olhar para ele.

Tentou por todos os meios conjurar o rosto de Matthew Carlton, mas a imagem se negou a aparecer.

Capítulo 12.



Era domingo. Leif surpreendeu Krista acompanhando o seu pai à igreja. Até esse momento, passara pouco tempo fora de casa, dedicando a maior parte do tempo a dominar o idioma e os costumes ingleses.

Uma vez dentro, sentou em um banco da igreja, examinando os vitrais e os magníficos arcos de pedra, escutando as palavras do vigário, aprendendo, estava segura. Parecia ter uma infinita sede de conhecimento.

Depois do ofício, seu pai o apresentou ao vigário, que pareceu feliz de que tivesse assistido a missa.

—Por favor, retorne outra vez, jovem. Nós gostaríamos que se unisse a nossa comunidade.

A Krista custou muito imaginar ao grande viking loiro como membro da comunidade do vigário Jensen, mas com Leif nunca se sabia o que podia acontecer.

Quando saíram, ele se deteve o pé da escadaria de pedra e contemplou o campanário.

—Em minha terra natal, muito antes que meus antepassados se mudassem a Draugr, havia sacerdotes vivendo entre nós. Pregavam sobre o Deus cristão e os convenceram de liberar a seus escravos.

—Olhou-a, e ela percebeu um brilho escuro em seus olhos azuis. - Me alegre que fosse assim. Sei muito bem o que é viver como escravo.

Krista tocou o braço com suavidade.

—Lamento o que ocorreu a você, Leif.

Ele se encolheu de ombros.

—Foi a vontade dos deuses.

—Do meu ou dos teus?

—Não acredito que tenha importância.

Possivelmente não tinha. Possivelmente, a final de contas, fazer o correto era tudo o que importava.

—Leif diz que hoje o ensinará a dançar - disse seu pai, obviamente muito agradado de que retornassem à carruagem e se acomodassem dentro.

—Em realidade acredito que as lições terão que esperar. Como tia Abby se foi, não há ninguém que possa tocar o piano. Poderia tocar eu, mas então não poderia dançar com ele. Temo que teremos que pospor as lições.

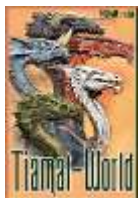
—"Graças a Deus." Nada de dançar com Leif. Nada de sentir seus braços ao redor. Nada de olhares desses olhos perturbadores.

Seu pai só sorriu.

—Já pensara nisso. Falei com o senhor Pendergast, seu velho professor de piano. Disse que possivelmente poderíamos necessitar sua perícia. Virá às duas da tarde para tocar nas lições.

Krista gemeu interiormente. Esteve segura de ter encontrado a desculpa perfeita.

Leif se inclinou para ela.



—Não se preocupe, *honning*. Tentarei não pisar nesses bonitos pés.

Ela ignorou o pequeno calafrio de prazer que sentiu ao escutar o termo carinhoso.

—Disse-te que não me chamasse assim. - Leif só sorriu.

Ela olhou rapidamente a seu pai para ver se o escutara, mas tinha a cabeça reclinada contra o fofo respaldo, com os olhos fechados pelo calor da tarde.

—Pensava que não sabia dançar - disse ao Leif em voz baixa.

—Li seus livros sobre isso. Neles explicam que dançar são duas pessoas que se movem juntas ao ritmo da música.

—Sim, bom, como logo observará, isso é simplificar muito as coisas.

A carruagem se deteve diante da casa, despertando a seu pai.

Uma vez dentro, Leif se desculpou e se dirigiu ao escritório, entrou em silêncio em sua habitação favorita e fechou a porta sem fazer ruído.

Faltava pouco para que chegasse o senhor Pendergast, e Krista entrou no salão, tirou o chapéu de palha e as luvas de algodão brancas, logo viu que Leif estava parado na porta observando-a.

—Tentei aprender de cor os passos do livro - disse ele, - mas os desenhos são difíceis de entender. Se me mostrasse isso você, possivelmente seria mais fácil.

Krista se dirigiu para ele como uma mulher que fosse à força. No baile, os casais se tocavam. Tocar a Leif era como tocar o fogo. Nesse momento desejou que as danças não tivessem entrado de moda.

Mas agora estavam na moda os bailes de casais, a valsa era o mais popular de todos.

—Suponho que se tiver estado aprendendo os passos, podemos começar já. A contradança é o mais difícil e não se deve dançar em público até que se domine à perfeição.

Atualmente, o que mais gostam é a valsa, e é bastante fácil, embora requeira uma grande destreza.

—Ah.. Isso significa mover-se sem estupidez, não?

—Sim. - Examinou-o, perguntando-se como um homem de seu tamanho poderia mover-se elegantemente na pista de baile. Entretanto, ele parecia ter uma graça inata cada vez que se movia, não importava o que fizesse.

—Praticaremos um pouco os passos de baile. Assim, quando chegar o senhor Pendergast, poderá ver como se dança ao ritmo da música.

Leif se adiantou até ela e fez uma correta reverência.

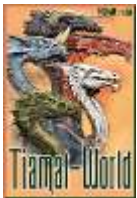
—Como soube...?

—Está no livro.

Desarmada por seu sorriso, ocupou seu lugar junto a ele.

—Agora, observe os meus pés. - Ele olhou os sapatos de pelica de Krista, que contou os tempos enquanto movia os pés ao ritmo de uma música que só estava em sua cabeça - Um, dois, três. Um, dois, três.

Um, dois, três. Isto é o ritmo. Ouvirá quando soar a música. Logo moverá, sobre si mesmo



indo de um lado para outro com seu par nos braços. Tente. Conte os tempos enquanto se move.

Ele se concentrou.

—Um, dois, três. Um, dois, três. Um, dois, três.

Krista suspirou.

—Necessita música. Nenhuma destas coisas têm sentido sem ela.

—Dirigiu-se para o piano, com intenção de tocar algumas notas; então, ouviu uma voz familiar da porta.

—Já vejo que ia começar. Cheguei bem a tempo.

—Senhor Pendergast! Me alegro de o ver. Por favor, entre.

O professor de piano se aproximou até eles. Era um homem miúdo e magro, elegante, com o cabelo prateado e traços pálidos e delicados. Krista o apresentou a Leif; o professor de música o olhou ligeiramente intrigado.

—O senhor Draugr é um amigo de meu pai que chegou do estrangeiro - esclareceu Krista. - Não está familiarizado com alguns de nossos costumes. - Isso era dizê-lo brandamente.

—Pois bem, um homem deve saber dançar, amigo - disse o professor de música. - E acredito que encontrou ao par perfeito.

Não é que ela destacasse por ser uma boa bailarina. Era simplesmente que tinha a altura adequada. Leif teria muito mais problemas se fosse o par de alguém como Corrie ou qualquer mulher mais baixa.

Leif sorriu a Krista.

—Acredito que tem toda a razão, senhor Pendergast. Estou seguro de que a senhorita Hart será o par perfeito.

A chamara "senhorita Hart", usara o tratamento correto. Quase não pode acreditar. Mas havia algo na maneira em que disse que a fez ficar cautelosa.

—Ocupem suas posições - ordenou o senhor Pendergast.

Krista ocupou seu lugar em frente de Leif. Como ele não fez nenhum gesto de tocá-la, ela se aproximou e pegou sua mão.

—O cavalheiro coloca a palma da mão na cintura da dama.

Ele posou a mão em seu vestido de seda azul claro, e ela sentiu o calor atravessando suas roupas.

—Assim?

—Sim...

Ele moveu a mão sobre sua cintura.

—O que é esta coisa rígida que leva debaixo da roupa?

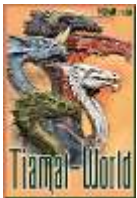
Krista se ruborizou.

—É um espartilho - sussurrou. - Não é algo do que se possa falar no salão.

—Para que é?

—Para fazer minha cintura menor. Agora se concentre no que estamos fazendo.

—A verdade é que estava intrigado... Perguntava-me por que sua cintura era menor que a



das mulheres de onde venho.

—Leif, por favor.

Ele se endireitou e colocou a mão da maneira que ela indicara.

—Agora o homem toma a mão da mulher na sua - disse ela. Leif apanhou a mão e entrelaçou seus dedos com os seus.

—Assim?

Krista negou com a cabeça.

—Não. Simplesmente sustente minha mão... mas bem assim. - Mostrou a maneira correta e ele imitou o movimento, envolvendo seus dedos com os seus. - Assim... assim está bem.

Estavam de pé, com as pontas dos pés quase tocando-se, a grande mão de Leif na cintura de Krista e a outra mão embalando brandamente a dela.

—Levanta um pouco seu braço - instruiu ela. - Assim, melhor.

O senhor Pendergast tocou graciosamente as teclas do piano, fazendo soar uma cascata de notas, logo começou a tocar um popular baile vienense.

Krista começou a marcar os passos, até que Leif também começou a captar o ritmo.

—Conta comigo.

Leif fez o que ela dizia.

—Um, dois, três. Um, dois, três. Um, dois, três.

—Agora tudo o que tem que fazer é mover os pés com os passos que mostrei, seguindo o ritmo.

—Primeiro devo tentar sozinho. - Sorriu a ela. - Não desejo pisar em você. - Fingindo que ela ainda estava entre seus braços, deslizou de um lado a outro do salão.

Levou menos tempo do que ela esperara pegar o compasso. Logo voltou junto a ela e tomou entre seus braços, começando a dançar.

Krista conteve o fôlego quando um desses grandes pés aterrissou sobre um de seus dedos, enviando um golpe de dor pela perna.

Leif se deteve imediatamente.

—Sinto muito. Não pretendia te machucar.

Ela esboçou um sorriso.

—Leva um pouco de prática. Por que não tentamos de novo?

Fez melhor esta vez, e depois de passar uma hora deslizando pela sala, tinha os movimentos medianamente dominados.

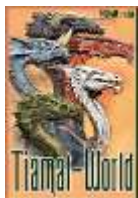
Leif estava Sorrindo, satisfeito de si mesmo, mais crédulo em cada volta que davam.

—Eu gosto disto de dançar. Acreditava que eu não gostaria.

—Sim, sabe, pode ser bastante divertido. - Pelo menos para algumas pessoas. Até esse dia, Krista sempre havia sentido grande e desajeitada em uma pista de baile. Mas não acontecia isso com Leif.

Agora que dominava os passos, fazia que sentisse como se flutuasse.

—Eu gosto de sustentar você em meus braços - disse Leif em um sussurro por debaixo do



som da música - Eu gosto da maneira em que encaixamos. Quando fizermos o amor, verá como é perfeito.

Krista se deteve. Tentou escapar de seu abraço, mas não a deixou ir.

—Estavam fazendo muito bem - disse o senhor Pendergast desde seu assento frente ao piano - por que se deteram?

Porque dançar com o Leif era enlouquecedor. A noite anterior, Krista sonhara com ele, imaginando seus tórridos beijos, sentindo como movia as mãos sobre seu corpo.

Sonhara que acariciava os seios como fizera aquela noite no celeiro, recordando como endureceram os mamilos e como inchara os seios. Inclusive agora queria que a tocasse, desejava o tocar.

—Sinto muito, senhor Pendergast, mas é que não me sinto muito bem. Temo que teremos que continuar as lições do senhor Draugr outro dia.

Pendergast ficou em pé.

—É obvio, milady. - Fechou a tampa do piano - Lamento que se encontre mau, querida. - Tomando a carteira de pele onde levava as partituras, despediu-se de Leif e abandonou o salão.

Krista se dirigiu à porta atrás dele, mas Leif a agarrou pelo braço.

—Eu sei o que te passa, honning. Compartilhamos a mesma enfermidade. Prometo a você isso, quando chegar o momento, farei que os dois nos sintamos bem de novo.

Krista ignorou o calor ardente desses olhos azuis e passou por seu lado de caminho à porta.

—Isto é uma tolice. Não recebi mais ameaças, não ocorreu nada mais. Não há necessidade de que venha comigo.

—Vou - disse Leif simplesmente. Krista pôs os olhos em branco.

—Homens!

Pensou em falar com seu pai, mas imaginou que não serviria de nada. Durante um tempo, depois de que sua mãe morrera, seu pai protestara e insistido em que não fosse a nenhum lugar sem dama de companhia.

Mas os tempos mudaram e, como sua mãe, Krista era uma mulher muito moderna.

Mas ultimamente as coisas voltaram a mudar. Desde o incêndio, o professor insistia em que fosse trabalhar acompanhada de Leif.

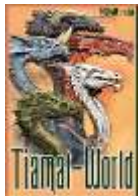
Seu pai não sabia que a maior ameaça de Krista era o muito bonito e enorme viking que estava decidido a colocá-la em sua cama.

Isso tampouco era certo. A maior ameaça era que ela queria estar nessa cama. Ou ao menos queria descobrir como seria que ele fizesse o amor.

Separou-se de sua mente tão atrevida ideia e apoiou a cabeça no fofo respaldo de veludo da carruagem.

Leif estava sentado em frente dela, com a pesada espada repousando sob o assento de maneira que fosse fácil pegar ela em caso de necessidade.

O repico das rodas do veículo a adormeceu. Fechou os olhos. A noite anterior não dormira bem. Por duas vezes despertou na metade de um sonho erótico com Leif, com o corpo empapado



de suor.

Só conhecia os fundamentos básicos da complexa arte de fazer o amor, o que lera em um livro que Coralee e ela encontraram no porão da Academia Briarhill.

Quando o leram, as duas ficaram consternadas ao pensar em unir a parte própria da anatomia masculina com a correspondente feminina.

Agora Krista sonhava como seria estar unida a Leif dessa maneira, como seria sentir seu peso em cima dela, pressionando-a contra o colchão, com esse torso musculoso roçando sensualmente contra seus seios, com sua boca cobrindo apaixonadamente a dela. A carruagem tomou um buraco e ela abriu os olhos de repente. Leif tinha o olhar fixo em seu rosto.

—É formosa quando dorme.

Nenhum homem falara da maneira em que ele falava. Nenhum homem havia dito que era formosa, nem sequer seu prometido.

Krista afastou o olhar. Não disse nada enquanto o veículo seguia rodando, e assim que chegaram aos escritórios, pôs Leif a trabalhar o mais afastado possível dela.

Ele nunca questionava sua autoridade, nunca se queixava, não importava a tarefa que o mandasse fazer.

No fim de semana continuaram com as lições de boas maneiras e, como sempre, Leif foi um aluno muito aplicado. Aprendia de cor tudo o que ela ensinava, aperfeiçoando suas habilidades com muito mais facilidade do que tivesse imaginado. Também era hábil com os trabalhos que encarregava no escritório, até que de algum jeito acabara sendo imprescindível.

Com apenas uns dias trabalhando ali, conseguira ganhar o respeito de outros empregados e encontrar um lugar entre eles.

—Leif é muito competente - disse Corrie. - Eu gosto, Krista.

Krista girou sentindo repentinamente uma opressão no peito.

—Também eu gosto, Corrie. Eu gosto muito.

Sua amiga a olhou com incerteza.

—Dou me conta de que é um homem incrivelmente bonito, mas o mais seguro é que...

—Sinto-me atraída por ele, Corrie. Não penso em outra coisa se ele estiver perto.

—OH, querida. - O olhar de Corrie se deslocou ao objeto de sua conversação, que estava na esquina carregando algumas caixas que eram muito grandes e pesadas para o Freddie. - E, o que acontece com Matthew Carlton?

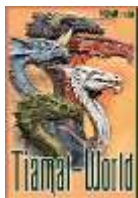
Krista sacudiu a cabeça.

—Vou me casar com ele. Não tenho alternativa. Minha família necessita um herdeiro e eu sou quão única pode proporcionar. Além disso quero ter uma família própria, e Matthew e eu nos entendemos bem.

—Possivelmente Leif e você...

—Ele voltará para sua terra, Corrie. Leif é o primogênito. Está destinado a ser o chefe de seu clã. Tem deveres que assumir com sua gente, quão mesmo eu tenho meus próprios deveres aqui.

—Não acredito que tenha intenções de partir. Olha você como se já pertencesse a ele.



Krista voltou o olhar para Leif, que tinha parado para olhá-la um momento, logo seguiu com o trabalho.

—Leif é muito protetor. Suponho que é sua natureza. E além disso, não esqueçamos que fui eu quem o liberou dessa jaula. Possivelmente sente que tem algum tipo de dívida comigo.

—Possivelmente... - disse Corrie, mas estava claro que pensava que os sentimentos de Leif não tinham nada que ver com o pagamento de uma dívida.

Krista disse a si mesma que seus sentimentos pelo Leif não tinham nenhuma importância. Além disso, ele se iria e ela ficaria. Era assim de simples.

Krista estava cansada quando chegou o final do dia. Pensar em Leif e na ridícula atração que sentia por ele a haviam posto irritável e de mau humor.

Quando ele tomou sua espada do armazém do escritório e caminhou diante dela para a porta, ela o aguilhoou, apesar de que não tencionava fazê-lo em realidade.

—Quantas vezes disse a você que um cavalheiro deve ceder o passo a uma dama? Não posso acreditar que já tenha esquecido.

Os olhos de Leif obscureceram.

—E eu disse que um homem precede a uma mulher sempre que houver perigo. E está em perigo, Krista. Embora prefira ignorá-lo.

Ele abriu a porta e baixou os degraus da entrada. Desapareceu por um momento, comprovando a zona para assegurar-se de que tudo estava sob controle, logo retornou.

Guiou-a para descer as escadas rapidamente, logo a levantou em seus braços como se não pesasse nada e a deixou cair sobre o assento da carruagem.

Leif subiu detrás dela e se deixou cair no assento de frente. Estava zangado e o certo era que não o culpava. Não era culpa dele que sua mente fosse tão estranha no que se referia a ele.

Era certo que Leif reconhecia a atração que ela sentia por ele, e como era um homem - nada menos que um viking - a desejava e ponto. Considerava seu desejo perfeitamente natural.

Quando estavam a meio caminho de casa, a escuridão já caíra sobre a cidade. Rodavam pela rua quando a carruagem fez uma volta imprevista.

Krista olhou pela janela para ver a que se devia essa mudança de direção tão brusca, mas Leif a empurrou para dentro.

—O que acontece? - perguntou ele.

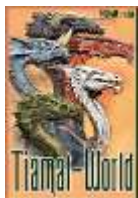
—Normalmente não vamos por este caminho.

Girando, ele apagou de um sopro o abajur no interior do veículo, inundando o lugar na escuridão. Krista ouviu o som do fio da espada ao deslizar-se de sua capa de pele e compreendeu que Leif havia desembainhado a espada.

—Seguro que não passa nada - moveu-se outra vez, decidida a olhar pelo guichê. Assim que ela soubesse que caminho tomaram...

Leif a empurrou de novo para trás.

—Vai me obedecer nisto, Krista. Não volte a aparecer na janela. - Havia um tom persistente em sua voz. Se não o conhecesse bem, teria chegado a ter medo dele. Inclusive assim, sentia como



o coração pulsava mais rápido.

—Estou segura de que não...

—Silêncio, milady! - Sua mandíbula parecia tão dura como o granito sob a tênue luz, e Krista apertou os lábios. Nunca falara assim e estava claro que a intenção de Leif era que ela prestasse atenção em suas palavras.

Os olhos de Leif escrutinaram a escuridão através do guichê, e ela viu como esticava os músculos dos ombros. Um tremor desceu pelas costas ante a temível visão que oferecia.

Esse homem não era um cavaleiro, não importava a imagem que desse. Era um autêntico viking e estava preparado para confrontar qualquer perigo.

O mais seguro é que houvesse uma singela explicação, pensou ela, logo sentiu a sacudida dos freios quando a carruagem se deteve.

la começar a chamar o chofer para perguntar por que se deteve, quando Leif a advertiu com um escuro olhar de que não o fizesse.

O coração acelerou ainda mais. Ao outro lado da rua, uma luz se filtrava através das sujas janelas de um botequim de má índole.

O som da risada estridente de uma mulher encheu o ar quente da noite, seguido pelas ásperas vozes de uns homens fora da carruagem.

Sentiu um nó no estômago. Aguçando a vista através das sombras escuras, viu como a mão de Leif se fechava em torno do punho da espada. Logo, a porta abriu de repente e apareceu o canhão de uma pistola.

—Fora. Os dois. Agora!

O olhar de Leif se encontrou com o dela. Uma fria fúria cintilava em seus olhos e o desejo de matar se refletia nas duras linhas de sua cara.

—Primeiro as damas - disse ele calmamente.

Com o pulso palpitando quase dolorosamente, Krista desceu as estreitas escadinhas metálicas. Um homem enorme e corpulento com uma espessa barba negra esperava no chão, brandindo por sua vez uma arma.

—Agora você, grandalhão! - gritou o primeiro homem à carruagem.

Leif se inclinou para diante, sua cabeça e seus ombros apareceram pela porta aberta do veículo. Desceu um degrau e logo repentinamente elevou o braço; a pesada espada cintilou sob a tênue luz do botequim, empunhando-a por volta do primeiro dos assaltantes ao saltar da carruagem. O homem deu um grito de dor e sua pistola voou na escuridão.

Krista respondeu com outro grito quando o sangue salpicou o vestido e obscureceu as pernas das calças cinza de Leif.

—Maldito bastardo! - gritou o homem. - Acaba de me cortar dois dedos!

Afastando a um lado a Krista para mantê-la afastada do perigo, Leif se dirigiu com rapidez pelo segundo homem, com a espada levantada para atirar outro golpe decisivo.

Tremendo, e sentindo-se apenas capaz de respirar, Krista observou aos dois adversários.

Leif golpeou a pistola do segundo homem com a espada com uma facilidade que a fez



tremar, e logo plantou a ponta da espada na base da garganta do maior dos dois homens.

O som de uns precipitados passos ressonou na noite quando o primeiro homem saiu correndo do beco e desapareceu na escuridão. Krista olhou para o assento do condutor, mas o chofer não estava por nenhum lugar.

Leif centrou a atenção no homem que tremia sob o fio de sua espada, fazendo retroceder pouco a pouco, até que as costas se chocou contra uma lateral da carruagem.

—Quem te contratou?

O enorme homem negou com a cabeça.

—Não... não sei, não sei seu nome.

Leif pressionou a ponta da folha sob o peludo queixo.

—Não sei seu nome! O juro, chefe! - Respirava com dificuldade, todo seu corpo tremia de medo. - Willie e eu recebemos o recado no botequim White Horse. Disseram-nos que passaria uma carruagem por este beco.

Devíamos deter o carro e entregar uma mensagem. Pagaram realmente bem por fazê-lo.

—Que mensagem? - perguntou Leif em tom ameaçador.

—Precisávamos dizer a essa mulher que o lamentaria se não deixasse de imprimir esses artigos em seu jornal.

—Que mais?

O homem fechou os olhos.

—Que mais? - Leif apertou a ponta da espada mais profundamente, até que apareceu uma gota de sangue.

O homem tragou.

—Disse-nos que... que deveríamos dar à mulher uma pequena lição.

—Segue.

—Disse que podíamos prová-la um pouco antes que deixássemos ela ir.

Leif emitiu um rouco grunhido. Apartou a espada e agarrou o homem pelo peitilho da camisa.

—Vou ensinar a você o que é uma lição. Deu um murro no estômago provocando que se dobrasse pela cintura, logo o golpeou na cara tantas vezes que Krista esteve segura de que o ia matar.

—Leif, pare! Deve te deter, por favor!

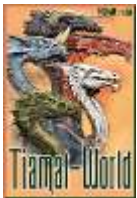
Arremeteu outro golpe sobre a cabeça do homem, fazendo que chocasse violentamente contra a parede do beco. Leif o levantou do chão e o golpeou outra vez.

—Leif, por favor! Não pode seguir batendo! Pare agora mesmo!

Ele baixou o braço outra vez, logo pareceu refrear-se um pouco quando as palavras de Krista penetraram em sua mente.

—Por favor, Leif. Tem que te deter.

Tremia o punho quando se apartou e soltou ao homem ensanguentado que caiu esparramado sobre o chão a seus pés.



—Entra na carruagem - disse ele.

Ela dirigiu um último olhar a seu redor, preocupada se por acaso voltava o outro homem, logo começou a subir as escadas.

—O que aconteceu com o chofer?

—Era um deles. Levarei-te a casa.

—Sabe guiar o carro?

—É obvio. Levarei-te a casa.

—Mas...

—Entra, milady! Faz o que digo!

Krista tragou saliva, e não discutiu. Este não era o mesmo homem com o que dançara no salão.

Ainda tremia quando se deixou cair sobre o assento de veludo; uns minutos depois a carruagem começou a se mover dando inclinações bruscas.

Ela pensou em Leif e naqueles homens dos que se desfizera com uma facilidade surpreendente. Se duvidara alguma vez das histórias que lera sobre os vikings, estava claro que já não o fazia.

Paxton Hart caminhava de um lado a outro no vestíbulo de entrada. Um dos moços chegara fazia uns minutos, preocupado porque a carruagem não tivesse chegado ainda de Coração a Coração.

—O senhor Skinner me enviou - havia dito o jovem. - Está doente, ao que parece o atacou uma enfermidade dos intestinos pouco depois de trazer sua filha para o escritório.

Um homem novo conduzia o carro, senhor. O senhor Skinner começou a estar preocupado, pensou que pudesse ter ocorrido algo.

—Sim, bem, eu também começo a estar preocupado. Possivelmente tenha se quebrado uma roda ou tiveram qualquer outro percalço.

—Sim, senhor. Preparo outra carruagem, senhor?

—Pode ser que seja o melhor. Logo que esteja preparado...

O ruído de uns passos na escada do alpendre interrompeu suas palavras. O mordomo se apressou a ir abrir a porta, e assim que abriu, Leif e Krista apareceram na soleira.

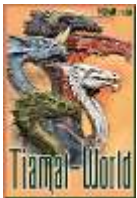
—Santo céu! - disse Giles.

—Por fim! - Paxton se adiantou. - Rápido. Ajudemo-los a entrar.

—Tanto a roupa de Leif como a de Krista estavam manchadas de sangue e as forquilha se soltaram do cabelo de sua filha, cujos cachos dourados caíam sobre os ombros. - O que ocorreu? Envio a chamar um médico?

—Não há necessidade - disse Krista. - Lamento muito ter preocupado você, pai, mas verá que tivemos um pequeno... um pequeno percalço.

—Atacaram a carruagem de sua filha - disse Leif. - Tem sorte de ter escapado ilesa. - Era a primeira vez que Paxton ouvia um tom tão duro na voz de Leif, e sua mandíbula parecia estar esculpida em ferro.



—Tinha razão ao enviar Leif comigo, pai - admitiu Krista. - Se não tivesse estado comigo... - olhou para baixo, ao sangue que salpicava a saia de seu vestido, e empalideceu - não sei o que poderia ter ocorrido.

Krista cambaleou ligeiramente e Leif a levantou em seus braços.

—Leva-a acima - disse Paxton. - Chamarei a sua donzela.

—Estou bem - disse Krista, mas apoiou a cabeça no poderoso peito de Leif e deslizou os braços ao redor de seu pescoço. - Estava equivocada - sussurrou brandamente. - O sinto.

—Não importa. Estava ali para te proteger. Isso é o que realmente importa. - Leif a beijou na fronte e Paxton sentiu um nó no peito.

Soubera desde a primeira vez que os viu juntos o risco que corria. Essa era a razão de que tivesse insistido em que Leif fora para Heartland.

Desde que retornaram a Londres, observara que a atração entre eles crescia. Temia que Krista se apaixonasse por esse norueguês loiro de aparência tão agradável, isso só podia conduzir ao desastre.

Apesar de que Paxton admirava e respeitava a esse homem, sabia que Leif retornaria a sua longínqua ilha no norte.

Estava totalmente resolvido a fazê-lo, e Paxton nunca conhecera a um homem com uma vontade mais forte.

A vida de Krista estava ali, em Londres. As pessoas que ela amava, seu negócio, essa empresa que tanto êxito estava tendo, seus apaixonados ideais, tudo isso era o que mais importância tinha para ela.

Eram as coisas que a faziam feliz. Apesar de quais fossem seus sentimentos por Leif, as coisas nunca poderiam ir bem entre eles.

Paxton estava tão preocupado por sua filha como pelo homem que convidara a sua casa, mas confiava em que Leif a protegeria como ninguém mais podia fazê-lo.

Enquanto observava como o enorme homem a levava nos braços pelas escadas, Paxton rogou para que Krista fosse o bastante sábia em manter a salvo seu coração.

Capítulo 13

Krista levantou cedo. Queria falar com Leif para agradecer pela maneira em que a protegera a noite anterior.

Encontrou-o na mesa do café da manhã, uma sala pequena e ensolarada da parte de trás da casa. Cravava cuidadosamente o garfo em um prato de ovos e presunto, comendo com deleite, embora com mais lentidão do que habitual. Encarapitado sobre o respaldo da cadeira do lado, o diminuto Alfinn a olhou com seus grandes e comovedores olhos castanhos. Leif lubrificou uma parte de pão no prato e o deu ao macaco.



—Vejo que tem companhia esta manhã.

Ao ouvir sua voz, Leif levantou o olhar para ela, que permanecia na soleira da porta, e sorriu.

—Levantou cedo. - Seguiu sentado um momento, logo recordou (ou isso supôs ela) que precisava se levantar quando uma dama entrava na sala e ficou de pé.

—Queria falar contigo - disse ela.

Quando se aproximou da mesa, Alfinn estendeu uma de suas diminutas mãos e ela se deteve um momento para dar mimos. Leif empurrou a cadeira para trás, rodeou a mesa e a ajudou a sentar-se frente a ele com toda correção.

—O que você gostaria de comer? - assinalou os manjares que enchiam os pratos de prata do aparador, mas Krista negou com a cabeça.

—Não costumo comer pela manhã. - Justo então apareceu um dos criados com uma taça de chocolate quente e vários pãezinhos, seu café da manhã habitual.

Leif deu a Alfinn um galho de laranja e o macaco o comeu com delicadeza.

—Pensei que meu pai estaria aqui - disse Krista, - embora deveria ter sabido que já estaria trancado trabalhando.

—Seu pai tinha uma reunião com um de seus colegas. Não acredito que acabe logo. - O criado se retirou silenciosamente para a porta e a fechou com cuidado a suas costas. - Estamos sozinhos - acrescentou Leif.

—O que precisava me dizer?

Krista alisou o guardanapo sobre a ampla saia de seu vestido de jornal.

—Eu só... queria te agradecer pelo que fez ontem à noite. Arriscou a vida por me proteger, Leif. Podiam te haver disparado, possivelmente inclusive poderiam te haver matado.

O que fez foi... assombroso e, bom, somente queria agradecer você por isso.

—É o dever de um homem proteger a uma mulher.

—Suponho que é assim onde você nasceu. Mas, de todas as maneiras, foi algo muito valente.

Ele a olhou, escrutinando sua cara, parecia querer ler seus pensamentos.

—Quer me dizer algo mais. O que é?

Ela soltou um suspiro.

—Eu só... desejaria ter sido mais valente. Estou segura de que uma das mulheres de sua ilha não teria ficado parada ali sem fazer nada. Te ajudaria de algum jeito.

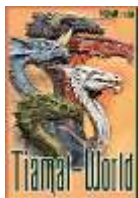
Leif curvou ligeiramente os lábios.

—Sou um guerreiro. Não necessito que nenhuma mulher me ajude a lutar.

—Não, arrumou isso maravilhosamente bem. Possivelmente se não me tivesse pego tão de surpresa... A verdade é que nunca acreditei que estivesse realmente em perigo até que já era muito tarde.

—Consegui esboçar um sorriso. - Pelo menos não gritei, nem me deprimi. - Os lábios de Leif se curvaram em um amplo sorriso. O fazia parecer muito jovem e devastadoramente bonito.

—Foi muito valente... para ser inglesa.



Os dois riram. Alfinn se uniu a eles chiando alegremente, e Krista se surpreendeu do alívio que sentia. Tinha-a preocupado ter decepcionado Leif de algum jeito.

Era algo estúpido, certo, mas se alegrava de que a olhasse com o mesmo calor nos olhos.

Tomou vários sorvos do chocolate e comeu um dos pãezinhos, logo as vozes que chegavam da porta captaram sua atenção. Leif se levantou quando Matthew Carlton e seu pai entraram na sala do café da manhã.

Os traços de Matthew se mostravam inflexíveis e a determinação brilhava em seus olhos. A expressão de seu pai era igual de sombria, mas em seu caso estava por de um sentimento de pesar.

A Krista acelerou o coração.

—Acontece algo, pai? - Ela também ficou em pé.

—Isso me temo, querida.

Como por arte de magia, um dos lacaios entrou para devolver Alfinn aos estábulos. O macaco saltou em cima do braço do jovem e os dois desapareceram pela porta.

—Ontem à noite, depois do jantar - continuou seu pai assim que ficaram sozinhos, - recebi uma nota do Matthew pedindo que nos reuníssemos esta manhã.

—Pelo que ela sabia, Matthew esteve no campo, seu pai pegara umas febres.

Voltou o olhar para ele.

—Espero que o conde esteja bem.

—Meu pai está bem. Isto não tem nada que ver com minha família. Tem que ver contigo, comigo e nosso futuro.

—Temo-me que não entendo nada - murmurou Krista. Frente a ela, Leif estava tenso e totalmente imóvel. - Se isto concernir a nós dois, Matthew, possivelmente seria melhor discuti-lo a sós.

—Infelizmente isto concerne também a seu convidado, o senhor Draugr. Para que saiba, como prometido teu, quero apresentar uma queixa formal por sua presença em sua casa.

—Mas ele é um convidado de meu pai.

—É sobre o que estive falando com seu pai esta manhã. Também me informou que o senhor Draugr esteve acompanhando você pela cidade na carruagem... sem uma acompanhante.

Isso é algo muito impróprio, Krista, e quero que deixe de fazê-lo, já!

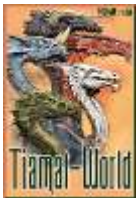
Ela olhou a seu pai, suplicando silenciosamente ajuda, mas em troca só obteve o olhar sombrio de sua cara.

—O senhor Draugr esteve atuando como meu protetor - disse ela. - Como já sabe, recebi varias ameaças. Ontem à noite, Leif... o senhor Draugr... salvou-me a vida.

—Sim, seu pai me contou a história do resgate durante a conversação que mantivemos esta manhã.

—Assim, já sabe, é necessário que o senhor Draugr...

—Estarei encantado de oferecer qualquer amparo que possa necessitar. Enquanto isso, quero que Draugr parta desta casa antes que acabe o dia ou darei por terminado nosso



compromisso.

—Não pode estar falando a sério, Matthew.

—A escolha é tua, Krista. Podemos ter uma vida juntos como tínhamos planejado, ou pode renunciar a ela por uns meses em companhia deste bárbaro... este coelhinho de índias do professor.

Krista conteve o fôlego quando Leif se aproximou de Matthew e o agarrou pelo peitilho da camisa.

—Leif, não! - gritou ela.

—Solte-o, Leif - ordenou seu pai. - Um cavalheiro não se comporta dessa maneira.

—Não tolerarei seus insultos, Carlton. Cavalheiro ou não.

Matthew se alisou as rugas de sua engomada camisa branca.

—Está-me desafiando, Draugr? Os duelos, meu amigo, são ilegais há anos. - Matthew arqueou uma sobrancelha. - Entretanto, não há nenhuma lei que proíba um encontro de esgrima entre dois conhecidos.

—Apertou os lábios. - Não necessitarão padrinhos, esta claro, sendo como somos velhos amigos.

—Não! - quase gritou Krista. - Leif nunca praticou esgrima. Acaso quer matá-lo?

—É obvio que não. Mas dado que você esteve ensinando um montão de coisas, possivelmente venha bem saber o que ocorre quando se invade o território de outro homem.

O professor parecia preocupado.

—Não acredito que esta seja uma boa ideia, Matthew. Este homem nunca segurou antes um sabre de esgrima. O combate não seria justo.

—Lutarei contra ele - disse Leif, com um músculo palpitando em sua mandíbula.

Krista o agarrou pelo braço.

—Leif, não pode fazer isso. Não sabe lutar com sabre. Não tem nada que ver com a espada que utilizou ontem à noite.

—Lutarei contra ele, não me importa a arma que escolha.

Matthew sorriu.

—Vê...? quer combater comigo. O que te parece amanhã? Às dez?

Leif assentiu rigidamente com a cabeça e o coração de Krista se encolheu de medo.

—Leif, por favor. Não pode fazê-lo.

Olhou-a com o mesmo olhar de advertência que dirigira na noite anterior.

—Então está decidido - disse Matthew. - Inclusive proporcionarei a você um sabre.

Krista observou a cara de Leif e soube que estava totalmente resolvido. Lutaria e nada do que ela pudesse dizer o deteria. Elevou o queixo.

—Leif pode utilizar o sabre de meu bisavô.

Matthew saudou de maneira respeitosa.

—Como goste. Ah, uma coisa mais. Se ganhar o combate, Leif Draugr deixará esta casa e nós dois fixaremos a data de nossas bodas... que será muito em breve.



Krista ficou sem respiração. Leif nunca voltaria atrás, mas Matthew acabava de lhe proporcionar a maneira de terminar com aquele mortífero jogo antes que qualquer dos dois homens resultasse machucado.

—Não tem por que lutar contra ele, Matthew. Leif pode retornar ao Heartland como desejamos e nós podemos fixar a data das bodas.

Os olhos azuis de Leif se obscureceram pela fúria.

—Lutarei - disse ele, olhando ao Matthew. - E se ganhar, romperá o compromisso com a Krista.

Um pesado silêncio caiu sobre a sala. Krista pôde contar cada batimento do coração, de seu coração.

Matthew Carlton sorriu.

—De acordo. Então, amanhã às dez. - Fez uma reverência para a Krista, voltou-se e saiu da sala do café da manhã. Na entrada ouviu como Giles abria e fechava a porta principal.

Krista olhou ao viking e encheram os olhos de lágrimas.

—Deus santo, Leif, o que fez?

O tempo se tornou cinza e nublado, obscurecendo o céu por trás das janelas da sala de estar. Krista observou que Leif tirava o sabre de seu bisavô da capa, era parte de um jogo que se usavam antigamente para bater em duelo. O outro repousava sobre o fundo de veludo azul escuro em uma caixa de madeira esculpida.

—Pertenceram ao avô de minha mãe, o quarto conde de Hampton - disse ela. - Era um homem de grande tamanho, e loiro, quão mesmo você, Leif. Presumia ser descendente de vikings.

Leif inclinou a cabeça.

—Então Tyr me benzeu. - Ela sabia que era o deus da guerra, o mais valente de todos os deuses.

Leif provou o sabre, flexionando a folha de um lado a outro.

—É uma boa arma. Sinto-me honrado de poder usá-la. Se os deuses me acompanharem, servirá a meu propósito.

Krista tentou tragar o nó que tinha na garganta. Não era possível que Leif pudesse ganhar de Matthew, um homem que presumia com orgulho de sua habilidade como professor de esgrima.

Só Leif parecia ignorar esse fato.

Olhou a seu pai.

—Não há nada que possamos fazer para deter este despropósito?

Ele negou com a cabeça.

—Temo-me que as coisas chegaram muito longe. Agora é uma questão de honra. - Suspirou. - É tudo minha culpa. Deveria ter sabido que Matthew desaprovava que Leif se alojasse na mesma casa que você.

—Não é tua culpa. Só ajudávamos a um homem que necessitava nosso apoio desesperadamente.

—Bom, Matthew vai ser seu marido. Deveria ter tido em conta seus sentimentos. - Paxton se



aproximou, pegou sua mão e deu um suave apertão.

—Aconteça o que acontecer, Matthew não é um assassino. Não acredito que tenha intenção de fazer mal de verdade a nosso amigo.

Krista desejou estar convencida como seu pai. Tinha o coração em um punho. A menos que ocorresse um milagre, inclusive embora Leif resultasse ileso, quando o encontro finalizasse, veria-se forçado a deixar sua casa.

Ela teria que marcar a data de suas bodas com o Matthew Carlton e logo se converteria em sua esposa.

Se fixou em Leif, que praticava com o sabre, batendo e sulcando o ar com o magro fio. Seria um milagre que ganhasse, mas por alguma razão se encontrou desejando que ocorresse o milagre.

Se Leif ganhasse, ela conseguiria sua liberdade.

Era mais que um simples desejo.

Krista negou com a cabeça. Não ia ocorrer. O melhor que podia fazer era esperar que Matthew tivesse piedade de Leif e não o machucasse muito.

À manhã seguinte, Krista se enfrentou aos dois homens quando saíram da casa.

—Vou com você, pai.

O dia era escuro e úmido, e uma tormenta do verão se abatia sobre Támesis. Krista levantara cedo. Não estava disposta a deixar que Leif enfrentasse a Matthew Carlton enquanto ela esperava pacientemente em casa.

—Um duelo não é lugar para uma mulher - disse seu pai. - E não importa como o chamem, não é outra coisa que um duelo. Agora volta para dentro e espera nossa volta.

Leif a percorreu com um olhar desses olhos tão azuis que começou a palpitar o coração.

—Faz o que diz seu pai, honning.

—Vou. Se não me levarem vocês, irei por minha conta. Se Leif... se qualquer um dos dois resultar ferido, tenho intenção de estar ali para atender as feridas. Irei, e não há maneira de que me detenham.

Leif estendeu a mão e cavou a face.

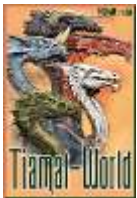
—É tão feroz, minha pequena Valquíria. - Leif olhou a seu pai, que soltou um suspiro resignado.

—Quando coloca uma ideia na cabeça - disse o professor, - não há maneira de detê-la.

Leif sorriu.

—Veem, então, se for o que quer. Seu amigo Matthew necessitará seus cuidados.

Krista aumentou os olhos. Leif não podia pensar de verdade que podia ganhar! Certo que ficou levantado até passada a meia-noite concentrado na leitura de uns livros que seu pai e ela selecionaram na biblioteca sobre o tema. Mas saber dirigir um sabre e adquirir a habilidade que requeria anos de prática eram coisas muito diferentes. Subiram à carruagem. O chofer, o senhor Skinner, recuperou-se da inoportuna enfermidade - sem dúvida provocada pelos homens que abordaram o carro - que tinha padecido. Tomou as rédeas e guiou o veículo pela avenida de três sulcos.



Não demorou para chegar à casa do Matthew, que estava situada no elegante distrito de Mayfair.

O grupo se dirigiu pelo caminho pavimentado até a porta principal, e o mordomo abriu antes que terminassem de subir as escadas.

—O professor Carlton está esperando. Vamos, no salão de baile.

Caminhando por diante de Leif e de seu pai, Krista se dirigiu às escadas. O coração revoava no peito como um passarinho preso.

Rogou em silêncio para que nenhum dos dois homens resultassem feridos, logo acrescentou uma oração mais por Leif.

Matthew estava esperando quando entraram no salão de baile com um elegante chão de mármore, flexionando a folha do sabre, recreando-se na imagem dos movimentos perfeitamente executados que se refletiam nos espelhos dourados que revestiam as paredes, movendo-se com tão graciosa facilidade que o estômago de Krista deu um tombo. Franziu o cenho quando a viu dentro da sala.

—Krista. O que está fazendo aqui? Isto é um assunto de homens. Pedirei que chamem o chofer para que volte para sua casa imediatamente.

—Fico, Matthew.

Ele curvou os lábios com desdém.

—Por quê? Está preocupada com o viking?

—Estou preocupada com os dois. Rogo-te que acabe com esta loucura antes que um de vocês resulte gravemente ferido.

Ele encolheu os ombros. Matthew não era tão alto como Leif nem tinha a poderosa constituição do viking, mas tampouco era um homem pequeno, e sua habilidade com o sabre compensava qualquer vantagem física que Leif pudesse possuir.

—Se seu amigo aceitar minhas demandas estarei encantado de acabar isto aqui e agora.

—São dez em ponto - disse Leif, interrompendo-o. - Sigamos adiante.

Matthew pareceu encantado. Olhou ao professor.

—Aconselho que diga a sua filha que se vá. Pode ser que não seja muito agradável.

O olhar preocupado de seu pai se encontrou com a de Krista.

—Krista?

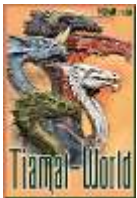
—Não irei, pai.

Matthew franziu o cenho.

—Então não me considerarei responsável por qualquer transtorno que sofra pelas sensibilidades próprias das mulheres, —aproximou-se aonde estava Leif com o sabre de seu bisavô, Herald Chapman, agarrado firmemente em uma de suas grandes mãos.

Ambos os homens levavam calças cômodas e camisa de manga longa. Matthew calçava umas botas de fino couro espanhol enquanto que Leif levava umas escuras botas Hessians até os joelhos.

—Se te parecer bem - disse Matthew a Leif, - bateremo-nos até que um dos dois cause a



primeira ferida.

—Bateremo-nos até que um dos dois se renda - contradisse Leif, conseguindo que Krista desse um ofego.

—De acordo - disse Matthew com óbvia satisfação. - As regras são muito simples...

—Sem regras - interrompeu Leif, e Matthew arqueou suas sobrancelhas castanhas.

—Está seguro de que esse é seu desejo?

—Totalmente - declarou Leif.

—Leif, não! - implorou Krista, temendo que se negasse a render-se inclusive embora fosse obvio que estava perdendo, e preocupada de que Matthew pudesse machucá-lo muito se assim fosse.

—Professor, se não puder controlar a sua filha, sugiro que saiam os dois.

—Possivelmente seria o melhor, querida - disse seu pai.

—Sinto muito, pai. Não direi nada mais.

Os homens ficaram em guarda, os fios de seus sabres fenderam o ar, cada um deles mostrando seu perfil ao outro para proporcionar um alvo menor, algo que Leif, sem dúvida, aprendera em algum dos livros que emprestaram a noite anterior. O coração de Krista deu um salto quando o aço se chocou contra aço.

Leif esquivou as primeiras estocadas do Matthew, logo este se equilibrou sobre ele e um instante depois apareceu uma grande mancha de sangue na camisa de Leif. Krista reprimiu um grito.

Sentiu a mão de seu pai no vão das costas.

—Quieta, querida.

—Não se renderá, pai. Morrerá antes de fazê-lo. - O professor dirigiu um olhar sombrio, mas não disse nada.

Os combatentes se moveram de um lado a outro pelo salão de baile, e Krista ficou sem respiração ante o horror de ver a folha do Matthew afundar-se na parte interior da coxa de Leif.

—Faz que se detenham, pai... rogo-lhe isso.

—Eu adoraria se soubesse como, querida.

—Rende-te? - perguntou Matthew, fazendo girar a folha, preparando-se para outra cruel estocada.

A resposta de Leif foi arremeter com seu sabre contra o do Matthew, obrigando-o a retroceder vários passos para poder defender-se.

Leif continuou, lançando estocadas a destro e sinistro que Matthew não teve nenhuma dificuldade em atalhar.

Krista acreditou perceber o esboço de um sorriso na cara de seu prometido quando levantou seu sabre, golpeando a ponta da arma de Leif para afastar a de seu caminho, e sem mediar palavra se equilibrou sobre o dorso de Leif.

Krista fechou os olhos com força e apertou os lábios para conter um grito. Quando olhou de novo, uma linha vermelha cruzava a camisa sobre o dorso de Leif.



Entretanto, uma e outra vez, evitou as cruéis estocadas do Matthew, enquanto o coração dela se encolhia de medo. Leif não sabia lutar da maneira correta, não avançava para retirar-se rapidamente, não pressionava e retrocedia, mas quando se defendia, quando avançava ameaçadoramente para seu inimigo, resultava digno de algum jeito. Era um guerreiro, não importava que arma empunhasse, mas mesmo assim não era inimigo para a habilidade de Matthew. Com cada estocada, Leif podia morrer, e o coração de Krista se encolhia de tal maneira que só conseguia respirar.

Pela primeira vez, deu-se conta de que fora só por ele, pelo muito que significava para ela.

Se aconchegou contra o braço de seu pai, olhando aos homens com horror, observando como Leif recebia a ponta do sabre de Matthew uma e outra vez.

Então, repentinamente, Leif se equilibrou sobre ele, levantando a arma da mesma maneira que aquela noite quando atacaram a carruagem. Apanhando o punho do sabre de Matthew, o arrebatou, fazendo que a arma saísse disparada através da sala. Krista observou com assombro como Leif levantava o braço e utilizava o punho de sua arma para atirar um golpe na mandíbula de Matthew, com tal força que este recuou e ficou preso contra a parede. Logo voltou a empunhar o sabre e pressionou a ponta contra o peito de seu adversário, justo em cima do coração.

—Rende-te? - perguntou Leif.

—Não cumpriste as regras.

—Não havia regras que cumprir.

E inclusive embora as houvesse, Leif as teria engehado por alguma artimanha do destino - ou possivelmente com a intervenção de seus deuses vikings, - para separar Matthew de sua arma.

—Renuncia a reclamar a esta mulher, Matthew Carlton? - Matthew lançou um olhar assassino.

—Rendo-me - grunhiu.

Leif levantou a ponta do sabre e Matthew se separou da parede com a cara desfigurada pela fúria. Caminhou diretamente para ela.

—É isso o que quer, Krista? Não importa o que tenha ocorrido aqui, você tem a última palavra.

“diga que ainda quer se casar com ele. Cumpre com seu dever. Faz feliz a seu avô. Assume o dever que tem com sua família.”

—Possivelmente... - umedeceu os lábios. - Possivelmente por agora isto seja o melhor.

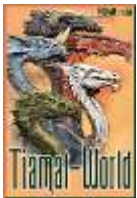
Um músculo palpitou na face de Matthew. Não disse nada mais, só se virou e partiu.

O professor o deteve antes que chegasse à porta.

—Entendo como deve se sentir, Matthew. Minha filha é uma mulher extremamente independente. Possivelmente não está preparada para aceitar a ideia do matrimônio, embora eu o asseguro que isso mudará com o tempo.

—Assinalou brevemente a Leif com o olhar - Enquanto isso, não importa o muito que te desgoste o senhor Draugr, espero que guarde silêncio sobre tudo o que contei a você.

Os traços de Matthew se obscureceram.



—Tudo o relacionado com o Draugr não me interessa. Não tenho intenção de contar nada do que há dito em confiança.

O professor deu um passo para traz e deu um breve aperto no ombro.

—Sinto muito, filho.

Matthew ignorou o comentário. Atravessou a porta do salão de baile enquanto Leif se aproximava coxeando a Krista. Ela o olhou com os olhos empanados pelas lágrimas ante a visão do sangue que se estendia pela manga da camisa branca e a mancha avermelhada que obscurecia a perna da sua calça. A mancha de sangue sobre suas costelas se ampliou e se deu conta de que estava mais ferido do que ela temeu.

—Depressa, pai. Temos que levá-lo a casa para curar as suas feridas.

Leif estendeu a mão e tocou a face.

—Está livre de seus votos, Krista Hart. - Olhou a seu pai. - Ainda não é o momento, mas logo falaremos do futuro.

O professor não respondeu, só urgiu ao Leif para a porta. Krista permitiu que se apoiasse nela durante o trajeto aguentando parte de seu peso com o ombro, algo que não poderia ter feito uma mulher menor.

Durante todo o momento ela ia pensando que estava livre de Matthew Carlton. Deveria estar zangada com Leif pelos problemas que causara, furiosa consigo mesma por não ter permanecido afastada dele.

Em vez disso, sentia como se tivessem tirado um peso de cima.

Ao pé das escadas pediu ao mordomo que levasse umas toalhas e um cilindro de ataduras, que usou para envolver as feridas de Leif e assim evitar que sangrasse até que chegassem a casa.

Abriram caminho para a carruagem, e o ajudou a subir, desejando que não estivesse tão pálido.

Ele reclinou a cabeça contra o fofo respaldo e ela se deu conta de que as feridas doíam muito mais do que deixava entrever. A mão de Krista tremia quando a estendeu para o tocar, sentiu como seus dedos se fechavam com força sobre os dela. "Querido Deus, que fique bem", rezou, lutando por conter as lágrimas.

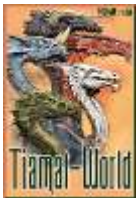
Teve medo a noite do ataque à carruagem. Mas estava muito mais assustada agora. Jurou que não permitiria que ele notasse.

A dor que sentia no peito se incrementou. Era livre, quebrara seu compromisso, mas não podia conseguir o homem que realmente desejava, o homem ao que, acabava de dar-se conta, escolheria como marido.

Provinham de mundos diferentes, entre eles se estendiam dois futuros totalmente distintos. Embora Leif se sacrificou para ganhar sua liberdade, nunca poderia se casar com ele.

Sem dúvida alguma ele o entendia, disse a si mesma. Em realidade, nunca falaram de um futuro juntos. Leif pensava abandonar a Inglaterra - deixara bastante claro, - e ela não podia ir com ele a sua casa.

Krista respirou fundo. Algo que proporcionasse o futuro ainda demoraria um pouco em



chegar, e agora só queria que Leif ficasse bem outra vez. Rezou a seu Deus e aos de Leif para que sanasse.

Capítulo 14.

Para Krista, o trajeto na carruagem parecia eterno. Embora sua casa não estivesse muito longe, cada minuto pareceu uma hora. Quando por fim chegaram, seu pai e ela ajudaram Leif a entrar no vestíbulo.

Giles se apressou para eles, e gritou pedindo ajuda a outros serventes. Alguns minutos mais tarde, apareceram o senhor Skinner e dois dos lacaios. Agarrando a Leif por debaixo dos musculosos ombros e o ajudaram a subir as escadas. Krista deu algumas ordens mais: enviou a um dos lacaios por um médico, e pediu a sua donzela, Priscilla Dobbs, que levasse o estojo de primeiro socorros da casa, junto com ataduras, água quente e toalhas. Quando chegou à habitação de Leif, encontrou a Henry ajudando-o a se despir e tentando, com a ajuda de seu pai e o senhor Skinner, colocá-lo na cama.

Ninguém notou sua presença na soleira da porta, e a Krista aumentaram os olhos quando o ajudante de câmara tirou as calças dele e viu que não levava roupa interior debaixo. Deu-se a volta, com a cara ardendo, esperando em silêncio a que os homens o colocassem sob os lençóis. Mas a imagem da parte traseira das poderosas pernas e as redondas e musculosas nádegas de Leif ficou gravada a fogo na mente.

Embora Leif se esforçava por encaixar naquela sociedade, ignorava as regras conforme o convinha.

Aparentemente a apertada roupa interior dos cavalheiros não o agradava, e a Krista ocorreu de repente, que, quão mesmo no salão de baile, havia uma linha muito fina entre o homem urbano e o viking que em realidade era.

Mas bem, afetava-a como nenhum outro homem o fizera, e vê-lo fraco e pálido pela perda de sangue fazia que encolhesse o coração de dor.

Aspirou profundamente para tranquilizar-se, agarrou com firmeza o estojo de primeiros socorros e se dirigiu para a cama. Os homens se afastaram a um lado para deixá-la trabalhar.

—Me chame se necessitar ajuda - disse seu pai enquanto ela deixava o estojo de socorros sobre a mesinha.

Krista deu a ele um sorriso trêmulo.

—Fazer com que se deitasse é suficiente. Com seu tamanho seria o mais difícil.

A porta se fechou brandamente depois dos homens, e Krista olhou a Leif que, recostado contra o travesseiro, observava-a atentamente.

—Perdeu muito sangue - disse ela, - mas parece que as feridas estão se fechando e o doutor estará aqui em um momento.



—Estou bem, honning. - Surpreendeu-a quando levantou os braços para tomar seu rosto brandamente entre as Palmas das mãos. Atraiu-a para si, para dar um beijo na boca. Era uma loucura.

Esse homem estava ferido. E inclusive assim, o longo e profundo beijo, fez arder as vísceras e perder o sentido. Todo seu corpo tremia quando a soltou.

—Está... está ferido, Leif Draugr. Precisa conservar todas as forças.

—Com seus cuidados, sanarei em seguida. - Percorreu o rosto dela com seus olhos azuis e ela pôde perceber o desejo que ele não fazia nenhum esforço por ocultar.

—Os deuses me sorriram hoje. É livre e logo te mostrarei algumas das coisas que levo tempo desejando te ensinar.

Krista conteve o fôlego. Não perguntou quais eram essas coisas. Já lhe ensinara mais sobre a paixão do que poderia ter aprendido em qualquer livro.

Quando lhe deu as costas, tinha os mamilos erguidos e sensíveis sob o sutiã do vestido, e o coração um pouco agitado. Ao menos, com Matthew fora de sua vida, já não doía a consciência pelo que Leif a fazia sentir.

Mas embora agora estivesse solteira seu comportamento com Leif resultava bastante inapropriado.

Krista suspirou enquanto abria o estojo de primeiros socorros. Sabia que tipo de coisas Leif queria ensinar. E não importava quão indecorosas fossem, ardia em desejos para aprender.

Passaram os dias. Chegou setembro, com suas largas tardes e o ar fresco e espaçoso. As feridas de Leif foram curando. Krista sabia que estava melhorando por seu mau temperamento e seu ânimo inquieto.

—É hora de que levante e me mova - grunhiu ele no meio da manhã quando ela entrou na habitação para trocar as ataduras das feridas.

—Precisa descansar... disse o doutor.

—Me mimas como a um bebê, milady.

—E você, senhor, atua como um. Agora veem aqui e coma o almoço. O cozinheiro preparou uns pratos muito apetitosos. - Colocou a bandeja na mesinha, junto à cama, mas ele retirou os lençóis e tirou as pernas por um dos lados do colchão de plumas. - Estou cansado de estar metido na cama. Comerei na mesa, contigo.

Seus atributos masculinos estavam cobertos, mas o resto do corpo ficava à vista. Tinha cicatrizes pouco perceptíveis nas coxas, muito parecidas com as que vira nas costas e os ombros, dos dias que passara em cativeiro, embora também estavam desaparecendo rapidamente. Krista tentou afastar o olhar de toda aquela pele tensa e masculina que cobria esses poderosos músculos, mas resultou ser impossível.

—Eu gosto da maneira em que me olha, honning. Como uma loba faminta por seu casal.

A Krista ardeu a cara.

—Isso é completamente falso, Leif Draugr, e o menos cavalheiresco que podia haver dito. Ele sacudiu a cabeça.



—Quão único lamento é não poder cumprir seus desejos. Prometo-te que com o tempo me encarregarei de suas necessidades femininas.

Krista aumentou os olhos.

—Mais que descarado parece!

Ele se aproximou dela, levando consigo o lençol, que envolveu ao redor de seu ventre plano e o atou à altura dos quadris.

—Nega que me deseja?

—Eu não..., não...

—Não pode negá-lo porque sabe que estaria mentindo. E você não é uma mentirosa, krista.

Ela sentiu as grandes mãos dele rodeando sua cintura quando a atraiu para si e a beijou. Fechou os olhos e se deixou levar, deslizando as mãos por seu poderoso pescoço.

Ele mergulhou a língua na boca de Krista e ela suspirou enquanto uma quebra de onda de prazer a percorria dos pés a cabeça.

OH, de acordo, desejava-o. Só esperava que ele não soubesse quanto.

Leif a estreitou com mais força e seu corpo pareceu fundir-se com o dele. Seu peito era largo e robusto. Os músculos sob seu abdômen se esticaram quando ele se moveu para beijar o lóbulo da orelha e pressionou os lábios contra seu pescoço. Logo voltou a reclamar sua boca e a doce sensação se estendeu de novo pelo corpo dela. Por debaixo do lençol, ela sentiu a longitude dura e pesada dele, e o coração começou a pulsar a toda velocidade dentro do peito.

Krista disse a si mesma que devia detê-lo, que devia sentir-se atemorizada pelo desejo que Leif despertava nela, mas realmente não sentia medo, e se apertou mais contra ele, desejando que o lençol desaparecesse junto com as anáguas e o vestido. Queria que seus corpos se roçassem, pele contra pele, esquentando o um ao outro.

Não se deu conta de que Leif tinha desabotoado o sutiã do vestido até que separou o tecido e ele inclinou a cabeça para beijar os redondos montículos que se sobressaíam pela parte superior do espartilho.

Krista conteve um gemido ao sentir o quente fôlego e a umidade dos lábios contra sua pele; o desejo ardeu em suas vísceras.

Uma mecha de cabelo loiro caiu sobre a fronte de Leif quando se inclinou para deixar uma quente trilha de beijos sobre sua pele. A língua dele penetrou sob o bordo da regata e chegou até o topo de seu seio.

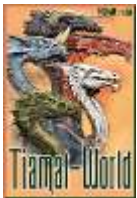
Ela conteve o fôlego e o desejo se estendeu por todo seu corpo.

Krista cambaleou ante o intenso prazer e se apoiou em seus ombros enquanto ele a lambia e saboreava, sugando e puxando com força os mamilos até que doeram de necessidade.

Ela sabia que aquilo estava mau, sabia que devia detê-lo. Leif não era seu marido e nunca o seria, mas mesmo assim se sentia incapaz de afastá-lo.

—Leif...

—Estou aqui, honning. - Uma brisa fresca acariciou a pele de seus seios quando ele se afastou.



Krista se manteve imóvel quando a beijou profundamente na boca uma última vez, logo deu as costas e começou a abotoar o vestido cor amora.

Krista tocou os lábios inchados pelos beijos.

—Deus Santo.

Leif percorreu a face com o dedo.

—É uma mulher de fortes necessidades, Krista Hart, - sorriu com malícia. - Prometo que a deixarei satisfeita.

As faces dela se esquentaram ainda mais.

—Leif, não pode... não podemos... Isto não pode voltar a ocorrer.

Ele a ignorou.

—Tenho fome. - Logo dirigiu um olhar ardente. - Mas por agora me conformarei com a comida. Avisa ao ajudante de câmara de seu pai, Henry. Diga que necessito um banho e me vestir. Reunirei-me contigo ao pé das escadas.

Não o contradisse, só aproveitou a desculpa para ir-se, e saiu correndo do dormitório. Ao recordar a força de seu desejo pressionando sob o lençol, pensou que possivelmente ele tivesse razão em que já era hora de que levantasse da cama. A seu entender, estava mais que saudável! Krista se apressou a descer ao vestíbulo, zangada com Leif por haver-se tomado essas liberdades e ainda mais zangada consigo mesma por haver permitido. Em silêncio amaldiçoou Leif Draugr pelo indecente poder que parecia ter sobre ela.

Krista suspirou. Ao menos já podia levantar-se e ela, finalmente, podia voltar para o trabalho. Tinha ido a De coração a coração várias vezes essa semana, acompanhada de seu pai e o enorme chofer, o senhor Skinner, e ao menos dois dos lacaios, mas esteve muito preocupada com o Leif para ficar trabalhando muito tempo.

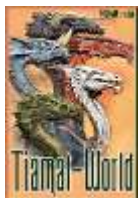
Retornou a sua sala para acrescentar algumas linhas mais ao artigo que estava escrevendo para a gazeta, Trabalhadores unidos, que tratava sobre as greves contra as minas, moinhos e fábricas como protesto pelos cortes salariais e as deploráveis condições de trabalho.

Estava colocada totalmente no artigo, descrevendo a desesperadora situação dos trabalhadores e como essa interminável frustração acabara por desembocar em alguns atos violentos, quando olhou o relógio de ouro que havia sobre o suporte da chaminé e se deu conta de que era a hora do almoço. Deixando a um lado a pluma e o papel, abandonou o dormitório e baixou as escadas para dirigir-se a sala onde se serviria a comida. Deteve-se ao ouvir vozes masculinas que provinham do escritório de seu pai. Abandonando o vestíbulo, aproximou-se da porta entreaberta.

Sentado em uma cadeira de mogno, justo em frente de seu pai e Leif, estava Dolph Petersen, o investigador que contratara.

—Krista - exclamou seu pai, ficando em pé. - Estava a ponto de mandar te buscar. O senhor Petersen nos trouxe boas notícias. Entra, querida.

Krista entrou no escritório, procurando não olhar na direção de Leif, temendo que, se recordasse o beijo e o calor de sua boca sobre seu seio, de algum jeito refletiria em seu rosto.



Dolph Petersen ficou em pé, e Leif o imitou.

—Por favor, cavalheiros, não é necessária tanta formalidade. - Sorriu ao investigador. - Senhor Petersen, me alegro de o ver. Ao que parece tem você boas notícias - acomodou-se na quarta cadeira que rodeava a mesa quando Leif a ajudou com toda correção a sentar-se. O certo foi que nem sequer o olhou, manteve o olhar fixo no investigador, um homem alto e magro, de cabelo escuro, que rondava aos trinta.

—Capturamos ao delinquente responsável pelo ataque a sua carruagem - disse Petersen. Era um homem atraente, embora não no sentido normal da palavra; era muito mais rude.

Tinha a pele bronzada e curtida por estar exposto ao sol; era um homem cujas duras experiências se refletiam nas linhas firmes de seu rosto.

—Como deram com ele?

—Falamos com o dono do botequim White Horse. Com um pouco de persuasão por nossa parte, facilitou o nome do homem que pagou e deu instruções para o ataque da outra noite à carruagem.

Ela olhou brevemente a seu pai, logo falou outra vez com o Petersen.

—Quem foi?

—Um homem chamado Harley Jacobs. É um dos supervisores da Companhia de Minas ou, ao menos, era.

—Aparentemente Jacobs não estava de acordo com os artigos que escreveu sobre o estudo das minas de carvão - acrescentou o professor. A lei que proibia que mulheres e meninos descessem a trabalhar às minas.

A Krista gostava de pensar que seus artigos contribuíram de algum jeito afim de que se tomassem medidas.

—Adorará saber que o senhor Jacobs ocupa atualmente uma cela na prisão do Newgate - disse Petersen. - Imagino que estará ali bastante tempo. Krista estremeceu ao pensar nisso.

Lera artigos sobre as deploráveis condições da prisão, embora os últimos anos, graças ao trabalho realizado pela Elizabeth Fry, uma conhecida reformista o trato aos prisioneiros melhorara um pouco.

E Jacobs certamente merecia qualquer castigo que recebesse.

—Acredita que é o homem que incendiou o escritório de coração a coração?

—Jacobs nega, mas acredito que há muitas probabilidades.

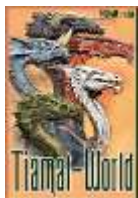
—Bom, devo dizer que me alegra muito ouvir estas notícias - disse Krista.

Petersen sorriu.

—Estou seguro. - Quando a olhou, seus olhos castanho escuro pareceram mostrar sua apreciação.

Era estranho que um homem antes de ver sua incomum altura a considerasse uma mulher atraente em lugar de uma raridade, mas não se importou, gostava de Dolph Petersen.

—Mas embora Jacobs esteja fora de jogo - acrescentou ele - acredito que deveria manter ao vigilante noturno, embora só seja para assegurar de que não surgem mais problemas.



—É obvio, se assim achar conveniente.

Ele se levantou da cadeira e os outros o imitaram.

—Se me necessitarem no futuro, já sabem onde me encontrar.

—Obrigado, senhor Petersen, sua ajuda foi muito valiosa.

—O prazer foi meu, senhorita Hart. - Petersen se inclinou de maneira respeitosa sobre sua mão, embora seus lábios não chegaram a roçar o dorso. Perto deles, Leif estreitou os olhos.

—Como já disse a você, se me necessitar, já sabe onde me encontrar.

Krista observou como Dolph Petersen abandonava a sala, e lhe percorreu uma sensação de alívio ao saber que o homem que ordenara o ataque estivesse detido.

—Bom, parece que já é seguro que volte para o trabalho.

—Isso parece - disse seu pai. - Mas acredito que seria melhor, ao menos por um tempo, que Leif seguisse te acompanhando.

—Mas...

—Vamos, honning, já sabe que você gosta de minha companhia. - Leif estendeu a mão e tocou a face. Ela viu como seu pai franzia o cenho. - Eu te protegerei - continuou Leif, - mas em troca te peço um favor.

Krista arqueou uma sobrancelha.

—Que classe de favor?

—Agora que esse homem, Jacobs, foi apanhado, não há motivo algum para que não saia pelas noites.

Embora não o fazia conscientemente, esteve ficando em casa pelas noites. Desde seu compromisso com o Matthew, seu avô não a pressionara para que fosse a festas à noite.

Depois Matthew partiu ao campo, e embora Coralee a convidara a várias festas, Krista declinara o convite, já que não sentia vontade de assistir.

—Continua - disse ao Leif.

—Preciso ganhar dinheiro. Já me aproveitei muito de ti e de seu pai. É hora de que pague minha parte.

—Já nos pagou com o trabalho que faz na gazeta.

—Pode ser, mas necessito muito mais para comprar um navio. Devo encontrar a maneira de conseguir o dinheiro para fazer um e poder voltar para casa.

—No que pensaste, Leif?

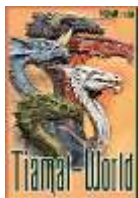
—Neste país há uma coisa que chamam jogos de azar. Estive lendo sobre isso. É uma boa maneira de conseguir dinheiro se for bem no jogo. Estou particularmente interessado em algo que se chama cartas.

—Os jogos de azar são uma boa maneira de perder dinheiro, Leif, não de ganhá-lo.

—Então, sabe jogar?

—Eu não participo de jogos de azar, mas sei jogar um pouco o whist.

—Em Draugr apostamos por muitas coisas, desde provas de força à habilidade nas corridas de cavalos. Mas não acredito que seja o mesmo. Terá que ter certos conhecimentos nestes jogos.



Estive praticando vários truques sobre os que li: como lembrar de que naipes se repartiram ou como averiguar que probabilidades tem que saia uma carta. Eu gostaria de provar, mas necessito que seu pai e você venham comigo. - Ele tinha uma memória prodigiosa. Ela nunca vira nada igual. Mas ganhar no jogo não era nada fácil, nem sequer para um homem com a memória de Leif.

—Necessitarei que me emprestem dinheiro - continuou ele. - Mas só o necessário para uma noite. Se perder, trabalharei mais horas para pagar minha dívida.

Era muito bom em tudo o que se propunha, por que não nisso?

—Parece justo.

—Existe um lugar chamado Crockford'S. Tenho lido que ali há mesas de jogo.

Krista olhou a seu pai, perguntando tacitamente se Leif estava preparado para aparecer em sociedade.

—Está seguro de que é isso o que quer fazer, Leif? - perguntou o professor. - Suas maneiras se verão posto a prova, sua maneira de falar, tudo o que aprendeste estes últimos meses. Acredita que está preparado?

—Nunca serei o cavalheiro perfeito, como sem dúvida já sabe, mas suponho que me arrumarei bastante bem. Empréstarão-me sua ajuda?

—Depois do muito que trabalhou para te educar, penso que a merece. - Krista sorriu. - Além disso, nunca fui ao Crockford'S. Poderia ser entretido.

Com um pouco de ajuda do Henry para selecionar os objetos de vestir adequados, Leif se vestiu para essa noite com uma jaqueta negra, um colete cor Borgonha e calças negras.

Usou a escova de cerdas grossas para pentear o curto cabelo loiro, logo se voltou para o espelho e endireitou a gravata branca de seda.

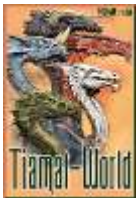
Comprovou sua aparência, pensando o diferente que se via do homem desganhado e despenteado que trancaram na jaula. Apertou a mandíbula. Possivelmente chegaria um dia no que se faria justiça com os homens que o tinham preso, embora o certo era que já não tinha importância. Encontrara o que procurava, vira e aprendido coisas que sua gente encontraria difíceis de acreditar.

Dirigiu-se à porta, comprovando seu reflexo no espelho uma última vez, e pensou que estava realmente bem com esses ridículos objetos de vestir ingleses. Seus pensamentos retornaram a Krista e às roupas que as mulheres se viam forçadas a utilizar: pesadas saias e os reveladores sutiãs.

Apesar de tudo, ele desfrutara com os ocasionais vislumbres dessa pele pálida e cremosa, e com os arredondados montículos que saboreara tão brevemente.

Sua verga ficou dura instantaneamente. Levava vários meses sem uma mulher, mas Krista era uma dessas mulheres pelas que valia a pena esperar. Acomodando-se dentro das calças, ignorou o batimento do coração implacável, e se dirigiu para a porta tentando não pensar em Krista e quanto tempo passaria antes que pudesse fazer o amor com ela.

Embora a visão dela o enfeitiçava, ao imaginar que estava se arrumando para a noite, sentiu



uma repentina curiosidade. Lera milhares de palavras e estudado centenas de desenhos nos livros, mas ainda não vira uma dessas coisas que as mulheres levavam posta, chamada espartilho.

Em lugar de descer as escadas, como era sua intenção, percorreu o corredor até o dormitório de Krista. Se chamasse, não deixaria entrar, assim sem mais girou a maçaneta prateada e abriu a porta.

Esperava ouvir o grito surpreso da donzela, Priscilla Dobbs, mas em troca se encontrou com a Krista, completamente sozinha.

Leif sorriu amplamente. Ela estava no meio de se vestir, como ele esperava e com os objetos de roupa mais estranhas que Leif vira nunca.

—Leif! O que faz aqui? Sai de meu dormitório agora mesmo.

Ele simplesmente caminhou para ela.

—Vim para ver isso que leva debaixo da roupa.

A formosa cara de Krista se acendeu. Era preciosa, pensou ele, com essa pele suave e esses seios firmes e abundantes, com o cabelo dourado caindo em cachos por cima dos ombros. Tinha os olhos da mesma cor que um prado na primavera, um verde rico e profundo, e jogavam faíscas quando estava zangada, como agora.

—Supõe-se que um homem não deve ver o que uma mulher leva debaixo do vestido, a não ser que ela seja sua esposa, e devo dizer, senhor, que seu comportamento é inaceitável.

Sai de meu dormitório imediatamente.

Leif percorreu com o olhar os finos objetos brancos de algodão que cobriam os quadris e o traseiro. Uma espécie de calções, supôs, a versão feminina do que ele se negava a usar, e um artefato que elevava os seios e apertava sua cintura; o espartilho que ela mencionara, cuja parte superior vislumbrara o dia que beijara esses magníficos seios.

—Sai daqui, Leif Draugr... antes que Priscilla retorne e o encontre aqui dentro.

—Dê a volta - ordenou ele, colocando-se diretamente diante dela. - Tenho que ver como funciona este artefato que te rodeia. - Ela apertou os lábios, logo lançou um suspiro.

—É insofribível! - Com evidente frustração deu as costas. - Se ata desde atrás e aperta-se quando alguém puxa dos cordões e assim minha cintura parece muito menor.

—O que é o que o mantém tão rígido?

—Está fabricado com barbas de baleia. São peixes enormes do tamanho de uma casa que vivem no mar.

—Vi-as no mar perto de Draugr.

—Alguns espartilhos levam varinhas metálicas.

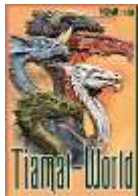
—Deve ser doloroso.

—Alguém se acostuma.

"A usar isso?" Era uma máquina de tortura diferente a qualquer outra coisa que tivesse imaginado.

Girou-a para ele.

—O que é esse objeto que leva posta por cima disso?



—É uma camisola, e se supõe que os cavalheiros não a veem.

Mentalmente, desatou os diminutos botões rosados que fechavam o objeto por diante, e a tirou. Imaginou deslizar os finos calções de algodão sobre esses quadris arredondados para deixar expostos os suaves cachos loiros femininos. Fez água na boca ao pensar em beijá-la ali, em saboreá-la.

A noite anterior, encontrara três novelas poeirentas em uma prateleira de uma parte escondida da biblioteca. No Draugr, nunca carecera de companheiras de cama, mas nunca pensara muito em dar prazer a uma mulher.

Suas parceiras se haviam sentido satisfeitas com beijos ardentes e carícias atrevidas, com a sensação de seu grosso membro movendo-se dentro de seus corpos.

Mas agora sabia que havia muito mais formas de agradar a uma mulher, formas que, além disso, aumentavam o prazer do homem. Já lera Em Atraz de Vênus, escrito como os outros por um homem chamado "Anônimo", embora Leif não estava seguro de como se pronunciava esse nome. Quando terminasse Confissões da dama das botas e A pérola da paixão, seria um professor na arte de fazer o amor.

Seu membro ficou rígido, pressionando dolorosamente contra a braguilha das calças. Olhou a Krista, perguntando-se se podia ver em seus olhos o que estava pensando. Levantou a mão e deslizou um dedo entre os suaves montículos redondos de seus seios, que o espartilho mantinha erguidos. Sentiu-a tremer e desejou poder desatar os cordões e liberá-la do doloroso artefato.

Mas o que fez foi deslizar um braço pela cintura e apertá-la contra seu próprio peito.

—Leif, por favor, não é correto que entre no quarto de uma dama E...

Ele interrompeu suas palavras com um beijo. Cheirava a flores, embora não conseguia dar os nomes. Durante um instante ela ficou tensa e tentou apartar-se, mas ele seguiu beijando-a, deslizando as mãos pelo cabelo, tomando sua boca uma e outra vez até que ela se rendeu entre seus braços. Brincando com seus lábios os incitou para que se separassem, logo, deslizou a língua dentro de sua boca para saborear sua doçura e moveu as mãos para cavar o traseiro. Suas curvas estavam cobertas pela ligeira roupa de algodão e podia sentir a calidez de sua pele através do fino tecido.

—Onde está sua donzela? - sussurrou ao ouvido.

—A... enviei-a com um recado, mas... - Interrompeu-a com outro beijo abrasador, deslizando as mãos pelo traseiro e pressionando-o brandamente, comprovando a plenitude, encantado pela maneira em que enchia as mãos.

Krista gemeu com suavidade. Ele pôde sentir o estremecimento que a percorreu quando a elevou contra sua dureza, fazendo sentir quanto a desejava. Ouviu o leve gemido de prazer que emitiu e então deslizou a mão entre os globos arredondados das nádegas, tocando-a mais intimamente, incrementando seu desejo. Havia uma abertura estranha no tecido dos calções, e se deu conta imediatamente de que servia.

Era perfeita para um propósito muito mais satisfatório, pensou ele, deslizando os dedos dentro, agrado pela umidade que sentiu nas inchadas pétalas do sexo de Krista.



Ela se esticou pela impressão, mas ele a estreitou com mais força entre seus braços.

—Farei-te gozar, Krista - sussurrou ao ouvido. - O maior prazer que jamais sonhou.

Ela emitiu um ligeiro gemido quando ele reclamou sua boca de novo, beijando-a profundamente enquanto começava a acariciá-la brandamente. Estava úmida e palpitante, e sabê-lo fez ficar ainda mais duro.

Queria fazê-la chegar até o final, queria saciar seu desejo e sepultar-se nela tão profundamente que Krista não voltasse a pensar em outro homem.

Mas se conteve.

Krista o olhou com os olhos muito abertos, verdes e inseguros.

—Nunca pensei... não sabia que... que... não me havia sentido...

—Tão bem? - sugeriu Leif.

Ela se ruborizou.

—Quando for o momento adequado te ensinarei quão bom pode chegar a ser. - Ele retrocedeu um passo, lutando por controlar sua urgente necessidade.

Ele a percorreu com o olhar.

—Isso que chama espartilho. Eu não gosto que o leve. Uma vez que seja minha, proibirei isso.

Ela ficou boquiaberta pela surpresa.

—Leif, por favor... não deve dizer coisas assim. Sei... sei que deveria te haver detido.

É muito impróprio que uma mulher deixe que um homem se tome... tome este tipo de liberdades. Não posso nem imaginar o que deve estar pensando, mas...

—Não há nada mau no que fazemos. Logo será minha e já não sentirá esses remorsos.

Krista sacudiu a cabeça, fazendo balançar os saca-rolhas dourados sobre os ombros.

—Isso não ocorrerá, Leif... sabe tão bem como eu. Não posso ser tua, e você não pode ser meu. Com o tempo, retornará ao Draugr e eu ficarei aqui. Nada mudará isso. Não mudará para nenhum de nós.

—Está equivocada, Krista. Foste minha desde de o dia que me liberou da jaula. Os deuses a enviaram para mim, e isso é o que não vai mudar.

Um rangido na porta anunciou a chegada da Priscilla Dobbs. Estava na soleira com os olhos como pratos olhando a Krista.

—OH, querida. O... sinto muito, não sabia que... que...

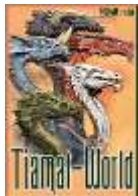
Krista lançou ao Leif um olhar reprovador. Logo se voltou para a criada esboçando um sorriso.

—Não passa nada, Priscilla. O senhor Draugr entrou no dormitório equivocado por acidente. - Tomou a bata com mão trêmula e a pôs em cima de sua torturante roupa interior.

—Já partia.

Leif entendeu o sinal. Já a pressionara suficiente por essa noite.

—Minhas desculpas, senhorita Hart - disse com sua melhor imitação de cavalheiro inglês, fazendo uma correta reverência. - Não sei como pude me equivocar de dormitório.



Ela apertou a boca quando ele fechou a porta para dirigir-se ao vestíbulo. Leif pensou no que ela havia dito, que nunca seria dela, palavras que já havia dito antes.

Não a acreditara então e não acreditava agora. Era bela e inteligente, e ele a admirava muitíssimo, mas só era uma mulher, com uma opinião equivocada.

Primeiro, necessitava dinheiro. Logo falaria com seu pai. Acreditava que o professor o apoiaria.

Paxton Hart era um homem brilhante, e Leif acreditava que já fazia muito tempo que aceitara o fato de que um dia sua filha seria sua prometida.

Leif voltou a pensar nos livros que estava lendo e sorriu para si. Krista seria dele, acreditasse ela ou não.

Por respeito a ela e a seu pai, tomou poucas liberdades, mas ao recordar suas palavras de rechaço, soube que isso teria que mudar.

Seu membro pulsou com força quando recordou a sensação de seu corpo fundindo-se com o dele, respondendo ao destro toque de sua mão. Ela já o desejava. Usaria o conhecimento que encontrasse nesses livros para acrescentar esse desejo. Ela era dele e a teria. Faria que suspirasse por ele, faria ela rogar que a tomasse. Uma vez que se enterrasse profundamente em seu interior, pertenceria a ele para sempre.

Seria dela, em corpo e alma.

Assombrou descobrir quanto ansiava que chegasse o momento.

Capítulo 15

A Krista levou mais tempo de que pensava terminar de vestir-se. Retornou ao quarto de banho, molhou uma toalha no jarro e a utilizou para esfriar a ruborizada cara.

Tentou eliminar todo rastro do aroma de Leif, não o perfume que desprendia uma colônia de cavalheiros, a não ser essa combinação tão deliciosamente embriagadora que emanava dele, uma mescla de aroma de sabão e a homem viril.

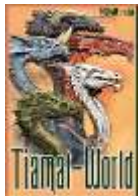
Quando retornou ao dormitório, Priscilla usou um ferro quente para dar forma a seu cabelo, logo a ajudou a por o vestido de noite enquanto Krista pensava no Leif, quão pícaro era e as coisas deliciosas que fizera.

Fechou os olhos ante a lembrança de sua boca nos seios, de sua enorme mão acariciando-a entre as pernas.

Deus Santo, nunca havia sentido nada assim!

Uma e outra vez deixara tomar umas liberdades com ela que sabia que não deveria haver permitido. Permitira beijá-la, tocá-la, mesmo que sabia que estava mau.

Inclusive quando estava prometida a Matthew Carlton, encontrou-se incapaz de resistir ao poderoso narcótico que era a masculinidade de Leif.



Mas já não estava comprometida com Matthew, já não devia lealdade, nem sua castidade, já não precisava reservar-se para ele e não o faria.

Sua vida era sua outra vez, e embora seu avô começaria em breve a pressioná-la de novo para que assumisse sua obrigação de casar-se e ter um herdeiro, no momento era livre.

Pensou nos meses que passara desfrutando da companhia de Matthew. Nunca fizera sentir o desejo que sentia com Leif. Nunca soube o que era verdadeira paixão até que ele a beijou.

Ao final, veria-se forçada a casar-se, mas não acreditava que encontrasse essa classe de paixão com outro homem. Não havia outro como Leif, e nenhum poderia a fazer sentir quão mesmo sentia com ele.

Krista suspirou enquanto segurava sua bolsa prata e saía do dormitório. Nunca poderia ter a Leif, o homem ao que realmente queria. Assumia que tinha que ser assim e se resignava.

Ele retornaria a sua casa, a sua vida, enquanto que a dela estava ali, em Londres.

Era tão mau poder desfrutar do momento? Experimentar a vida de uma maneira que possivelmente alguma vez teria a possibilidade de reviver outra vez? Seria tão pecaminoso desfrutar de um pouquinho da fruta proibida?

Desceu a escada curva sem poder deixar de pensar nele. Diminuiu seus passos quando o viu com o traje negro de noite esperando-a ao pé das escadas. Com o cabelo dourado bem penteado e retirado da cara, e esses olhos azuis tão impactantes, era tão bonito que não podia evitar que acelerasse o coração.

Olhou-a e sorriu.

—Está preciosa, honning. - Essas palavras, pronunciadas com essa voz profunda e sedutora, conseguiram que sentisse mariposas no estômago. Percorreu-a com os olhos de cima abaixo e o calor de seu olhar disse que ele recordava perfeitamente bem a maneira íntima em que a havia tocado e como respondera seu corpo.

O rubor alagou suas faces.

—Não deveria me chamar assim, Leif. Ao menos não em público. É muito íntimo. A gente pensará...

—Que é minha.

—Já te hei dito que...

—Vamos. Seu pai nos espera na carruagem.

Krista não disse nada mais. Não importava o que Leif pensasse, ao final não teria nenhuma importância. Quando chegasse o momento, ele compreenderia e aceitaria as coisas tal como eram.

Mas para esse momento ainda faltava tempo, e uma vizinha sussurrou: que dano faria simular que era sua por um tempo? Como se sentiria pertencendo a um homem tão poderoso e completamente masculino como Leif?

O pensamento permaneceu em sua mente enquanto saíam da casa.

Crockford's, no Curzon Street, Mayfair, foi inaugurado fazia mais de uma década por um homem chamado William Crockford, um vendedor de pescado que uma noite ganhou uma



considerável fortuna em uma mesa de jogo. Com seus abajures de aranha veneziana e seus tetos de marchetaria dourada, era considerado o estabelecimento de jogo mais exclusivo de Londres.

Como nunca antes fora a um lugar semelhante, Krista se sentia mais excitada conforme se aproximava a carruagem.

Com um traje de noite de seda cor turquesa - com um atrevido decote que deixava ao descoberto boa parte do seio - e coberta com uma capa chapeada, caminhava de braço com Leif, com seu pai ao lado exercendo o papel de acompanhante. Embora o professor franzira o cenho ante as mudanças que obrigara a fazer a Priscilla em seu vestido, quase podia considerar indecente.

Krista tinha, depois de tudo, vinte e um anos; era uma mulher moderna, proprietária de um negócio, e considerava que esse vestido era totalmente apropriado para a ocasião.

Escutando-a ao interior como se fosse o cavalheiro que parecia, e devastadoramente bonito com seu traje negro na moda, Leif os guiou entre as mesas de jogo até a barra, onde se detiveram para pedir as bebidas. Leif pediu uma cerveja, embora não estava de moda, enquanto que Krista e seu pai pediram champanha.

— Parece-me ter visto um amigo - disse o professor. - Se me perdoarem um momento.

— É obvio, pai - respondeu Krista.

Krista e Leif vagaram pela sala entre os clientes elegantemente embelezados. Os cavalheiros vestiam coletes bordados e gravatas de seda branca.

As damas, trajes de noite de tafetá ou brocados de seda que acompanhavam com leques de plumas e cintas com joias entrelaçadas no cabelo.

Esquivando as mesas com toalha de mesa verde que enchiam o salão, aproximaram-se da zona onde se jogava às cartas. Sendo as duas pessoas mais altas da sala, Leif e Krista começaram a atrair olhares.

As cabeças se voltavam em sua direção, e Krista observou que os olhos femininos estudavam com atenção ao Leif, enquanto sorriam com um mal dissimulado descaramento.

Enquanto tomava um sorvo de champanha se surpreendeu ao descobrir quanto a incomodava essas olhadas que notava aqui e lá, embora Leif parecia não as perceber.

De fato, parecia como se não pudesse afastar o olhar de seu decote, que revelava o tentador vale entre seus seios.

— Eu gosto do vestido que leva - sussurrou ele, e seu quente fôlego roçou a nuca. - Mas não sou o único homem do salão ao que gosta.

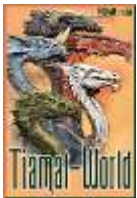
Esse decote faz que sonhem com seus formosos seios, mas só podem imaginar o suaves e redondos que são. Eu, entretanto, logo saberei como se sentem em minhas mãos.

A Krista tremeram os joelhos sob a saia do vestido de seda cor turquesa.

— Pelo amor de Deus, Leif, tem que deixar de dizer coisas como essas. Não é correto falar dessa maneira a uma dama. - "Por não dizer o que essas palavras provocavam em suas vísceras."

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas douradas.

— É essa outra de suas regras?



Ela abriu seu leque de plumas e o agitou de um lado a outro para esfriar o rosto ardente.

—Uma que resiste a aprender.

—Tentarei recordá-lo... - olhou com intenção a um dos arredondados montículos que se sobressaíam do sutiã -... se o desejar.

Encolheu o estômago. Como pudera esquecê-lo? Esse homem era o epítome da masculinidade. Rezou para que ele conseguisse controlar-se essa noite.

Percorreram a sala de um lado a outro, dando tempo ao Leif para acostumar-se às imagens e sons, a como se movia e falava as pessoas. Ela observou que seu pai falava com Phillip Carlton, lorde Argyle, o irmão maior do Matthew, no outro extremo da habitação, e se perguntou se o professor estaria tratando de arrumar o compromisso de sua filha e reparar de algum jeito sua manchada reputação.

Decidiu não pensar nisso essa noite. Voltou-se para Leif e observou algo que não notara antes. Sempre que ia a alguma reunião de sociedade, sua incomum altura a fazia sentir-se desajeitada e pouco atraente.

Mas nesse momento estava ao lado de um cavalheiro bastante mais alto que ela, um homem loiro e de olhos azuis, que era, de longe, o mais bonito da sala.

Esse fato parecia mudar a situação e, em lugar de ser objeto de especulações e lástima, começou a receber as mesmas olhadas apreciativas dos homens que Leif recebia das mulheres.

—Estão ciumentos - disse ele - Os muito parvos não reconheceram a tempo o prêmio que podiam ter tido. Agora se dão conta de que é muito tarde.

Krista não sabia o que dizer. Os homens lançavam olhadas que nunca tinham dirigido antes. sentiu-se invadida por uma estranha calidez ao dar-se conta de que ao acompanhá-la essa noite, com aquele ar tão possessivo, Leif dera a ela esse presente.

—Bom, esta é realmente toda uma surpresa. - Diana Cormack, viscondessa do Wimby, aproximou-se do braço de um homem moreno e de aparência agradável que parecia ser seu acompanhante.

—Viscondessa - disse Krista, fazendo uma reverência - É um prazer vê-la de novo.

—O mesmo digo, querida. - Dirigiu um olhar ao homem que a acompanhava. - Este cavalheiro é Marcus Lamb, um amigo de meu marido. Estamos aqui com lorde e lady Paisley.

Como um favor ao Arthur, Marcus se ofereceu muito amavelmente a ser meu acompanhante esta noite.

—Encantado, senhorita Hart. - O cavalheiro se inclinou de maneira formal e respeitosa sobre sua mão.

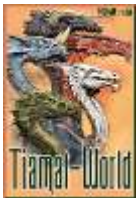
—Apresento ao Leif Draugr, um amigo íntimo de meu pai que veio de visita da Noruega.

Os perspicazes olhos azuis de Diana examinaram com rapidez o corpo poderoso de Leif e esboçou um sorriso provocador.

—Bom, está claro por que de repente decidiu que Matthew e você não levariam bem.

Krista se ruborizou.

—Krista é uma mulher de fortes paixões - disse Leif. - Necessita um homem que possa



satisfazer todas suas necessidades. Carlton não é esse homem.

Diana aumentou os olhos. Abriu a boca para dizer algo, logo a fechou de novo. Krista desejou que a terra se abrisse em dois e a tragasse.

Obrigou-se a sorrir.

—O... sinto muito, milady. Leif está pouco familiarizado com nossa língua. Algumas vezes entende mal o significado de algumas palavras e fala com mais rudeza do que deveria.

Diana o percorreu com a vista, observando a largura de seus ombros, a extensão de seu peito, as longas pernas e as poderosas coxas.

Seu sorriso foi quase luxurioso.

—Eu gosto dos homens que falam com franqueza. Falarei com o Arthur. Possivelmente o senhor Draugr e vocês gostariam de unirem-se a nós uma noite na ópera.

Krista não podia acreditar que tivesse ouvido corretamente. Leif só sorriu, um sorriso tão extremamente masculino que provocou mariposas no estômago.

—Nunca fui à ópera. Entretanto, tenho lido muito sobre o tema. Acredito que eu gostaria de ir ver uma.

Os formosos lábios de Diana se curvaram em um sorriso de novo. Ia vestida na moda, um traje de noite negro e dourado com um decote tão baixo que seus seios ameaçavam sair do sutiã.

—Como já hei dito, falarei com o Arthur.

O olhar de Leif percorreu os tentadores montículos de carne, mas não parecia excessivamente impressionado. Centrou de novo a atenção em Krista e ela sentiu um repentino alívio. Justo então, viu que seu pai retornava, e poderia havê-lo beijado por sua oportuna chegada. Apresentou-o, e logo Diana e seu par voltaram com seus acompanhantes, que estavam jogando aos jogos de dados nas mesas de jogo.

—É o momento de jogar - disse Leif, olhando ao fundo da sala. Krista já entregara o dinheiro que necessitava para tentar afortuna, ou sua habilidade, conforme se atrevesse.

Era uma soma relativamente modesta, considerando que Leif tencionava ganhar o suficiente para comprar um navio.

Um navio. Krista o olhou e sentiu uma opressão no peito. Assim que possuísse um navio - e ela estava segura de que encontraria a maneira de consegui-lo - ele iria.

Leif não ganhou.

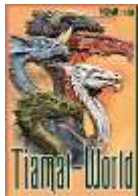
Infelizmente tampouco perdeu.

Sentada mais tarde no seu escritório, Krista bocejou. Era tarde quando retornaram a casa desde o Crockford's a noite anterior.

Embora Leif jogara durante bastante tempo, perdera um pouco e logo ganhara algo. Terminara a noite com uma quantidade de soberanos de ouro similar a que tinha ao princípio.

E saíra transbordante de esperança.

—Sei que estava equivocado - havia dito enquanto a carruagem percorria as ruas escuras - Os jogos de cartas são algo mais que contar naipes e calcular as probabilidades de quais sairão depois.



Não sei que palavra define isto, mas terá que tentar adivinhar o que os competidores farão depois. Essa é a diferença entre ganhar e perder.

Esteve jogando contra outros cinco homens a um jogo de naipes conhecido por converter em mendigos a cavalheiros muito ricos.

—Pelo pouco que sei - disse Krista, - deve observar suas expressões. Se pode aprender a ler as caras, pode adivinhar que mão têm.

—Isso é o que pensava.

—Mas uma coisa é certa, Leif, se fosse fácil, todo mundo ganharia.

Ele assentiu com a cabeça.

—Vou voltar a próxima noite só. Unicamente para observar. A noite seguinte, jogarei outra vez.

—Inclusive embora seja muito bom e domine os diferentes aspectos do jogo, pode ser que não ganhe. A habilidade nos jogos de azar está sempre influenciada pela sorte.

Parecia resignado ante esse fato, embora não desalentado, e inclusive sob a trêmula luz do farol do interior da carruagem, ela pôde dar-se conta de que a mente de Leif estava no jogo, estudando a maneira de ter êxito.

Enquanto Krista permanecia sentada atrás de sua mesa recordando os acontecimentos da noite anterior, suspirou. Leif era incansável em qualquer coisa que perseguisse, incluindo a ela.

Precisava admitir que era agradável, embora fosse por uma vez em sua vida, ser objeto de tão implacável perseguição.

—Está Sorrindo. - Com um singelo mas elegante vestido de musselina cor damasco, Coralee Whitmore atravessou a porta do escritório de Krista, que sempre estava aberta.

—Se não te conhecesse bem, diria que tem pensamentos pecaminosos.

Krista riu.

—Não precisamente neste momento; entretanto, ultimamente algumas das coisas que líamos naquele livro que encontramos no porão de Briarhill irromperam em minha mente.

Coralee aumentou os olhos.

—Demônios!

—Tenho o pressentimento de que estávamos equivocadas, Corrie. Pode ser que fazer o amor não seja tão terrível como pensávamos.

Corrie riu.

—Pode ser que não. - Deslizou uma nota através da mesa.

—Chegou para ti faz uns momentos.

Krista elevou a cabeça.

—Outra nota ameaçadora?

—Acredito que não. É estranho que venha em seu nome e em papel caro.

Krista rompeu o selo do lacre da nota e começou a ler.

—É do Cutter Harding. É o dono de Têxteis Harding. Deseja marcar uma reunião. Quer que escute seu ponto de vista em relação com as greves. - Golpeou ligeiramente a nota.



—Quer saber se poderia ir à fábrica e observar as condições de trabalho por mim mesma.

—Parece razoável.

Krista levantou a vista da nota e sorriu.

—Começo a acreditar que De coração a coração está fazendo um bom trabalho, Coralee. Primeiro um supervisor de minas contrata a alguém para me assustar e que não coloque os narizes nos assuntos de minas de carvão. Agora o dono de uma das maiores fábricas de tecidos do país pensa que nossa revista tem a suficiente influencia para querer que visite pessoalmente sua fábrica.

Não posso menos que acreditar que, depois de tudo, nosso árduo trabalho está dando seus frutos.

—Em sua maior parte o trabalho árduo é teu - disse Corrie. - Eu só escrevo as crônicas de sociedade.

—Encarrega-te de toda a seção de mulheres, não simplesmente as crônicas de sociedade. A verdade, ajuda-me muito a levar este lugar, não poderia fazê-lo sem ti.

Corrie pareceu alegrar-se ante suas palavras, que eram completamente certas.

—O que vai fazer com o senhor Harding?

—Irei, é obvio. Estou extremamente interessada em ver a fábrica. - Ela sorriu. - Além disso, se espera que eu ouça sua opinião, terá a obrigação de ouvir logo a minha.

A visita teria lugar no fim de semana. Krista pensava viajar na carruagem ao pequeno povoado de Beresford-on-Quay, onde estava localizada a fábrica, acompanhada do musculoso chofer, o senhor Skinner e Leif, que insistira em ir também, e embora protestara interiormente se sentia aliviada.

Especialmente depois do que acontecera a noite anterior. Umas horas depois de meia-noite, os escritórios de London Beacon, um jornal semanal de grande difusão, foram incendiadas.

Um bombeiro ficara gravemente ferido ao tentar apagar o fogo, e um dos empregados, um ancião vigilante que passava a noite em um quarto de cima, morrera por inalação de fumaça.

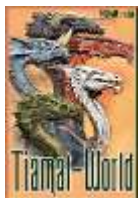
O incêndio fora indubitavelmente intencionado. O Beacon era ainda mais radical em suas ideias reformistas que De coração a coração. O jornal tinha muitos mais assinantes, e em sua maioria eram homens, enquanto que a gazeta atraía principalmente as mulheres, embora a quase destruição de seus escritórios pusesse a Krista muito mais alerta.

O negócio de levar um jornal se converteu em um jogo perigoso, como já experimentara em sua própria pele. Harley Jacobs fora detido pelo assalto que sofreram Leif e ela, mas aparentemente o perigo não passara.

Ir à fábrica têxtil do Beresford-on-Quay era algo mais que um passeio, mas Leif viajaria com ela, e não podia pensar em nenhum outro homem mais capaz.

Se surgisse algum problema, alegraria-se de que a acompanhasse. Esta vez tencionava pecar de prudente.

Enquanto isso, todas as noites, desde que ela e seu pai o acompanharam ao Crockford's, Leif retornara a jogar às cartas.



Não voltara para casa até altas horas da madrugada, quando ela ouvia suas fortes pisadas ressonando nas escadas. Dormia só umas horas, logo se levantava e a acompanhava ao trabalho.

Esse dia não fora diferente. Notava-se que estava exausto, mas ganhara. Era bom, observou ela. Muito bom.

Considerando a assombrosa memória e a firme determinação que possuía, não era de sentir saudades. E não retrocederia até que tivesse obtido o dinheiro que necessitava.

Sabê-lo provocou que formasse um nó no estômago.

Era a tarde da quinta-feira. O dia que se imprimia a gazeta, montava-se e empacotava para poder carregá-la nas carretas para sua distribuição no sábado pela manhã. Coralee fiscalizaria o trabalho enquanto

Leif e ela viajavam ao Beresford-on-Quay para a visita à fábrica do Cutter Harding. A seu pai não gostava da ideia, é obvio, já que estaria muito tempo a sós com o Leif sem uma acompanhante.

—Isto é trabalho, pai - havia dito, - não uma excursão ao campo. Além disso, estaremos de retorno ao anoitecer.

Queixou-se, mas aceitara a contra gosto. Depois de ter estado casado com a mulher que baseara a gazeta, compreendia que esse trabalho requeria dedicação e uma certa flexibilidade com as regras sociais.

Krista se levantou da mesa e se dirigiu à parte principal dos escritórios, até a pesada prensa Stanhope, que produzia um enorme ruído enquanto imprimia as páginas da edição dessa semana.

Coralee estava sentada a uns metros, com seu cabelo acobreado cintilando enquanto permanecia inclinada sobre uma folha de papel, trabalhando já na coluna da semana seguinte.

Krista continuou para a parte traseira dos escritórios, operando outra vez depois do incêndio graças ao Leif, que trabalhava ali nesse momento, ajudando a Freddie a transladar algumas pesadas caixas ao armazém.

Krista observou seus progressos, notando quanto mais alto era Leif que o menino de cabelo escuro.

—Vejo que já estão acabando.

—Esta era a última caixa - disse Leif, levantando-a facilmente enquanto tentava reprimir um bocejo.

Apesar de estar sacrificando horas de sono, continuava trabalhando muito duro, e nunca se queixava, nunca tentava livrar do trabalho, sem importar qual fosse.

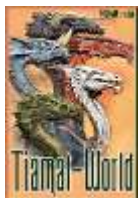
—Bom, se já terminaste, veem comigo, - voltou-se e pôs-se a andar, e uns momentos depois ouviu suas fortes pisadas detrás dela.

—Aonde vamos? - perguntou ele.

—Ao piso de cima.

Ele não perguntou nada mais. Ela imaginou que estava tão cansado que não importava aonde fossem.

Quando chegaram ao segundo piso, ela percorreu o corredor e abriu a porta da sala de



empregados, indicando com a cabeça que entrasse.

Ele entrou na sala, logo a olhou com os olhos entreabertos.

—Te descalce.

Levantou a cabeça com rapidez. Pela primeira vez, mostrou um leve interesse.

—Por quê?

—Simplesmente faz o que digo. Sou sua chefe, se por acaso o esqueceu.

Ele curvou a boca como se o encontrasse divertido.

—Não me esqueci. - Sentando-se no bordo de uma cadeira, tirou os sapatos e os deixou a um lado.

—Agora a jaqueta.

Olhou-a e obscureceram os olhos. Tirou a jaqueta e a deu a ela, que a pendurou no respaldo da cadeira. Por deferência aos pesados trabalhos que realizava, não tinha posto o colete, e Krista não podia evitar pensar quão bem estava com a camisa branca de linho de manga longa e as singelas calças negras.

—Agora, te deite no sofá.

Leif sorriu enormemente.

—Se esta for outra de suas lições, honning, parece que vou gostar.

Krista pôs os olhos em branco. Aproximou-se da janela e baixou a persiana, obscurecendo a sala, logo retornou onde Leif a esperava com um olhar de antecipação.

—Não o trouxe aqui para te seduzir. Só quero que descanse um pouco. Quase dorme de pé. Se tiver intenção de sair até altas horas da madrugada, de agora em diante dormirá cada tarde pelo menos duas horas.

Leif negou com a cabeça.

—Tenho trabalho que fazer.

—Sim, tem-no. E seu trabalho mais importante é me proteger. Essa é a razão principal pela que está aqui. E para fazê-lo, precisa estar descansado. Agora, faz o que digo.

Ele sorriu.

—Deitarei-me se te deitar comigo.

Krista soltou um gemido de frustração.

—O objetivo é que você descanse. E duvido que o faça se deito a seu lado.

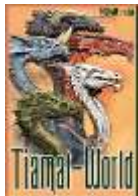
Ele riu entre dentes enquanto ela se dirigia à porta.

—Vá dormir - disse ela com suavidade. - Despertarei você dentro de um par de horas.

Mas já tinha os olhos fechados, a cabeça relaxada contra a almofada do sofá, as longas pernas estiradas enquanto se deixava levar pelo sono. Durante uns instantes, ela ficou na porta observando.

Seu fornido peito subia e baixava com um ritmo fluido, e as pestanas projetavam sombras nas altas maçãs do rosto, tinha uma sombra de barba um pouco mais escura que seu cabelo dourado.

Em silêncio, fechou a porta, enquanto sentia uma pontada estranha no peito. Cada noite os



lucros de Leif aumentavam.

A menos que se evaporasse sua habilidade ou a sorte desse as costas, não passaria muito tempo antes que reunisse o dinheiro que necessitava.

Leif iria e ela ficaria.

Pela primeira vez, Krista se deu conta de quanto ia doer sua marcha.

Capítulo 16.

A viagem ao Beresford-on-Quay levou mais tempo do que Krista esperava. Chovera de noite, e o caminho estava cheio de buracos e profundos atoleiros de barro.

Nuvens escuras se abatiam no alto, agrupando-se sobre eles e dando a entender que a tormenta da noite anterior podia retornar em qualquer momento.

Além do guichê da carruagem, os verdes campos separados por baixos muros de pedra se estendiam na lonjura, e um estreito caminho serpenteava até uma distante colina, onde uma casa solar dominava a paisagem.

Krista sorriu, gostava da vista. A carruagem atravessava as aldeias que salpicavam a rota enquanto os meninos jogavam à bola nas ruas.

O carro de um camelô que rodava diante deles se fez a um lado para que pudessem passar. Com as horas que se estendiam por diante deles, Leif sugeriu que jogassem às cartas, e Krista riu ao ver que ganhava uma e outra vez.

—É muito bom nisto - disse quando a derrotou com um rei que escondera e ele acumulou outro montão de lucros fictícios. - Parece que sua aprendizagem dá seus frutos.

—Tenho que ganhar - disse ele simplesmente. - Esse é meu verdadeiro objetivo.

Krista alisou uma ruga da saia de seu traje cinza de viagem, logo brincou com as borlas negras que adornavam o peitilho da jaqueta.

—Comprar um navio é realmente tão importante? Seria tão terrível que ficasse em Londres?

Os intensos olhos azuis escrutinaram sua cara.

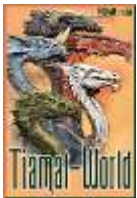
—Ficaria se pudesse. Há muito que aprender aqui. Todos os dias descubro algo novo. Não teria tempo nem dedicando toda minha vida a isso. Mas não posso ficar. Fiz uma promessa a meu pai.

—Que classe de promessa?

Ele olhou fixamente pelo guichê.

—Quando decidimos usar a madeira do naufrágio para construir um navio, meu pai e eu discutimos. Proibiu-me sair da ilha, mas disse que devia ir. Que precisava ver o que existia além de nosso mundo.

Rogou-me que ficasse, mas não pude fazê-lo. Jurei por minha honra que voltaria. Prometendo que retornaria, que não abandonaria meus deveres de primogênito. E aconteça o que



acontecer, é o que devo fazer.

Krista inclinou a cabeça. Sentiu o coração oprimido pela angústia. Sabia o que eram a honra e o dever. Ela mesma tinha seus próprios deveres.

Desde a morte de sua mãe, seu pai não fora o homem que estava acostumado a ser. Necessitava-a e devia ocupar-se dele.

E tinha um importante trabalho que fazer na gazeta. De coração a coração estava ganhando influência na comunidade, chegava às pessoas, ajudava a impulsionar grandes mudanças.

Mas o mais importante de tudo: seu avô necessitava desesperadamente um sucessor, um neto que herdasse o título e a fortuna de Hampton. Sua esposa não teve filhos varões, mas o rei emitira um decreto especial segundo o qual poderiam herdar os descendentes varões das mulheres da família. Com sua mãe morta, a tarefa recaía na Krista. Se ela não se casasse e tivesse um filho legítimo, o título iria parar a um primo longínquo. A família de Krista - tia Abby, seu pai, os filhos de Krista - e ela mesma, sofreriam as consequências.

Olhou a Leif. Observou-o enquanto estudava as cartas que tinha na mão e, durante um instante, permitiu imaginar como seriam as coisas se ele fosse seu marido.

Imaginou como seria tudo se fosse o pai do menino que sua família necessitava, um formoso menino, de cabelo dourado e tão forte como seu progenitor.

Mas Leif não podia ficar, e ela não poderia ser feliz em um mundo longínquo e primitivo tão distinto ao dela. Seu lugar - sua vida - estava na Inglaterra.

Qualquer coisa que proporcionasse o futuro não a compartilharia com ele.

Chegaram ao Beresford-on-Quay ao entardecer, duas horas depois do que Krista previra. A fábrica têxtil, um enorme edifício de três andares, assentava-se ao lado de um rio onde se localizavam as maciças rodas de água que subministravam a energia necessária para mover a pesada maquinaria no interior do edifício.

—Acredito que seria melhor que me esperasse aqui fora - disse Krista ao Leif. - Acredito que o senhor Harding preferirá...

—Não.

—É só trabalho, Leif. Não corro nenhum tipo de perigo. Não acredito que o senhor Harding me tenha convidado aqui para me assassinar.

—Se você for, eu também.

Ela soprou.

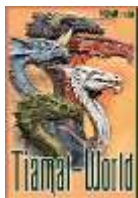
—É um homem do mais irritante. - Leif se limitou a sorrir.

Contendo seu temperamento, Krista entrou no alongado e estreito edifício por uma porta com um enorme letreiro vermelho onde se lia "Têxteis Harding". Se encaminhou até o escritório do Cutter Harding, que trabalhava com a cabeça inclinada sobre vários documentos em sua mesa.

Seu secretário, um jovem de uns vinte anos que ocupava a mesa da parte dianteira do escritório, interceptou-a antes que chegasse até seu chefe.

—Posso ajudá-la em algo?

—Meu nome é Krista Hart. Este é meu ajudante, o senhor Draugr. Tínhamos uma entrevista



com o senhor Harding, mas as estradas estão intransitáveis, assim chegamos, infelizmente, tarde a nossa reunião.

No outro extremo da sala, Cutter Harding se levantou e cruzando o escritório se dirigiu para eles. Era um homem de uns cinquenta anos com espesso cabelo loiro e uma ligeira claudicação ao andar.

—Senhorita Hart... pensei que possivelmente tivesse mudado de ideia.

—De maneira nenhuma, senhor Harding. Como já hei dito a seu secretário, as estradas estavam intransitáveis. Este é o senhor Draugr, meu ajudante.

—Um prazer conhecer a ambos. - O olhar que Harding dirigiu ao Leif dizia às claras que sabia muito bem por que estava ali, e o que Leif devolveu em troca advertia do que aconteceria se as coisas não eram o que pareciam.

—Bom, vamos então. Ainda não é muito tarde para que mostre o lugar. Assim que tenham visitado a fábrica, darão-se conta de que o que pensam vocês e seus amigos reformistas não é certo.

—Espero que assim seja.

Harding os guiou fora de seu escritório e, durante a seguinte meia hora, visitaram a planta da fábrica.

Uma enorme roda que se encarregava de prover a energia às máquinas dominava o espaço com um incômodo ruído, embora a maquinaria era parte necessária do processo têxtil.

—Lamento o ruído - disse Harding. - Necessitamos energia neste lugar, assim que essa grande roda é parte fundamental das instalações.

Era algo que não se podia evitar, supôs Krista. O estrépito só era superado pelas máquinas de fiar, que ocupavam, uma fila atrás de outra, toda a superfície de madeira de carvalho do chão.

Embora o ar fosse carregado e os trabalhadores ocupavam cada metro quadrado, não viu meninos menores de nove anos, o que era de acordo com a lei atual, e a enorme sala estava relativamente limpa.

—O que há no piso de cima? - perguntou ela quando já finalizava a visita.

—Só armazém - disse Harding.

—E debaixo?

—Uma sala similar a esta, mas temo que não tenho tempo para mostrar-te. Já chegou tarde a entrevista. Como disse, pensava que mudaram de ideia.

—De acordo. Já vi o que devia ver. Trabalhar em uma fábrica não é o trabalho mais agradável do mundo, mas dá a impressão de que não está nem quebrando leis nem tratando mal a seus empregados.

—É obvio. Todas essas pessoas são assalariados com uma diária justa e não ouviu que nenhuma delas se queixe.

Não, as pessoas com a que falara não havia dito nada mau sobre o senhor Harding ou o lugar onde trabalhavam. É obvio, como ele estava presente, Krista não esperara que o fizessem.

Harding os levava de volta ao escritório quando se abriu de repente uma porta no extremo



oposto da sala e entrou correndo um menino. Levava roupas esfarrapadas, o cabelo escuro e despenteado, e tinha lágrimas nos olhos grandes e escuros. Corria a toda velocidade para a saída e poderia ter alcançado seu objetivo se não fosse porque Leif o alcançou e tomou entre seus braços.

—Me solte! Não tencionava romper esse maldito carretel, não queria deixá-lo cair. Não me importa que meu pai necessite o trabalho.

—Tranquilo, menino - o tranquilizou Leif com suavidade, imobilizando os braços agitados do menino e apertando-o contra seu peito. - Ninguém vai te machucar.

—Me solte!

Krista voltou seu furioso olhar a Cutter Harding.

—O que é que passa aqui, senhor Harding? Este menino não tem nem seis anos. É ilegal que trabalhe em um lugar como este.

—Turnbull! - rugiu Harding, e um corpulento homem com um grosso bigode se aproximou correndo. - Devolve a este menino com seu pai à sala de baixo.

—Não respondeu a minha pergunta, senhor Harding.

Turnbull se estirou para alcançar ao menino, e o menino começou a soluçar. Agarrou-se ao pescoço de Leif e não o soltou; os poderosos braços de Leif se fecharam protetoramente a seu redor.

—Eu o levarei com seu pai - disse Leif.

—Não pode fazer isso - disse Turnbull. - Só os empregados podem descer ao porão.

—Ah, de verdade? - Krista cravou o olhar no Harding. - Possivelmente todos deveríamos levar a este menino com seu pai - sugeriu inclinando a cabeça para Leif.

Logo se dirigiu para as escadas, com o Cutter Harding jurando baixinho enquanto Leif e ele a seguiam.

Quando o pequeno Rodney Schofield foi devolvido a seu pai - com a promessa de Leif de que não o castigariam, - Krista já descobrira o que Cutter Harding não desejara que visse.

O piso inferior da fábrica só tinha algumas janelas altas, que mal deixavam passar a luz pela grossa capa de sujeira que as cobria. A sala estava cheia de fumaça, lotada de fios e um pó tão denso que mal se podia respirar.

Ali, em grandes teares, utilizava-se o fio que as máquinas fiavam acima para tecer tecidos de lãs, e cada centímetro quadrado que não estava ocupado por uma máquina o estava por uma pessoa.

Cada trabalhador tinha só o espaço suficiente para cumprir com seu trabalho, e o fedor de corpos suarentos era entristecedor.

Mas o pior de tudo era que ao menos trinta dos mais de cem trabalhadores eram meninos, muitos deles menores de nove anos.

—Você está quebrantando a lei, senhor Harding. Mas obviamente não se importa.

—Isto é uma fábrica, senhorita Harding. Necessitamos trabalhadores que unam os fios roda, que tirem os carretéis de linho vazios e os reponham.

Os meninos são os únicos o suficientemente pequenos para ocupar esses espaços.



—Você é desprezível. - Começou a dirigir-se à saída, mas Harding a agarrou pelo braço.

—As fábricas são coisa de homens, senhorita Hart. Você é uma mulher. Fui um estúpido ao convidá-la a vir. Deveria ter sabido que não o entenderia.

Leif deu um passo para ele com ar ameaçador, e Harding a soltou. O homem esticou a mandíbula enquanto se girava e se ia.

Krista sentiu a mão de Leif na cintura quando abandonaram a fábrica. Não disse nada enquanto a conduzia para a carruagem que os esperava e a ajudava a subir, logo se sentou a seu lado em lugar de sentar-se habitualmente de frente a ela.

—Existem coisas tristes na vida - disse ele baixinho, - não importa onde vivas. Lamento que tenha tido que ver isto.

Krista negou com a cabeça, lutando por refrear as lágrimas.

—Não é de sentir saudades que os trabalhadores se estejam rebelando em todo o país. Não posso imaginar trabalhar em tais condições. - Aspirou dolorosamente.

—Tenho que ir às autoridades, dizer que Harding viola a lei de trabalho de menores. Tenho que ajudar a esses meninos.

Leif se aproximou e pegou sua mão. Tirou a empoeirada luva branca e se levou os trementes dedos de Krista aos lábios, beijando cada um deles.

—Escreverá seus artigos, assim os ajudará.

Krista tentou tragar o nó que tinha na garganta. Alegrava-se de que Leif tivesse estado com ela esse dia, de que estivesse com ela agora. Recordou a maneira suave em que esteve sustentando ao menino, e o nó na garganta se fez ainda maior. Percebeu de que dependia cada vez mais dele. Era uma mulher independente, mas de algum jeito estava bem que baixasse a guarda quando Leif estava ali.

Olhou-o, sentado a seu lado no assento do veículo, ainda sujeitando sua mão. Era estranho. Pensara nele como se fosse o homem que escolheria para se casar, inclusive imaginara ter filhos com ele.

Mas não se deu conta - não até esse momento - de que estava apaixonada por ele.

A carruagem tomou o caminho para Londres.

A noite se abatia sobre eles e Leif estava cada vez mais preocupado.

—Esta ficando tarde - disse ele. - Há bandoleiros e ladrões nos caminhos, e a tormenta pode desencadear-se em qualquer momento. É melhor pararmos para passar a noite, e terminar amanhã nossa viagem.

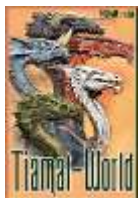
Sentada a seu lado, Krista negou com a cabeça.

—Tenho que retornar. Meu pai se alarmará.

Estava preocupada com o professor, como sempre que saía, e Leif sabia o suficiente sobre normas sociais para saber quão impróprio seria que ela passasse a noite a sós com ele.

Amaldiçoou em silêncio. Queria tomar a Krista como esposa, e nesse sentido, fazia grandes progressos. Era bom nos jogos de naipes que aprendera, muito bom.

Estudara a arte das apostas, e aprendera a arriscar sabiamente seu dinheiro.



Aprendera a ler nas caras de outros jogadores, para descobrir qual era o mais habilidoso, qual o mais imprudente, e quem podia permitir o luxo de perder mais.

Se fosse prudente, logo teria suficiente dinheiro para pagar o navio, logo poderia falar com o pai de Krista e consertar o matrimônio.

Assim que estivessem casados, Krista já não estaria preocupada com as aparências e poderia ocupar-se de mantê-la a salvo em sua cama.

Pensar nisso fez rugir o sangue. Imagens luxuriosas invadiram sua mente, imagens de Krista embaixo dele, sentindo esses abundantes seios contra o torso e seu corpo movendo-se ao mesmo ritmo que o dele.

O desejo se voltou quase doloroso. Desejava-a como não desejara a nenhuma outra mulher, e logo a teria.

No fundo de sua mente pensava que ela podia seguir rechaçando-o. Pelo Thor, necessitava-a, precisava reclamá-la como sua companheira para poder provar que era seu homem.

Com a ajuda dos deuses, encontraria a maneira de que ocorresse.

Forçando a represar seus pensamentos sobre as ameaças que poderiam espreitar na noite, Leif escrutinou a escuridão.

Desejava ter ignorado os protestos de Krista e ter insistido em que pernoitassem em algum sitio seguro até o amanhecer.

Viajaram pela enlodada estrada durante uma hora mais até ouvir um forte estrondo, seguido de um estalo de madeira partindo-se em dois.

A carruagem deu várias inclinações bruscas, jogando a Krista fora do assento. Leif a sujeitou e a arrastou à segurança de seu colo.

Avermelharam as faces quando voltou a acomodar ao lado dele.

—Obrigado.

Queria dizer que esteve encantado de sustentá-la, mas só assentiu com a cabeça, alcançou o cabo da portinhola e a abriu.

—O que ocorreu, senhor Skinner? - gritou ao chofer.

O forçado condutor desceu da boleia.

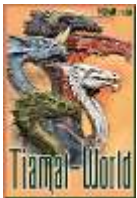
—Maldito eixo... er... um eixo quebrado, senhor.

—Fique aqui - ordenou Leif a Krista, descendo as escadinhas metálicas para aproximar-se do chofer. Leif examinou a área mastreada que os rodeava, as espessas copas não permitiam passar a escassa luz da lua quase oculta pelas nuvens. Tinha a espada sob o assento, mas essa vez, além disso, levava também uma pistola, uma arma de três balas que ganhara nas cartas a noite anterior.

E levava uma adaga na bota.

Mesmo assim, não agradava a ideia de sofrer um ataque a essa hora tão avançada. Krista criara um novo inimigo esse mesmo dia - o homem chamado Cutter Harding,

—embora Leif não acreditasse que Harding tivesse tido tempo suficiente para planejar nenhuma ação contra ela.



—Quanto tempo nos levará arrumá-lo? - perguntou Leif.

—Não acredito que seja possível até amanhã. Tenho que levar a roda a uma ferraria. Mas acabamos de passar uma estalagem. Não acredito que esteja muito longe.

Leif assentiu com a cabeça. Recordou ter visto a estalagem. O cisne e a espada. Girando, ajudou a Krista a descer da carruagem.

—Devemos passar a noite na estalagem - disse a ela. - Não há outra alternativa.

—Sim, já ouvi o que há dito o senhor Skinner.

Leif e o chofer soltaram ao par de cavalos baios e os conduziram à estalagem. Negando-se a ir a cavalo, Krista agarrou a pequena carteira de viagem que levava consigo.

Como não pensaram passar a noite fora, Leif não acreditava que levasse muitas coisas dentro.

Chegaram à estalagem ao cabo de uma hora. Krista tinha posto uns sapatos resistentes para a viagem em vez das suaves sapatilhas de pelica, com o qual, ele não teve que carregar ela.

Quase sorriu. Como se isso tivesse importado.

A estalagem era em realidade um botequim onde alugavam algumas habitações acima, não era o tipo de lugar adequado para uma dama. Mas ao menos teriam um teto sobre suas cabeças.

—Irei me ocupar dos cavalos - disse o senhor Skinner tomando as rédeas que levava Leif. - Posso conseguir um fardo de palha no estábulo e me encarregar da roda a primeira hora da manhã.

—Obrigado, senhor Skinner - disse Krista. Ignorando o vento racheado e as primeiras gotas de chuva, Leif conduziu a Krista para a porta principal do botequim, um velho edifício de pedra com chão de madeira de longas tabuas. Pesadas lenhas ardiam na ampla lareira, cujo tiro desaparecia pelo teto desço do botequim.

Um grupo de paroquianos, obviamente meio bêbados, estavam sentados ao redor da mesa da esquina.

Quando Leif e Krista se aproximaram do mostrador do botequim, um homem grosso com espessas costeletas e um avental rodeando sua larga cintura se dirigiu a eles.

—Necessitamos um lugar para passar a noite - disse ela. - Nosso chofer dormirá no estábulo. Poderiam levar comida, e proporcionar feno e grão a nossos cavalos?

—Enviarei a um dos meninos a atender ao chofer e aos cavalos. - O olhar do encarregado percorreu a figura alta e feminina de Krista, e um sorriso lascivo curvou os lábios. - Quantos dormitórios necessitam?

Leif se esticou enquanto observava como o homem com seus pequenos e porcos olhos a despia com a vista.

—Dois - respondeu, embora a sua teria pouco uso, já que teria que permanecer acordado para assegurar-se que ninguém incomodasse a Krista. - A senhora necessitará sua própria habitação.

O sorriso lascivo do gordo se fez mais amplo.

—Bom, então temos um problema. Só resta um dormitório livre esta noite. Entretanto, tem



uma cama grande. O suficiente para que possam dormir os dois.

Leif olhou a Krista, que devolveu o olhar com incerteza.

—Ficamos com o dormitório - disse ela.

O gordo riu entre dentes.

—Já supus que o fariam. - Leif conteve o desejo de o pegar. Krista esboçou um sorriso.

—Teremos que nos arrumar. Não temos escolha.

Não, não havia outra escolha, não com a tormenta rugindo fora e a impossibilidade de continuar a viagem. Compartilhariam o dormitório, passariam a noite juntos e a sós, e nesse momento Leif se deu conta do presente que faziam os deuses. Pedira ajuda para fazer Krista ser sua. Acreditava que acabavam de responder a sua oração.

—Comeram? - perguntou o encarregado do botequim.

—Pensávamos chegar a Londres esta noite, mas tivemos um percalço - respondeu Krista. - Esperávamos que pudesse nos oferecer um pouco de comida.

—Enviarei a uma das garotas com uma bandeja de comida quente. A comida se paga à parte.

- Deu ao Leif uma grande chave de ferro. - O dormitório está no piso de cima, ao final do corredor.

Leif colocou a mão no bolso interior de seu casaco para pagar. Enquanto tomava as moedas, viu que Krista abria sua carteira.

Dirigiu-lhe um duro olhar de advertência.

—Nem te ocorra pagar.

Ela o olhou.

—Só ia A...

—Serei o homem esta noite.

Ela arqueou as sobrancelhas douradas.

—Bem - disse com atitude, e girou para dirigir-se às escadas.

Com a chave em uma mão, Leif a alcançou antes que chegasse ao final da escada. Percorreu o corredor diante dele, mas quando chegou à porta do dormitório, encontrou a porta aberta.

—Espera aqui - ordenou Leif, entrando em silêncio para assegurar-se de que não havia perigo. Encontrou a uma criada com um abundante busto colocando sobre uma mesa uma bandeja com carne fria, pão e queijo.

Acendera um abajur e um fogo na lareira. A tênue luz do abajur pôde ver que era jovem e loira.

Virou quando o viu, arqueando as sobrancelhas quando percorreu o corpo com a vista.

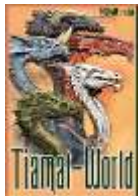
—Bom, é um menino muito arrumado. - Caminhou para ele, rebolando os quadris em um convite tão velho como o tempo. - Se necessitar companhia, valentão, meu nome é Betty Rose.

Nunca estive com um homem de seu tamanho. Se tiver tudo tão bem proporcionado como parece, cobrarei-te a metade do preço.

Antes que Leif pudesse rechaçar a oferta, Krista entrou no dormitório.

—Já tem companhia para esta noite e não vai pagar nada.

A cara da mulher ficou vermelha como o grão. Dando-se conta de seu engano, retrocedeu



rapidamente.

—Sinto muito, senhora, - virou e escapou da habitação fechando a porta silenciosamente.

Leif se aproximou e usou a chave de ferro para fechá-la. Olhou a Krista. Notou que estava zangada, não era precisamente esse o começo que ele tinha em mente.

—Já que há só uma cama - disse ela, - suponho que terá que dormir no chão. A menos, claro, que tenha intenção de passar a noite com a Betty Rose.

Leif se aproximou dela. Lançou a chave em cima da penteadeira e colocou as mãos em sua cintura.

—Não tenho o menor desejo de dormir com essa empregada. A cama onde desejo passar a noite é a tua.

Os olhos verdes de Krista se abriram ainda mais.

—O que...? Do que está falando? Só porque compartilhemos um dormitório...

—Não previ isto, Krista, nem você tampouco. Os deuses o dispuseram assim. Não o vê? Tudo o que ocorreu... conduziu a este lugar, a este dormitório, a esta cama onde reclamarei seu corpo.

Houve uma revoada de saias quando ela passou com rapidez a seu lado, mas Leif a pegou pelo braço.

—Não tenha medo. Tentarei não te machucar, mas deve saber uma coisa, Krista... esta noite tenho intenção de te possuir.

Ela tragou ar, seus grandes olhos verdes ficaram fixos na cara de Leif.

—Sem dúvida alguma não terá intenção de me forçar, não?

Leif a aproximou ainda mais, até que seus exuberantes seios descansaram contra seu dorso.

—Me diga que não deseja isto... que não me deseja, e me deterei. Mas se não puder pronunciar essas palavras, então, esta noite será minha, Krista Hart.

Capítulo 17.

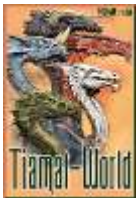
Um raio relampejou na distância, mas o trovão estava muito longe para ouvir-se. Krista ficou fascinada quando Leif inclinou a cabeça e reclamou sua boca. Os lábios, suaves e firmes, moveram-se sobre os dela, com ternura ao princípio, saboreando-a, permitindo que ela o saboreasse a sua vez. Sentiu envolvida pelo corpo dele, por sua poderosa força, por seu aroma a limpo e a homem.

O beijo se fez mais profundo, mais intenso, voltou-se quente e embriagador; a língua de Leif penetrou na boca de Krista, saqueando-a, tomando o que queria e exigindo ainda mais.

Ela percebeu de que ele estava totalmente decidido, mas em seu coração sabia que poderia detê-lo se quisesse.

“diga que não o deseja. Diga antes que seja muito tarde.”

Mas se encontrou obstinada a esses ombros poderosos, presa pelas chamas da paixão.



Tentou articular as palavras, mas a mentira se negava a sair de seus lábios. Desejava-o.

Queria saber como era ser possuída por ele. Deus Santo, nunca desejara nada tanto em sua vida.

O beijo continuou, suavizando por um instante para logo ficar feroz outra vez. Leif arrasou sua boca, tomou profundamente com a língua, mordiscou as comissuras dos lábios para voltar a e reclamar a boca uma vez mais.

Ela sentiu suas mãos desabotoando os botões da jaqueta do traje de viagem, que logo deslizou pelos ombros. Depois se dedicou aos botões das costas do vestido para desabotoá-los também.

O sutiã do vestido deslizou pelos ombros junto com os suspensórios da regata.

Tinha os braços e os ombros nus por cima do espartilho. Leif a beijou em um lado do pescoço, mordiscando e saboreando o sensível lugar sob a orelha, e deixou um grande trilho de beijos até a parte superior dos seios.

Puxou as capas de anáguas para as baixar bruscamente até que o tecido formou um atoleiro ao redor dos pés de Krista. Ela pensou que ele faria uma pausa, que diria algo sobre o espartilho que tanto odiava, mas parecia que Leif só estava concentrado em liberá-la mais rápido que pudesse das roupas. Dando a volta, lutou com os apertados cordões que ajustavam o rígido objeto para tentar afrouxá-la. Ela não se deu conta de que ele tinha uma adaga nas mãos até que sentiu deslizar a folha por debaixo dos cordões do espartilho, logo, sentiu o ar frio contra a pele quando o espartilho caiu. Tomou ar profundamente antes de sentir de novo a boca de Leif sobre a dela.

Tirou a regata e Krista se agarrou a esses poderosos ombros ao mesmo tempo em que ele cavava as mãos sobre os seios. Sentia os mamilos sensíveis, tensos e duros, enrugados e quentes contra as Palmas de suas mãos, e parecia saber exatamente como tocá-los, como fazer tremer as vísceras com cada roce de seus dedos contra as endurecidas pontas.

Krista ficou só com as meias, as ligas e os sapatos quando a beijou outra vez antes de ajoelhar-se ante ela.

—É hora de nos desfazer disto. - Velozmente, tirou os sapatos, seguidos das meias, uma a uma; com suas grandes mãos roçou ligeiramente as panturrilhas, tomando-se tempo para as deslizar para cima até acariciar o interior das coxas. Cada toque, cada suave carícia, provocou um quente estremecimento no ventre e uma dor surda começou a pulsar no centro de seu ser.

—Leif... - Krista tremia, e se retorceu contra ele, que ficou de pé. Agora estava nua frente a ele, e quando o olhou à cara, viu o nu desejo que ardia nas profundidades de seus olhos.

—É tão formosa - disse ele. - Como uma deusa.

E quando a levantou entre seus braços e a levou a cama, ela sentiu como se fossem um, sentiu quanto a desejava, quão profunda era a necessidade de Leif por ela.

Não levou muito tempo desfazer-se de suas próprias roupas. Sob a trêmula luz da vela que se consumia na mesinha e o resplendor do fogo da lareira, observou fascinada cada parte do magnífico corpo que ia ficando à vista. Tinha um peito amplo e forte, com músculos poderosos, e coberto por uma ligeira capa de pelo dourado.



Seu estômago era plano, e os músculos com forma de degraus se perdiam sob o cóis das calças.

Quando os tirou e deslizou o para baixo pelas longas pernas, o olhar de Krista se perdeu na grossa longitude de seu sexo.

—Esta é a parte de meu corpo que usarei para te reclamar - grande e duro, seu membro se erguia sobre o ninho de espessos cachos loiros. Ela tremeu, tragou saliva quando ele se aproximou da cama, sem envergonhar-se de sua nudez. Deveria ter estado assustada, mas tudo o que sentia era um forte desejo de toca-lo, de deslizar as mãos por sua pele para sentir os flexíveis músculos que se esticavam cada vez que ele se movia.

Leif se deixou cair na cama a seu lado e começou a beijá-la outra vez. Com uma de suas grandes mãos segurou um seio e começou a moldá-lo e acariciá-lo, logo a mão foi substituída por sua boca, e a pressão desses dentes brancos puxando o mamilo provocou um estremecimento de prazer atravessasse todo seu corpo. Krista gemeu.

Os olhos de Leif se obscureceram.

—Seu sabor me faz arder o sangue. Preciso estar em seu interior, Krista. Preciso sentir como te move sob meu corpo.

Ela tremeu sem afastar o olhar do rosto dele. Sua enorme mão procurou os cachos suaves de seu sexo e cavou a palma da mão, depois separou levemente as tenras dobras de sua carne e começou a acariciá-la com suavidade. O calor e a necessidade a fizeram arder por completo, e o desejo por senti-lo dentro se fez tão forte que ela gritou seu nome.

—Me diga que não deseja isto. Me diga que não me deseja como eu te desejo.

Krista tremeu. Tragou e não pôde evitar dizer a verdade.

—Desejo-te. OH, Leif, necessito-te.

Separou as pernas com o joelho e ficou em cima dela. Seu inchado membro mediu a entrada do corpo de Krista e, por um momento, ela se sentiu insegura.

—O que... o que acontecerá se fico grávida?

—Há maneiras... não é ainda o momento de que isso ocorra. - Começou a empurrar em seu interior, avançando lentamente, procurando em todo momento não machucá-la.

—É tão grande... não estou segura...

—Confia em mim, honning. Seu corpo foi feito para mim. Me deixe cuidar de ti.

Era impossível resistir a aquelas palavras. Sempre fora ela a que se encarregava de tudo, a forte, sobre tudo desde que morreu sua mãe. Nunca teve a ninguém que a cuidasse... não até que chegou Leif.

Ela se relaxou sob seus beijos. Beijos longos, profundos, e tão aditivos que a fizeram tremer. Beijos lentos e apaixonados que a faziam retorcer-se debaixo dele.

Ele seguiu avançando pouco a pouco, mas quando alcançou a barreira de sua inocência, deteve-se.

—Ainda é donzela, mas agora isso mudará. - inclinou-se para diante, aproximando-se ainda mais. - Em nome dos deuses, reclamo-te. É minha, Krista Hart.



—E logo se impulsionou para diante, introduzindo a grossa verga no mais profundo de seu ventre, rasgando a fina membrana que a manteve virgem.

Krista gritou quando sentiu uma aguda pontada de dor, arqueou-se para cima, tentando livrar do enorme membro que a penetrara.

—Não se mova - sussurrou Leif. - Não quero te machucar outra vez e não sei quanto tempo poderei me controlar.

Ela tremeu debaixo dele. Podia sentir o desacostumado peso dele sobre ela, mantendo-a imobilizada para acomodar seu desmesurado tamanho e longitude no interior de seu corpo.

Roçou os mamilos contra seu torso enquanto ele se continha em cima dela, e inclusive o mais leve movimento provocava uma quente quebra de onda de prazer que a atravessava dos pés a cabeça.

Pouco a pouco, a dor remeteu, e em seu lugar começou a arder um doce fogo que por momentos se voltava inalcançável.

Krista se moveu. Não podia controlar-se.

Leif jurou algo que ela não compreendeu e se inclinou para diante um pouco mais, introduzindo-se mais profundamente. Flexionou os quadris e investiu com seu rígido membro uma e outra vez, dentro e fora.

Os últimos restos de dor desapareceram sob uma quebra de onda de prazer incrivelmente ardente, e Krista arqueou o corpo outra vez, introduzindo-o por completo e urgindo a continuar.

Apanhada entre as ferozes sensações, Krista saiu ao encontro de cada um de suas poderosas apostas e se abandonou ao delicioso prazer que a invadia.

Leif esticou com força a mandíbula mas não se deteve, só investiu uma e outra vez até que Krista não pôde suportar o prazer por mais tempo. Algo doce e selvagem floresceu em seu interior, abriu-se e uma corrente quente se estendeu por suas extremidades. Pequenas estrelas explodiram ante seus olhos, e um doce sabor a mel alagou a boca. Poderosas ondas de prazer a percorreram e mordeu o lábio inferior para não gritar.

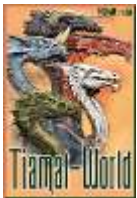
Sentiu que os músculos de Leif se esticavam, e que perdia o último vestígio de controle um momento antes de abandonar o corpo de Krista e derramar sua semente sobre o colchão a seu lado.

Os segundos passaram. Seu coração palpitava com violência. Leif a estreitou com suavidade contra seu corpo e ela sentiu que seu coração pulsava ao mesmo ritmo que o dela. Sentia o corpo lasso e satisfeito apesar de que seguia sentindo pequenos estremecimentos de prazer percorrendo o corpo. Leif virou para um lado para olhar em seu rosto. Acariciou uma face com um de seus dedos.

—Ainda duvida que é minha, Krista?

Ela só pôde negar com a cabeça. Nesse momento, com seu corpo ainda palpitando pelo prazer, não tinha nem a mais leve duvida.

Abraçados intimamente, e sentindo o poderoso peito de Leif contra as costas, Krista contemplou as chamas da lareira.



Essa noite fizera o amor com um homem que não era seu marido, que nunca poderia ser seu marido, e fora bom, completamente perfeito.

—Tenho-te feito muito dano? - perguntou Leif brandamente.

Ela girou a cabeça para poder olhar seu rosto.

—Não, não me machucaste, só um pouco e não mais de um momento. - Sorriu levemente. - Não tenho com o que compará-lo, mas tenho a sensação de que é tão bom fazendo o amor como jogando às cartas.

Ela sentiu o rugido satisfeito de seu peito.

—Alegra-me haver te agradado.

—Não estou segura de por que, mas... há algo na maneira em que me tocou... como se soubesse exatamente onde fazê-lo... exatamente o que mais eu poderia gostar.

Nunca teria pensado que um viking se esforçaria tanto em dar prazer a uma mulher.

—Aprendi muito desde que cheguei aqui.

Ela o fulminou com o olhar.

—Não te atreva a me dizer que o aprendeu com a leiteira.

Ele riu, tão desinibidamente que ela soube que não fora assim.

—Bem, sabichão, onde aprendeu?

—Da mesma maneira que aprendi a jogar às cartas. Li em um livro.

Krista aumentou os olhos.

—Não seria em um de nossa biblioteca.

—Encontrei-os em uma prateleira da parte de trás, estão escritos por um homem chamado nem, embora não sei como se pronuncia.

—Á-nimo? - Ela riu - Acredito que refere a Anônimo.

—Sim, pode soar assim. A pérola da paixão tem partes realmente interessantes. - Rodou até deixá-la de costas e se colocou em cima dela para beijá-la levemente nos lábios. - Quer que te ensine isso?

Ela ficou sem fôlego, quase enjoada.

—Não acredito que esteja preparada para mais coisas novas. Tenho muitos problemas para assimilar o que já temos feito.

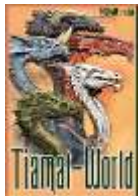
—Tem razão. Por agora, quão único precisa é se acostumar à sensação de me ter em seu interior. - E ao acabar de dizê-lo, beijou-a.

Krista conteve o fôlego quando ele abriu as pernas e se deslizou dentro dela, com muito mais facilidade e com muito menos desconforto que a vez anterior.

—Seu corpo encaixa perfeitamente com o meu.

O certo era que assim parecia. E quando ele começou a mover-se, soube sem nenhum gênero de dúvidas que ele tinha razão.

O sol do amanhecer iluminou o dormitório e despertou Krista de seu profundo sono. Preocupado pela reparação da carruagem, Leif já se fora. Abandonaram a estalagem duas horas mais tarde, quando o senhor Skinner retornou do povoado mais próximo, Marley-in-Wood, com a



roda da carruagem reparada. Montara em um dos cavalos e guiado ao outro, que tinha preso na garupa a pesada roda.

Com a ajuda de Leif levantou a carruagem, e sem mais demora, colocaram a roda e puseram-se em movimento. Dentro da carruagem reinava o silêncio. Krista não estava segura do que pensava Leif, mas sob a brilhante luz do dia, os acontecimentos da noite anterior pareciam quase um sonho. Embora haviam tornado a fazer o amor antes que ele se fosse pela manhã, nada parecia real.

Ou possivelmente era simplesmente que Krista desejava que não o fosse.

Não era fácil. Enquanto permanecia sentada na carruagem, o corpo doía em lugares onde nunca doera antes, e ainda podia sentir o suave palpito no centro de seu ser cada vez que olhava ao Leif. perguntava-se o que pensaria. Sabia que precisava tirar o tema a colação, mas não encontrou coragem.

Uma coisa era certa. Leif estava seguro de que pertencia, e de algum jeito era certo. Nunca haveria outro homem com o que se sentisse tão a gosto como com ele, nem que pudesse fazer sentir a paixão que o fazia sentir.

Ou o amor.

Bom, fossem quais fossem os sentimentos que Leif tivesse por ela, ou ela por ele, as coisas não mudaram.

Ele ainda pensava partir.

E ela não podia ir com ele.

Ignorou a pontada de dor que de repente sentiu no peito. Frente a ela, Leif trocou de posição.

—Esta noite irei jogar - disse ele, pondo fim ao longo silêncio. - Se mantiver a boa rajada que tive, logo terei reunido o dinheiro que necessito. - Encolheu o coração. Leif conseguiria o dinheiro e iria.

—Os navios custam muito dinheiro, Leif.

—Não necessito um muito grande, só do tamanho adequado para que me leve de forma segura a casa. Mas estive pensando...

—Sim?

—Aos ingleses gosta de investir seu dinheiro em muitos lugares. Possivelmente quando tiver um navio, poderia esta... estab...

—Estabelecer?

—Sim. Estabelecer uma rota comercial entre o Draugr e Inglaterra.

—Com o que comercializaria?

—Na ilha há artesãos muito bons que elaboram intrincados padrões para tecer, esculpem ourivesaria fina, fazem pentes de concha de tartaruga e pendentes com dentes de marfim.

Também fazem colares de pérolas e mangas de facas. Acredito que os ingleses pagariam preços muito elevados por coisas assim.

—Sim, pode ser que o fizessem - disse repentinamente excitada. - Se fizesse isso, poderia



ficar na Inglaterra, Leif. Poderia viver em Londres e levar seus negócios daqui.

Teria que navegar à ilha em algumas ocasiões, claro está, para conseguir mais mercadoria, mas...

—Minha casa está ali. Tenho um dever para com meu pai e meu clã. Algum dia serei o chefe.

Ela se deixou cair de novo contra o assento, com o coração palpitando dolorosamente. Leif estendeu a mão e apanhou a sua.

—Não te entristeça. Como bem diz, em quando tiver um navio poderemos vir de vez em quando. Poderá ver seu pai e a seus amigos, e com o tempo fará novos amigos em seu novo lar.

Krista olhou ao Leif. Sempre soube que essa conversa teria lugar em algum momento, mas esperara poder atrasá-la e gozar um pouco mais da quente sensação de ter feito o amor com ele.

—Sei que você gostaria que fosse contigo, e nunca saberá quanto significa para mim. Mas não posso ir, Leif. Minha casa está aqui, na Inglaterra. O que aconteceu ontem à noite entre nós não mudou isso.

As dourada sobancelhas dele se elevaram e uniram como as nuvens que formam tormentas.

—Tudo mudou. Ontem à noite me deu de presente o sangue de sua virgindade. É minha agora, conforme decretaram os deuses. Falarei com seu pai e virá ao Draugr comigo como minha esposa.

Krista sacudiu a cabeça.

—Não posso ir. Tenho um negócio que atender. Meu pai me necessita e também minha família. Tenho responsabilidades aqui igual a você as tem ali. Tentei dizer isso, tentei que entendesse.

Leif endureceu a mandíbula.

—Só entendo uma coisa. Se não tem nenhuma intenção de se casar comigo, então te comportaste como uma puta. Por que, Krista? Por que entregaste a mim e logo se nega a casar-se comigo?

—Porque te desejava! Igual a você me desejava!

—Deseja-me ainda? - Cravou os olhos sobre ela, tão azuis e intensos que o coração retorceu dentro do peito. - A verdade Krista.

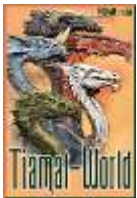
—Santo Cristo...,sim!

—Então não há nada que discutir. Reclamei-te como esposa quando te estendi debaixo de meu corpo e penetrei em seu corpo de donzela. Será minha esposa.

O temperamento de Krista se inflamou. Desejava o, sim. O certo era que estava apaixonada por ele. Mas não importava.

—Não me possui, Leif Draugr, não importa o que digam seus deuses. Não me casarei contigo! Não posso!

Leif não disse nada mais, mas um músculo começou a palpar na mandíbula. Cruzando os braços sobre seu maciço peito, ignorou-a olhando pelo guichê. Krista se manteve em silêncio,



enfurecida.

Estava apaixonada por um enorme bruto e arrogante viking. Inclusive agora, com apenas um olhar sentia como seu corpo ardia de desejo por ele.

Se formou um nó na garganta.

Amava-o, mas não podia casar-se com ele.

Deus, o que podia fazer?

Passou ainda outra hora antes que finalmente chegassem a sua casa. A tormenta da noite anterior tinha enlodado ainda mais o caminho e fazia mais difícil a viagem, e a volta a Londres levou mais tempo do que levaria normalmente.

Krista encontrou a seu pai esperando-os na sala principal, caminhando com inquietação de um lado a outro sobre o tapete persa. Virou ao aproximar-se deles.

—Krista! Querida, menos mal que está a salvo!

Ela se aproximou apressadamente para ele e deu um abraço. Leif entrou detrás dela, ainda zangado, por isso podia observar. Depois da noite anterior, Leif esperava que se casasse com ele.

Rezou para que não dissesse nada a seu pai.

—Lamento - disse ela. - Sabia que se preocuparia. Nos rompeu uma roda e tivemos que passar a noite em uma estalagem para que o senhor Skinner pudesse levá-la a reparar pela manhã. Saímos logo que pudemos.

—Confesso que estava muito preocupado. Depois do que aconteceu aquela noite no beco, e atrás desse terrível incêndio no Beacon...

—Sim, sei. Tentamos chegar a casa, mas logo nos rompeu a roda e não tivemos outra opção que ficar.

"Não tivemos outra opção." Tentou não pensar no problema que essas palavras provocaram a noite anterior. Sentiu que os intensos olhos azuis de Leif a perfuravam, e soube que ele também pensava o mesmo.

Krista se obrigou a sorrir.

—De todas maneiras, tornamos sãs e salvos, e não aconteceu nada mau. - Salvo que ela já não era virgem e não estava segura de se Leif queria estrangulá-la ou voltar a fazer o amor com ela.

Acelerou o coração ante aquele pensamento, e gemeu interiormente. Que loucura era tudo, até onde chegaram as coisas. Desejava que sua amiga Coralee estivesse ali.

Possivelmente entre as duas poderiam resolver o que fazer.

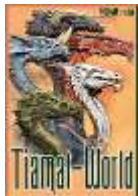
—Que tal a reunião com o senhor Harding? - perguntou seu pai, guiando-a ao sofá da sala.

—Temo-me que foi um autêntico desastre.

—O que aconteceu? Pedirei que nos tragam um chá e, enquanto isso, Leif e você me contarão tudo o que aconteceu.

—Sim, Krista - disse Leif da porta. - Façamos isso. Você conta a seu pai o que aconteceu com o Harding e eu o conto o que aconteceu de caminho a casa. - Krista ficou petrificada.

Sem dúvida alguma ele não se atreveria. Mas quando o olhou, a dura linha de sua mandíbula



dizia que, é obvio, era muito capaz. mordeu o lábio inferior, que começara a tremer, e sem palavras suplicou que guardasse silêncio. Ele deve ter entendido a súplica e aparentemente decidiu ter piedade dela, porque lançou um suspiro de resignação.

—Temo que terei que perder o chá. Preciso praticar um momento. Voltarei para o Crockford's esta noite.

Krista o observou dar meia volta e partir, mas seu coração não voltou para a normalidade até que ele desapareceu.

Leif jogou essa noite e as seguintes. Quando chegou um convite de lorde e lady Wimby para uma exclusiva festa na casa de campo do visconde, pressionou a Krista para que aceitasse.

—Lady Wimby é uma grande jogadora - disse ele. - Sempre se joga em suas festas.

Krista não teve que perguntar como sabia. Ele se estava convertendo em um jogador conhecido, e seu tamanho e boa presença o tinham feito muito popular entre as damas.

Tentava não sentir ciúmes quando os convites chegavam a montões.

—As mulheres o adoram - confiou Coralee uma tarde enquanto trabalhavam. - Algo que não deveria surpreender, suponho, só terá que olhá-lo.

Krista ignorou uma pontada de ciúmes.

—Está falando das mulheres que jogam às cartas no Crockford's?

—Sim, claro. É o lugar favorito da elite. Cedo ou tarde todos passam por ali. As damas dizem que Leif é muito original.

—Isso é ser realmente comedido. Ninguém nunca sabe com o que vai sair Leif, embora certamente se pode confiar em que sempre dirá a verdade nua.

—Leif é viking. As pessoas pode ser que não saibam, mas as mulheres suspeitam que é diferente. É viril e excitante, e vai diretamente ao ponto. Chamam-lhe "o estranho homem viril".

Krista pôs os olhos em branco, embora sabia que era a verdade. Lembrou-se do calor de seus beijos, do úmido calor de sua boca nos seios, das atrevidas carícias de suas mãos entre suas pernas.

—Está-te ruborizando - disse Corrie, arqueando uma de suas avermelhadas sobancelhas. - Acredito adivinhar por que.

—Sim? pois deixa de adivinhar.

—Krista...

—Volto para o trabalho. Preciso terminar o artigo que estou escrevendo sobre o Cutter Harding e as lamentáveis condições de trabalho de sua fábrica, e acredito que você também tem coisas que fazer.

Coralee só sorriu.

—Levarei-te a corrente um tempo, mas recorda que parte de meu trabalho é conseguir informação interessante. E tenho o pressentimento de que a informação que guarda é muito, mas que muito interessante.

Negando a engolir o anzol, Krista deu meia volta e se dirigiu a seu escritório, decidida a terminar o artigo sobre as deploráveis condições nas que tinha encontrado a fábrica têxtil.



Já denunciara as abusivas condições de trabalho dos meninos do Harding às autoridades, mas não estava segura de se fizera bem. A gazeta era a melhor maneira que tinha de ajudar aos trabalhadores.

Krista se sentou ante o escritório e tentou organizar seus pensamentos, mas sua mente se desviava uma e outra vez para o que aconteceria o fim de semana. Corrie tinha aceito acompanhar a Leif,

Krista e seu pai à casa onde lorde Wimby dava a festa no sábado. Krista sabia que Leif tencionava jogar. Rezou para que não ganhasse o dinheiro suficiente para comprar o maldito navio.

Capítulo 18.

A mansão estava cheia de convidados. Grandes Ramos de rosas e crisântemos decoravam o vestíbulo de entrada e as salas, o salão de baile de cima e as salas de jogo da planta baixa.

Diana Cormack, viscondessa do Wimby, olhou a seu redor e sorriu, agradada de quão bem estava tudo.

Assim que Arthur e ela terminaram de saudar os convidados, Diana abriu passagem pelo vestíbulo para os salões de jogo, onde ela preferia passar a noite. E ali se encontrava nesse momento, sob o falso teto de estuque com adornos em forma de folhas de acanto, bebendo champanha em companhia de sua melhor amiga, Caroline Burrows, condessa de Brentford, e observando a um grupo de pessoas que conversava perto das mesas dispostas para os jogos de cartas.

Abriu um leque de plumas negro, que combinava com o toque dourado e negro, e seu vestido de festa de cor negra.

—Está olhando fixamente - disse Caroline.

—Não posso remediar. Esse homem é magnífico. - Seu olhar repassou ao enorme loiro com aqueles incríveis olhos azuis, vestido de negro com um traje a medida. Jogava às cartas da mesma maneira que parecia fazer todo o resto, com intensa concentração. Diana poucas vezes ganhara, devia a ele, de fato, vinte mil libras que perdera no Crockford's a noite anterior. Sorriu.

Quase valia a pena as haver perdido só por sentar-se na mesa e sentir como esses olhos azuis se desviavam ocasionalmente a seus seios.

Estava claro que ele percebera o tácito convite, também ficara claro que preferira ignorá-la - o que daria por...

Caroline sorriu.

—Tá, bom, pois não vai ocorrer. - Carol e Diana eram da mesma idade, ambas casaram com homens mais velhos que elas. Diana era morena e exuberante, Caroline era loira, de olhos azuis e magra.



Ambas eram discretas com a escolha de amantes, mas só seus maridos pareciam ignorar as ocasionais correrias que mantinham fora dos limites do matrimônio.

—Não acredito que tenha visto nunca um homem tão... tão...

—Extraordinariamente viril? - riu Carol.

—Exatamente. Além disso ninguém parece saber muito dele. - Percorreu com a vista o imponente corpo de Leif, sua aposta cara e os assombrosos olhos azuis. - É um homem muito misterioso.

—Quão único sei dele é que é um amigo de sir Paxton que chegou da Noruega. Circula o rumor de que é uma espécie de príncipe escandinavo.

—Bom, o certo é que o parece. - Um sorriso felino curvou os lábios de Carol. E se inclinou para frente, aproximando-se mais. - Também ouvi rumores de que Leticia Morgan tentou colocá-lo em sua cama.

Diana arqueou suas sobrancelhas escuras.

—Conhecendo a Leticia não me surpreende muito.

—Ouvi que se aproximou no Crockford's, disse que seu marido passaria as semanas seguintes no campo e o convidou a ir a sua casa.

—E que aconteceu?

—Ao que parece, disse-lhe algo sobre que estava claro que necessitava um bom meneio, mas que ele tinha outras ocupações.

—Deus bendito. - Ambas as mulheres riram bobamente como se fossem umas associadas. Diana tomou um sorvo de champanha, tentando esfriar suas ardentes faces. - Então, está ocupado?

—Pois parece ser que sim.

—Pergunto-me com quem estará.

—Esse homem exsuda virilidade. Não posso imaginar ele negando-se a satisfazer suas necessidades quando tem tantas mulheres disponíveis.

Diana percorreu com um dedo o bordo da taça de champanha.

—Ao que parece não tem muitos conhecidos. Poucas vezes o vi com ninguém que não seja o professor Hart ou sua filha.

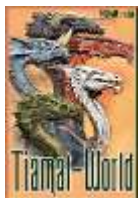
Caroline arqueou suas sobrancelhas loiras e sua expressão se voltou desconfiada.

—Agora que o menciona, a senhorita Hart e ele fazem um casal sensacional.

Diana refletiu sobre isso.

—Krista sempre foi uma jovem muito formosa. Não me cabe dúvida de que era seu aspecto o que atraía ao Matthew, além de seu dote, claro está, mas pessoalmente a considerava muito alta e robusta para resultar atraente. Quando a vejo ao lado de Draugr, ela parece... bom, a vê muito bela.

—Possivelmente Matthew viu nela o que não víamos nós outros. Krista é realmente impressionante, não? - Caroline estudou o grupo que incluía o Leif Draugr, Coralee Whitmore, Krista e seu pai.



—O que está insinuando?

—Como você há dito, esse homem é tão viril que é difícil acreditar que seja celibatário.

Ela sorriu.

—Bem, acredito que o tempo o dirá. A verdade sempre sai à luz.

Observaram como Leif se desculpava, cruzava a sala e tomava assento em uma das mesas de jogo. Jogou algumas mãos, e uns minutos depois, lorde Elgin mostrou suas cartas e se levantou da mesa.

Caroline colocou a taça vazia na bandeja que passava um dos garçons.

—Parece que ficou um assento livre. Acredito que me unirei ao jogo.

Diana observou como sua amiga partia.

—Boa sorte - a desejou. A condessa não era tão boa jogadora como Diana, e era inclusive pior quando tinha como oponente um rosto arrumado.

O marido de Carol tinha mais dinheiro que o de Diana, e além disso não importava gastar o de qualquer maneira que a satisfizesse.

Diana riu ao pensar em quantos milhares de libras se levaria Leif Draugr a casa essa noite.

Krista observou com que soltura jogava Leif; o montão de lucros se ia empilhando diante dele.

—Leif é um dos melhores jogadores que vi - disse seu pai com um pouco de orgulho. - Tem uma memória incrível. É um dom inapreciável para o tipo de jogos aos que se dedica.

—É realmente bom - conveyo Corrie. Krista não fez nenhum comentário. Não queria pensar nos intermináveis lucros de Leif, não queria que ganhasse o necessário para comprar o maldito navio.

Uma sombra caiu sobre o grupo.

—Vejo que seu amigo não retornou ao campo.

Krista se voltou ao reconhecer a voz familiar de Matthew Carlton. Seu olhar caiu sobre o alto homem que não havia tornado a ver desde o dia do duelo com o Leif.

—Matthew, menino! - exclamou seu pai, com um sorriso radiante ante a chegada de um de seus jovens favoritos. - Me alegre de verte!

—O mesmo digo, professor. - O escuro olhar do Matthew se deslocou dela a Coralee. - Krista. Senhorita Whitmore.

Corrie o saudou com a cabeça e entouu uma resposta educada.

Krista se obrigou a sorrir.

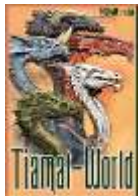
—Me alegre de voltar a verte, Matthew.

—Está preciosa esta noite, Krista. - As palavras a surpreenderam. Nunca havia dito um completo elogio antes. Surpreendeu-se da mudança.

—Obrigado.

—Li o artigo sobre Têxteis Harding. Estava muito bem escrito, embora criou um novo inimigo, Cutter Harding.

—A verdade é a verdade, não importa quanto queira ocultar.



—Como já te disse, estava muito bem escrito.

—Obrigado - disse ela outra vez, e Matthew sorriu. Nunca pensara que Matthew fosse especialmente fascinante, mas enquanto conversava com o Corrie e seu pai, virtualmente exsudava encanto por todos seus poros.

Pegou-a pela mão e a urgiu a afastar um par de passos. A contra gosto, ela o seguiu.

—Passou muito tempo, querida. Senti sua falta, Krista. Esperava que você também tivesse sentido minha falta.

Ela se soltou de sua mão e respondeu com cautela.

—Fomos amigos, Matthew. Estranho nossa amizade.

—Houve um tempo em que fomos mais que amigos. Estávamos comprometidos para nos casar, Krista.

—Sei, Matthew, mas...

—Está apaixonada por ele?

A pergunta pegou-a de surpresa, e suas faces se ruborizaram.

—Não sei... não sei o que quer dizer.

—Sabe exatamente do que falo.

Ela respirou profundamente e deixou sair o ar com lentidão.

—Voltará para sua casa, Matthew. É só questão de tempo. Seja o que seja o que sinta por ele, não irei com o Leif.

—Está segura?

—Sim.

Matthew pareceu relaxar-se.

—Então, no momento, serei indulgente com seu capricho e espero que com o tempo recupere a razão.

Ela não soube o que dizer a isso.

—É difícil prever o futuro, Matthew. - Mas não o enganou. Precisava casar-se. No dia anterior, recebera uma carta de seu avô. As notícias sobre o compromisso quebrado finalmente chegaram até o conde e estava furioso. Tão zangado, de fato, que pensava viajar a Londres desde sua casa de Kent. Tencionava "impor sua lei", dizia na carta. Ela devia cumprir com seu dever.

Não tinha nem ideia do que pensava fazer, mas tampouco importava. Tinha uma responsabilidade para sua família e, cedo ou tarde, teria que assumi-la. E a pura verdade era que, uma vez que Leif se fosse, não importava com quem se casasse. Seu enlace seria só uma aliança, um matrimônio sem amor com benefícios para ambas as partes. Já não era virgem, mas seu dote devia compensar esse fato.

Matthew ainda estava interessado... Tomou a mão e levou os dedos enluvados aos lábios.

—Logo falaremos.

—Não há necessidade de que falem - disse uma voz profunda desde atrás. - Krista não é para ti.

Os rasgos do Matthew ficaram tensos.



—Suponho que teremos que esperar a ver.

—Leif, por favor - murmurou Krista, esperando impedir uma cena. Leif lançou um olhar que poderia ter congelado às pedras. Matthew se inclinou de uma maneira respeitosa.

—Têm que me desculpar. De repente, o ar se tornou irrespirável. - dando as costas se dirigiu para a porta da sala, e ela centrou a atenção em Leif.

—Isso não era necessário. Só estávamos falando.

—É minha - disse Leif. - Se não poder recordá-lo, não terei nenhum problema em recordar eu a cada homem desta sala.

Krista aumentou os olhos.

—Está... está sendo ridículo. Matthew estava sendo educado nada mais.

Leif curvou uma das comissuras de sua boca.

—Serei muito educado contigo assim que voltemos para casa. Tudo o que tem que fazer é deixar o ferrolho da porta sem jogar.

A cara de Krista ficou vermelha. Pior ainda, o pulso disparou. Um golpe ardente baixou até seu ventre, e os mamilos se arrepiaram sob o vestido.

—Não diga essas coisas - sussurrou. - Não posso fazer isso e você sabe.

Leif a olhou, divertido.

—O que vamos fazer.

Krista conteve a risada, aliviando a tensão entre eles.

—Santo céu, cada vez te volta mais britânico.

Ele sorriu em resposta.

Ainda sorria quando retornou à mesa de jogo. Ao final da noite, estabelecera um novo recorde de lucros entre os jogadores da alta sociedade.

Krista sabia que pela manhã, quando fosse ao porto para fazer com um navio, seu coração se romperia em mil pedaços.

Leif já não era bem recebido no Crockford'S. Outros clientes começavam a queixar-se das perdas que sofriam, e convidaram muito corretamente a não retornar. Jogou em alguns lugares mais, incluindo um elegante clube que estava situado no número cinquenta do St. James.

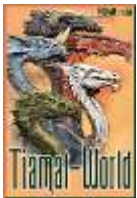
A noite anterior aceitara o convite para uma partida privada em casa do Alexander Cain, um jogador cujo passado era quase tão misterioso como o do próprio Leif.

Alex Cain era um dos melhores jogadores de Londres, um fato que se viu confirmado pelos escassos lucros que teve Leif essa noite.

O jogo resultou muito renhido e intenso, e quando Leif abandonou a casa do Cain, sentiu-se aliviado de que sua modesta fortuna permanecesse quase intacta.

Mas algo bom resultara da noite. Cain e ele desenvolveram um certo respeito o um pelo outro. Como Leif, Cain mantinha sua vida pessoal em privado, mas além disso era um inteligente homem de negócios, um dos quais - uma sociedade com o rico naval Dylan Villard, em uma companhia que se chamava Continental Shipping - era o que interessava ao Leif.

—ouvi rumores de que anda procurando um navio - disse Cain quando se sentou com o Leif



em seu escritório para beber um bom brandy e fumar cigarros, um vício do que, conforme tinha descoberto Leif recentemente, gostava de desfrutar.

—Tenho intenção de comercializar - disse Leif. - Necessito um navio fácil de dirigir e que requeira uma mínima tripulação. Com o tempo espero poder ampliá-lo, mas por agora é o que ando procurando.

—me deixe falar com o Dylan, pode ser que ele conheça algo adequado para você.

—Quero contratar a um capitão e vários homens que estejam dispostos a permanecer fora pelo menos um ano. Homens que saibam manter a boca fechada.

Cain fez girar o copo formando redemoinhos no brandy.

—Interessante... - Era mais alto que a maioria dos ingleses, com cabelo escuro e inteligentes olhos verdes. - O certo, Draugr, é que você está resultando ser um homem muito interessante.

Leif sorriu. Gostava de Alex Cain. Também gostava às mulheres, embora conforme tinha observado Leif, parecia que para quão único as queria era para as levar a cama.

Alex Cain era um homem com segredos, mas Leif sentia que era de confiança.

Ao cabo de uma semana, Cain arrumara três entrevistas para ir ver três navios diferentes: um bergantim, um veleiro que se dedicou a transportar passageiros ao longo da costa e um veleiro de sessenta pés de comprimento do navio.

O veleiro pareceu perfeito.

Não era um navio formoso, não tinha nada que ver com o que os homens de Draugr e ele construía com os restos do naufrágio na ilha, mas estava impecável e era muito manejável ao ter só um par de mastros.

Na Inglaterra os navios tinham nome, e este se chamava Lily Belle. Como surpresa para o Leif, Cain trocou o nome pelo de Dragão do Mar, que se pintou na popa com grandes letras vermelhas.

Quando Leif leu as palavras, aumentou os olhos com surpresa.

—Como soube?

—Como soube o que? - perguntou Caín, escrutinando-o com seus perspicazes olhos. Dando-se conta de seu engano, Leif simplesmente se encolheu os ombros. Compreendeu que se tratava só de uma coincidência.

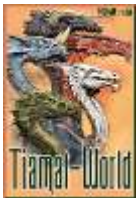
Alex Cain não tinha maneira de saber que no Draugr ao Leif o chamavam coração de dragão pela ferocidade que mostrava nos combates.

—Dragão do Mar. Eu gosto.

Cain sorriu.

—Isso imaginava. De algum jeito me pareceu o mais apropriado.

Eram bons amigos, e embora Leif iria logo, sentia-se bem ao pensar que começava a encaixar nesse país. Também gostou do sócio do Cain, Dylan Villard, que tinha cabelo e olhos escuros e ficou encantado com a proposta que este fez: se Leif finalmente estabelecia uma rota comercial e a mercadoria era fácil de conseguir, devia falar com o Cain e Villard antes de fazer entendimentos com outro.



—A Continental Shipping interessa expandir-se - disse Villard em uma reunião que mantiveram em seus escritórios do porto. - Estamos mais que ansiosos por acessar a novos portos.

—Parece-me bem. Possivelmente... possivelmente com o tempo possamos fazer negócios.

Quando Leif deixou a reunião, chamou um cabriolé de aluguel e subiu para retornar a casa. Sentia-se depravado, de uma maneira em que não se sentiu em semanas. ganhara mais dinheiro de que necessitava. Encontrara o navio adequado e logo teria tripulação.

O que precisava era uma esposa.

Pensou na Krista e sua virilha palpitou. Queria voltar a tê-la em sua cama, queria fazer o amor com ela outra vez. Queria tomá-la quando e como quisesse.

Era o momento de falar com o pai de Krista.

Uma tarde, dois dias depois, surgiu a oportunidade que Leif esperava. Perguntou ao professor se podiam falar, e logo se sentaram frente a frente na mesa de mogno que ocupava um rincão do estudo do professor.

Leif não perdeu tempo expondo seu caso, e finalizou com a quantidade de dinheiro que queria oferecer.

—Sem dúvida não ouvi bem - disse o professor, inclinando-se para diante em sua cadeira.

—Sinto muito, professor, escolhi mal as palavras?

—Pois possivelmente o tem feito. Acreditei te haver ouvido dizer que me oferecia vinte mil libras pela Krista.

Leif se levantou bruscamente.

—Insultei-o. Sabia que deveria ter devotado mais. Sua filha vale muito mais que...

—Sente-se, menino. Não me hei sentido insultado absolutamente.

Leif voltou a sentar-se na cadeira.

—O certo é que vinte mil libras é muito dinheiro. Estou seguro de que Krista se sentirá adulada, mas a verdade é que não posso aceitar sua generosa oferta. Na Inglaterra não vendemos a nossas filhas em matrimônio.

—Isso já me havia dito, mas suas mulheres chegam a seus maridos com um dote. Não é uma situação similar?

—Bom, suponho que é uma maneira de vê-lo, mas...

—Sou o homem adequado para ela. Sem dúvida deve haver-se dado conta.

O professor soltou um suspiro.

—Está claro que se importa muito, Leif, mas embora eu pensasse que são perfeitos o um para o outro, não teria importância. A escolha é só de Krista.

—Mas você é seu pai. E deve dar sua conformidade para as bodas.

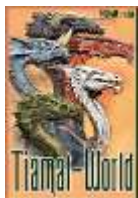
O professor afastou o olhar.

—Desejaria poder te ajudar, filho, mas a menos que esteja disposto a ficar na Inglaterra...

—Devo retornar. Já sabe.

—Então não acredito que Krista se case contigo.

Um gosto amargo alagou a boca de Leif.



—É pelo dever que tem com seu avô e com você.

—Possivelmente ela o sinta assim. Não estou totalmente seguro. Mas a verdade é que a vida de Krista está aqui, na Inglaterra. Sua família está aqui, e também o trabalho que tanto gosta na gazeta.

A revista foi uma grande impulsora das reformas de várias leis, e ainda há muito trabalho que fazer.

—É uma mulher. Necessita um marido, um homem que dela se encarregue.

O professor se levantou lentamente da cadeira.

—Eu adoraria que pudesse ser esse homem, Leif, de verdade. Mas não pode ir contigo. Não seria feliz em um lugar como a Ilha Draugr. E você mesmo há dito que não pode ficar aqui.

Leif se levantou também.

—Opõe-se a este matrimônio?

—Não. Como hei dito antes, a escolha é de Krista. Eu só quero que seja feliz.

Leif empurrou a pesada caixa de moedas que havia trazido para o professor.

—Se não pode aceitá-lo como pagamento pela Krista, aceite-o como pagamento pela dívida que tenho com você. Vivi de sua generosidade durante meses.

Cuidou-me, alimentou-me e proporcionou um lugar onde dormir. Ensinou-me mais nestes meses do que nunca esperei aprender. Sempre estarei em dívida com você.

—Esta é uma quantidade muito grande, Leif, e certamente não há necessidade de que me pague nada. Fizemos um trato, e você cumpriu sua parte.

—O dinheiro é seu, professor. - Leif não o voltou a repetir, só deslizou a caixa sobre a mesa, voltou-se e saiu do estudo.

Não foi procurar a Krista. Sabia qual seria sua resposta.

Embora acreditava que ela sabia que pertencia a ele, era tão teimosa como uma mula, e sua vontade era tão forte como a dela. Não importava. Sabia o que era melhor para ela embora ela mesma não soubesse.

Os vikings sequestraram a suas mulheres durante séculos.

Quando seu navio, o Dragão do Mar, navegasse para casa, Krista Hart estaria a bordo.

Capítulo 19.

A noite de outubro era ventosa e fria, mas o céu estava claro e a lua cheia brilhava no alto sobre as ruas londrinas.

Os últimos dois dias, Krista esteve tentando preparar-se para a partida de Leif, mas agora que chegara o momento se deu conta de que não estava preparada absolutamente.

Não fora ontem quando o encontrara encadeado e sacudindo ruidosamente as barras daquela jaula?



Nunca esqueceria a primeira vez que o viu sem o desgrenhado e comprido cabelo loiro e com as faces bem barbeadas, nu, Sorrindo amplamente.

Era o homem mais bonito que vira.

Parecia impossível que nos meses transcorridos desde sua chegada ele se tornou um homem educado, que tivesse chegado a ganhar por si mesmo uma modesta fortuna e, e ainda, conseguir que andassem atrás dele a metade das mulheres de Londres.

Parecia mentira que Krista se apaixonou por ele.

Vagava pela casa como uma alma penada, com o coração cheio de tristeza.

Mas já fizera os últimos preparativos. Com a ajuda de um homem chamado Alexander Cain, que Leif conhecera jogando às cartas, adquirira o navio e a tripulação.

No dia anterior, o mostrara todo orgulhoso a seu pai e a ela. Por isso ele havia dito, era um veleiro de sessenta pés, o suficientemente pequeno para que pudesse dirigir o próprio Leif, um capitão e dois tripulantes que contratara.

Apresentara ela ao capitão, um corpulento homem chamado Cyrus Twig, e aos dois marinheiros, um de pele morena chamado Felix Hauser, e outro, muito mais baixo e com um emplastro no olho, chamado Bertie Young.

Segundo Leif, os tripulantes, que não tinham família, arrolaram-se com ânsias de aventura e pela promessa de uma participação na companhia que esperava fundar.

Depois de umas breves apresentações, Leif a acompanhara a percorrer o navio, mostrando dos camarotes da tripulação até o mastro de popa, e a pequena, mas equipada, cabine do proprietário situada em popa, que serviria de camarote durante a viagem.

—Está bastante bem - disse ele com um sorriso, - embora eu teria gostado que a cama de armar fosse maior.

Não era tão pequena, embora assim o parecesse para ele. Grande que ele era enchia o diminuto camarote. Mas era óbvio que servia claramente para seu propósito.

Krista deixara o navio consumida em uma depressão e tentando conter as lágrimas.

Leif pareceu não dar-se conta. Quando chegaram a casa, ele esperou até que seu pai desapareceu no estudo para trabalhar e logo a conduziu a sala.

—Veem - disse simplesmente. - Já viu meu navio. É um navio forte e sólido, não como o que me trouxe para estas costas. Levará-nos a ilha de maneira segura.

—Sim... é um navio muito bom, Leif.

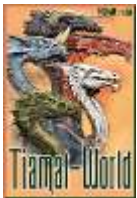
Ele sorriu.

—Me alegro de que você goste. É o momento de que nos casemos. Me diga que será minha esposa.

Encolheu o coração. A simples proposta de Leif significava mais para ela que todas as escolhidas palavras que Matthew Carlton havia dito em seu momento. Amava profundamente ao Leif.

Apesar de que sentia que o coração partia em dois não pôde aceitar sua oferta.

—Desejaria poder me casar contigo, Leif. Não imagina quanto.



—Então, diga isso e diga que virá comigo.

Ela tentou tragar o nó da garganta.

—Não posso. Não posso ir pela mesma razão que você não pode ficar.

—Sabe que é minha. Nega-o?

Ela sacudiu a cabeça, o nó da garganta era cada vez mais doloroso.

—De algum jeito sempre serei tua. - "Amo-te", queria dizer mas não o fez. O perder já era suficientemente doloroso para piorar ainda mais as coisas.

Ocorreu que Leif nunca havia dito essas palavras, e se perguntou se possivelmente os vikings não confundiam desejo com amor. Possivelmente partir parecia menos doloroso que a ela.

—Não há nada que possa dizer para te fazer mudar de opinião?

Ela negou com a cabeça.

Leif só disse uma coisa mais.

—Então, que assim seja. - Com a mandíbula apertada e o olhar duro, saiu com passo vivo da sala. Sabia que estava zangado. Como podia fazer ele entender?

Observou-o desaparecer pelo corredor e lutou por conter as lágrimas.

Estava apaixonada por ele.

E ao dia seguinte se iria.

As horas passaram lentamente. Chegou o jantar, mas Leif não se uniu a eles; em seu lugar decidiu sair de casa. Ela e seu pai comeram em silêncio, imersos na tristeza.

O professor não parecia mais feliz de perder ao homem que se converteu em um filho para ele que ela de perder ao homem que amava.

A noite avançou, mas Leif não retornou. Ela esperou e esperou, logo se deu por vencida e se retirou a seu quarto sem vê-lo. Possivelmente despedir-se fora mais duro para ele do que ela tinha acreditado.

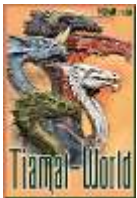
Passava já a meia-noite quando ela ouviu seus passos nas escadas. Supunha-se que ele partiria ao despontar da alvorada. Sem dúvida alguma não passaria de comprimento sem despedir-se dela.

Mas Leif não veio, e enquanto ela jazia ali, com os olhos cravados no teto, sofrendo por seu amor por ele, soube o que precisava fazer.

Colocando sua bata de seda azul sobre a camisola de algodão, dirigiu-se para a porta com os pés descalços roçando a barra da bata. Depois de jogar uma olhada para assegurar-se de que ninguém a via, saiu ao corredor e muito silenciosamente se aproximou do quarto de Leif. Quando chegou à porta, apertou a orelha contra a madeira e escutou, mas não ouviu movimento algum, só silêncio.

Considerou voltar para o dormitório, mas seus pés se negaram a mover-se nessa direção. Em vez disso, tomou a maçaneta prateada e a girou. A porta não estava fechada com chave e entrou na sala.

Havia uma só vela acesa sobre a mesinha de noite, e sob o brilho da luz viu que ele estava deitado sobre a cama, acordado.



Só levava postos as calças, sem os sapatos ou as meias, com o peito largo e musculoso descoberto. Seus olhos azuis brilhavam enquanto a observava aproximar-se.

—Eu... vim me despedir.

—Eu não gosto das despedidas - disse em tom áspero.

—Nem a mim... a verdade é que tampouco eu gosto, mas... queria verte uma última vez antes que fosse.

Leif se incorporou da cama como um leão cujo sonho tivesse sido interrompido, abatendo-se sobre ela, com o olhar duro e a mandíbula tensa.

—Possivelmente queria algo mais que se despedir de mim. Possivelmente o que queria era me sentir dentro de ti uma última vez.

Ela negou com a cabeça.

—Não... eu... - Um rubor ardente cobriu suas faces. Era a verdade e ela sabia. Queria que fizesse o amor, queria ter a lembrança em seu coração quando ele se for.

Ele a olhou no rosto.

—Diga-o. Me fale por que veio.

Krista umedeceu os lábios, sentindo-os repentinamente muito secos.

—Precisava ver você. Quero... quero fazer o amor contigo.

Leif não se moveu, mas seu olhar se voltou ardente e penetrante.

—Mas não te casará comigo.

As lágrimas alagaram os olhos de Krista.

—Não posso.

Acreditou que simplesmente a ignoraria, que ele daria as costas, mas Leif começou a desabotoar os botões da braguilha. Abaixou as calças e as tirou. Estava nu, e por isso ela observou, muito excitado.

—Te dispa.

Havia algo na maneira em que disse essas palavras, algo que exigia obediência. Ela tirou a bata com mãos trementes, logo desatou a cinta da camisola e deixou que deslizasse pelos quadris.

Durante um longo momento, ele só permaneceu ali, com o olhar percorrendo os seios, detendo-se na cintura e a curva de seus quadris.

Logo, de repente, o leão se moveu tão velozmente que ela reprimiu um grito de alarme. Krista tremeu quando a tomou em braços para levá-la até a cama, e logo se deixou cair ao lado dela.

Acreditou que a beijaria, mas deslizou as mãos ao redor de sua cintura e a levantou escarranchada sobre ele, separando as pernas, conseguindo que se sentisse vulnerável e exposta, mas ao mesmo tempo selvagem, de uma maneira que nunca havia sentido antes. Observou o calor dos olhos de Leif, notou sua poderosa ereção pulsando debaixo dela, e uma poderosa sensação de prazer se avivou em seu interior.

—Solte o cabelo.

Acelerou o pulso quando obedeceu, desatando a cinta que o sujeitava e, passando os dedos



entre as grossas mechas douradas, permitiu que seu sedoso cabelo formasse uma cortina ao redor de seus ombros.

Ele deslizou a mão pelo pescoço de Krista e a atraiu para si para afundar-se em sua boca com um beijo profundo e devastador. Acariciou os seios, moldando e beliscando os mamilos até que começaram a doer e inchar-se.

O calor a invadiu. O desejo se originou em seu ventre e estendeu pelas extremidades. Leif aproximou a boca aos seios e sugou; ela nunca havia sentido um prazer tão ardente.

Deixou cair a cabeça para trás para permitir um maior acesso. Moveu-se inquieta em cima dele o fazendo emitir um profundo gemido.

—Vou dar o que quer. - Apertou as mãos ao redor da cintura de Krista outra vez. Levantou-a e ela sentiu como sua dura ereção se deslizava dentro dela até que a penetrou por completo.

—Cavalgará-me esta noite - disse ele. - Toma o que queira de mim.

E assim, com avidez, ela o fez. Aprendeu a mover-se, e a trocar de posição para tomá-lo mais profundamente, a levantar para logo deixar cair e assim sentir como a percorria um estremecimento de prazer.

Acima e abaixo, o fogo ia consumindo. Mordeu os lábios para não gritar quando ele a agarrou pelo traseiro para mantê-la quieta, e logo começou a empurrar dentro dela com dureza.

Krista emitiu um gemido, logo outro. O prazer era muito feroz e doce ao mesmo tempo, muito urgente para poder suportá-lo, mas Leif não se deteve, simplesmente a sustentou e se introduziu nela, uma e outra vez, até que o nó tenso que ela sentia se liberou e seu corpo explodiu em mil pedaços. As quebras de onda de prazer a alagaram, uma mescla de sensações tão poderosas que a fez gritar seu nome.

Leif seguiu sujeitando-a para levantá-la e sair-se no último momento, derramando sua semente fora do corpo de Krista.

Ela disse que deveria estar agradecida. Assim não teria um filho sem pai. Mas em lugar de alívio, sentiu-se afligida por uma enorme tristeza. Não haveria nenhum bebê de cabelo dourado.

Não teria ao filho de Leif para poder recordar nos dias vazios que se estendiam ante ela, ninguém que enchesse seu solitário futuro, ninguém em quem derrubar todo seu amor.

Começou a chorar. Simplesmente não pôde conter as lágrimas. Sentiu os lábios de Leif pressionando com delicadeza contra sua fronte.

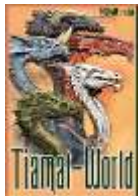
—Não esteja triste, elsket. Com o tempo tudo estará bem.

A palavra significava "amada", e ela começou a chorar outra vez. Mas não tinha motivos para chorar. A pedira em matrimônio e ela negou. O futuro desolador que se estendia ante ela era por escolha própria.

Dormiram um momento, Krista se aconchegou entre os braços de Leif, mas não podia permanecer ali se por acaso alguém a descobrisse em sua cama, assim que o deixou dormindo e, em silêncio, vestiu-se e retornou a seu quarto.

Chorou até ficar adormecida.

Pouco a pouco, Krista abriu os olhos. Ainda estava escuro, mas um ruído em seu dormitório,



um movimento perto da porta, a despertara. Logo viu a sombra de algo estranho de pé ao lado dela.

Tentou gritar, mas no momento que abriu a boca, a tamparam com uma mordança e ataram com eficácia e rapidez as mãos à costas para que não pudesse mover-se.

Durante um instante, sentiu medo, mas enquanto atavam os tornozelos, reconheceu a enorme besta loira que a tampou com uma capa e a pôs ao ombro como se não pesasse absolutamente nada.

A fúria a invadiu. Krista tentou chuta-lo, tentou gritar, mas só pôde emitir um grasnido afogado. Queria golpear essas enormes costas musculosas, queria insultar à besta arrogante e insensível que era, mas não pôde. Desceu-a pela escada de serviço e atravessou a porta com ela, envolveu-a em uma manta e a colocou dentro da carruagem de aluguel antes que ninguém pudesse inteirar-se de que a levava.

Levava-a a Ilha Draugr.

Sequestrava-a. E Krista nunca o perdoaria.

O porto estava tranquilo a essas horas da madrugada. Uma brisa fresca chegava do mar, produzindo ondas na água, mas o céu estava espaçoso, o ar era frio e limpo.

Na cabine do proprietário do navio, Krista jazia sob as mantas na cama de armar de Leif. Era o suficientemente grande para os dois, pensou ela, sem importar o que ele acreditasse. Não tirara a mordança.

Estaria dando gritos se o tivesse feito.

Não a desatara. Provavelmente o teria assassinado se o tivesse feito.

Escutou como os tripulantes se deslocavam de um lado a outro pela cobertura, em cima dela, soltando as amarras e preparando-se para zarpar. Com um rangido, o navio cabeceou e começou a afastar do mole.

Quando o navio começou a mover-se, o capitão emitiu a ordem de que um dos tripulantes subissem ao mastro e soltasse a vela maior; logo estiveram içadas todas as velas.

O navio ficou a favor do vento e começou a sulcar rapidamente o mar.

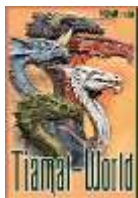
Krista seguia deitada na cama de armar, absolutamente furiosa e desesperada. Através do soalho do teto, ouviu o capitão Twig gritar mais ordens. Leif podia ser viking, que em seus tempos foram os melhores navegantes do mundo, mas as pessoas de Draugr estiveram atadas a terra perto de trezentos anos e ele era o suficientemente preparado para conhecer suas limitações.

Observara o montão de livros de navegação nos que Leif havia se aferrado no estudo de seu pai nas últimas semanas. Krista supunha que, ao menos em teoria, Leif sabia tanto como o capitão sobre como navegar no Dragão do Mar.

Dragão. O nome perfeito para ele!

E ela o tinha comparado com um leão, mas dragão ia muito melhor para ele, o mais insensível, o mais desumano, preocupado só por seus próprios desejos. Pela primeira vez o viu como o homem cruel que era.

Um homem determinado a ter tudo que desejasse sem importar o que custasse.



Passaram ao menos três horas desde que zarpassem de Londres antes que Leif voltasse para o camarote. A Krista doía os braços pela incômoda posição na cama de armar. Estava quase exausta pela falta de sono e mais furiosa do que esteve jamais em sua vida. À luz da lanterna de latão que pendurava na parede, observou como Leif entrava no camarote, e se perguntou se ele podia ler a cólera em sua cara.

—Tirarei a mordaca, mas só se me prometer que não gritará. Ninguém virá em sua ajuda embora o faça.

Nada a agradaria mais que se por a gritar até afundar o navio, mas sabia, como ele havia dito, que não serviria de nada.

Assentiu com a cabeça e esperou enquanto desatava a mordaca, logo afogou o grito de fúria que ameaçava escapar de sua garganta.

—Como pudeste fazê-lo? - grunhiu rilhando os dentes. - Como pudeste fazê-lo quando sabe o que eu penso?

—É minha - disse ele simplesmente. - De verdade pensava que deixaria atrás o que me pertence?

—Não sou tua! - gritou ela. - Não sou uma posse, nem tua nem de ninguém!

Ele assinalou a mordaca como advertência, e ela teve que afogar outro violento desdobramento de temperamento.

—Por favor, me desamarre. De todas as maneiras não posso ir a nenhum lugar, a não ser que salte pela borda, mas, asseguro que isso, não penso fazer.

Ele não vacilou, só avançou uma pernada, tirou uma adaga do cano de sua bota negra, e cortou as tiras de tecido que usara para atar os pulsos e tornozelos. Krista se ergueu lentamente na cama de armar.

—Assim sou sua prisioneira.

—É minha prometida.

—É curioso, não recordo ter aceitado me casar contigo.

Ele se encolheu de ombros.

—Se não tencionava te casar comigo, então não deveria ter se entregue a mim.

—Mas eu... mas você... mas você... - Ela aspirou profundamente. - O que acontece com meu pai? Vai preocupar por mim muito.

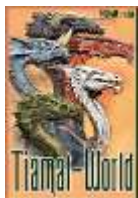
—Deixei uma nota. Disse que logo seria minha esposa, assim não tem necessidade de preocupar-se. Acredito que no fundo sabe que fiz o melhor.

—O melhor? Partir rumo a uma ilha primitiva deixada da mão de Deus onde vivem no século XVI? Me obrigando a deixar minha casa? Minha família? Meu trabalho? Pensa que isso é o melhor?

Leif a ignorou. Aproximando-se, agarrou o queixo com a mão.

—Dorme um pouco, kaereste. - "Carinho" - Amanhã verá as coisas com mais clareza.

Ela conteve uma réplica. "Homem arrogante, dominador, exasperador!" Teve que morder a língua para não gritar as palavras, mas se fazia, não tinha nenhuma dúvida de que acabaria atada



de barriga para cima na cama de armar outra vez.

Em lugar disso, assim que ele se foi, levantou e caminhou de um lado a outro da cabine, tentando em vão desafogar sua fúria. Leif podia ser um homem desejoso de aventuras, um menino que passou a vida querendo ver lugares longínquos, experimentar mundos novos e diferentes, mas Krista não era assim.

Ela gostava de como era sua vida. Amava Londres, não importavam o ar carregado, as ruas abarrotadas e o clima infame. Amava a sua família: a seu pai, a seu avô e a sua tia, aos primos que de vez em quando vinham visitá-la.

E amava trabalhar na revista. De coração a coração significava tudo para ela. Era sua paixão, sua alegria, a provocação que fazia interessante sua vida. Leif não entendia.

Nunca entendera, e agora era muito tarde para fazer ele compreender.

Aspirou profundamente, a cólera a abandonou, repentinamente. Como ele havia dito, estava cansada e a viagem só começara. Deixou-se cair na cama de armar e subiu as mantas até o queixo.

Faltava ainda uma semana para chegar à Ilha Draugr. Tinha tempo, disse a si mesma. Já pensaria uma maneira de persuadir ele para que a levasse de volta a casa.

Ou possivelmente poderia persuadir ao capitão e a tripulação. Eram ingleses, não vikings. Os ingleses não sequestravam uma mulher e a forçavam a casar-se. Sem dúvida alguma a ajudariam.

Mas enquanto pensava nesses homens, o capitão e outros, e imaginava o que ocorreria se eles opunham aos desejos de Leif, a incerteza a invadiu.

O vira brigar em duas ocasiões. Devia empurrar a esses homens a essa classe de perigo?

Mentalmente deu voltas ao assunto enquanto deitava sob as mantas. O que devia fazer? Como faria para poder retornar a sua casa? Finalmente, o bater das ondas contra o casco do navio a levou em um sono inquieto.

Enquanto a luz matutina penetrava na cabine, sonhou com o Leif e com sua casa.

Krista não ouviu como Leif retornava ao camarote. Despertou a altas horas da madrugada e se encontrou apertada contra ele.

Poderia se ter permitido o luxo de desfrutar do calor reconfortante de seu corpo se não houvesse sentido a pressão de sua boca contra o pescoço.

Krista se ergueu na cama, furiosa uma vez mais.

—Se pensar por um minuto que vai fazer-me o amor, está muito mas que muito equivocado. Oporei-me com cada fibra de meu ser. Não deixarei que me toque, Leif Draugr! Isso acabou!

Ele curvou os lábios em um débil sorriso.

—Volta a dormir, carinho. Não te tocarei se não o deseja. Mas é uma mulher apaixonada, Krista, suas necessidades são quase tão grandes como as minhas. Com o tempo procurará o prazer que posso te dar.

—Antes se congelará o inferno - disse ela, afastando-se dele. Devido ao frio que fazia no camarote, sentiu o chão gélido sob os pés. Ouviu Leif murmurar uma maldição quando a seguiu fora da cama.

Ela só opôs resistência quando a levantou em braços e a levou de retorno à cama,



envolvendo com as mantas seu tremente corpo.

—Dorme. É hora de que volte para o trabalho.

E ali a deixou, tremendo sob as mantas, tentando ignorar a faísca de amor que ressurgira ante a preocupação que mostrava por ela. Logo pensou em tudo o que deixara atrás, e na vida que ele queria que vivesse. "Não estamos ainda ali", pensou, e se preparou interiormente para a batalha que tinha por diante.

Capítulo 20.

A lógica não funcionou. Nem os rogos nem a persuasão nem as birras conseguiram nada. Tentar convencer aos homens da tripulação para que a ajudassem só serviu para que se envergonhasse de si mesma.

—Sim, compreendo seu ponto de vista, ele tomou sua inocência. Cometeu um engano - disse o capitão Twig. - Mas tentou solucioná-lo. Para mim tem feito o correto. Deveria estar agradecida.

O senhor Young esteve de acordo.

—Se me permite dizê-lo, senhorita, no pecado leva a penitência. E o senhor Draugr parece um tipo bastante agradável.

Ela não podia acreditar que Leif houvesse dito a seus homens que fizera o amor com ela. Mas então compreendeu que, sendo homens, era a única coisa que compreendiam.

Inclusive quando descobriu a um aliado a bordo, o resultado foi o mesmo. Já era o segundo dia a bordo quando descobriu que o menino, Jamie Suthers, e o bonito, Alfinn, estavam também a bordo.

—Jamie! Deus do Céu, espero que não tenha sequestrado a ti também!

O esguio jovem, de cabelo castanho e olhos escuros, que devia ter uns quatorze anos, sorriu amplamente.

—Perguntei ao senhor Draugr se Alf e eu podíamos vir, e ele me disse que, se assim o queria, podíamos ir. Disse que vocês dois deviam casar-se. O senhor Draugr prometeu cuidar de você.

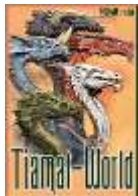
—Seu sorriso se fez ainda mais amplo. - Espere e verá, senhorita. Será toda uma aventura.

—Não quero uma aventura! Quero voltar para casa!

Mas o menino ficou a baldear a cobertura como esteve fazendo até esse momento. A uns metros, ela viu o bonito Alfinn pendurado de umas cordas do mastro, observando-os com uns olhos ainda mais escuros que os do Jamie. O macaco se balançou e saltou sobre a coberta junto a ela, e Krista se inclinou para agarrá-lo em braços.

—E você o que, amiguinho? Também está do lado de Leif?

Alf tagarelou em resposta. Como o pequeno animal era macho, ela imaginou que sua lealdade estaria com a do resto dos homens.



A viagem continuou em relativa calma. Encontraram-se com algumas pequenas tormentas e ao cabo de um tempo os mares se voltaram mais encrespados, mas a Krista só bastava tomar um pouco de ar fresco para não enjoar-se. Com certa malícia esperou que Leif sofresse um pouco de mal de mar, mas quando ela perguntou, só sorriu.

—Minha última viagem foi bastante pior que esta. Ao princípio não me sentia muito bem, mas sou viking. Levo o mar no sangue.

Possivelmente fosse isso. Ele parecia completamente confortável a bordo do navio, como se seu lugar estivesse junto ao leme cotovelo com cotovelo com o capitão Twig. Krista considerou que, se levava o mar no sangue, também devia levar o desejo que sentia por ela. A paixão de Leif não se esfriou, e por estranho que parecesse, encontrava-o reconfortante.

Leif passava muito tempo com o capitão, aprendendo tudo o que podia sobre o navio, o vento e os caprichos do mar. Trabalhava ainda mais duro que outros membros da tripulação e passava longos momentos atrás do leme.

Mas durante todo esse tempo, quando voltava para o camarote, ela percebia o calor em seus olhos; a necessidade por estar com ela não diminuía.

Krista se mantinha prudente ante seu próprio desejo. Leif era um homem forte, viril e incrivelmente atrativo, mas a vida que esperava junto a ele era pouco menos que atrativa. Quanto mais intimidades compartilhassem, mais cairia sob seu feitiço e ela se negava a deixar que isso passasse.

Durante os seguintes cinco dias, o Dragão do Mar sulcou o mar rumo à Ilha Draugr. Logo, uma manhã, enquanto passeava pela proa, Krista viu os escarpados picos de uma ilha montanhosa despontando entre a névoa na distância. Toda a costa estava coberta com uma espessa neblina cinzenta que a ocultava quase por completo.

—Quase chegaste a seu novo lar, kaereste.

—Deixa de me chamar assim. Não sou seu amor. Já não o sou.

Por um momento ele sorriu.

—Cinco dias e sua cólera ainda não se esfriou?

—Cinco anos não seriam suficientes.

O sorriso de Leif desapareceu e sua expressão se endureceu.

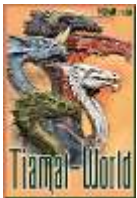
—Já é hora de que deixe de se comportar como uma menina. Logo será minha esposa. Deveria aceitar de uma vez.

—Não vou casar-me contigo, Leif. Hei dito isso uma e outra vez.

Leif simplesmente a ignorou, deu a volta e partiu. Por isso ela sabia dos vikings, as mulheres não eram forçadas a casar-se contra sua vontade, mas, claro, isso era Draugr e, é obvio, não podia estar segura.

Um pequeno estremecimento a atravessou. Enquanto permanecesse solteira, enquanto seguisse negando-se a converter-se na esposa de Leif, teria uma pequena possibilidade de retornar a casa.

Até então, estaria condenada a passar a vida na Ilha Draugr.



Krista observou com temor a terra rochosa e inóspita que estava cada vez mais perto. Agora compreendia por que o lugar tinha mais de lenda e de mito que de realidade.

A costa estava formada por uma parede rochosa, com escarpados de trinta metros protegidos por grandes penhascos batidos pelo vento e o mar.

Uma etérea névoa envolvia a ilha, fazendo-a parecer hostil e pouco acolhedora.

Em alguns momentos o vento limpava a névoa, revelando umas grandes rochas onde se estrelavam as ondas cujas cristas espumosas alcançavam os quinze metros.

Voltou-se quando ouviu que Leif se aproximava onde ela estava parada junto ao corrimão.

—Como chegaremos a terra sem que nos estrelamos contra as rochas empurrados pelas ondas?

—Esse muro de rocha é nosso melhor amparo. Aí se destroçou mais de um navio ao longo dos anos. Mas há uma entrada através das rochas ao outro lado da ilha.

É impossível de ver menos que saiba onde procurar. Assim foi como saímos daqui meus homens e eu.

Krista tremeu. Não soube se era pelo frio ou pelo que esperava uma vez que alcançassem a casa de Leif.

—Tem frio - disse ele. Deixando-a ali, desapareceu pela escada para a cabine e voltou com uma manta, que colocou ao redor de seus ombros. Durante os primeiros dois dias de travessia, ela levava a camisola branca de algodão que vestia a noite que a raptara de sua cama, e fora forçada a permanecer no camarote.

Ao final do segundo dia, Leif cedeu a suas súplicas e levou roupa de homem.

—É do senhor Young. É de seu tamanho.

Aceitou-as com vacilação, já que nunca pôs umas calças de homem. Mas adorou a comodidade, conforme descobriu logo, a camisa folgada e a facilidade de movimentos eram muito agradáveis comparados com o apertado espartilho. Sobre tudo gostava em particular o semblante carrancudo de Leif quando a via subir com essas roupas a cobertura.

—Despertou a luxúria de todos os homens - havia dito com ar sombrio. - Essa roupa ressalta seu precioso traseiro e seus lindos seios.

Ela tentou não alegrar-se pelo ciúme que demonstrava.

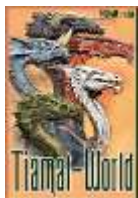
—Se você não gostar de minha aparência, deveria ter trazido alguma de minhas roupas para que não tivesse que usar isso

Leif curvou os lábios em um sorriso lento.

—OH, mas eu gosto de sua aparência. Cada vez que vejo te inclinar, ardo em desejos de tomar por detrás.

As faces de Krista avermelharam.

—Você... você... é um homem do mais escandaloso! - Mas a imagem que ele tinha conjurado já estava em sua mente... os dois nus, o largo peito de Leif contra suas costas. Não estava totalmente segura de como faria o amor dessa maneira ou por que a ideia parecia tão atraente, mas a imagem persistiu durante algum tempo.



—São bons homens - continuou Leif, - mas só são humanos. Não passe muito tempo com eles.

Ela não disse nada. Não sabia se sentia zangada ou adulada. Até que conheceu o Leif, acreditou normal e muito alta para resultar atrativa. Leif pensava que era provocadora.

Krista quase sorriu. Assombrada do que esse tipo de pensamentos fazia com a autoestima.

Quando o Dragão do Mar entrou com dificuldade pelo estreito canal que conduzia a um porto protegido que não era visível desde mar, aproximadamente quarenta pessoas se reuniram na arenosa borda.

Baixaram a última vela e jogaram a âncora, atracando o navio na tranquila baía resguardada das violentas ondas que rompiam contra a costa rochosa.

A tripulação baixou um bote e todos, incluindo o pequeno Alfinn montado no ombro de Jamie, subiram a ele. Quando o bote alcançou a borda, Leif ficou de pé, fazendo gestos com as mãos à multidão que esperava, e uma enorme alegria se estendeu entre eles. Aparentemente o reconheciam apesar de suas roupas inglesas.

Mas claro, tampouco era tão difícil, não com sua altura, sua poderosa constituição e seu cabelo loiro e brilhante.

O cabelo de Leif crescera, mas ainda não levava barba. Como a barba era algo habitual entre os vikings, Krista pensara que a deixaria crescer, mas cada manhã se barbeou escrupulosamente com uma navalha de barbeiro Sheffield bem afiada que aprendera a usar na Inglaterra.

—Que retorne à ilha não quer dizer que tenha intenção de esquecer as coisas que aprendi na Inglaterra - havia dito ele. - Eu gosto da sensação de não levar barba. - Dirigiu a ela um olhar ardente.

—E não tenho o menor desejo de te deixar marcas nessa pele tão suave.

Krista ignorou o pequeno tremor de seu ventre. Não se entregaria a ele, por mais que pudesse desejá-lo.

Observou-o nesse momento, permanecia de pé no pequeno bote como um conquistador enquanto se dirigiam à costa, com a pesada espada de ferro pendurada de sua estreita cintura.

O bote roçou a areia com suavidade, logo se deteve e Leif se meteu na água, que não cobria muito. Pegou ela em seus braços e a levou a borda enquanto outros homens desciam do bote e o arrastavam mais acima na areia.

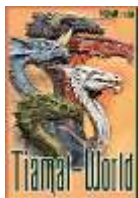
—Descarregaremos o navio depois de descansar - disse Leif a outros; logo começou a falar com a pequena multidão que o rodeava.

Embora Krista não compreendia todas as palavras, sabia que dizia que retornara e que tencionava ficar.

—Trouxe junto uns amigos - disse. - Confio nestes homens. Também trago presentes da terra em que vivi durante um tempo. E uma mulher, que será minha esposa.

A multidão irrompeu em euforia, mas Krista observou que um grupo de mulheres não pareciam muito contentes. Uma delas pos-se a correr e rodeou o pescoço de Leif com os braços.

Era tão alta como Krista, com o cabelo tão loiro que brilhava sob o sol como se estivesse



formado por fios de prata.

—Leif! Não pode falar a sério! Vamos nos casar. É o que queriam nossos pais. Sempre foi assim!

Leif soltou os braços de seu pescoço.

—Os deuses decidiram outras coisas, Hanna. Não posso muda-lo. - Olhou para onde Krista estava de pé e seus olhos azuis brilhavam quando se detiveram em seu rosto. - Nem tampouco quero.

Algo se comoveu dentro dela. Algo quente e doce que a fez desejar com todo seu coração poder casar com ele. Examinou quanto a rodeava, a ilha rochosa que era o lar de Leif, os rudes gigantes com suas curtas túnicas e as mulheres com os antiquados vestidos largos e retos, e soube que nunca poderia acontecer.

De pé sobre a arenosa borda, Leif olhou fixamente a multidão de caras familiares e inspirou o ar limpo e perfumado do oceano. Por fim estava em casa, embora houve um tempo no que pensou que nunca retornaria a seu lar.

—Onde está minha irmã? - perguntou a um dos homens, movendo o olhar entre os que se congregavam a seu redor. Levantou a vista e nesse momento viu que sua irmã corria para ele pelo caminho da colina que conduzia ao porto, com seu cabelo vermelho ondeando ao vento como um estandarte a suas costas. Tinha dezenove verões e até esse momento permanecera solteira.

Era a mais jovem de seus irmãos e, sendo a única garota, sempre ocupara um lugar em seu coração.

—Leif! Leif. Não posso acreditar que seja você!

Ele abriu os braços e ela se lançou para eles. Leif a estreitou com força contra seu peito.

—Runa. Irmã, converteste em toda uma mulher da última vez que te vi.

—Pensei que não retornaria. Acreditei que estava morto, - se pegou a ele e, quanto mais ferozmente o abraçava ela, mais inseguro parecia ele.

Afastou-a de si para poder ver seu rosto.

—O que acontece, pequena? O que ocorreu enquanto estive fora?

Seus olhos cinza se encheram de lágrimas.

—Nosso pai morreu, Leif. Passou quase uma lua desde o dia em que partiu para outro mundo.

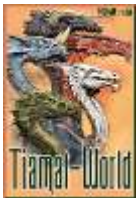
Fez um nó no estômago. Deveria ter estado ali, nunca deveria haver ido contra a vontade de seu pai.

Mas tampouco podia lamentá-lo. Como lamentar o incrível conhecimento que adquirira no tempo que passara fora desse mundo? Como lamentar ter conhecido à mulher que levava a casa para que fosse sua esposa?

—Como ocorreu? - perguntou Leif.

—Nosso pai adoeceu. Uma febre terrível o abateu e nem sequer a velha Astrid pôde descobrir o que era o que passava. Morreu ao terceiro dia.

Leif a abraçou com força outra vez. Perderam a sua mãe fazia muitos anos. Ele mal podia



recordá-la. Mas Ragnar sempre parecera invencível, muito mais que um simples homem.

Leif o tinha admirado como se fosse um deus, e fez um nó na garganta ao pensar em quanto ia sentir saudades.

—Quem tomou as rédeas do clã?

—Olav, já que era o seguinte na linha sucessória. O tio Sigurd o esteve aconselhando.

Leif assentiu com a cabeça.

—Parece-me bem, mas já estou aqui. E te prometo que tudo irá bem.

Brindou um sorriso e se estirou para acariciar a face.

—Já não leva barba. Vê-te distinto... e inclusive mais bonito.

Ele riu entre dentes.

—De algum jeito sou diferente. - Pegou sua mão. - Veem. Há alguém que quero que conheça. - Guiou-a para onde Krista esperava.

—Runa, esta é a mulher que vai se converter em minha esposa. Seu nome é Krista Hart. - Leif se voltou. - Krista, esta é minha irmã, Runa. Espero que se convertam em boas amigas.

Krista balbuciou várias vezes, até que finalmente pronunciou:

—Prazer em conhecê-la.

Runa olhou com o cenho franzido a seu irmão.

—O que acontece com Hanna? É sua prometida.

—Hanna e eu não estamos comprometidos. Os deuses resolveram que Krista seja minha esposa. - Leif olhou em direção a Krista.

Durante um momento, devolveu o olhar como se fosse discutir mas por uma vez se manteve em silêncio, e ele se sentiu agradecido.

—Me alegre de que esteja de volta - disse Runa, ignorando a saudação de Krista. - O clã Hjalmr fez uma incursão outra vez. Começaram imediatamente depois de que nosso pai morreu. Possivelmente

Rikard, o Temível, pense que somos mais fracos ao ser Olav que nos lidera. - Sorriu. - Logo saberão que Leif Coração de Dragão voltou. Seguro que já não pensem nos atacar agora que você está aqui.

Leif olhou a Krista e viu como arqueava uma de suas loiras sobrancelhas.

—Leif Coração de Dragão? - repetiu ela.

Ele se encolheu de ombros.

—É como me chama minha gente.

—Há vários nomes com os que eu gostaria de te chamar - disse ela em inglês, - mas por agora me contarei.

Ele sentiu vontades de sorrir. Gostava dessa mulher que pretendia converter em sua esposa. Queria que voltasse para sua cama.

—É melhor que fale em escandinavo tanto como possa. Tudo será mais fácil dessa maneira. Falaremos em inglês quando estivermos a sós. Não tenho o menor desejo de esquecer esse idioma que tanto me custou aprender. - Como ela não o contradisse, segurou sua mão e a conduziu para



o caminho que levava a sua granja.

Enquanto se abria passagem através da multidão, um grupo de mulheres se aproximou dele. Uma era Elin, a esposa de um primo longínquo.

—Tornaste, Leif, mas e os outros? Onde está meu filho, Bodil?

—Sinto muito, Elin. O navio não foi o suficientemente forte para superar a viagem. Nem os estrangeiros que navegavam conosco, nem seu filho, Bodil, nem nenhum dos outros sobreviveram.

—Mas você está vivo.

Leif apertou a mandíbula com força ante a lembrança da terrível tormenta, dos homens moribundos, e o traidor mar gelado.

—Foi a vontade dos deuses.

A mulher começou a lamentar pela perda de seu filho, e várias mulheres se uniram a ela. Eram notícias amargas as que ele trazia esse dia, mas os homens sabiam o perigo que corriam quando escolheram sair no navio.

Pôs-se a andar outra vez com a Krista a um lado e Runa do outro.

—Krista necessita roupa - disse a sua irmã. - A roupa adequada para a futura esposa de um chefe. te encarregue do assunto.

A Runa não pareceu não gostar muito, mas assentiu com a cabeça; seu olhar cinza percorreu de cima abaixo os incomuns objetos de vestir que Krista levava postas.

—Comunicarei ao Olav que retornou e prepararei suas habitações. - Lançou a Krista um olhar escuro. - Onde dormirá a mulher?

—Prepara uma habitação próxima à minha - disse ele. - Pode alojar-se ali até que estejamos casados.

Runa se adiantou a eles colina acima, e Krista se aproximou mais a ele.

—Os vikings não obrigam às mulheres a casar-se contra sua vontade, verdade?

—Pelo geral, não.

—Bom, então não aceitarei me casar contigo.

Leif suspirou.

—Casará-te comigo. De uma maneira ou de outra.

—Não o farei - disse ela com teima.

E pela primeira vez desde que decidira trazê-la consigo, Leif começou a preocupar-se.

Krista subiu a elevada costa em companhia do viking. Enquanto caminhava a seu lado, Leif parecia inusualmente pensativo. Possivelmente considerava sua negativa a casar-se com ele, mas o mais provável era que estivesse pensando em seu pai.

—Não estou segura de havê-lo entendido corretamente - lhe disse. - Seu pai morreu?

Ele assentiu com a cabeça.

—Morreu de febre faz um mês. Deveria ter estado aqui.

—Precisava partir, Leif. Contou-me quão importante era para ti ver o que havia além da ilha.

—Sei.



—Sinto muito, de verdade, sinto-o muito.

Leif se voltou para ela, estendeu a mão e, com suavidade, cavou-lhe a face.

—Sempre é compassiva com outros, Krista. Embora siga zangada comigo, lamenta minha dor.

Krista se deu a volta, com o coração acelerado. É obvio que se importava. Estava apaixonada por ele. Embora isso não queria dizer que pudesse viver o tipo de vida que ele queria que vivesse.

Continuaram subindo até o topo da colina. A brisa era mais forte ali, e ela tremeu ante o vento que pressionava as pernas das calças contra suas pernas e que abriu bruscamente a jaqueta.

A fechou com força. Quando coroaram o topo, Krista parou. Entre a costa rochosa e a cadeia montanhosa que se elevava ao longe, estendia-se um vale verde e exuberante. A brisa gelada cessou e o sol quente esquentou seu rosto. A surpresa refletiu-se em seus olhos porque Leif sorriu.

—Pensava que tudo era como a costa?

—Algo assim. - Mas em vez disso, ante ela se estendia um vale verde com um suave pendente, atravessado por canais de lagos e diques.

Rebanhos de gado vagavam pelas pradarias, e extensos campos, recentemente colhidos, estendiam-se além de sua vista.

—Vejo que você gosta.

Krista suspirou.

—Não importa o que eu goste, Leif. Draugr não é meu lar e nunca será.

—Com o tempo mudará de opinião.

Ela conteve uma réplica. A ilha era um lugar precioso para ir de visita, mas ela era uma garota da cidade, onde nascera e crescera, e não poderia ser feliz nesse lugar.

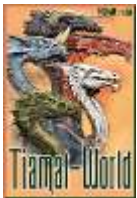
Continuaram percorrendo o vale até que vislumbraram um grupo de edificações rodeadas de colinas baixas.

Pelos desenhos que vira nos livros dos restos de assentamentos vikings descoberto em Orcadas, Shetlands, Irlanda e Escócia, sabia que eram muito parecidos uns aos outros e aquele assentamento coincidia perfeitamente com a imagem que conhecia.

—Em nosso clã há noventa fazendas. A fazenda de minha família é a maior. Criamos nosso gado e contratamos trabalhadores para cultivar os campos. Faz tempo, possuíamos escravos, mas os sacerdotes convenceram a meus antepassados de que a escravidão era contrária à vontade dos deuses e começamos a pagar aos trabalhadores, e assim foi depois.

A fazenda que se estendia ante ela era maior do que imaginou, os edifícios se disseminavam ao redor de uma casa central que media pelo menos trinta e cinco metros. As estruturas estavam construídas com pedra e rodeadas de pasto, algumas estavam situadas nas ladeiras, todas elas com grama ao redor e tetos de palha.

—Por ali está a casa do ferreiro, e esse é o celeiro onde se armazena o feno e o grão que guardamos para fazer pão e cerveja. Há algumas cabras e um chiqueiro. A latrina está ao norte da casa.



Leif assinalou um edifício todo de pedra com forma de celeiro retangular, onde obviamente se foram acrescentando habitações.

—E aí é onde viveremos.

Krista reprimiu um gemido. Embora a imagem era preciosa, o lugar era tão primitivo como ela temeu. Tremeu, e Leif rodeou os ombros com o braço.

—Veem. Vamos para dentro. Entraremos no calor, e te apresentarei ao resto de minha família. - Obviamente viviam todos juntos, à maneira viking.

Tomando fôlego para dar-se valor, deixou que a guiasse à casa maior, os baixos tetos de palha estavam sustentados por grandes pilares de madeira. Era menos deprimente do que ela tinha temido.

Constava de um vestíbulo que comunicava com um enorme salão com pisos elevados e corridas a ambos os lados, provavelmente para dormir. Mas nem se aproximava do tipo de quarto ao que ela estava acostumada.

Olhou abaixo, ao chão que tinha sob os pés, era terra compacta e coberta por pesados tapetes de lã com formosos desenhos geométricos de cores. Havia uma lareira de pedra contra uma parede.

Ardia fogo na lareira, ela supôs que era avivado com madeira de naufrágios e esterco, já que em Draugr não havia bosques. Mas esquentava suficiente. Krista entrou rapidamente em calor e tirou o casaco.

—A cozinha está à frente - disse Leif, - e há um quarto para tecer em um dos lados, e outro para armazenar leite e derivados. Há outra habitação que esta cheia de gelo e se utiliza para armazenar pescado e carne. - Assinalou com a cabeça o extremo mais afastado do vestíbulo - Veem. Mostrarei-te onde dormirá.

Ela o seguiu, cada vez mais deprimida. O que faria para manter-se ocupada nesse lugar? Fiar lã ou tecer objetos de casaco? Bater manteiga? Cozinhar para o Leif e seus homens?

Fez um nó na garganta. Precisava encontrar a maneira de fazer ele ver que ela não poderia viver ali, que perderia a cabeça com o tempo e simplesmente enlouqueceria.

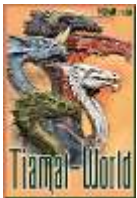
—Ocuparemos as habitações de meu pai - disse Leif, guiando-a a uma grande câmara que parecia como se tivesse sido recentemente desalojada, uma sala com sua própria lareira.

—Olav e sua esposa deveram viver aqui. Mas agora, pertence-me por direito... a mim e a minha esposa.

Krista examinou a sala que fora aromatizada com ervas. Havia uma enorme cama de palha coberta de peles sobre uma plataforma elevada. Não importava que posses tivesse Leif quando saiu de Draugr, tudo o que deixara atrás para ir navegar o tinham transladado a essa sala. Um escudo de couro elaboradamente esculpido, uma tocha de combate e uma lança estavam apoiados contra a parede.

—São teus?

—Sim. Levei comigo minhas armas favoritas, mas agora, salvo a espada, todas descansam no fundo do mar.



Uma túnica de uma cor rubi escuro repousava em cima da cama, junto com um par de calções folgados, que devia ficar debaixo. Umas botas até o joelho forradas com a pele de algum animal foram colocadas no chão ao lado da cama.

—O que há ali? - perguntou Krista tentando não imaginar como estaria ele vestido com a roupa de viking.

—Em sua casa têm quartos de banho. Através dessa porta está a poça que te mencionei uma vez. Está contornada por lava vulcânica, e a água é quente graças à montanha que se ergue no centro da ilha.

Há um grande número de mananciais termais no vale, e também nas colinas.

O olhar de Leif percorreu a camisa e as calças masculinas que ela levava posto, e que remarcava suas curvas femininas.

—A noite de nossas bodas, tomaremos um banho aí e te farei o amor na poça.

Krista conteve o fôlego. Tentou não pensar na imagem deles dois nus e fazendo o amor na água quente. Por Deus, não era de sentir saudades que as mulheres estivessem tão cativadas por ele!

"O estranho homem viril", chamaram, e assim era verdadeiramente.

—Onde... onde vou dormir? - perguntou ela desesperada por trocar de tema.

—Até que seja minha esposa, dormirá no quarto contíguo ao meu.

Ela se voltou para a porta que havia no lado contrário da sala. Não havia corredores nesse tipo de casas, as habitações estavam conectadas umas com outras, embora os dormitórios ao fundo da casa pareciam ser bastante privados.

Pensou nos dias e noites que passaria na habitação contígua a de Leif, no determinado que estava a casar-se com ela e as brigas que teria por negar-se, não só com ele, mas também consigo mesma.

Estava apaixonada por ele, mas inclusive com suas mínimas comodidades, este não era um lugar onde ela poderia viver.

Olhou-o e seus olhos se encheram de lágrimas.

—Não posso, Leif. Por favor, me leve para casa.

Durante segundos compridos, Leif a olhou fixamente. Logo apertou a mandíbula.

—É minha. O que os deuses ditam não pode trocar-se.

—E o que acontece se os deuses se equivocam?

—São deuses. Não se equivocam.

—E se for você o que está equivocado? É só um homem, Leif. Os homens não são deuses e se equivocam bastante frequentemente. E se você o interpretaste mal e não precisava vir contigo?

Os ferozes olhos azuis pareceram sondá-la.

—Você me pertence... não tenho nenhuma dúvida a respeito. Portanto, dentro de três dias nos casaremos e voltará a esquentar minha cama. Uma vez que esteja dentro de ti outra vez, saberá o estreito que é nossa união.

Tomando-a do braço, conduziu-a à sala contígua a dele e a empurrou para a cama coberta



de peles.

—Descansa um momento. Vou procurar a meus irmãos. Minha irmã te trará roupas. Pode usar a poça para te banhar antes de te trocar. Virei te buscar antes do jantar.

Krista trago o nó que tinha na garganta e simplesmente assentiu com a cabeça.

Capítulo 21.

Leif abandonou a casa grande muito confundido. Frequentemente imaginara como seria sua volta à ilha. Preso na jaula, passou intermináveis horas pensando como seria, se conseguia sobreviver, voltar para sua terra natal. Mas nada o preparara para a realidade.

Possivelmente era que via sua casa através dos olhos de uma estrangeira, um tesouro de mulher que se criou entre luxos que ele jamais imaginara que existissem até que chegara a Inglaterra.

Possivelmente fossem os meses que passara em um mundo diferente, ou tudo o que aprendera enquanto esteve fora.

Agora era um homem distinto do que partira e pela primeira vez se perguntou, como fizera Krista, se alguma vez poderia ser realmente feliz nesse lugar que uma vez fora seu lar.

Recordou o olhar suplicante dos olhos de Krista quando rogara que a levasse de retorno a Inglaterra, e formou um nó nas vísceras. Queria que ela fosse feliz.

Sua mente conjurara uma imagem dela jogando com os meninos que lhe daria, os filhos que sabia que ela desejava tanto como ele.

Disse a si mesmo que com o tempo seria assim. Os deuses salvaram sua vida quando deveria ter morrido com outros. Enviaram a Krista a liberá-lo do cruel destino que sofrera por culpa de seus captores.

Era alta, forte, e bela, e estava feita exatamente para ele. Nenhuma outra mulher encaixara tão bem com ele, nenhuma fizera arder seu sangue com um desejo tão implacável.

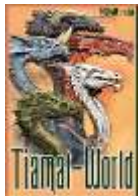
Os deuses a enviaram para ele. Estava tão seguro disso agora como o esteve no momento em que a vira pela primeira vez.

E mesmo assim...

Leif negou com a cabeça. Era só o primeiro dia em casa. Havia muitas coisas que fazer, muitas coisas que necessitavam sua atenção. Pensou no tempo que levava a ele adaptar-se à vida da Inglaterra.

Krista era uma mulher forte e capaz. Acostumaria-se a viver ali, na ilha, a ser a esposa que ele necessitava, a mulher que esquentaria sua cama e que daria filhos fortes.

Aspirando profundamente, cruzou a esplanada diante da casa grande, deixando de pensar na Krista para centrar-se em seus irmãos. Olav e sua esposa, Magda, viviam na mesma casa onde vivera seu pai, como Leif antes de partir da ilha. Mas Thorolf e Eiriz, seus irmãos menores,



construíram fazendas próprias. Quando ele se foi, ainda não tinham casado. Perguntou-se se no ano que esteve fora algum deles teria tomado uma esposa.

Leif sorriu ao pensar nisso. Os dois eram homens grandes, robustos, luxuriosos e de aparência agradável, ou pelo menos isso pensavam as mulheres. Estava desejando vê-los, saber o que tinham feito em sua ausência e ouvir mais sobre as invasões do clã Hjalmr. Essa noite na casa grande, celebrariam sua volta, fariam luto por seu pai e os homens que morreram no mar.

E Leif apresentaria sua futura esposa a seus irmãos.

Krista percorreu o dormitório que a destinaram, logo entrou na de Leif, esperando descobrir mais sobre ele. No alto de uma estanteria de madeira que percorria uma das paredes, encontrou um cinturão de couro com uma fivela de concha com um elaborado esculpido, uma cinta para a cabeça de couro decorada com motivos de prata e um broche de concha de tartaruga, usado habitualmente para sujeitar a túnica dos homens no ombro. Havia também uma bolsinha de couro e vários braceletes de prata, uma delas gravada com a cabeça de um dragão.

Um amuleto de marfim pendurava de uma correia de couro com o mesmo desenho de dragão.

Acabava de agarrar o amuleto quando se deu conta de que já não estava sozinha. Krista se voltou para a porta para ver ali a Runa.

—Trouxe-te roupa. - Passou ao lado de Krista, aproximou-se da grande cama de Leif com os objetos de vestir e as estendeu em cima das peles. A veneziana de madeira estava aberta, e sob os raios de sol,

Krista observou as nervuras douradas no chamejante cabelo acobreado da garota, que recolhera na nuca com uma cinta tecida à mão.

—Obrigado... Runa.

Como a maioria das mulheres que Krista vira na ilha, a irmã de Leif era alta e saudável. Era muito formosa, com rasgos delicados e uns incomuns olhos cinza que se rasgavam um pouco nas bordas.

—Fala nossa língua - disse Runa. - Ensinou isso meu irmão?

—Ensinou-me meu pai.

Krista notou um espionho de curiosidade em sua expressão.

—Falam nosso idioma no lugar de onde vem?

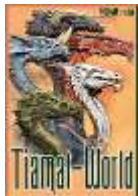
—Não, mas meu pai é um... um... - não ocorria a palavra adequada, - um mentor - disse finalmente. - Estuda sua cultura e assim é como aprendi, embora só sei um pouco.

Runa passeou por um lado da cama, alisando o vestido que havia trazido, um objeto longo de lã cor azul clara que parecia muito suave. Logo passeou o olhar pelas calças e a camisa de Krista.

—Assim se vestem as mulheres aonde vive?

—Não. Estas são roupas de homem. Minhas roupas... estas me emprestou um dos homens do navio.

Runa assinalou o kirtle de lã azul e outros artigos que havia sobre a cama, incluindo um par



de broches ovalados de tartaruga marinha com uns diminutas miçangas chapeados e um xale a jogo de lã azul bordado com os típicos desenhos vikings na prega.

—É para ti - disse Runa. - Esta noite haverá uma festa. Pode te dar um banho se o desejar antes de pôr isso.

—Obrigado.

Ansiosa por provar a poça de água quente, Krista se dirigiu ao quarto de banho, mas Runa não partiu.

—Meu irmão diz que vão se casar.

Krista se deteve e se voltou para a garota.

—Seu irmão se equivoca.

Runa franziu o cenho.

—Equivoca-se? Como é possível?

—Não me casarei com ele, Runa. Provenho de um mundo muito diferente ao seu. Este não é meu lugar. Quero retornar a minha casa.

Os olhos da Runa se aumentaram.

—Que classe de tolice é esta? A metade das mulheres de Draugr querem casar-se com meu irmão. Escolheu a ti. É uma enorme honra.

—Se as coisas fossem diferentes, Leif seria o marido perfeito para mim. Mas minha casa não está aqui, está na Inglaterra, e quero retornar ali.

Runa dirigiu um olhar desdenhoso.

—É parva - disse simplesmente, e abandonou a habitação. As dobradiças de couro chiaram brandamente quando fechou a porta a suas costas.

Com um suspiro, Krista entrou no quarto de banho, tirou as roupas emprestadas e desceu os estreitos degraus de rocha para meter-se na água. Estava muito quente, apreciou, assombrada.

Em sua casa, nunca teve o luxo de poder atrasar-se em um banheiro. A banheira era pequena e a água se esfriava rapidamente.

Aqui não era assim. A poça era o bastante grande para que coubessem três ou quatro pessoas, e havia uma espécie de assento de pedra por debaixo da água que se estendia ao redor da poça.

Inundou-se sob a superfície, logo usou um pouco de sabão que encontrou perto do bordo para lavar o cabelo, sentou-se e fechou os olhos, deixando que o vapor e o calor penetrassem até os ossos.

Devia ter ficado adormecida, pois sonhou que Leif estava sentado a seu lado na água. Que a beijava no pescoço, que segurava os seios com suas grandes mãos, esfregando brandamente os mamilos.

Soltou um leve gemido quando ele deslocou as mãos mais abaixo, deslizando os hábeis dedos ao longo de suas coxas, acariciando-a entre as pernas.

O prazer a alagou e lentamente abriu os olhos. Krista despertou sobressaltada ao ver a cabeça loira de Leif inclinada sobre ela, depositando beijos suaves em seus ombros nus,



mordiscando o pescoço.

Ergueu-se tão rapidamente que uma quebra de onda de água se derramou por cima das rochas que bordeavam a poça.

—O que... o que faz?

—Banho-me, quão mesmo você. Joguei muito de menos esta poça.

—Não pode... não pode estar aqui dentro. O que vai pensar sua família?

—Ninguém nos pode ver. Não nos incomodarão enquanto estejamos aqui dentro.

Ela tragou saliva. O vapor da poça formava uma neblina úmida que umedecia o cabelo dourado de Leif.

A água frisava seu magnífico peito e os poderosos braços ali onde se sobressaíam por cima da superfície, e nesse momento, ela nunca desejara nada tanto como que ele fizesse o amor.

Mas em vez de deixar-se levar pela tentação, deslizou-se através da água para os estreitos degraus de rocha e saiu da poça, tentando ignorar que ele a observava nua.

Havia uma pilha de panos sobre uma rocha no bordo da poça, e ela agarrou um e se secou com rapidez.

Dirigiu ao Leif um olhar de soslaio e o viu com as costas apoiada contra um lado da poça, com os olhos azuis faiscando enquanto a olhava.

—É minha - disse com suavidade. - Seu corpo sabe, inclusive embora você não o admita.

O prazer ainda palpitava nos mamilos e no lugar entre suas pernas. Por Deus, de todos os homens da terra, como fora tão parva para apaixonar-se por um homem que tinha a virtude de poder arruinar a vida?

Saiu apressadamente do quarto de banho, tomou a túnica de lã azul claro da cama, junto com o que parecia a roupa interior, e se dirigiu à relativa segurança do quarto contíguo.

Fazia frio em seus aposentos. Krista colocou com rapidez o objeto branco, que era muito parecida com uma camisola, logo ficou o folgado kirtle de lã azul.

Nesse momento se deu conta de que a parte superior do vestido se dividia em dois suspensórios, assim que o sujeitou nos ombros com o par de broches de tartaruga marinha que encontrara sobre a cama.

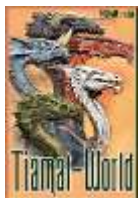
Soou um breve golpe na porta e viu que Leif entrava no dormitório. Estava vestido com a túnica até a altura dos joelhos de cor rubi e os calções folgados que vira antes com suas longas pernas embutidas nas botas de pele.

Via-se ainda maior e mais poderoso que o normal, o viking que fora uma vez. Não era absolutamente parecido ao homem que ela se apaixonou, e seu desespero se fez mais profundo.

Leif pareceu não dar-se conta. Percorreu o kirtle bordado com o olhar e em seus olhos azuis apareceu um brilho de avaliação.

—Faz aflorar seu sangue viking. Parece uma autêntica a Noruega tal e como pensava que o faria. Veem. Acendi o fogo em meus aposentos. Pode te sentar ante as chamas para te secar o cabelo.

Não queria ir com ele. Não confiava nesse grande viking loiro que tinha diante, um homem



diametralmente distinto ao que ela conhecia. Durante um instante, fechou os olhos, tentando, como por arte de magia, ver a imagem de Leif com seu traje negro, tão na moda, inclinando-se respeitosamente sobre a mão de tia Abby, mas não pôde.

Tremeram os dedos quando tomou o pente esculpido de corno de cervo que tinha encontrado entre os artigos que havia sobre a cama, e o seguiu ao dormitório.

Leif a sentou em uma cadeira de madeira, mas quando ela começou a pentear-se, ele tomou o pente.

—Eu o farei.

Em silêncio, ela esperou enquanto ele se sentava em um tamborete de três patas e com muito cuidado introduzia o pente entre o cabelo úmido e enredado. O ato parecia tão íntimo como a maneira em que a havia tocado na poça, e seus mamilos se ergueram sob o singelo kirtle azul. Mas esta vez, Leif evitou escrupulosamente qualquer contato salvo o singelo ato de passar o pente pelos cabelos molhados.

Quando teve desenredado todas as mechas, estendeu a pesada cabeleira ao redor dos ombros, levantou-se do tamborete e se dirigiu para a porta.

—Enviarei a uma garota, Brigit, a te atender. Ela se ocupará de todas suas necessidades de agora em diante.

Assim Krista teria uma donzela, igual a tinha em sua casa. Mas agora Leif era o chefe do clã e ela estava a ponto de converter-se em sua esposa.

Ou isso acreditava ele.

Pensou em seus amigos da Inglaterra, em seu pai e em quanto a necessitava, no negócio que tão duramente trabalhara para convertê-lo em um êxito, e formou um nó na garganta.

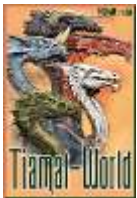
Dando as costas à porta, piscou para conter as lágrimas e lutou para não ceder ao intenso desejo de chorar.

Capítulo 22.

Na casa grande ressonavam os gritos e a risada. Os vikings puseram suas roupas de festa: as mulheres vestiam kirtles como o de Krista, alguns estavam adornados com intrincados desenhos, outros com pele; os homens levavam túnicas e calções, alguns com cinturões rodeados à cintura, a maioria levavam valiosos braceletes com adornos gravados, muitos recolhiam o cabelo com cintas, outros usavam broches e pendentes de prata, miçangas ou conchas.

Muitas das mulheres eram assombrosamente formosas - a irmã de Leif, Runa, entre elas - e altas, Krista mal podia acreditá-lo. Pela primeira vez em sua vida, era simplesmente uma mulher; não destacava sobre as demais. Os homens também eram altos e grandes, corpulentos, a maioria com o cabelo dourado e comprido, e a barba cheia.

Colocaram-se filas de mesas de madeira para a festa, e um grande fogo ardia na lareira da



chaminé, assim que a sala resultava aconchegante e quente. Sentada ao lado de Leif sobre o soalho ao fundo da sala, Krista pensava quanto teria desfrutado de seu pai com essas pessoas, como teria gostado de viver aquela aventura que ela tanto odiava.

Por fim terminaram os discursos. Leif declarou que essa era uma noite para recordar a seu pai e os homens que morreram no mar, mas que também era uma noite de celebração em que um novo chefe tomaria o lugar do Ragnaar como cabeça, do clã Ulfr. Sabia que Ulfr significava lobo, e agora compreendia o porquê da imagem gravada no bracelete de prata que Leif tinha posto junto com o bracelete da cabeça de dragão a jogo com o amuleto de marfim que pendurava do pescoço.

O salão estava cheio de membros de seu clã, alguns inclusive chegaram de outros assentamentos onde ouviram a notícia da volta de Leif e se aproximaram para unir-se à celebração.

Antes conhecera ao Olav, o irmão de Leif, só um ano mais jovem que ele, e a sua esposa, Magda.

—Bem-vindo a casa, irmão - saudara Olav ao Leif, golpeando-o com força no ombro. - Quase tínhamos perdido a esperança de que retornasse.

—Os deuses me protegeram e ainda estou vivo. - Leif sorriu. - Me alegro de verte, irmão. Sinto a morte de nosso pai. Sempre lamentarei não ter estado aqui quando morreu, embora não posso dizer que lamente minha viagem.

—Viu coisas realmente diferentes? - perguntou Olav.

—Levaria-me quase toda uma vida te contar as maravilhas que vi.

Olav sacudiu a cabeça. Era loiro e de olhos azuis, não tão alto como Leif, seus rasgos não estavam tão bem definidos, mas mesmo assim, de uma maneira mais sutil, era um homem muito atraente.

—Me alegro de que esteja aqui, sempre soube que retornaria.

Leif se voltou.

—Olav, esta é Krista, a mulher com que vou casar me.

—É muito formosa - disse Olav, como se Krista não estivesse ali.

—A mulher que se dirige para nós é a esposa do Olav, Magda - disse Leif a Krista, que pronunciou a única saudação que sabia dizer corretamente.

—Encantada de te conhecer.

Olav sorriu e devolveu a saudação com a cabeça, mas Magda a ignorou.

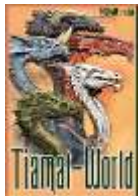
—Assim ao final tornaste - disse a mulher ao Leif. - Começávamos a acreditar que nunca retornaria. - Parecia vários anos mais velha que Krista, com a pele pálida, o cabelo negro e rasgos chamativos.

Por sua incomum cor de pele, Krista se perguntou se possivelmente descenderia de algum dos antigos escravos.

—Me alegro de verte também, Magda - disse Leif com um leve toque de sarcasmo.

—Você e sua insensatez custaram a vida a alguns homens bons.

—Conheciam os riscos.



Magda se mofou.

—E o dever para seu clã? Se não tivesse sido por seu irmão, o clã Hjalmr nos teria deixado sem nada.

—E eu estou inteiramente agradecido ao Olav... e a ti, Magda. Mas como disse ao Olav, não lamento minha viagem. Além disso, agora estou em casa e isso é o que importa.

Magda não disse nada mais. Estava claro que Olav era feliz de ver seu irmão são e salvo, mas Magda não se via muito agradada. Fora durante um mês a mulher do chefe do clã e parecia que agora cobiçava a posição alcançada.

Dois homens mais se aproximaram de Leif, e quando se dirigiu para eles, este curvou a mão possessivamente na cintura de Krista.

—Estes dois vagabundos são Thorolf e Eiriz, meus irmãos pequenos.

—Me alegro de os conhecer - disse Krista, e esboçou um sorriso. Todos os irmãos eram bonitos. Assombrosamente bonitos. Thorolf tinha o cabelo mais escuro, com traços acobreados que cintilavam à luz do fogo.

Era quase tão alto como Leif, mas mais magro e menos musculoso, embora seus ombros eram largos e possuía além disso os mesmos intensos olhos azuis que seu irmão.

Eiriz se parecia mais ao Leif, com a mesma constituição musculosa, o cabelo loiro com um matiz mais escuro e os olhos verdes.

—E este é meu tio, Sigurd. Meu pai e ele eram irmãos.

O sorriso do Sigurd foi aberto e afetuoso. Era mais velho, possivelmente rondava os cinquenta, com o cabelo cinza escuro e uma cicatriz em cima da sobrancelha esquerda que destacava contra a pele pálida.

—Assim finalmente meu sobrinho encontrou uma noiva. - Seus olhos azul claro a avaliaram, percebendo da plenitude dos lábios de Krista, de suas maçãs do rosto altas e de seu cabelo loiro brandamente encaracolado e retirado da cara com pentes de prender cabelos de tartaruga marinha. Percorreu o corpo com o olhar, calibrando sua constituição, o tamanho de seu busto, todo o qual pareceu passar.

—Parece que a espera valeu a pena.

Leif sorriu.

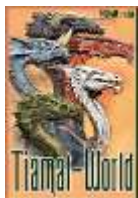
—Krista é formosa, mas também é inteligente e valente. Foi um presente dos deuses, um do qual estou muito agradecido.

Olhou-a com tal calidez que ela foi incapaz de repetir as palavras que deixariam claro a seu tio e a todos outros que não tencionava casar-se com ele.

Era a primeira noite que Leif passava em casa e não queria danificar a festa. O dia seguinte não demoraria para chegar e poderia voltar a retomar a batalha.

Assim saudou seu tio e notou que ainda seguia estudando-a com o olhar. Como esposa de Leif, seria um membro poderoso da comunidade. Queria estar seguro de que seu sobrinho tivesse escolhido bem.

A celebração continuou ao longo da tarde. Krista estava sentada no soalho, com o Leif a um



lado e seu tio ao outro. Junto ao Sigurd se sentava o sacerdote e, mais à frente, o capitão Twig.

Sob o soalho, mas em um lugar reservado para os convidados importantes, Jamie Suthers se sentava junto a Felix Hauser e Bertie Young, e, posado sobre o magro ombro do Jamie, o pequeno Alfinn tagarelava alegremente com a demais gente da estadia. O grupo de ingleses parecia muito contente, e Krista se sentiu ainda mais deprimida que quando chegou.

Não haveria maneira de convencê-los para que roubassem o Dragão do Mar e a levassem de volta a Londres. Ao menos por agora.

Aquela era sua única esperança. Possivelmente com o tempo os homens se cansariam desse ambiente primitivo e quereriam voltar para casa.

Estava considerando essa possibilidade quando o grunhido de seu estômago a distraiu. Não se dera conta da fome que tinha até que os serventes apareceram na sala tendo pesadas bandejas de comida.

Um prato de madeira situado na mesa entre o Leif e recordou que ali a gente comia à maneira medieval.

Esse pensamento a deprimiu ainda mais e diminuiu grandemente seu apetite.

—Sei que você gosta de carne - disse Leif, cortando uma parte de carne na bandeja. - Há carne de cordeiro e pescado, e também varia classes de queijo. Nossa comida é singela, mas nunca passará fome.

O estômago voltou a rugir. Percorreu com o olhar os talheres que havia junto ao prato, uma faca grande, uma faca de mão e uma colher. A colher não serviria. Tomou a faca, agarrou-o pela maneira em que Leif o agarrava e o cravou em um pedaço de carne. Não estava muito segura do que fazer a seguir e, quando o olhou para imitá-lo, viu que ele franzia o cenho.

—Não importa - disse ele em voz baixa. - Pode usar os dedos. Aqui é correto fazê-lo. - Mas quando ele observou como cortava a carne e se levava o pedaço à boca, a expressão de Leif se obscureceu e apertou a mandíbula. - Amanhã pela manhã te ensinarei como usar a faca.

Ela pensou nas lições que dera a ele no elegante refeitório de sua casa. Aqui não havia cristais, nem toalhas brancas, nem pratos com as bordas douradas fazendo jogo, nem a deliciosa comida que o cozinheiro preparava todas as noites. Krista não se deixou desmoralizar. Era uma sobrevivente, e se precisava viver como viviam essas pessoas, faria-o.

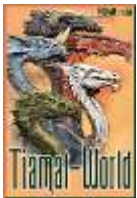
Formou um nó na garganta. Mas mesmo assim, Deus Santo, quanto desejava voltar para casa.

Leif observou Krista durante toda a noite. A apresentara a todas as pessoas do salão, e embora soubesse que estava cansada, comportou-se como a dama que era. Nunca se sentira mais orgulhoso dela.

Só se negou a colaborar uma vez: quando ele ia anunciar seu próximo enlace. Então ela apertou os lábios e negou firmemente com a cabeça, advertindo do que aconteceria se o fizesse.

—Pelos deuses - disse ele brandamente. - É uma criatura do mais incômoda, Krista Hart. - Suas palavras, amortecidas pelo ruído e as risadas do salão, não pareceram zangá-la.

Furioso e estranhamente deprimido, voltou-se para a multidão e levantou o corno para fazer



um brinde por seu pai.

—Brindemos pelo Ragnaar! - gritou. - O melhor chefe que teve Ulfrvangr! - Levando o corno aos lábios, esvaziou-o e o salão estalou em gritos.

Houve mais brinde. Um por ele como próximo grande chefe do clã e outro pelos homens que morreram no mar. Também fez um brinde por seu irmão Eiriz: "o bonito viking imberbe", o qual encheu o salão de risadas.

Esperando esquecer a cólera e a decepção, Leif não demorava para esvaziar o corno cada vez que estava cheio. Elevou a mente e começou a articular mal as palavras. Mal notou quando Thorolf escoltou a Krista a seu quarto.

Mas mal ela desceu do soalho para abrir passagem para os dormitórios, apareceu Inga. Recordou a última vez que a vira, uma noite que a tomara sobre o feno do celeiro.

—Vai e você fica sozinho - disse Inga, pressionando seus exuberantes seios contra ele. - Não é bom que um homem passe só a primeira noite em casa.

—Ela sorriu, levou a mão até a nuca de Leif e afundou os dedos em seu cabelo. - Eu te darei o que necessita esta noite, Leif. - Cavou-lhe a face e se inclinou para beijá-lo, mas ele se tornou para trás.

—Vou casar me, Inga. Me deixe em paz.

—Ela não quer casar-se contigo. Há-me dito isso sua irmã. - Acariciou-lhe a face bem barbeada. - Não te quer, mas eu sim. Me deixe te agradar. Recorda o bom que era entre nós. Toma o que te ofereço livremente.

Ele negou com a cabeça.

—Embora te case, virei a ti. Serei sua concubina. Farei-o por ti, Leif.

Leif deixou o corno vazio sobre a mesa, repentinamente extenuado.

—Faz-se tarde, Inga. Esta noite o que preciso é dormir, não uma mulher.

"Ao menos não esta mulher", pensou ele.

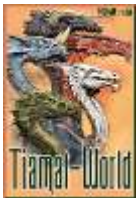
Cambaleando-se, conseguiu chegar a seus aposentos, que se encontravam detrás do piso ao fundo da casa. Sentando-se no banco que havia aos pés da cama, tirou as botas de pele, logo, dirigindo um último olhar à porta que conduzia aos aposentos de Krista, deixou-se cair sobre as peles e caiu em um profundo sono.

Krista não podia dormir. Observara como Leif bebia um gole atrás de outro de cerveja até começar a perder o sentido e cambalear-se na cadeira ricamente esculpida que pertencera uma vez a seu pai.

Nunca o vira beber assim antes. Agradeceu a seu irmão, Thorolf - Thor, como havia dito ele que o chamasse, - que a resgatasse, guiando-a em silencio a seu quarto.

—Não é normal nele beber assim. Poucas vezes vi a meu irmão bêbado. - Sorriu amplamente, e ela viu que tinha os dentes brancos e retos. Com esse cabelo escuro e os olhos azuis tão brilhantes, era incrivelmente bonito.

—Só recordo que o fizesse uma vez - disse ele. - Quando fomos meninos, queríamos saber o que era beber como homens. Nosso pai nos pegou.



Ao dia seguinte nos ordenou limpar o chiqueiro o qual, depois de ter bebido tanta cerveja, provocou que os dois vomitássemos uma e outra vez. Nenhum de nós voltou a beber dessa maneira.

—Até esta noite - corrigiu ela.

Thor suspirou.

—Vais ter que o perdoar. Tem muitas coisas na cabeça.

Thor partiu, mas Krista se encontrou voltando para o salão em vez de ir-se à cama.

Ocultando-se entre as sombras para que não a vissem, procurou o Leif com o olhar, logo ficou paralisada quando uma exuberante loira subiu ao soalho e se inclinou para ele. Inga, a chamara.

Krista recordou a noite em que Leif a chamara por aquele nome, pensando naquela mulher com a que fizera o amor no celeiro. Embora ainda ficasse algumas pessoas, a maioria dos assistentes estava ou dormindo ou bêbados e inconscientes sobre algumas das mesas, e ela pôde ouvir cada palavra que diziam.

Ouviu que a preciosa e loira Inga tencionava converter-se na puta de Leif.

Concubinas as chamavam, e a Krista revolveu o estômago. Por Deus, como podia haver-se esquecido que os vikings formavam famílias com mulheres que não eram suas esposas?

Mulheres que aliviavam as necessidades de seu benfeitor.

"Não importa", disse-se a si mesmo. Não ia casar se com ele. Importavam-lhe um nada quantas malditas concubinas se levasse a cama!

Mas sim importava. E só pensar em compartilhar com outra mulher, inclusive possivelmente com mais de uma, fazia ferver o sangue.

Quando se deitou sobre o catre de peles, Krista tentou afugentar aquele pensamento, tentou esvaziar a mente para poder dormir. Mas o amanhecer começava a despontar no céu e ela ainda se encontrava acordada, olhando fixamente o teto do dormitório.

Finalmente dormiu. A esposa do Olav, Magda, a despertou não muito tempo depois, dizendo que era hora de que ocupasse seu lugar com as demais mulheres, fosse tecendo ou trabalhando nos campos.

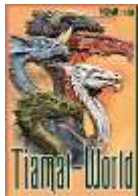
Krista se perguntou se a teria enviado Leif, pois a porta do dormitório estava aberta e estava claro que ele já não estava.

Vestindo-se com a longa regata branca que levara a noite anterior e a singela roupa que Magda trouxe - um kirtle de lã marrom e uma espécie de capa que servia para manter a raia o frio, seguiu à mulher fora do dormitório. Ao atravessar o dormitório de Leif, Krista se perguntou de novo onde estaria.

Não passara a noite com a Inga, isso sabia, não convidara à mulher a compartilhar sua cama. Mas era um novo dia. Hanna, a do cabelo prateado, e sua amante, Inga, desejavam-no.

Krista se perguntou se os apetites luxuriosos de Leif acabariam por levá-lo aos braços de alguma delas.

Ao Leif doía a cabeça, tinha o estômago revoltado e tremiam as mãos a momentos. Pelo



sangue do Odin, o que havia possuído para beber como um parvo a noite anterior?

Era um homem orgulhoso de ter tudo sob controle. Era o chefe do clã, mas cederia ao bendito alívio que proporcionava a cerveja.

Sacudiu a cabeça, com o que a dor se incrementou fazendo-o gemer.

Era pela Krista, sabia. Doía-lhe seu distanciamento, necessitava-a como nunca necessitara a uma mulher.

Temia que trazê-la ao Draugr não tivesse sido o mais acertado.

Voltou a pensar na festa da noite anterior, nas risadas ébrias e obscenas que ela se viu forçada a tolerar, embora ele sabia que incomodavam.

Em sua mente, via-a no jantar, com seus pálidos dedos rodeando a pesada manga da faca em vez de um delicado garfo de prata, e recordou o nó que sentira no estômago.

Era uma dama, uma mulher que devia vestir-se de seda e renda. E embora ele odiasse o espartilho que usava, gostava da forma feminina que mostrava com esses objetos.

Gostava das ligas floreadas que sustentavam as meias, a fragrância de seu caro perfume, os diminutos sapatos que calçavam seus finos pés.

Gostava dela tal e como era, e vê-la a noite anterior entre os membros bêbados de seu clã fazia que o coração retorcesse no peito.

E mesmo assim, no mais profundo de suas vísceras, não deixava de acreditar que Krista pertencia a ele.

A cabeça seguia palpitando sem parar e ignorou a quebra de onda de enjoo que o embargou quando golpeou a porta de seu tio Sigurd. Uns minutos mais tarde rangeram as dobradiças de couro e a porta se abriu.

—Sobrinho. Levanta-te cedo, considerando as festividades da última noite. Entra.

Leif o seguiu ao interior da casa.

—Necessito seu conselho, tio.

Sigurd assentiu. Era um homem pálido de complexão magra, tinha o cabelo quase completamente cinza, e Leif sabia que era o homem mais sábio que conhecia. Se alguém podia o ajudar, esse era Sigurd.

Assinalou em direção à lareira e ambos se moveram para ali, sentando-se em uns tamboretos de três pernas que rodeavam uma pequena mesa de madeira.

—Parece cansado esta manhã - disse Sigurd - Muita cerveja ontem à noite?

—Muita.

—Não é próprio de ti. - Estudou a cara de Leif. - Ontem à noite, não anunciou suas próprias bodas e bebeu como se não se acalmasse sua sede. Equivoco-me ao supor que sua dama é a fonte de suas preocupações?

Leif passou uma mão sobre a cara, sentindo a barba já que não se barbeou essa manhã.

—Nega-se a casar comigo, tio. Tentei convencê-la, mas nada do que digo parece fazer trocar de ideia.

—Os vendo juntos não posso deixar de supor que já levaste a essa moça a sua cama.



Ele assentiu com a cabeça.

—E foi voluntariamente?

Leif levantou a cabeça de repente.

—Nunca a forcei. Me deu de presente seu sangue virgem por vontade própria.

—Mas não deitastes juntos desde sua volta.

—Como o soubeste?

Sigurd sorriu.

—Não tem o olhar satisfeito de um homem que tenha tomado recentemente a uma mulher.

Leif afastou o olhar.

—Necessita tempo para aceitar as coisas como são. Até que estejamos casados, não voltarei a tomar.

—Ela ainda te deseja. Posso ver em seus olhos cada vez que te olha.

—Acredito que é assim, mas não quer casar-se comigo. O que devo fazer?

—Não pode obrigá-la a casar-se contigo. Esses não são nossos costumes. Mas possivelmente haja uma maneira de consegui-lo que não sejam as palavras.

—Eu adoraria saber qual é.

—Sua dama te deseja tanto como você a ela. Utiliza esse desejo para leva-la de volta a sua cama. Uma vez que esteja ali, compreenderá que têm que casar.

Não há mulher viva que não prefira ser a esposa de um homem em vez de sua amante.

Fazia sentido. Entretanto, Leif já provara antes uma tática similar. Bom, seu tio tinha razão em uma coisa, Krista desejava ele. Leif não era tolo.

Sabia quando o desejava uma mulher, e esta o fazia sem dúvida.

—Pensarei-o. - E como seu tio normalmente tinha razão, começou a planejar a maneira de atrair de volta a sua cama.

Sorriu quando recordou o que aprendera lendo Confissões da dama das botas e A pérola da paixão. Mentalmente, amaldiçoou quando seu membro voltou para a vida, e agradeceu as folgadas roupas.

—Também vim a discutir outro tema contigo - prosseguiu Leif. - Concerne a ti e aos membros do conselho. Quero expor ante os anciões a necessidade de nos abrir ao comércio com o mundo exterior.

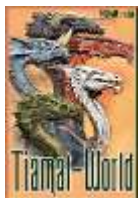
Inclinou-se para diante, cada vez mais excitado.

—Vi coisas assombrosas, tio. Trouxe algumas delas comigo, como luzes que ardem graças ao azeite de peixes gigantes, fio extraído dos casulos dos vermes da seda.

E algo chamado "cristal", através do qual se pode ver. Serve para as janelas, deixa passar os raios do sol enquanto mantém fora o frio.

—Soa muito interessante.

—E há mais, tio. Muito mais. Vi armas muito mais poderosas do que possa imaginar. Chamam-se "pistolas" e podem matar a um inimigo apesar de que esteja a muita distância. Podemos nos abastecer dessas armas e ninguém poderá nos derrotar. E isso só seria o princípio.



Com o comércio, as coisas milagrosas que poderíamos trazer seriam infinitas.

Seu tio se levantou da cadeira.

—Estas coisas das que falas... estão ainda no navio?

—Penso as descarregar hoje.

—Deixa-o por agora. Reunirei-me com o conselho para discutir sobre isto. Estarão desejosos de ouvir o que tem que dizer, mas...

Leif se levantou por sua vez.

—Mas o que, tio?

—Mas te advirto isso, sobrinho. Durante trezentos anos vivemos em uma paz e segurança relativas nesta ilha. Nossa forma de vida simples é nosso melhor amparo. Possivelmente os anciões não queiram seus presentes, é possível que inclusive proíbam trazê-los para terra e te ordene que destrua seu navio para que nenhum dos que vieram contigo possa ir-se e contar o que viu.

A inquietação o atravessou.

—Uma vez que vejam essas maravilhas...

—Acautelo-te, sobrinho. Se os convencer, a vida como aqui a conhecemos não voltará a ser a mesma. Produzirão-se mudanças ao Draugr, embora seja com a melhor das intenções.

Deve estar seguro de que é isso o que realmente quer.

Leif saiu de casa de seu tio convencido de que este estava equivocado. Mas as palavras do Sigurd seguiram ressonando em sua cabeça. O que ocorreria se o conselho se opunha a comercializar?

O que ocorreria se exigiam que destruísse o navio, e alguma vez pudesse deixar a ilha de novo, se alguma vez podia levar a Krista de volta a casa de seu pai, com sua família?

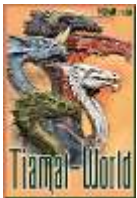
O que ocorreria se se visse apanhado na mesma vida da que fugira, sem esperança de voltar a ver o mundo exterior?

Revolveu o estômago, mas esta vez não tinha nada que ver com a cerveja que tinha consumido a noite anterior.

Durante os dias seguintes, enquanto esperava o aviso para comparecer ante o conselho, Leif se manteve afastado de Krista. Precisava pensar, precisava decidir o que fazer e, quanto mais pensava, mais se preocupava que seu tio pudesse estar no certo. Assim que o comércio com a Inglaterra começasse, tudo mudaria no Draugr.

Agora era o chefe. O que era o que queria de verdade para sua gente? Que coisas eram as que realmente seriam melhores para seus interesses? Não estaria seu sonho motivado pelo desejo egoísta de poder retornar ao mundo exterior que descobrira, de experimentar o que só começara a aprender?

Desesperado por encontrar uma resposta, falou com sua irmã, para pedir que cuidasse de Krista até sua volta. Logo colocou uma manta e uma ligeira sela de montar sobre um dos peludos cavalos da ilha, assegurou suas armas e uma marmita de comida à sela, e se preparou para ir ao seu lugar preferido nas colinas.



—Se houver algum problema, sabe onde me encontrar - disse a Runa - me Envie uma mensagem se os anciões estiverem dispostos a ver-me. Se não saber de ti, voltarei dentro de três dias.

Subindo à sela de montar, Leif fez voltar garupas a seus arreios e se afastou ao trote.

Capítulo 23.

Durante os dois dias seguintes, Krista trabalhou com as mulheres. Nessa época do ano, um dos trabalhos era cortar os juncos que cresciam nas bordas dos pequenos arroios do vale. Atavam-nos em molhos e os carregavam em carretas para os transportar às zonas onde os caules se cortavam em partes menores e se inundavam em sebo. Depois se introduziam em rudimentares candelabros fabricados com partes ocas de madeira formando as chamadas velas de junco, que se utilizavam para iluminar o interior da casa grande.

Conforme descobriu Krista, não era tão mau estar ao ar livre sob o sol radiante, salvo que o trabalho se voltava repetitivo e logo a sumiu no aborrecimento. O resto das mulheres a ignoraram por completo, inclusive Runa. Riam abertamente de seus torpes esforços com a foice, e falavam em sussurros cada vez que ela estava perto. Não importava. Não tinha nada que dizer e mal compreendia o que diziam dela.

Ao menos o trabalho a mantinha ocupada; entretanto, enquanto cortava os juncos com o passar do arroio, seus pensamentos voltavam frequentemente para o Leif. Pensou naquela mulher, Inga, e a classe de vida que ele pretendia que vivessem juntos, e o desespero a alagou.

Por que Leif não havia dito nada? Não era um homem que mentisse, nem sequer por omissão. Acreditara Leif que ela sabia?

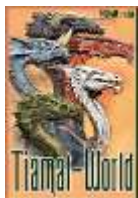
Graças a seu pai, ela aprendera muito sobre a cultura viking, além de ler em livros o papel que representavam as mulheres nos grupos familiares dos chefes vikings, incluídas sua esposa e, às vezes, suas concubinas.

Como podia haver-se esquecido de um ponto tão crucial? Possivelmente os cuidados que dera Leif, fazia que ela esquecesse de algum jeito.

"Não importava", disse-se assim mesma por enésima vez, e tentou convencer a si mesma de que, se continuasse rechaçando a oferta matrimonial de Leif, ele se veria forçado a casar-se com alguma dessas mulheres vikings, possivelmente Inga ou Hanna, e não importaria mandar Krista a casa. Mas não acreditava de verdade que Leif fosse fazê-lo e uma pontada de nostalgia por seu país alagou seu coração partindo-o em dois.

Não vira nem a Inga nem ao Leif desde a noite da celebração, e a ocorreu que inclusive agora poderiam estar juntos. Pensá-lo a pôs doente.

Para distrair-se, Krista se entregou por completo a suas tarefas. Ao final do segundo dia, tinha as mãos vermelhas de sujeitar a foice, e formaram bolhas nas Palmas. Quando Runa viu os



vergões à manhã seguinte, conduziu a Krista ao quarto de tecer em vez de levá-la ao exterior, e a pôs a cardar a lã que havia em umas enormes cestas no interior da sala com paredes baixas de pedra.

A tarefa era lenta e monótona, e ao final do dia, Krista estava exausta. Precisava ver Leif, e quando perguntou a Runa por ele, a garota só disse que se foi às colinas. Krista confiava em que não levou a Inga com ele.

Estava sentada em seu dormitório, rendida, com as mãos vermelhas e ardentes, quando Leif apareceu na porta. Krista ficou de pé e o olhou à cara.

Era tão bonito e seu amor por ele era tão impossível que os olhos alagaram em lágrimas.

—Krista! - Leif esteve a seu lado em um instante, tomando-a entre os braços, pressionando sua face contra a dela. Ela pôde sentir o rastro áspero da barba e se perguntou se teria decidido deixar crescer para converter-se de novo no viking que sempre fora. - Sinto te haver deixado sozinha - sussurrou em inglês contra sua face. - Necessitava tempo para pensar. E onde melhor o faço é nas colinas.

Deveria ter dito isso, deveria ter explicado por que precisava ir. Sinto muito, honning.

Krista deu as costas embora em realidade não queria fazê-lo; o pulso quase parou quando sentiu uma imensa dor no coração. Eram tolices, absurdos, Leif era viking. Vivia como eles e isso não trocara.

Ele se aproximou mais a ela e com suavidade apoiou as mãos sobre os ombros, acariciando-os muito suavemente.

—Me diga o que é o que acontece.

Ela tragou, tremeu e reuniu forças para articular uma só palavra.

—Inga. - Depois soltou um soluço, e se odiou a si mesmo por deixar ver quanto a machucara.

—Inga? - Voltou-a para ele para olhá-la à cara e esticou a mandíbula. - O que te tem feito?

Krista sacudiu a cabeça.

—Ouvi-a a noite da festa. Ouvi como se oferecia a ti. Sei... sei que você pensa convertê-la em uma de suas mulheres.

Os olhos de Leif se obscureceram.

—Se nos ouviu, sabe que não aceitei sua oferta, nem o fiz logo. Qualquer outra coisa que Inga e eu tenhamos compartilhado foi faz tempo. Não chama minha atenção agora.

Só existe uma mulher a que quero ter em minha cama e essa mulher é você.

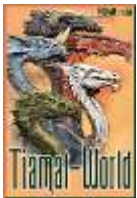
Krista afastou o olhar, com o coração em um punho.

—Inclusive embora estivéssemos casados, os vikings frequentemente formam famílias com outras mulheres, deitam-se com elas. Está dizendo que...?

—Estou dizendo que não tenho intenção de me deitar com outras. Meu pai só teve uma esposa, nada mais. Foi fiel a minha mãe até o dia em que ela morreu, como eu seria a ti.

—Leif tomou o queixo de Krista e a beijou com muita suavidade. - Estou dizendo que te case comigo.

A calidez de Leif a envolvia, o aroma de sua pele, a força de seu poderoso corpo. As lágrimas



alagaram os olhos de Krista e começaram a escorregar por suas faces.

—Não posso. - enxugou as lágrimas com os dedos. - Sabe no fundo de seu coração que não pertencço a este lugar. Sabe, Leif, tal e como eu sei.

Deu as costas e se dirigiu à porta, apertando inconscientemente os punhos. Durante um longo momento, permaneceu assim, com as costas rígida e as fortes pernas separadas.

Quando se voltou para ela, seu rosto era uma máscara impenetrável outra vez.

—Runa me há dito que trabalhou com as demais mulheres cortando juncos. Não precisava fazê-lo. deveria haver isso dito. - dirigiu-se para ela a passo vivo.

—Há dito que trabalhou duramente, muito mais que qualquer das demais. Há dito que parecia que escolhera bem.

Krista dissimulou a surpresa, ou ao menos o tentou.

—É muito amável por sua parte. - Durante os dias que ele esteve fora, as mulheres a ignoraram ou deram trabalho extra para fazer.

Runa não fora distinta, mas agora, ouvindo as palavras de louvor de sua irmã, Krista não pôde evitar pensar que, se ficasse na ilha o suficiente, Runa e ela acabariam sendo amigas.

—Preciso tomar um banho - disse Leif. - Me agradaria muito que te unisse. - O calor voltava a brilhar em seus olhos, o desejo que manteve oculto a maior parte do tempo desde sua chegada.

—Não posso... não acredito que seja prudente.

—Me parece muito prudente. - Ele cravou o olhar nela durante uns momentos, com esses ardentes olhos azuis, logo viu as Palmas das mãos de Krista. - Pelos deuses!

—Aproximando-se, tomou ambas as mãos com as suas para as examinar. Com outra suave maldição, esta vez em inglês, conduziu-a a seus aposentos, até uma mesa onde repousavam algumas de suas coisas, e abriu um pequeno pote que continha um bálsamo. Com suavidade, ele mesmo aplicou o unguento sobre as bolhas das mãos de Krista.

—Ficará em casa amanhã e todos os dias até que suas mãos estejam curadas. Minha irmã pagará por isso.

—Não foi culpa da Runa. É que não estou acostumada a esta classe de trabalho, isso é tudo. Quando sua irmã viu as bolhas, mandou me ao quarto de tecer. E a verdade, tampouco é para tanto.

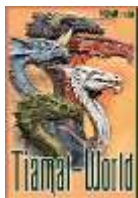
Ele riu, levantou uma das mãos machucadas e beijou brandamente as pontas dos dedos.

—Amanhã ficará na cama. - Sorriu meigamente. - Quão único desejaria é que me convidasse a me unir a ti.

Krista sentiu uma opressão no coração. Não podia, sabia, mas Por Deus, não era porque não o desejasse.

Chegou o dia seguinte, e com ele uma brisa gelada que percorreu o vale verde. Leif atravessou o salão e saiu ao exterior, sob o débil sol outonal. Fizera um nó nas vísceras, e sentia uma dor surda no coração. Os anciões enviaram a chamá-lo horas antes, e ele tinha ido falar com eles, pedindo seu apoio para iniciar o comércio com a Inglaterra.

Para sua surpresa, sentia-se bastante menos decepcionado ante a decisão do conselho do



que acreditou que se sentiria.

Com longas pernas se dirigiu para o estábulo, um pequeno edifício situado ao final da esplanada. Selou um dos cavalos baios para dar um passeio pelas colinas e limpar a cabeça.

—Leif! Um momento, por favor! - chamou seu tio, que era um dos membros do conselho. Leif esperou a que Sigurd se aproximasse até ele, que permanecia sob a sombra do estábulo.

—Sei que está decepcionado, sobrinho. Espero que possa compreendê-lo.

—Não querem comercializar. Nunca o farão. Deveria ter sabido que seria uma tolice tentar que pensassem de outra maneira.

—Deve recordar nossa história, Leif. Durante centenas de anos nossa cultura foi absorvida, pouco a pouco, por outras culturas, até que quase se esqueceu.

Inclusive antes que viéssemos aqui, fomos os últimos vikings que ficavam, e só porque Groenlândia estava muito isolada.

Era difícil, quase impossível sobreviver em um mundo tão hostil, e é assim como transladamos a outro lugar melhor para viver, um lugar onde pudéssemos manter nossas origens intactas.

—Conheço nossa história, tio. Sei que os deuses nos benzeram quando mostraram ao Harald o caminho a esta ilha.

Sigurd assentiu com a cabeça.

—Seguimos acreditando que estaríamos a salvo, que nossa cultura, nossa forma de vida sobreviveria.

—E assim foi.

—Sim, mas só porque tentamos sempre nos manter afastados de outros, para conservar os costumes que tanto apreciamos.

Leif suspirou. Durante muitos dias esteve pensando nisso, pensando que era seu dever manter a sua gente a salvo, ajudá-los a manter o estilo de vida que tiveram durante centenas de anos.

—Entendo-o, tio. E no fundo acredito que estão no certo. Durante toda minha vida desejei saber o que havia além da ilha. Agora sei, e é duro para mim não compartilhar algumas das maravilhas que vi, nem trazer essas mesmas maravilhas a minha gente. Mas posso me dar conta de quão profundamente trocaria nossas vidas se fizesse isso.

—Não é o que nós queremos.

Leif desviou a vista.

—Agora o vejo com mais clareza que antes.

Seu tio deu uma palmada nas costas.

—É um líder forte, Leif, e não procura seu próprio interesse.

Leif simplesmente assentiu.

—Farei-o o melhor que possa para não decepcionar a nenhum de vocês. - Começou a afastar-se, mas a voz de seu tio o deteve.

—Segue sem responder a uma pergunta.



—A qual?

—Está seguro de que seu caminho está aqui e não nesse lugar que chama Inglaterra? - Sigurd sorriu. - Quando era menino, vi em seus olhos uma sede de saber distinta a qualquer que tivesse visto antes.

Sigo-a vendo aí, inclusive embora tenha retornado para poder liderar a sua gente.

—É meu dever. Não desonrarei a meu pai ignorando-o.

—Algumas vezes há deveres superiores. Possivelmente o teu esteja em outro lado, Leif.

—Fiz uma promessa e não a romperei. Sou necessário aqui.

—E mesmo assim, em seu interior, dúvidas que este seja seu lugar, pode negá-lo?

Leif não respondeu.

—Reflete sobre minhas palavras, sobrinho. - Sigurd se voltou para partir e com os ombros retos se encaminhou até sua casa. Soltando o fôlego, Leif continuou caminhando para o estábulo.

Ao menos não pediram que destruísse seu navio. Estava bem escondido na baía, fora da vista de qualquer navio que passasse, e os anciões consideraram que não constituía uma ameaça.

O capitão Twig e seus homens tinham permissão para ir-se quando desejassem, já que não seria possível que encontrassem o caminho de volta à ilha no futuro sem a ajuda de Leif.

No momento pareciam contentes nesse lugar, onde os tratava como importantes convidados e eram extremamente populares entre as mulheres.

A única ameaça que o navio expõe era para o espírito de Leif. A admiração que sentia pela Inglaterra brilhava tão intensamente em sua memória como as estrelas no céu negro da noite, tentando-o a retornar.

E além disso devia ter em conta a Krista. Enquanto selava o cavalo e subia à garupa do animal, tentou não pensar no que a decisão do conselho significaria para ela, seu pai e o resto de sua família.

Sentiu uma opressão no peito e urgiu a seu cavalo colinas acima.

Krista não vira o Leif desde cedo, quando a fora ver para saber como estava. A donzela, Brigit, ocupou-se dela durante todo o dia, ajudando-a a aprender novas palavras, costurando para ela roupas novas e preparando comida. Pela tarde, Krista estava aborrecida e vagava sem rumo pela casa grande. Entrou no quarto de tecer e se sentou ao lado da Runa.

A primeira vez que entrara ali, fixou-se em que as vikings faziam um trabalho muito laborioso, fiavam a lã em fios de distintas grossuras, sendo um trabalho incrivelmente delicado.

O fio mais fino se utilizava para fazer tecidos finos ou para bordar. Os fios mais grossos eram para costurar partes de peles aos tecidos e fazer tapetes ou tapeçarias para chãos e paredes.

Runa já não a ignorava e tampouco as demais mulheres. Depois desses dias de trabalhar cotovelo com cotovelo com elas nos campos, falavam-lhe quase como se fosse uma igual. Quase.

Mas a formosa ruiva ainda não compreendia por que Krista se negava a casar-se com seu irmão.

—Ama a outro homem? - perguntou quando se sentaram diante de um tear para lhe mostrar outra vez como mover a rudimentar máquina para urdir a trama e obter os tecidos.



—Amo a seu irmão, mas este não é meu lugar. Minha vida está na Inglaterra, o lugar de onde vim. Tenho deveres ali, responsabilidades, quão mesmo Leif as tem aqui.

—Que tipo de deveres?

Krista não sabia como explicar a Runa todo o relativo ao jornal, seu pai e seu avô. Tinha um vocabulário limitado e, depois de tudo, descrever esse mundo tão distinto ao da Runa parecia uma tarefa quase impossível. Mesmo assim tentou descrevê-lo o melhor que pôde.

Quando terminou, Runa pareceu sopesar suas palavras.

—Esse lugar que descreve... não parece real.

—É real. Pode perguntar a seu irmão.

—Ainda tem muito que contar sobre sua viagem. Acredito que se incomodaria que o envenenássemos a perguntas.

Krista conteve o desejo de apurá-la.

—Estava fazendo um lugar ali. É assombroso quão bem encaixava.

—Sua vida está aqui, no Draugr. Disse-me que seu lugar também está aqui, sabe. - Os olhos cinza da Runa examinaram a cara de Krista.

—Algumas vezes, os deuses nos têm uma vida diferente reservada a que nós escolhemos. Possivelmente é o que aconteceu contigo.

—Acredito que não. Penso que Leif cometeu um engano ao me trazer aqui. Não acredito que fosse absolutamente a vontade dos deuses.

Runa se esticou.

—Meu irmão é o chefe. Se disser que você está destinada a ser sua mulher, então é assim.

—O que aconteceria te visse forçada a te casar com um homem com o que não queria te casar?

—Você o ama. Me disse isso.

—Sim, mas me necessitam em minha casa.

—Possivelmente meu irmão te necessite mais.

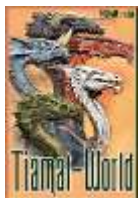
A Krista oprimiu o coração. O que aconteceria se fosse assim? O que ocorreria se ela estava equivocada e seu destino era viver no Draugr, com o Leif? Krista quase desejou poder convencer-se a si mesmo.

As duas mulheres falaram durante bastante tempo, conversaram de temas menos pessoais, o clima, as tarefas que deviam fazer-se para confrontar os longos meses de inverno que os esperavam.

Logo, Runa se levantou do tamborete e se moveu à esquerda, deixando que Krista ocupasse seu lugar diante do tear.

A simples tarefa de cruzar a urdidura e a trama manteve sua mente ocupada, ao menos durante um momento, para alívio de Krista.

Mas seus pensamentos voltavam uma e outra vez ao Leif, e se perguntou quando retornaria. Um momento antes, enviara ao Jamie Suthers, que agora trabalhava no estábulo com os cavalos, para que lhe dissesse que se foi às colinas, mas que estaria de volta ao anoitecer. Sabia que Leif se



reuniu com os anciões do conselho essa manhã, mas ninguém conhecia o resultado da reunião.

Krista rezou para que tivessem votado a favor da proposta de Leif. Se seu navio, o Dragão do Mar, estabelecia uma rota entre o Draugr e Inglaterra, cedo ou tarde poderia persuadi-lo para retornar a casa.

À medida que passavam as horas sua angústia e impaciência por conhecer a resposta se acrescentavam, mas ao final do dia Leif ainda não retornara.

Cansada mais pela preocupação que pelo monótono trabalho que esteve realizando, abandonou o quarto de tecer e retornou a seus aposentos.

O suave catre de peles a chamava, e se rendeu ante a perspectiva de ter uma pequena sesta antes do jantar. Logo ficou inundada em um sonho perturbador.

Krista estava outra vez em casa.

Voltava a trabalhar com a Coralee na gazeta, preparando a edição dessa semana para poder carregá-la nas carretas à manhã seguinte. Os exemplares já impressos de coração a coração se empilhavam ao lado da prensa Stanhope para ser levados a sala de reuniões onde os empacotariam. Seu pai estava acima em seu estudo provisório, esperando pacientemente a que ela terminasse para poder acompanhá-la a casa.

—Eu adoro seu artigo desta semana - disse Corrie, olhando para a página com a tinta ainda fresca. - Deste ao Cutter Harding seu castigo.

Possivelmente seja o detonante que necessitam seus empregados para rebelar-se e fazer que se ouçam suas queixas.

—Não sei... é um homem muito antipático. Necessitamos mais leis que obriguem a regular as condições de trabalho das pessoas e que sejam respeitadas.

Seu pai desceu as escadas justo nesse momento.

—Resolvestes os problemas do mundo ao menos por esta noite?

—Só estamos empilhando os últimos exemplares.

—Bem. Esperava... pensei que possivelmente amanhã, antes devir trabalhar, podia me ajudar com a investigação que estou levando a cabo.

Esteve muito ocupada os últimos dias. Seu pai estava muito só desde que morreu sua mãe. Sabia quanto a necessitava. Sorriu-lhe com ternura.

—Eu adorarei te ajudar em sua investigação, pai.

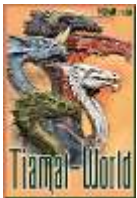
—Estupendo! - Respondeu com um sorriso radiante e a alagou uma quebra de onda de ternura.

Terminaram o trabalho por esse dia. Coralee partiu a casa, e Krista e seu pai fecharam e subiram à carruagem. Krista não sabia por que mas por alguma estranha razão se sentia feliz de estar sentada frente a ele.

Parecia cansado, pensou observando as linhas que sulcavam o rosto de seu pai. Esteve trabalhando muito ultimamente. Teria que tentar que descansasse um pouco mais.

Aproximou-se dele e segurou sua mão.

—Te senti falta, pai - disse, mas não sabia por que dizia isso quando podia vê-lo todos os



dias.

Havia algo que não encaixava, algo que não queria recordar...

—Krista! Acordada! Aproximam-se! Chegam os invasores!

Krista piscou enquanto despertava, sentindo-se por um momento atordoada e confundida, sem saber onde estava. Logo reconheceu a Runa que estava de pé junto a sua cama.

Invadiu-a o desespero. Não estava em casa. Ainda estava na Ilha Draugr.

—Depressa! Já chegam!

—Quem chega?

Runa a agarrou da mão e atirou dela para levantá-la do catre de peles.

—Os do clã Hjalmr! - A garota a arrastou à janela e separou ligeiramente a veneziana de madeira, revelando a escura paisagem que se estendia pelas colinas do vale.

—Vê essas tochas?São os invasores do clã Hjalmr, que descem pela montanha para aqui!

O coração de Krista se acelerou.

—Onde está Leif?

—Ainda não retornou. Temos que encontrar ao Olav! - Runa se dirigiu correndo para a porta, e Krista a seguiu. Não tinha nem ideia do que os invasores do clã Hjalmr tencionavam fazer, mas de repente a ocorreu que precisava estar preparada. A toda velocidade, retornou ao dormitório de Leif, pegou a lança que havia contra a parede e logo se apressou a alcançar à irmã de Leif.

—Fique aqui! - pediu Runa quando chegaram à porta principal. - Vou procurar ao Olav e volto em seguida!

—O que posso fazer?

Runa apontou ao grupo de cavaleiros que desciam com rapidez pela colina.

—Rezar para que sejam do clã Hjalmr e não os berserkers.

—Berserkers? Quais são...? - Mas Runa já se afastava rapidamente, e de repente, Krista recordou o que significava essa palavra. Eram vikings renegados, homens que não obedeciam a lei da terra, emparelha-os que não seguiam as regras e que pareciam não ter consciência.

Seu coração disparou. Rezou para que os invasores fossem do clã Hjalmr, que eram os que pareciam menos perigosos. Por diante dela, abandonando as pequenas casas de pedra, passaram homens armados com espadas e escudos, tochas de guerra e lanças, alguns levavam cascos metálicos ou de pele. Krista observou com uma mescla de assombro e horror como os cavaleiros gritavam com fúria pelo vale, atravessando os campos próximos, galopando a toda velocidade. Os homens do Ulfr esperavam a seus atacantes de frente, empunhando suas próprias armas, que pareciam ser espadas e tochas.

—OH, Deus Santo - sussurrou Krista, quando Runa voltou correndo ao interior da casa.

—Berserkers! - gritou a garota ruiva por cima dos sons metálicos e os gritos dos guerreiros. - E a metade de nossos homens estão caçando!

Krista os vira partir essa manhã e, vendo os poucos homens que ficavam no assentamento, sentiu que afundava o coração.

—Possivelmente... - Tragou e começou de novo em escandinavo. - Possivelmente os



berserkers os viram partir.

—Sim, possivelmente tenham estado esperando esta oportunidade, e vissem como os homens partiam esta manhã.

Krista tremia enquanto aferrava com força a lança que pegara do dormitório de Leif.

—O que... o que deveríamos fazer?

—Nossos homens retornarão. Só podemos esperar que os que estão aqui sejam o suficientemente fortes para resistir até que cheguem outros.

Mas enquanto observava a luta, Krista viu cair a um homem e logo a outro sob os brutais golpes das armas inimigas. Os homens do Ulfr foram sendo derrotados e,

Deus Bendito, o que ocorreria às mulheres quando já não houvesse ninguém que as defendesse?

Conteve um soluço quando um homem que reconheceu da festa de bem-vinda foi derrubado pela tocha de combate de um berserker; um grande atoleiro de sangue apareceu sobre a terra quando caiu.

Reconheceu algo mais à frente ao tio de Leif, Sigurd; parecia lutar com valentia opondo-se a dois homens de uma vez, mantendo-se assombrosamente firme. Olav também estava ali, observou, empunhando a espada com a habilidade de um professor, mas para seu desgosto, os inimigos foram aumentando.

—Fique aqui! - gritou Runa. Virando-se, a garota desapareceu pela porta, e Krista se deu conta de que empunhava uma adaga.

Krista ficou ali, paralisada. Não era uma guerreira. Não tinha nem ideia de como lutar. Observou como participava Runa na briga, viu como caía um dos berserkers, olhou como o capitão Twig e os dois tripulantes ingleses se inundavam no barulho de homens e cavalos, cada um deles armado com sabres.

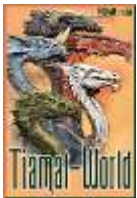
Um dos berserkers fez girar seu cavalo e se dirigiu direto para a Runa, e por um instante, Krista pensou que a jovem morreria.

Logo o retumbar de cascos de cavalos captou sua atenção, e seu coração deu um tombo quando viu o Leif a ponto de entrar em batalha.

Montava o cavalo com soltura, sem pensar o que fazia, os músculos tensos ressaltavam em seus enormes braços ao levantar a pesada espada, primeiro a um lado e logo ao outro, atacando a um homem atrás de outro, depois fez voltar garupas a suas arreios para a Runa e se desfez do assaltante de sua irmã.

—Retorna a casa! - ordenou, e para sua surpresa, a irmã de Leif obedeceu imediatamente, correndo a toda velocidade para a segurança da casa grande. Eiriz e Thorolf se aproximavam de cavalo nesse momento, ao parecer a voz de alarme chegara até suas granjas. Como seus irmãos, eram peritos com as espadas e as tochas, e logo o rumo da batalha pareceu trocar de lado.

Caía um berserker atrás de outro. Outros invasores começaram a retroceder, retornando às colinas. Parecia como se já estivesse ganha a batalha quando um enorme gigante barbudo surgiu frente a Leif.



Desde o começo, estiveram empatados, ambos eram peritos guerreiros, cada um esgrimia com perfeição tanto a espada como o escudo.

O coração de Krista pulsou com violência.

—Deus, não permita que o firam - rezou, tremendo de medo por ele. Um momento depois viu como um segundo invasor surgia detrás de Leif.

Estava fora da vista do viking, e perto de Krista, e embora ela gritou uma advertência, entre o som do entrechocar de aços e o relinchar dos cavalos, não a ouviu.

Não parou a pensar nem se deixou levar pelo pânico. Leif ia morrer, e ela precisava fazer algo para impedi-lo.

Esgrimindo a lança, saiu com tudo a correr da casa, dirigindo-se diretamente ao homem que havia detrás de Leif. Levantando a arma, sujeitou-a diante dela e carregou para o invasor.

Nesse momento, o guerreiro se voltou e a viu, e ao ver sua cara furiosa, Krista soube que ia morrer.

Capítulo 24.

—Krista! - O grito de Leif se perdeu entre o estrépito que o rodeava. Seu coração pulsava disparado, ameaçando sair do peito.

Mal podia acreditar que a mulher que se enfrentava a seu assaltante fosse sua noiva, e todo seu corpo se esticou de medo por ela. Ela o olhou por um instante antes de arrojá-la lança que agarrava com força.

Um momento depois a ponta da lança se cravou no peito do guerreiro barbudo. Nessa fração de tempo ela poderia ter morrido.

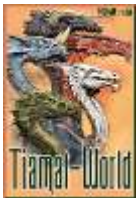
—Krista! - Gritou seu nome outra vez, mas parecia que ela não o ouvia. Tinha os olhos muito abertos e fixos no homem que sangrava a seus pés, com a lança apontando para o céu cravada no largo peito.

Tinha solto o cabelo da tira de tecido que o sujeitava na nuca, e flutuava ao redor de seus ombros como um brilhante manto dourado. As lágrimas escorregavam pelas faces.

Ele se dirigiu para ela até que divisou a outro assaltante que se dirigia a Krista a toda velocidade, e o terror que havia sentido antes o alagou de novo com tal força que o pôde saborear na boca.

Parecia que parava o coração no peito e, por um instante, não pôde mover-se. Logo fez voltar garupas a seus arreios, interpondo-se entre os dois, e levantou a espada separando limpamente a cabeça do invasor de seu corpo. Fazendo girar seu cavalo outra vez, dirigiu-se para a Krista e sem deter o galope a içou entre seus braços ao passar por seu lado.

Sentou-a em seu regaço, com o braço apertado firmemente ao redor de sua cintura, tremendo ainda por causa do medo que sentia, um sentimento aterrador muito diferente a



qualquer outra coisa que ele houvesse sentido nunca.

—Krista... - sussurrou, pressionando os lábios contra seus cabelos. Mas parecia que Krista não o escutava, só se aconchegou em seu regaço e apertou a cara contra seu ombro.

—Já está a salvo - murmurou ele. - Agora estou aqui.

Observou que a batalha já estava ganha, os invasores fugiam para a segurança das colinas, e alguns dos homens do Ulfr saíram em sua perseguição. Leif refreou seu cavalo, pô-lo ao trote e retornou ao assentamento, detendo-se diante da casa grande. Seu cavalo corcoveou e relinchou, alargando as fossas nasais, cheirando ainda o sangue da batalha. Jamie Suthers correu para ele com o

Alfinn agarrado fortemente a seu pescoço. Tomou as rédeas do cavalo e Leif se deslizou para o chão, embalando a Krista entre seus braços.

—Está bem a senhorita? - perguntou Jamie com inquietação.

—Acredito que sim.

O menino sorriu amplamente.

—Toda uma mulher, verdade, chefe?

Um estranho sentimento se assentou no peito de Leif.

—Sim, menino, toda uma mulher. - E embora acreditasse que ela estava ilesa, estava coberta de sangue e precisava assegurar-se.

Também suas roupas estavam ensanguentadas, observou enquanto se dirigia com ela nos braços para a casa grande.

Finalmente, Krista começou a sair do estado de estupor em que se encontrava.

—Fiz-o... matei-o? - perguntou em voz baixa.

—Sim, carinho. Não está ferida, verdade?

—Não, acredito que não. - Olhou-o. - Se foram?

Ele assentiu com a cabeça.

—Fugiram como quão covardes são, de volta à montanha.

Ela inclinou a cabeça para examiná-lo.

—Está ferido?

Recordar o enorme risco que ela tinha deslocado e o terrível medo que ele sentira ao vê-lo avivou sua cólera.

—Estou bem. - Levou-a ao quarto de banho e a pôs de pé ao lado da poça, sujeitando-a quando ela pareceu perder o equilíbrio brevemente. - Pelo Odín, como pudeste pôr sua vida em perigo?

As faces de Krista recuperaram um pouco de cor.

—la te matar. Não podia ficar quieta e permiti-lo.

Seu aborrecimento ia crescendo por momentos, tomou pelos ombros.

—É tola, você não sabe lutar. É uma mulher. Podia ter morrido!

—Sua irmã luta junto aos homens.

—Minha irmã é tão parva como você.



Krista se revolveu sob sua presa.

—Mas... será ingrato...

—Não sou um ingrato. Nunca esquecerei a imagem de ti correndo para mim, te arriscando para me salvar. Jamais esquecerei o medo que senti nesse momento... nem o orgulho de pensar que foi minha mulher.

Novas lágrimas fluíram dos olhos de Krista.

—OH, Leif, estava tão assustada... tão assustada de que te matassem...

Ele a envolveu com força entre seus braços.

—Me prometa que nunca voltará a te arriscar dessa maneira. Prometa-me isso.

Krista negou com a cabeça.

—Não posso fazer essa promessa. Se sua vida voltasse a correr perigo, voltaria a reagir do mesmo modo.

Algo se quebrou dentro dele. A cólera, o medo e algo muito mais forte que tudo isso se mesclaram em uma chama ardente de necessidade.

—Krista. Minha pequena Valquíria. - Inclinando a cabeça, reclamou sua boca em um beijo arrebatador. Beijou-a até que os dois estiveram ofegantes, até que seus corações pulsaram freneticamente a toda velocidade.

Poderia havê-la tomado ali mesmo, contra a parede do quarto de banho se não tivesse olhado para baixo e visto o sangue de suas roupas. A sua também estava salpicada de cor carmesim, e o recordou o perto que esteve de perdê-la. Separando-se um pouco, soltou os broches de tartaruga marinha que sujeitavam o kirtle aos ombros e começou a tirar os objetos de vestir manchadas de sangue.

—O que... o que está fazendo?

—Está coberta com o sangue de nossos inimigos. Precisa tomar um banho, quão mesmo eu.

Ela olhou a roupa, seu vestido de lã tinha grandes manchas escuras de sangue, e um estremecimento a percorreu dos pés a cabeça.

Com determinação, Leif tirou suas próprias roupas e então, com ela entre os braços, entrou na água quente.

Deixando-a de pé diante dele, usou um pano de linho branco para lavá-la brandamente, tirando uma mancha de sangue da frente e limpando as suas mãos.

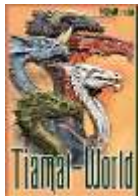
Diminutas ondulações de água lambiam seus seios, e embora ele já estava excitado, sua ereção ficou ainda mais dura.

Pouco a pouco, pareceu voltar a ser ela mesma, e a dor de seus olhos começou a desvanecer-se.

—Nunca me contou nada sobre os berserkers.

Leif suspirou, lamentando o descuido.

—São renegados que se uniram. - Usou o pano, deixando escorrer a água pelos ombros de Krista, fazendo que gotejasse sobre seus seios. - A maior parte do tempo se mantêm isolados nas colinas.



Mas são muito perigosos, como já viu esta noite.

Ele recordou de novo o risco que ela tinha deslocado, e o perto que esteve de perdê-la, e se voltou a enfurecer.

—Juro te isso, Krista, se alguma vez voltar a correr um risco semelhante, pegarei meu cinturão de couro e te porei o traseiro em vermelho vivo.

Ela inclinou a cabeça para trás e cravou os olhos nele, confiada.

—Não acredito que me golpeasse.

—Faria o que fosse necessário para te proteger... inclusive de ti mesma. Advirto a você isso, Krista. É minha e não deixarei que te faça mal.

Ele observou a faísca desafiante desses preciosos olhos verdes e soube que ela tinha intenção de discutir com ele. Para evitá-lo, apertou-a contra ele e amoldou sua boca sobre a dela, beijando-a como levava todo o dia querendo fazer, como desejara do momento em que a vira fora de perigo. Foi um beijo ardente e abrasador que não deixava lugar a dúvidas de que pertencia a ele.

Não se opôs a ele como Leif temia que faria, simplesmente devolveu o beijo com a mesma necessidade ardente que atravessava a ele. O vapor de água os envolveu, seu membro pressionou com firmeza contra ela, palpitando pela necessidade de estar dentro dela.

Krista arriscara sua vida por ele. Se Leif alguma vez duvidara de se era prudente havê-la levado ali, temera de algum jeito que podia haver-se equivocado, já não o duvidava.

Ela era dele, e essa noite o demonstraria, como deveria ter feito muito antes.

Krista beijou ao Leif como se não o tivesse beijado nunca. Podia senti-lo em cada poro de seu corpo, sentir o calor de sua pele contra a dela, a força dos poderosos músculos de seus braços e seu peito, a pressão onde sua ereção se erguia dura e cálida contra ela. O desejo por ele convertia o sangue em lava. A necessidade arrasou todo seu ser, uma necessidade que nunca fora mais poderosa.

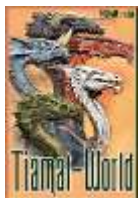
Matara a um homem essa noite. Era algo quase impossível de acreditar. Era uma dama, uma mulher com os pés na terra, uma jovem civilizada que deveria haver-se desmaiado ante a visão de tanto sangue.

Mas nada disso tinha importância, não nesse momento, quando compreendeu que esteve a ponto de perder ao homem que amava.

Por isso fizera, pela decisão que tomara, Leif estava são e salvo, e Krista não podia arrepender-se. E enquanto estavam ali nus na água, aferrou-se a ele, e inclinou a cabeça para trás para que pudesse beijá-la no pescoço. As grandes mãos de Leif envolveram seus seios, e brandamente beliscou os mamilos até que estiveram tão duros como o diamante; então, ele inclinou a cabeça e tomou essa plenitude em sua boca.

Leif deslizou a palma da mão sobre a pele de Krista, até chegar à planície sob o umbigo. Mediu brandamente o pálido pelo da união de suas coxas, separou suas pétalas suaves e começou a acariciá-la.

A paixão, profunda e poderosa, cresceu em seu interior.



Durante um instante ela cedeu a implacável necessidade que sentia por ele, seu amor ameaçou afligindo-a. Nunca desejara algo tanto como desejava unir seu corpo ao dele, recordar o prazer que já mostrara antes.

Nunca havia sentido-se mais vulnerável, mais tentada a ceder a qualquer desejo que ele pudesse ter. Nunca desejara tanto converter-se na esposa de Leif.

Mas se afastou. Dirigindo um olhar de pesar, atravessou a água para os degraus de rocha que conduziam à poça. Sem dizer nada, Leif a entendeu.

Quando abandonou a água, inclinou-se para agarrar um pano para secar-se, mas ele o tirou da mão.

—Eu o farei por ti.

Ela não protestou. Queria sentir suas mãos sobre ela, perceber o calor nesses brilhantes olhos azuis enquanto percorria com o tecido sua pele febril.

Quando terminou, usou um segundo pano para secar-se a si mesmo, logo tomou entre seus braços e começou a beijá-la outra vez.

O desejo a atravessou como um raio, uma descarga tão poderosa que mal percebeu quando ele a levantou entre seus braços e a levou fora do quarto de banho, para seus aposentos, deixando-a em cima da cama.

Não foi até que sentiu o calor das peles sob seu corpo nu que começou a afastá-lo com força.

—Por favor... rogo-lhe isso, Leif. Não posso fazê-lo.

Um músculo palpitou na mandíbula de Leif.

—Está pedindo que me detenha, mas me deseja. Pode negá-lo?

Ela tremia ante seu mais leve contato e não pôde mentir.

—Não, não posso negá-lo. Desejo-o tanto como você, mas não posso me arriscar. Não posso ser sua esposa, e assim...

—Assim continuará lutando contra mim... e contra ti mesma.

Ela sentiu a ardência das lágrimas.

—Tenho que fazê-lo...

A determinação se refletiu nos traços de Leif.

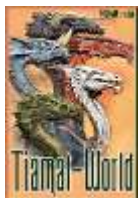
—Então te facilitarei as coisas. - Dando a volta, ele cruzou a sala, logo retornou com algo na mão e começou a beijá-la outra vez.

Krista podia sentir que ele mal dominava o desejo que sentia e isso o fazia perder o controle a ela também. Deus, desejava-o tanto. Possivelmente podia ceder somente por essa vez...

Quase convencera a si mesmo para ceder à poderosa necessidade que sentia por ele quando notou o roce suave de um tecido em seu pulso. Leif assegurou o outro pulso antes que ela se desse conta do que estava fazendo.

—O que... o que está fazendo?

—Vou dar o que os dois sabemos que quer. Aprendi muito em seu país. Agora veremos se você gosta do que aprendi sobre fazer o amor nesses livros que encontrei na biblioteca.



—OH, Deus Santo! Leif, não pode...

—Sim, sim que posso. - Usando outras suaves tiras de tecido, atou-lhe os tornozelos aos postes de madeira aos pés da cama, deixando-a aberta para ele.

Seu corpo estava acessível, completamente exposto, e um leve rubor se estendeu pela pele de Krista.

Deveria lutar contra ele, sabia. Ou rogar que se detivesse. Possivelmente o fizesse ou pelo contrário simplesmente tomaria o que queria. Depois de como o animara, quase não podia o culpar.

Mas a vontade de lutar contra ele se foi desvanecendo com cada um dos beijos ardentes que Leif prodigalizara. A verdade era que não sentia o mais mínimo desejo de detê-lo.

Queria senti-lo dentro dela, queria encher-se dele, descobrir outra vez o feroz prazer que ele já dera a ela antes.

Leif se afastou um passo da cama para examinar seu trabalho.

—É tão formosa... Como uma deusa de olhos verdes e cabelo dourado. Antes de te penetrar, saborearei-te. Já veremos se você gosta tanto como à dama das botas.

Meu deus! Krista recordou o livro erótico que mencionara uma vez, mas não tinha nem ideia do que pudera ler nele. Um calafrio de excitação a atravessou, uma sensação eletrizante que sabia que não deveria sentir.

Pressionando-a contra as peles, Leif se localizou em cima dela e apoiou seu peso nos cotovelos. Aninhado entre as coxas de Krista, deslizou as mãos pelo cabelo e começou a beijá-la, brandamente ao princípio, persuadindo-a para que separasse os lábios, saboreando o interior de sua boca. O calor de seu corpo queimou a sua pele. Os seios sentiam cócegas onde se roçavam contra o pelo de seu torso, e Krista finalmente devolveu o beijo, sua vontade para resistir havia se esfumado por completo.

Leif mordeu a orelha, beijou e mordiscou o pescoço, logo se deslizou um pouco para baixo e começou a sugar um seio.

Enquanto brincava e media, lambeu seu mamilo e o mordeu, ela lutou para conter-se e não rogar que a tomasse nesse mesmo momento.

Krista pensou que o faria de todas maneiras, que se a desejava a metade do que o desejava ela, não poderia esperar. Mas ele seguiu derramando seus beijos para baixo, detendo um momento no umbigo, rodeando-o com a língua, pondo a pele arrepiada e provocando uma pontada de prazer nas vísceras.

Dizia que tencionava saboreá-la. Ela conteve o fôlego quando Leif acariciou com a boca seu lugar mais feminino e passou a língua pelo botão sensível de seu centro.

—Leif! Não pode. Não é possível que... - Mas nunca terminou a frase porque começou a gemer e a elevar os quadris, apertando-se contra sua persuasiva boca.

O prazer a alagou. As poderosas sensações removeram cada célula de seu corpo, e os músculos se esticaram como a corda de um arco.

Ela estalou e gritou seu nome. O corpo de Krista se estremeceu, e quebras de onda de prazer



a percorreram como os torvelinhos de uma tormenta.

Deu-se conta de que já não tinha os pulsos bem atados e com um simples puxão se liberou. Leif se moveu em cima dela, tomou posição e entrou nela com um poderoso impulso.

Krista gemeu ante uma nova quebra de onda de prazer e envolveu os braços ao redor de seu pescoço.

—É minha - disse ele. - Deveria sabê-lo.

Beijou-a e devolveu o beijo, e enquanto se moviam juntos, enquanto tomava com profundas estocadas que pareciam alcançar sua alma, ela pensou que possivelmente ele tinha razão.

Que ela era quem estava equivocada e que seu destino não estava na Inglaterra, a não ser ali, na ilha com o Leif.

Capítulo 25.

Era meio da tarde de um dia fresco, o vento agitava as folhas amareladas e alaranjadas que tinham cansado sobre as ruas londrinas.

No moderno distrito de Mayfair, a carruagem de Coralee Whitmore se deteve diante da casa de tijolo de dois andares de Krista e um lacaio abriu a portinhola da carruagem.

—Já chegamos, senhorita.

—Já o vejo. - apoiou-se na mão enluvada do criado e permitiu que a ajudasse a descer as escadinhas metálicas, logo a seguiu até a porta de entrada.

O lacaio golpeou a aldrava¹ com forma de cabeça de leão uma vez, logo outra, e a porta se abriu de repente.

O mordomo, Giles, reconheceu-a imediatamente, e em sua enrugada cara apareceu um sorriso.

—Senhorita Whitmore. É um prazer vê-la. Por favor, entre.

—Esperava poder falar com o professor Hart. Seria possível?

O mordomo arqueou suas sobrancelhas chapeadas.

—Está em casa, senhorita. Não saiu desde o desaparecimento da senhorita Krista.

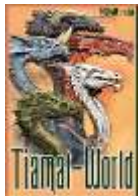
—Isso me temia. Onde posso encontrá-lo?

—Está em seu estudo, senhorita. Avisarei que você está aqui. - O mordomo percorreu o corredor com seu porte habitual, e Coralee o seguiu.

Giles anunciou sua chegada, e depois do convite do professor, entrou na sala revestida de painéis de madeira e cheia de livros.

Tinha pensado que encontraria ao professor sentado detrás de seu escritório, trabalhando como quase todas as vezes que ia o ver.

¹ Peça de metal usada para bater na porta



Mas se surpreendeu de encontrá-lo sentado em uma cadeira diante da janela, com o olhar fixo no jardim, e uma manta estendida sobre seu colo.

Quando se voltou para ela, Corrie se fixou em que tinha a cara magra e pálida, e se deu conta de que se encerrou em si mesmo desde sua última visita. Tomou nota mental para ir ver o mais frequentemente.

Esboçando um falso sorriso, Corrie caminhou para ele.

—Professor Hart, me alegro de te ver! - Ele começou a levantar-se, mas ela o impediu com um gesto da mão. - Não se preocupe. Só vim para uma visita curta.

—Me alegro de que o tenha feito. Por que não se senta e chamo para que nos sirvam um chá?

—Lamento-o, mas não tenho tempo. - Entretanto, sentou-se em uma cadeira frente a ele, preocupada ao ver como encurvava seus magros ombros e a palidez de sua cara.

—Tencionava descer até os escritórios - disse ele, - mas ultimamente não me encontrei de humor.

Não, não fora ele mesmo desde que encontrara a nota de Leif Draugr explicando que levou a Krista com ele a sua casa, em sua ilha do mar do Norte.

Corrie se aproximou e tomou a mão do homem.

—Sei que está preocupado por ela, professor. Mas pelo menos você sabe onde está.

—Sei? Não tenho nem a menor ideia de onde poderia encontrar a Ilha Draugr, nem tampouco sabe o resto do mundo.

—Leif não a teria levado com ele se não fosse cuidá-la. Na nota dizia que se casaria com ela. Que cuidaria dela.

O professor afastou o olhar, mas não foi o bastante rápido para evitar que Corrie percebesse o débil brilho das lágrimas em seus olhos.

—É tudo minha culpa. Deveria ter sabido o que ocorreria. Esse homem, depois de tudo, é um viking. Raptaram mulheres durante séculos. Quando pediu com tanta insistência a mão de Krista, deveria ter sabido que...

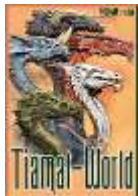
—De maneira nenhuma podia havê-lo adivinhado. Ela o rechaçou e Leif pareceu aceitar que não ia se casar com ele. Possivelmente passou algo a última noite. Possivelmente Krista se foi com ele voluntariamente.

O professor negou com a cabeça.

—Nunca faria isso, por muito que se interessasse. Sua vida está aqui, em Londres. De maneira nenhuma pode ser feliz com ele vivendo uma existência tão primitiva. Krista sabia mesmo que Leif se negasse a acreditá-lo.

Corrie se levantou da cadeira e caminhou para a janela. As folhas caídas formavam um grosso tapete amarela, laranja e vermelha nos caminhos de cascalho que serpenteavam através do jardim.

—Leif é um bom homem, professor - disse ela. - Se não o fosse, Krista não se teria apaixonado por ele.



—Nunca o mencionou, mas podia ver o que estava ocorrendo. Deveria ter feito algo. Não os deveria ter deixado passar tanto tempo juntos.

Corrie retornou a sua cadeira.

—Possivelmente Leif acabe por dar-se conta de que cometeu um engano e a traga de volta a casa.

—Possivelmente... - Mas estava claro que o professor não acreditava, que pensava que nunca voltaria a ver sua amada filha outra vez.

—Há outra razão pela que vim a visitá-lo - disse Corrie, inquieta por ter que incomodar ao pobre homem com outras questões, mas logo pensou que possivelmente dar outra preocupação mais que não fosse o desaparecimento de sua filha poderia ser bom para ele. - Temos alguns problemas em De coração a coração.

Isso captou sua atenção.

—Que tipo de problemas?

—Bom, para começar, com a Krista ausente, não há ninguém que possa escrever o editorial. Sem isso, as assinaturas começaram a cair, e ontem me visitou um dos líderes reformistas, um homem chamado Feargus O'Conner.

—Conheço senhor O'Conner. Não tem cabelos na língua quando dá sua opinião sobre as greves das fábricas e temas similares.

—Bom, a verdade é que foi poder falar com a Krista, mas se conformou falando comigo. Veio a nos suplicar para que De coração a coração seguisse publicando artigos como o que imprimimos sobre

Têxteis Harding, o tipo de artigos reformistas que escrevia Krista.

—O que você disse?

—Disse que falaria com você.

O professor afastou a manta de lã que tinha sobre o colo e cambaleou um pouco ao levantar-se.

—O que propõe que façamos? Não terá pensado que eu seja quem escreva esses artigos? Não estou ao dia em política e sei ainda menos das reformas.

Nesses temas, a perita era Krista e eu confiava em suas opiniões sobre essas matérias.

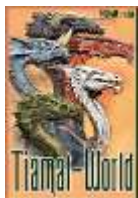
—Sei. Só pensei... que possivelmente poderíamos fazer algo até que ela retorne.

Mas não tinha modo de saber se ela retornaria algum dia. Krista poderia estar já casada com o Leif e para sempre naquela ilha esquecida da mão de Deus.

Desde que Krista desaparecera, houve todo tipo de especulações, que foram do assassinato até a fuga para casar-se com aquele misterioso e rico príncipe escandinavo com o que a vira tantas vezes antes de desaparecer.

Isso, é obvio, era o que mais se aproximava da verdade. A versão que Corrie e o professor Hart deram era que Krista fora visitar tia Abby, que estava doente no campo, e não tinham nem ideia de quando retornaria.

Mas Krista era a alma de coração a coração, e sem ela, a gazeta caía em picado.



—Possivelmente eu poderia tentar escrever os editoriais - disse Corrie a contra gosto. - Quer dizer... se você pudesse me ajudar.

—Como já te hei dito, não sei virtualmente nada de política e reformas sociais.

—Mas conhece muita gente. Poderia ir a seu clube, poderia fazer perguntas, poderia ver como estão as coisas.

E poderia falar com os líderes reformistas para que exponham seus pontos de vista ante as decisões do parlamento.

—Não sei...

—De coração a coração necessita, professor.

Ele suspirou, rendendo-se.

—Bom, suponho que poderíamos fazer a prova.

Levantando-se da cadeira, Corrie rodeou o pescoço com os braços e deu um abraço filial.

—Quando Krista retorne a casa, sentirá-se muito orgulhosa de você.

A enxuta cara do professor se iluminou.

—Realmente acredita que retornará?

Corrie esboçou um sorriso.

—Sempre existe a possibilidade, professor. Mas, aconteça o que acontecer, você deve pensar sempre que ela é feliz. E se for assim, que mais se pode desejar?

O pai de Krista assentiu com a cabeça. Recostou-se na cadeira enquanto um ruído no vestíbulo atraía a atenção de Corrie.

Só passara um instante quando a porta do estudo se abriu e um homem de cabelo cinza e uns setenta anos entrou na sala. Corrie o identificou imediatamente como o avô de Krista, o conde de Hampton.

—E bem, onde está? Exijo ver minha neta neste instante!

O professor se levantou outra vez da cadeira.

—Krista não está, milord. Não sabe quanto eu gostaria que assim fosse.

—O que ocorreu? - O olhar do conde foi agudo, logo se voltou desconfiado. - Acaso têm razão as más línguas e se fugiu a Gretna Green para casar-se? Me diga a verdade, Paxton.

—Não posso dizer onde está, milord. Só que não se encontra aqui, em Londres.

A Corrie não passou despercebida a esperança que fez brilhar os olhos azuis do conde.

—Está com esse príncipe? Ouvi que esse homem está muito apaixonado por ela.

"Príncipe", pensou Corrie. Se lorde Hampton soubesse. Por um momento, o professor foi incapaz de falar.

—Como este é um tema familiar, confio em que seja discreto.

—É obvio. - O conde dirigiu um olhar inseguro a Corrie.

—A senhorita Whitmore é uma amiga muito querida de minha filha e está informada sobre a situação.

—Diga logo, homem.

—Krista foi raptada, milord, sequestrada contra sua vontade.



—Pelo amor de Deus, por que não avisaste às autoridades? Temos que encontrá-la, devemos trazer ela de volta antes que sua reputação fique manchada sem remédio.

—Não há maneira de encontrá-la. O homem que a raptou saiu do país. A menos que ele traga Krista para casa, não há nada que possamos fazer.

—Isso é ridículo. Sou o conde de Hampton, um homem extremamente poderoso.

—Sinto muito, Thomas. Sei quanto desejava que Krista se casasse bem e te desse um herdeiro.

Os olhos azuis do conde se entrecerraram com suspeita.

—Se estiver com um homem, o mais provável é que cedo ou tarde tenham um filho. Simplesmente os obrigaremos a casar. Não está tudo perdido.

—Pode ser que ela não retorne nunca - disse o professor com tristeza. - Não há maneira de saber.

De repente, o conde pareceu aparentar mais idade do que tinha ao entrar no estudo.

—Não sou dado a mostrar meus sentimentos - disse brandamente, - mas Krista significa muito para mim. Aconteça o que acontecer, Paxton, espero que me mantenha informado.

O professor simplesmente assentiu com a cabeça. Quando lorde Hampton abandonou o estudo, ele se deixou cair na cadeira e colocou de novo a manta no regaço.

—Posso fazer algo por você, professor? - perguntou Corrie.

—Reza por ela - disse. - Reza pelos dois.

Corrie sabia que, embora estava todo preocupado pela Krista, como um pai podia estar, também o estava pelo Leif. O viking e ele se converteram em grandes amigos.

Passasse o que acontecesse, não seria fácil nem para a Krista nem para o Leif.

Corrie se despediu do professor e abandonou o estudo. Não estava segura de se o professor a ajudaria com os artigos como prometera, mas esperava que o fizesse.

Ela já estava bastante ocupada escrevendo a coluna de sociedade e tentando tirar adiante a gazeta. Se Krista não retornasse logo, Corrie teria que contratar alguém para que a ajudasse.

Suspirou. Se Krista não retornasse logo, o mais provável é que não houvesse gazeta.

Krista despertou pelo ruído que fazia Leif ao mover-se pelos aposentos. Já era pela manhã. Fizeram o amor duas vezes de noite, e outra vez antes do amanhecer. Qualquer pensamento de negar-se desaparecera.

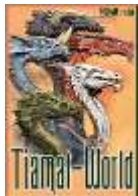
Queria-o. Acontecesse o que acontecesse, estava cansada de lutar contra a intensa atração que existia entre eles.

Mas até agora, quando pensava em casar-se com ele, na vida que se veria forçada a viver como esposa de Leif, retorciam as vísceras em um nó doloroso.

Possivelmente Leif sabia o que pensava, porque não voltou a discutir o tema do matrimônio, só se limitou a fazer um fardo com as peles de sua cama com alguma roupa dentro.

—Aonde vai? - perguntou ela enquanto o observava.

—A menos que tenha trocado de ideia sobre te casar comigo, subiremos às colinas. - Como ela não respondeu, continuou falando no mesmo tom prático. - Necessitará roupas de reposição.



Minha irmã trouxe um manto forrado de pele para que ponha sobre o kirtle e não passe frio, e umas botas forradas.

—Não o entendo. Por que vamos? - Afastando as peles sob as que dormira, alcançou o suave kirtle de lã que arremessara.

—Minha gente não é tola. Saberão o que aconteceu aqui esta noite. Já que não é minha esposa, agora é minha concubina, e te tratarão da maneira que corresponde.

Krista empalideceu. Não pensara nas consequências da noite passada, mas Leif sim o fizera. Enrolou uma tira de couro ao redor do fardo e a olhou.

—Ou é isso o que desejas, Krista? Ser minha puta em lugar de minha esposa?

A Krista tremeu o lábio inferior.

—Não sei... não sei nada. Preciso mais tempo, Leif.

Ele se aproximou rapidamente a ela e a abraçou com força contra seu corpo.

—Não chore, meu amor. Se for tempo o que necessita, então terá tempo. - Soltou-a. - Agora te levante. Recolhe o que necessite para nossa viagem.

Ela assentiu, e enxugou as lágrimas das faces com os dedos.

—É seguro sair daqui? O que acontece com os invasores?

—Os berserkers demorarão semanas em lamber as feridas, e os do clã Hjalmr ouvirão os rumores de sua derrota e se manterão afastados, possivelmente até a primavera.

Ela dirigiu um pesaroso olhar ao quarto de banho.

—Dar-me tempo de me dar um banho antes de ir ?

Leif sorriu com ternura.

—Daremos-nos um banho em uma das poças das colinas. Venha. Vou procurar algo de comer para a viagem.

Ela saiu da sala e voltou para seus aposentos, perguntando-se se passaria mais noites ali ou se dormiria com o Leif. Agora era sua concubina. Sua puta. E todos os do povoado sabiam.

Aquele pensamento a golpeou como se tivesse recebido um murro no estômago.

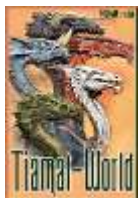
Capítulo 26.

Krista se preparou para a viagem com o Leif às colinas. Não sabia aonde iriam, mas se negou a pensar nisso. Se o fazia, afligiria-a a tristeza e se negava a deixar que isso ocorresse.

Assim estava resolvida a passar esses dias com o Leif e a desfrutar de cada um deles.

Montados em dois dos peludos cavalos pardos da ilha, seguiram um sinuoso caminho entre as colinas rochosas. Quando a passagem se fez estreita, Leif ficou diante, para indicar o caminho, parando cada pouco momento para que ela pudesse desfrutar da espetacular vista dos imensos escarpados e do oceano azul que havia debaixo.

Quando o sol esteve no alto, tinham alcançado um lugar privado e resguardado na base de



uma montanha, protegido por uma alta parede de granito, e onde se podia desfrutar de uma calidez primaveril.

—Estenderemos nossas peles no chão, ao lado da poça e passaremos a noite aqui. Runa nos preparou comida e cerveja. Primeiro comeremos um pouco, e logo te mostrarei parte de minha ilha.

Comeram fatias de carne de cordeiro frita e tenro queijo branco.

A Krista gostaria de acrescentar um pouco de fruta ou verdura à refeição, entretanto, desfrutou da companhia de Leif, gostava de escutar histórias sobre sua infância e fazer perguntas sobre a ilha.

—Me fale sobre o clã Hjalmr - disse ela. - Os quais são exatamente?

—Em norueguês, "Hjalmr" quer dizer "casco". É a forma que tem a baía onde vivem. São vikings, não muito diferentes de nós, só que pertencem a um clã distinto.

—Como chegaram?

—Ao princípio, todos fomos um só clã. Faz muitos anos houve um grande desacordo no conselho e algumas das famílias se trasladaram ao outro extremo da ilha.

Com o passar do tempo, chegou a esquecer o motivo da disputa, mas nos convertemos em dois clãs distintos.

—E são invasores?

Uma das comissuras dos lábios de Leif se curvou com ironia.

—Sim, mas o mesmo que nós. Normalmente roubamos gado. Em ocasiões, algum dos homens rapta a uma mulher do outro clã. Embora mais como um jogo que outra coisa.

Krista apertou os lábios.

—Os homens dos clãs raptam mulheres, igual a você me raptou.

Ele encolheu os ombros.

—É o normal.

—Não é o normal para mim, Leif.

Ele não respondeu, só se levantou da rocha onde esteve sentado, para guardar o resto da comida para mais tarde. Inclinando-se, agarrou-a da mão e a insistiu a ficar em pé.

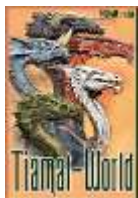
—Veem. Vou te mostrar um de meus lugares favoritos.

Guiando-a para o topo da montanha, Leif fez uma pausa quando chegaram a um alto escarpado de granito. Debaixo, ela podia ver a espuma branca das ondas estrelando-se contra as rochas.

Havia focas nas rochas, esquentando-se sob o débil sol de outono. Fascinada, observou aos animais mergulhando em busca de peixes, tão absorta que não se deu conta de que Leif se colocou a suas costas.

—Tudo é diferente aqui - disse Leif com suavidade ao ouvido. - Algumas coisas são melhores, outras são piores. Aqui o céu sempre é claro, a brisa não cheira a sujeira e fuligem.

—Inclinou a cabeça e a beijou na nuca. - Nossas roupas são mais práticas. Já tem descoberto quão saudável é para as mulheres o desenho de nossas roupas. Nenhum espartilho que te oprima



o dorso, nem incômodas anáguas.

Nada mais que pele suave debaixo das roupas. - Ela se estremeceu ao sentir as mãos de Leif deslizando-se sobre seus seios, descendo para seus quadris, roçando o traseiro, acariciando as pernas.

—Tudo o que preciso é te elevar o kirtle e será minha para que tome como quero.

Ela ficou sem fôlego quando ele levantou a prega do vestido de lã por cima dos quadris e se aproximou mais a ela, até que Krista pôde sentir seu duro membro pressionando contra seu traseiro.

Começou a voltar-se entre seus braços, mas Leif a sujeitou para que não se desse a volta.

—Tomarei assim, como um lobo que reclama a sua fêmea. - Ela se reclinou contra ele e tremeu quando ele chegou até a união de suas coxas e começou a acariciá-la. Mordiscou o lóbulo da orelha e segurou um seio, beliscando brandamente o mamilo. Durante um tempo, a mão de Leif fez sua magia, acariciando-a brandamente, cada vez mais profundamente, excitando-a, fazendo que se umedecesse para o aceitar.

—Há... aprendeste isto em um livro? - perguntou ela ofegando.

—Não o aprendi tudo em um livro. - Então ele separou as pernas de Krista e sua longa verga procurou a entrada. Inclinou-a para diante até que apoiou as Palmas das mãos na rocha frente a ela e jogou os quadris para trás.

Krista tremeu quando a agarrou pela cintura, sujeitando-a para deslizar-se profundamente em seu interior. Ela podia sentir o peso dele, a rígida força de seu desejo, e o prazer a invadiu.

Lentamente ele começou a mover-se, investindo nela uma e outra vez. Leif tomou até que seu corpo esteve tenso pela necessidade, até que só pôde pensar nele e no prazer que estava dando.

Até que ela rogou que não se detivesse.

Alcançaram o clímax juntos, Krista gemeu seu nome na quietude da montanha, e o profundo grito de Leif respondeu ecoando nas colinas. Sujeitou-a enquanto se sossegavam, e ela sentiu que a beijava brandamente na nuca.

Leif baixou a barra do kirtle, logo pegou sua mão, a girou e a beijou na palma. Depois a levou de volta ao lugar resguardado onde a cálida água os chamava. Tiraram a roupa e se meteram na poça, para apoiar-se contra o muro de rocha quente entre os quentes vapores.

Enquanto a água lambia seus seios, Krista pensou outra vez na maneira em que fizeram o amor e que, uma vez mais, ele derramara sua semente fora de seu corpo.

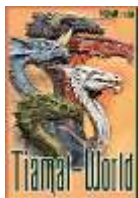
—Dói-te te retirar de mim quando fazemos o amor?

Leif curvou ligeiramente os lábios.

—Doeria-me mais não te ter absolutamente.

—Diz que desejas te casar comigo. Não me obrigaria a esse propósito se me deixasse grávida?

—Não quero ter filhos fora do matrimônio. Quero que meus filhos sejam filhos da mulher que seja minha esposa. - Passou a mão sobre a dourada cabeleira. - Pode ocorrer igualmente, mas



ao menos tentei te proteger.

Sempre, pensou nela, sempre tentara protegê-la. Escrutinou seu rosto de aparência tão agradável e sentiu um golpe de amor tão profundo que de repente custou para respirar.

Nesse instante Krista se deu conta de que queria ter um filho de Leif, queria dar filhos a ele, muitos filhos.

Pela primeira vez, compreendeu o profundo que era o amor que sentia por ele, que pensar em perdê-lo era mais doloroso que o pensamento de ficar para sempre na Ilha Draugr.

Que o amava mais que a sua própria vida.

Guardou silêncio durante um momento, enquanto seguia sentada na poça, assimilando o que acabava de descobrir sobre si mesma. Leif também guardou silêncio.

Mais tarde, fizeram o amor sobre as peles, e logo Leif ficou adormecido a seu lado. Mas Krista não podia dormir.

Manteve-se acordada pensando nele e no que na verdade significaria o perder para sempre... e quão vazia seria a vida se precisava vivê-la sem ele.

Cansada depois de passar a noite quase toda acordada, Krista se vestiu para confrontar o dia. Leif prometera levá-la a um lugar onde os membros de seu clã praticavam a falcoaria.

Tinham as aves na granja de Eiriz, assim passariam primeiro por ali.

Logo, retornariam às montanhas, e ela pensou que desfrutaria vendo-o trabalhar com as aves belas e depredadoras com as que estavam acostumados a caçar os vikings.

Observou-o nesse momento, enquanto se dispunham a abandonar o acampamento. Leif enchia uma bolsa com comida para a breve viagem, e seu coração se rasgou pelo amor que sentia por ele.

Algo mudara em seu interior durante essas longas horas acordada e que esteve pensando nele, tentando imaginar um futuro sem ele, e tudo se resumia em um único e cristalino pensamento.

Fez um nó na garganta. Leif devia ter perceber algo no olhar de Krista, pois se deteve em sua tarefa e seus olhos procuraram os dela.

—O que acontece, honning?

Krista aspirou profundamente para tranquilizar-se.

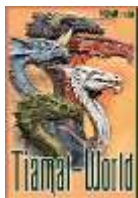
—Há uma coisa que devo te dizer, Leif. Algo que meu coração sabe faz tempo, mas que me assustava muito te dizer isso. Sabia que só faria as coisas mais difíceis para nós dois, assim guardei silêncio.

Leif deixou cair a bolsa e se aproximou dela, com os olhos ainda fixos em seu rosto. Pegou sua mão e ela tentou não tremer.

—Me diga o que acontece, carinho. Por favor, não chore.

Ela não soube que estava chorando até que piscou e as lágrimas se deslizaram por suas faces.

—Não sei dizê-lo em escandinavo. Nem sequer sei se existe uma palavra em seu idioma para o que quero te dizer. Só quero que saiba que te amo, Leif. Meu coração transborda de amor por ti.



Ele tomou entre seus braços e simplesmente a estreitou contra ele. Ela se surpreendeu ao sentir como seu poderoso corpo se estremecia.

—Não quero te perder - disse Krista contra sua face. - Jamais. - Aspirou profundamente decidida a terminar de falar antes de perder por completo a coragem. - Se ainda quer te unir a mim, casarei-me contigo.

Leif a apertou ainda mais contra ele. Ela pôde sentir os batimentos do seu coração a um ritmo muito mais rápido que o dela.

—É meu maior desejo, o que mais quero no mundo é te converter em minha esposa.

Krista tragou saliva, tentou não chorar, mas as lágrimas seguiram deslizando-se por suas faces. Doía-lhe o coração, era um batimento do coração estranho e doloroso, mas pensar em perdê-lo era mais doloroso ainda.

Ele se separou um pouco e enxugou as lágrimas das faces.

—Este momento é nosso, prometo isso. Amanhã pela manhã, retornaremos e o comunicarei a meu tio e a outros. Dentro de três dias, casará-nos o sacerdote.

Krista não disse nada, só inclinou a cabeça e voltou a refugiar-se entre seus braços. Tudo ia sair bem, disse-se a si mesmo. Encontraria uma maneira de ser feliz, de que os dois fossem felizes.

Tudo o que importava era estar com o Leif.

Leif não o disse a seu tio nem a nenhuma outra pessoa. Não sabia por que, simplesmente havia algo que o impedia.

Krista havia dito que o amava. Elske queria dizer amor em escandinavo.

Seu pai amou a sua mãe, mas os vikings se casavam mais pelo desejo que sentiam por uma mulher e a necessidade de formar uma família que por amor, e ao Leif nunca teria ocorrido sentir essa emoção.

Mas no dia anterior, ao olhar a bela cara de Krista enquanto dizia que se casaria com ele, que se entregaria a ele por amor, nesse momento soube que a amava além de toda razão.

Soube que daria sua vida por ela, como ela quase dera a sua por ele. Soube que a felicidade de Krista era muito mais importante que a sua, e que, embora a amasse com todo seu coração, não se casaria com ela.

A observara essa manhã, sentada no tear do quarto de tecer, na parte de trás da casa grande, a observara durante os últimos dois dias.

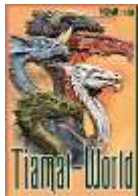
Parecia muito frágil, mais frágil que nunca; a luz interior de seus olhos desaparecera. Ele era o responsável, destruíra uma parte dela quando a levava a ilha.

Agora sabia. Sabia que não compreendera bem a vontade dos deuses, e que ela nunca fora para ele.

Uma terrível dor se instalou em seu coração.

No outro extremo da sala, Krista levantou do tamborete e se dirigiu para ele, segurou a mão e a levou aos lábios.

—Passa-te algo - disse ela. - Eu posso ver em seus olhos. Por que não falou ainda com seu tio e os outros? Por que não falou com o sacerdote?



—É contigo com quem tenho que falar, meu amor. Veem. Devo te dizer algo.

Ela o seguiu fora do quarto de tecer, sujeitando sua mão em silêncio. Aferrou-se a ele com força quando a guiou através do povoado até um lugar ensolarado.

—O que tem que me dizer? - Observou-o, agora com preocupação, provocando que o coração de Leif pulsasse dolorosamente em seu peito.

Ele procurou a maneira adequada de dizer mas sabia que nunca encontraria as palavras corretas.

—Cometi um tremendo engano e tenho que encontrar a maneira de repará-lo.

A preocupação de Krista aumentou.

—Do que... do que está falando?

—Equivoquei-me ao te trazer aqui. Este não é lugar para ti. Vou levar você de volta para sua casa.

Ela se cambaleou.

—Mas você não quer isso. Disse... disse que queria casar comigo.

Ele queria tocá-la, mas não o fez.

—Não há nada que deseje mais no mundo.

—Então...

—Me diga que me equivoco. Me convença de que este é o lugar onde deseja viver, que esta é a vida que deseja ter.

—Quero estar contigo.

Leif sacudiu a cabeça. Sentia como se estivessem cravando uma adaga no coração.

—Sabe que há coisas mais importantes que isso. Tentou dizer isso mas não quis escutar. Tentou fazer-me ver, mas estava cego a tudo que não fossem minhas necessidades. Deve retornar, Krista.

Antes que seja muito tarde, antes que esta vida te destrua e me odeie por isso.

—Não poderia te odiar.

—Não estou tão seguro. - Estendeu a mão e tocou a face, e ela apoiou a cara em sua palma. - Seu lugar está na Inglaterra. Ali tem trabalho, pessoas que dependem de ti. Soube desde o começo.

—Sim, mas...

—Já falei com o capitão Twig e seus homens. Pela manhã zarparemos. Ao fim de semana, estará de retorno em sua casa.

O desespero tingiu os traços de Krista. Leif pôde ver a dor em seus olhos, a mesma dor que sabia se refletia em seu próprio olhar.

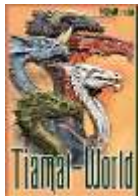
—Se volta, me diga que ficará ali comigo.

Ele negou com a cabeça.

—Sabe que não posso.

A Krista encheram os olhos de lágrimas.

—Não quero te deixar.



—Falhei-te uma vez, meu amor. Não falharei mais. - Inclinando a cabeça, beijou-a com muita suavidade. Atrasou-se mais do que deveria, saboreando a suavidade de seus lábios, sentindo-os tremer sob os seus.

Logo se afastou. - Dormirei em outra parte esta noite. Amanhã pela manhã, iremos - virou-se e pôs-se a andar; o nó de sua garganta era cada vez maior.

—Leif - o chamou Krista. - Leif, por favor! - Mas ele não se deteve.

A decisão já estava tomada. Tudo estava muito claro, tão claro como esteve sempre, se ele não estivesse muito cego para vê-lo. Levaria a sua casa, de retorno à vida que tanto significava para ela.

Não importava o que doesse o coração, não falharia esta vez.

Krista chorou até adormecer. Sonhou com sua casa e com seu pai, e no sonho viu quão feliz estava de voltar a vê-la.

Logo sonhou com o Leif, observou-lhe ao lado de seu pequeno filho, de cabelo loiro, viu-o fazendo gestos a ela para que se unisse a eles, e ela correu através do prado até seus braços.

Quando Runa chegou para despertá-la, Krista sorria tratando de alcançar ao Leif, mas ele não estava ali.

—Meu irmão te está esperando - disse Runa. - Deve te preparar para a viagem.

Krista aspirou profundamente e reuniu toda sua força de vontade. Sentiu como se suas pernas fossem de chumbo quando as jogou a um lado da cama.

—Não quero ir, Runa. Amo-o muito.

A garota estendeu a mão e tomou a sua.

—Meu irmão sabe o que é o melhor. Deveria confiar nele.

Krista não disse nada mais. Durante semanas rogara ao Leif que a devolvesse a casa. Agora que estava decidido a fazê-lo, era ela a que não queria partir.

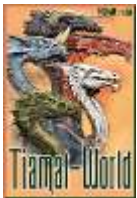
E mesmo assim, no mais profundo de seu coração, sabia, como também sabia Leif, que isso era o que devia fazer.

Deixou que Runa a ajudasse a colocar um kirtle de lã cor marrom, sujeitando-os suspensórios nos ombros com uns broches de tartaruga marinha. Guardou outro kirtle no fardo que estava preparando para a viagem, tomou o manto forrado de pele e seguiu à garota fora de seus aposentos.

—Os homens já desceram ao navio - disse Runa. - Estão carregando mantimentos e assegurando-se de que o casco se encontra em bom estado para a viagem. Acompanharei-te junto a eles.

Krista caminhou junto à Runa o breve trajeto do vale até que finalmente alcançaram o tortuoso caminho que conduzia à borda do mar. Mal abandonaram o amparo das montanhas, a brisa gelada a envolveu, agitando seu manto, sujeito ao pescoço com uma tira de tecido bordado, e revolvendo o cabelo. Krista se apertou o manto ao corpo e continuou descendo pelo caminho para o fundo do escarpado.

A baía estava em calma, a enseada estava quase completamente escondida pelos altos



muros de rocha.

Krista via o navio abaixo, Leif estava trabalhando com o capitão e seus homens, e seu coração transbordou de amor por ele.

Quando Runa e ela alcançaram a praia, Leif estava a bordo do pequeno bote, remando para retornar à praia e despedir-se.

Krista viu que se reuniu um grupo para a despedida, os irmãos de Leif, Thor e Eiriz, e seu tio Sigurd entre eles.

Quando Leif saltou do bote e arrastou o pequeno barco sobre a areia, Thor se adiantou vários passos para ajudá-lo.

A Krista surpreendeu ver que barbeou sua espessa barba escura, embora não tão habilmente como Leif aprendera a fazê-lo, já que tinha vários cortes nas faces e um par na garganta.

—Desejo ir contigo - disse Thor. - Pensei muito nisso, e tenho um enorme desejo de ver e aprender, como você.

Leif estudou a cara recém barbeada de Thor.

—Inglaterra é um lugar hostil com os estrangeiros, irmão.

—Mas você queria voltar ali, inclusive falou disso aos anciões do conselho.

—Estava equivocado.

—Bom, mas é meu desejo conhecer esse novo mundo que tem descoberto.

Leif olhou a Krista.

—Acredita que seu pai ensinará a meu irmão como me ensinou ?

Sabendo que o professor estaria encantado de ajudá-lo e seguir com seus estudos, ela assentiu com a cabeça.

—Estou segura de que o fará.

—Aqui não deixo nada - afirmou Thor. - Não tenho esposa e, a diferença de ti, não tenho deveres que me obriguem a ficar.

Leif afastou o olhar.

—Não. Tem total liberdade para ir. Mas sua casa está aqui, Thor. Está seguro de que realmente quer partir ?

—Estou seguro.

—O Dragão do Mar tem uma construção sólida e está em bom estado para navegar, não como aquele navio no que fomos a outra vez. Se estiver seguro, levarei-te.

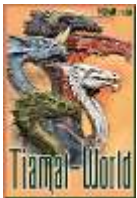
Thor esboçou um amplo sorriso. Sem a barba, era assombrosamente bonito, pensou Krista. Era tão moreno como Leif loiro, mas igual de alto, masculino e forte.

Sigurd se aproximou nesse momento, com o vento alvoroçando seu cabelo grisalho, e Krista viu que levava uma caixa de madeira esculpida nas mãos.

—Tenho algo que desejo que leve contigo - disse ao Leif.

—O que é?

—Quando estiver na Inglaterra, se ainda tem dúvidas sobre retornar ao Draugr, abre a caixa.



Se o fizer, saberá por que dei isso.

—Tenho obrigações aqui, tio.

—Agarra a caixa - disse Sigurd. - Abre-a se fica alguma dúvida.

Leif assentiu com uma brusca inclinação de cabeça. Quando os homens estiveram preparados para remar de volta ao navio, Krista olhou a Runa, que estava a seu lado.

—Adeus, irmã - disse Runa. - Pedirei aos deuses que te ajudem a encontrar o caminho correto.

Os olhos de Krista se encheram de lágrimas. Impulsivamente, aproximou-se e abraçou à magra garota ruiva em quem começara a pensar como em uma amiga.

—Que os deuses te protejam e te guiem - disse ela, logo se girou e pôs-se a andar para os homens.

Leif tomou sua pequena bolsa e a ajudou a acomodar-se no bote. Quando a olhou aos olhos, ela viu seu profundo olhar perdido e repleto da mesma dor que ela sentia.

Quando ele começou a remar de retorno ao Dragão do Mar, encolheu o coração.

Era hora de partir. Krista se perguntou como sobreviveria quando Leif a deixasse na Inglaterra e retornasse a sua casa sem ela.

Capítulo 27.

Coralee se reclinou contra o assento de veludo da carruagem. Ainda era terça-feira, mas como trabalhara essa noite e umas quantas noites na semana anterior, saíra tarde da gazeta.

Os exemplares de coração a coração da semana anterior foram distribuídos no sábado.

Fiel a sua palavra, o professor Paxton a ajudara a escrever um editorial sobre o Cartismo², um movimento que demandava ao governo a igualdade de voto entre todos os homens.

Era um movimento muito controvertido e radical, impopular entre as classes altas, mas o professor e ela o apoiariam enquanto não usassem medidas violentas para alcançar suas metas, e estava orgulhoso do trabalho realizado. Mesmo assim, com Krista fora, o trabalho na gazeta parecia interminável e, enquanto a carruagem percorria as escuras e tranquilas ruas para sua casa, Corrie se sentiu exausta.

Quase ficara adormecida quando sentiu que o veículo freava bruscamente. Um instante depois, a porta da carruagem se abriu repentinamente e um homem vestido totalmente de negro a tirou de um puxão do assento.

—Me deixe em paz! - Ela lutou enquanto a arrastavam pelas escadas da carruagem, logo a

² Cartismo: (Chartism em inglês) foi um movimento da reforma social e política no Reino Unido, vigente entre os anos 1838 e 1858. Obteve seu nome da Carta do Povo (The People's Charter) de 1838, que assinala os principais objetivos do movimento. (N. das T.)



empurraram com brutalidade contra uma lateral do veículo. Era um homem grande, de ombros largos que tinha preso um lenço sobre a boca e o nariz. Freneticamente, ela jogou uma olhada ao redor procurando a seu chofer, logo o viu na boleia com as mãos em alto, o lacaio estava a uns metros.

Apontaram a ambos duas pistolas do segundo assaltante que estava á cavalo.

—Q-o que querem? - Embora Corrie tremia, esperava que o assaltante não pudesse notá-lo. Tinha pouco dinheiro em sua carteira, e rezou para que fosse suficiente para satisfazer a ambos os homens.

—O que queremos é que deixe de publicar esses condenados artigos. A filha do Paxton já não está. Não é necessário que você e esse ridículo jornal para mulheres continuem opinando sobre coisas que não concernem a vocês. - Estava sendo bastante eloquente, percebeu-se ela, e por cima do lenço que cobria metade do rosto, seus olhos escuros mostravam um olhar cruel que não dava pé a equívocos sobre suas intenções.

—Não tem por que lutar as batalhas de outra pessoa, senhorita Whitmore. Se seguir assim, acabará por sair machucada.

—Não podem me ameaçar.

Ele se aproximou um passo, obrigando-a a apertar as costas contra o veículo.

—A próxima vez, não será uma ameaça. Preste atenção a minhas palavras, milady. Dedique-se a escrever a coluna de ecos de sociedade e mantenha-se afastada da política.

—Não disse nada mais, só fez um gesto com a cabeça ao segundo homem, subiu a seu cavalo e os dois se afastaram ao galope.

Corrie tremia quando se aproximou o lacaio.

—Encontra-se bem, senhorita?

Ela assentiu com a cabeça.

—Só estou um pouco assustada. - Algo mais que um pouco, admitiu para si mesma tentando que não tremessem os joelhos.

—Nem o chofer nem eu sabíamos o que fazer, senhorita, apontavam-nos com umas pistolas.

—Está bem. É o melhor que podiam fazer. Eu gostaria de ir a casa, senhor Pots, por favor.

—Certamente, senhorita - disse o chofer.

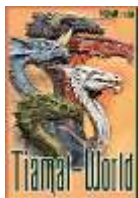
Corrie subiu as escadas metálicas e afundou abatida no assento de veludo. Não estava segura do que fazer.

Se o contava a seu pai, ou se ia à polícia e ele de algum jeito se inteirasse, proibiria que se aproximasse da gazeta. Mas tampouco podia deixá-lo passar.

Pela manhã, decidiu, iria ver o professor. Ele já contratara antes a um investigador, e durante um tempo, as coisas estiveram tranquilas. Agora, depois de um só artigo, surgiram problemas outra vez.

Corrie suspirou preocupada. Por todos os Santos, como desejava que Krista estivesse ali para ajudá-la a decidir o que fazer.

Era já tarde quando Coralee pôde finalmente livrar-se de seus deveres em De coração a



coração e dirigir-se para a casa do professor.

Enviara antes uma nota, informando de que ia visita-lo, e respondera que estaria aguardando sua chegada com prazer.

Agora, quando sua carruagem se detinha diante da casa de tijolo de dois andares, Corrie confiou em estar fazendo o correto.

O professor Hart não fora o mesmo desde que Krista se fora, e Corrie não queria dar mais preocupações.

Por outro lado, a gazeta não só pertencia a Krista mas também a ele, e esse tipo de ameaças afetava a todos sem exceção.

Se atendo um pouco mais a capa curta de pele para resguardar do frio de novembro e comprovando que os cachos permaneciam seguros em seu lugar, Corrie se apressou a subir as escadas e golpeou a porta principal.

Só passou um momento antes que Giles abrisse.

—Senhorita Whitmore, entre, entre! - Giles sorria, como não o fizera ultimamente, e ela ficou alerta imediatamente.

—O que acontece, Giles? O que ocorreu?

—É a senhorita Krista. Retornou, senhorita. Faz menos de uma hora que retornou a casa.

Corrie soltou um gritinho de alegria.

—OH, Giles, é maravilhoso! Onde está?

—No estudo, senhorita. Direi que você está aqui.

Deixou-a a sós um momento e logo retornou, fazendo gestos de que o seguisse pelo corredor. Sorrindo amplamente, Corrie abriu a porta do escritório.

Logo parou bruscamente ante a visão de Leif Draugr vestido com roupas de viking dos pés a cabeça: uma túnica rodeada sobre calções folgados e botas de couro forradas de pele que chegavam quase até os joelhos.

Estava de pé ao lado de Krista, que vestia uma espécie de avental de lã azul, e levava o cabelo loiro recolhido na nuca com uma tira de couro.

—Corrie! - Krista se voltou e atravessou a sala correndo para ela, e as duas se abraçaram.

—Estou tão contente de que esteja em casa! - disse Corrie, sem querer acrescentar nada mais.

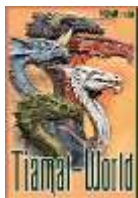
—Me alegre de estar de volta. Senti sua falta. - Mas Corrie captou as sombras nos olhos verdes de sua amiga e soube que algo não ia bem.

Embora teria que esperar a que estivessem a sós para averiguá-lo. Deu uma olhada ao Leif, cuja expressão parecia tão triste como a de Krista; então viu o terceiro homem da sala.

Era quase tão alto como Leif, com o cabelo escuro e incrivelmente bonito, e também vestia à maneira viking.

—Este é o irmão de Leif, Thor - disse Krista. - Ainda não fala inglês, mas meu pai aceitou o ensinar.

Corrie compôs um sorriso, um pouco intimidada por um homem tão formidável.



—Diga que estou encantada de conhecê-lo.

Krista traduziu, e Thor dirigiu uma breve saudação com a cabeça.

Corrie centrou a atenção no Leif.

—Então, seu irmão e você ficarão em Londres? - perguntou ela, esperando pelo bem de Krista que fosse certo.

Podia ver o amor tão profundo que se declaravam cada vez que se olhavam, e aquilo produziu uma estranha pontada no coração.

—Leif é o chefe de seu clã - disse Krista com suavidade. - Se vai amanhã e não retornará.

—Já vejo. - E de repente Corrie o entendeu tudo. Compreendeu que Leif havia devolvido a Krista a casa apesar de que estava claro que daria qualquer coisa por casar-se com ela.

Também observou que Krista, embora estava profundamente apaixonada pelo Leif, permaneceria na Inglaterra porque ali estava seu lugar e não na Ilha Draugr.

O coração de Corrie chorou pelos dois.

Falaram durante um momento, comentaram como era a vida na ilha e também conversaram sobre a gazeta.

Corrie a informou de algumas das coisas que estavam ocorrendo, e nesse momento, Krista foi consciente de que Corrie estava em sua casa em meio de um dia de trabalho.

—Ocorreu algo - disse ela, lançando a Corrie um olhar inquisitivo. - Se não, não estaria aqui. O que passou?

Corrie mordeu o lábio, odiando preocupar a sua amiga que acabava de retornar a casa.

—Acaba de chegar. Melhor falarmos dentro de uns dias, e possivelmente logo esteja...

—Diga-me isso Coralee. Por que vieste ver meu pai?

Corrie suspirou.

—Surgiu um problema. E esperava que o professor pudesse me ajudar.

Os penetrantes olhos de Leif se cravaram na cara do Corrie.

—Que tipo de problema? - perguntou.

—A semana passada o professor me ajudou a escrever um editorial em apoio de umas recentes reformas. Foi a primeira vez que publicamos um artigo desse tipo desde que Krista... foi.

Distribuímos a edição da gazeta no sábado.

—E...? - pressionou Krista.

—Ontem à noite atacaram minha carruagem.

Leif esticou os ombros.

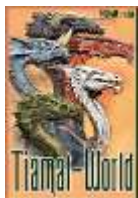
—Resultou ferida?

—Não, foi só uma advertência. O homem disse que, dado que Krista se foi, não havia necessidade de que nem eu nem a gazeta nos metêssemos em temas políticos.

—Foi um só homem? - perguntou Leif, aproximando-se dela. Era tão grande que a fez sentir-se ainda menor do que era.

—Em realidade eram dois, mas só me falou um deles. Parecia ser o líder.

O professor se levantou da cadeira.



—Devemos falar com a polícia imediatamente.

—Bom, esperava que pudéssemos dirigir a situação de outra maneira - disse Corrie. - A polícia está sempre muito ocupada, e eu, de todos os modos, não tenho muita informação para eles.

—Não teve que dizer nada mais. Krista e seu pai sabiam quanto odiavam os pais do Corrie todo o referente à gazeta. Se pensassem por um instante que sua filha podia estar em perigo...

—Possivelmente tenha razão - disse o professor. - Mesmo assim, quero encontrar a esse homem e ao que o enviou. Escreverei uma nota ao senhor Petersen. Quero que este problema se resolva de uma vez por todas.

—Aproximando-se de seu escritório, agarrou uma pluma e começou a escrever a mensagem.

Leif disse algo em escandinavo a seu irmão, que assentiu com a cabeça. Logo, Leif centrou a atenção em Krista.

—Não partirei até que saiba que está fora de perigo.

—Sempre haverá alguém que não esteja de acordo com o que escrevamos na gazeta, Leif. Não é necessário que fique.

—Nem todos o que estão em desacordo contigo são uma ameaça. Ficarei até que se saiba algo mais.

Corrie não saberia dizer se Krista se alegrava ou não pelo fato de que ele ficasse. Talvez um pouco de ambas as coisas...

—Meu pai avisará ao Dolph Petersen - disse a Corrie. - Não escreveremos mais editoriais até que o senhor Petersen tenha investigado tudo isto. Não tem sentido tomar medidas desnecessárias.

Corrie se sentiu aliviada.

—Parece-me razoável.

—Amanhã pela manhã retornarei ao trabalho. - Krista sorriu, embora tinha o olhar perdido. - Suponho que haverá alguma coisa que possa fazer.

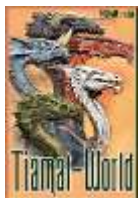
—Mais de uma - conveio Corrie, desejando que sua amiga fizesse algo, algo, para manter a atenção afastada de Leif. - Não tem a menor ideia de quão feliz estou de que tenha voltado para casa.

Leif passou a noite na casa, logo à manhã seguinte, acompanhou a Krista e a Corrie ao trabalho vestido de novo como um cavalheiro, com calças cinza escura, um colete de caxemira do mesmo tom e um casaco azul escuro com colarinho de veludo. Não teria estado fora de lugar no salão mais elegante de Londres, mas Krista sempre o recordaria vestido de viking, o homem que era em realidade.

E ainda havia outro aspecto dele que a atraía muito mais: sua mente sagaz e sedenta de conhecimento, o desejo de aprender fora o que o levaria às costas inglesas.

Na viagem desde o Draugr, exceto quando falavam com o Thor, falaram só em inglês, praticando seus conhecimentos, supunha, para sua breve estadia em Londres.

Leif passara um montão de tempo com seu irmão, ensinando algumas palavras inglesas e



instruindo em algumas maneiras e costumes básicos.

Agora que estava em Londres, Thor pedira emprestadas algumas das roupas de Leif e passara a maior parte do tempo no estudo com seu pai, submerso nas primeiras das muitas lições que precisaria aprender.

Como Leif, Thor se mostrara assombrado ante as imagens e sons da cidade e as pessoas que ali viviam.

Parecia tão fascinado como esteve Leif, e quase tão decidido a aprender.

Thor e seu pai fizeram amizade quase imediatamente, e Krista pensou que ainda ficavam muitas coisas por ver na Inglaterra se, como desejava, decidia ficar.

Com respeito a ela, não podia negar que se sentia bem em casa. Mas apesar disso, doía o coração ao pensar que Leif logo iria. Tomara a decisão correta ao retornar.

Mas sabia no mais profundo de seu interior que nunca o poderia esquecer, que nunca amaria a outro homem como amava a ele.

Para enterrar a dor, inundou-se totalmente no trabalho, ia cedo ao escritório e ficava até tarde. Leif as escoltava tanto a Coralee como a ela pelas manhãs e as ia procurar todas as noites.

Depois do ataque à carruagem de Coralee, decidira permanecer na casa dos Hart, embora bem podia permitir-se pagar um hotel.

Gastara só um pouco do dinheiro ganho com os jogos de cartas, e ficava o suficiente para que seu irmão e ele vivessem muito bem.

Thor vivia também na casa. Krista supunha que, assim que passasse o perigo, seu pai o levaria ao Heartland a continuar seus estudos, como fizera com o Leif. O capitão Twig e o resto da tripulação seguiam sendo empregados de Leif e viviam a bordo do Dragão do Mar enquanto esperavam a viagem de volta à ilha. Jamie e o pequeno Alfinn se alojavam nas habitações dos moços, em cima do estábulo.

O bonito recordava ao Leif e tudo o que tinham vivido juntos, e cada vez que via a pequena criatura, afundava-se no desespero.

Resolvida a não deixar-se levar pela amargura, tentou manter-se ocupada. Como Coralee havia dito, havia muito que fazer em De coração a Coração: revisar os livros de contas, comprar fornecimentos, investigar para futuros artigos. À medida que passavam os dias e depois de que a gazeta entrasse em prensa, sentia-se cada vez mais ansiosa por voltar a escrever seus editoriais.

Tinha as ideias muito claras, e queria fazer o que Feargus O'Conner tinha pedido, seguir apoiando a reforma.

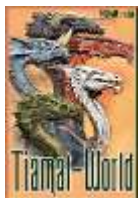
Três dias depois da volta de Krista, seu avô foi visitar a à casa. Descobriu que o conde permanecera em Londres, preocupado por ela e o horrível destino que poderia ter tido.

Sempre acreditara que a queria, e quando a saudou com lágrimas nesses pálidos olhos, deu-se conta de que assim era.

—Minha querida menina. Sinto-me tão aliviado de que esteja em casa.

—Me alegre de ter voltado, avô.

Abraçou-a uma vez, brevemente, e logo a afastou para olhá-la.



—Esse homem que te sequestrou... encontrarei-o, prometo isso. Farei que o pendurem pelo que tem feito!

Ela só sacudiu a cabeça.

—Não foi assim, avô. Ele queria que nos casássemos. Sabia que eu... estava apaixonada por ele. Pensou que estava fazendo o correto.

O conde franziu o cenho, elevando suas sobrancelhas cinza até que quase formaram uma só linha.

—Se estava apaixonada por ele, e ele de ti, por que não se casam?

Ela aspirou profundamente, desejando ter podido evitar um tema tão doloroso.

—Este homem vive em outro país, seu mundo está muito longe da Inglaterra, e não posso viver ali com ele. Logo retornará a seu lar e deixaremos de estar em contato.

O conde pareceu equilibrar suas palavras, e ela se deu conta de que estava alterado.

—Foste manchada. Sua reputação sofreu enormemente durante o tempo que estiveste fora. Sem dúvida alguma é consciente de que devemos fazer algo a respeito.

—Sei que tinha grandes planos para mim, avô. Lamento te haver falhado.

Um olhar sagaz iluminou os olhos de seu avô.

—Pode ser que a égua tenha fugido do estábulo, mas sempre há uma maneira de que retorne.

Krista não tinha nem ideia do que queriam dizer suas misteriosas palavras, e a verdade era que nem sequer importava-se. Uma vez que Leif se fosse, centraria todo seu interesse no trabalho.

Pode ser que sua reputação estivesse arruinada, mas nunca importara muito a sociedade, e isso não mudara.

O conde abandonou a casa pouco depois dessa conversação, e Krista não havia tornado a vê-lo depois.

Na quinta-feira, a gazeta entrou outra vez em prensa sem editorial e Krista estava resolvida a não deixar que ocorresse de novo. Não ia deixar que ninguém - e menos um covarde que se ocultava detrás de uma máscara - a impedisse de fazer o trabalho para o que voltara para casa. Entregara muito, sacrificara uma vida com Leif por seus ideais, e não ia abandonar eles por nada.

Quando informou ao Leif, a seu pai e a Coralee de sua decisão, seu pai e Corrie mostraram sua preocupação, mas Leif se enfureceu.

—Não o permitirei! - rugiu furioso. - Te proíbo que ponha sua vida em perigo!

Krista se limitou a sacudir a cabeça.

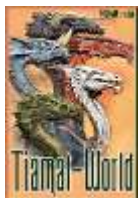
—Isso poderia ter funcionado em Draugr, Leif, mas não aqui. Aqui tenho um negócio que colocar adiante. Tenho obrigações que cumprir e não vou continuar as ignorando.

Você de entre todas as pessoas, deveria compreendê-lo.

—Se fosse seu marido...

—Mas não é meu marido - recordou ela brandamente. E nunca o seria.

Leif deu a volta e ficou a percorrer a sala, fechando as mãos inconscientemente. Com um casaco cor borgonha e calças combinando, com a névea gravata perfeitamente atada, estava



magnífico, e era um cavalheiro dos pés à cabeça. Mas Krista não se enganava. Conhecia o homem que havia por baixo dessa aparência civilizada.

Estava apaixonada por ele.

Embora já não deixava aflorar seus sentimentos.

Embora nunca falaram sobre isso, pouco a pouco foram distanciando um do outro. Mal se falavam e se o faziam nunca era sobre um tema pessoal. Tratavam-se como se fossem meros conhecidos, como se nunca tivessem feito o amor, como se nunca tivessem falado de matrimônio. Entretanto, Leif se negava a deixá-la até que não houvesse nenhum tipo de ameaça sobre a Coralee e ela.

Possivelmente ele estava investigando por sua conta, tentando descobrir quem podia estar detrás dessa última ameaça. Inclusive quando estava na casa, ele se mantinha afastado a maior parte do tempo.

Agora, deteve-se no meio da sala, e se voltou para olhá-la diretamente.

—Não pode esperar a ver o que tem descoberto o investigador, o senhor Petersen?

—Não. Não temos nem ideia de quanto tempo levarão os esforços do senhor Petersen.

Neste mesmo momento, no Parlamento se está debatendo a possibilidade de uma nova legislação para fomentar melhoras nas fábricas e minas. Quero pressionar para que se passe.

Como já descobrira, o London Beacon esteve fazendo isso. Reconstruíram sua sede depois do incêndio que quase o destruíra e pressionava mais forte que nunca para apoiar a reforma.

Outro punhado de periódicos menores também começavam a mostrar suas opiniões. Krista estava resolvida a que De Coração a Coração tivesse uma posição igualmente firme.

Escreveu o editorial, que saiu na edição do sábado. Na segunda-feira, Dolph Petersen se apresentou em sua casa.

Já era noite fechada quando a carruagem de Corrie chegou à casa de Krista.

Quando se deteve diante da porta, Leif, com seu silêncio habitual, ajudou descer a Krista sem afastar o olhar da carruagem menor estacionada diante dele.

—Conhece esse veículo?

—Não estou segura.

Escoltou-a pelas escadas até a porta, determinado a descobrir quem estava ali.

—Chegou o senhor Petersen, senhorita - disse Giles. - Está no estudo com seu pai. Pediram-me que dissesse que se unisse a eles logo que chegasse.

Ela se apressou, ansiando escutar qualquer coisa que o detetive pudesse ter descoberto; Leif a seguiu pelo corredor. O senhor Petersen e seu pai estavam de pé quando ela entrou na sala;

Petersen com seu cabelo escuro que ressaltava seu rude atrativo, e seu pai, tão magro como sempre, parecia algo menos frágil que quando ela voltara para casa.

Krista se sentou frente aos dois homens no sofá de couro que havia ante a lareira da chaminé, e Leif aproximou uma cadeira.

—boa noite, senhor Petersen - disse ela.

—Senhorita Hart. Senhor Draugr.



—Traz alguma notícia sobre a investigação? - perguntou.

Petersen assentiu.

—Como estava dizendo a seu pai, estes últimos dias consegui reunir várias informações muito interessantes.

—Eu gostaria muito de as ouvir.

Petersen adotou uma atitude profissional, sentando-se mais direito na cadeira.

—Para começar, faz duas semanas, tirou o chapéu que Cutter Harding violara as leis e impuseram o pagamento de uma multa considerável.

O rumor mais estendido é que foi como resultado do artigo que escreveu você, e Harding está muito furioso.

Krista sorriu.

—Já vejo. Então devo estar fazendo bem meu trabalho e não posso mais que me alegrar.

—A segunda notícia concerne a um velho amigo dele, Lawrence Burton, o acionista majoritário na Companhia de Minas.

Se recordar, foi o supervisor do senhor Burton, Harley Jacobs, quem acabou no cárcere por ordenar o assalto que sofreram você e o senhor Draugr.

—Não me esqueci, senhor Petersen.

—Estou seguro. Parece que Harley Jacobs esteve falando muito com alguns de seus companheiros de cela. Diz que o assalto dessa noite foi coisa do Burton e não dele.

Esteve presumindo de quão bem o estão tratando, não só a ele mas também a sua família.

Krista se inclinou para diante no sofá.

—Está insinuando que Harley Jacobs é só um bode expiatório que carrega com a culpa do Lawrence Burton em troca de dinheiro?

—O que digo é que foi Burton, e não seu supervisor, que poderia ter contratado os homens que atacaram o senhor Draugr e a você aquela noite.

—Já vejo.

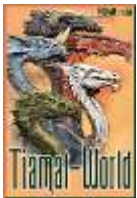
—Tem descoberto qualquer coisa sobre a ameaça que recebeu a senhorita Whitmore? - perguntou Leif.

—Não tenho descoberto nada interessante, mas a descrição que fez a senhorita Whitmore de seu assaltante resultaram familiar a várias pessoas. Até que tenha mais informação, não posso fazer acusações.

Krista esperava que Petersen fizesse mais progressos, mas só levava investigando uns dias. Respondeu às dúvidas que tinham e logo abandonou a casa. Mal se foi, Leif olhou a Krista e a seu pai.

—Vou falar com meu irmão, contarei as últimas notícias e pedirei que esteja alerta quando eu não estiver aqui. - dirigiu-se à porta, com as costas rígidas, logo se girou para ela e a olhou fixamente no rosto.

—Sabe quão difícil resulta isto para mim? Pensar que está pondo em perigo sua segurança e que minha presença aqui só serve para fazer as coisas mais difíceis entre os dois?



A ela lhe contraiu o coração.

—Leif...

—Só te peço que tome cuidado. Que não faça nenhuma tolice que possa se meter em problemas.

—Tomarei cuidado - disse ela com suavidade, incapaz de afastar a vista daqueles preocupados olhos azuis.

Seria precavida - como prometera, - mas já estava pensando no baile que Coralee mencionara, um evento que concernia a um homem chamado Milhares Stoddard, proprietário de uma das empresas mais capitalistas de Londres.

Os rumores diziam que Stoddard estava tentando pescar um título para sua filha mais velha e que estava disposto a gastar uma boa soma de dinheiro para consegui-lo.

A família de Corrie fora convidada, é obvio, e embora seu pai, o visconde de Selkirk, rechaçara o convite, a tia de Corrie, lady Maybrook, aceitara ser a companhia de Corrie.

Era bem conhecido que a festa seria escandalosamente cara, uma das mais extravagantes do ano, e Corrie pensava escrever em sua coluna de sociedade da gazeta sobre o evento.

Não havia maneira de saber se Cutter Harding estaria entre os convidados, mas Lawrence Burton não faltaria à festa. Era bem conhecido que sua esposa, Cecília, estava muito interessada em temas sociais e sempre que podia aproveitava para subir um degrau na escala social utilizando sua influência. Era uns anos mais jovem que seu marido, uma mulher atraente pelo qual Lawrence Burton perdera a cabeça.

Gostava das festas ostentosas e, é obvio, tinha duas filhas às que ter em conta.

Se Krista ia com a Corrie, possivelmente teria alguma possibilidade de falar com o senhor Burton e assim obter alguma pista sobre se ele era o homem que estava detrás das ameaças vertidas contra De Coração a Coração.

—Krista... - Sentiu as mãos de Leif em seus ombros, para que centrasse nele sua atenção. - Eu não gosto do olhar de sua cara.

Krista se limitou a sorrir.

—Não se preocupe. Já te disse que serei precavida.

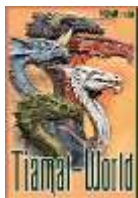
—Sim. Isso disse.

Mas Krista o conhecia o suficientemente bem para saber que não o convencera.

Capítulo 28.

As luzes brilhavam através das janelas da enorme mansão de pedra de Milhares Stoddard, situada no distrito Shrewhaven, uma das zonas de Londres que mais se desenvolveu nos últimos anos.

Ali as casas eram em sua maior parte propriedade de novos ricos. Não havia duques nem



condes entre seus residentes, mas cada uma das mansões de pedra ou tijolo parecia um palácio, uma prova - pensou Krista com cólera - do dinheiro que os donos conseguiam explorando aos trabalhadores das classes baixas.

Possivelmente pensar isso fosse um pouco injusto, concedeu ela. Ao longo dos séculos sempre houve abusos de poder. As coisas começaram a trocar recentemente com os esforços da classe operária.

Além disso, muitas das pessoas que viviam em Shrewhaven tratavam a seus empregados medianamente bem.

Junto a Corrie e sua tia, lady Maybrook, Krista subiu a escadaria de pedra que conduzia às portas principais ricamente esculpidas. Tinha esperado até que Leif saiu de casa de noite, logo se arrumou e saiu, deixando uma breve nota a seu pai, que estava com o Thor no estudo. Não deveria ter saído, sabia. Os rumores sobre ela se estenderam desde o dia que desaparecera e, agora que havia retornado, multiplicaram-se por dez. Embora seu pai, seu avô e tia Abby tinham utilizado sua influência para para-los, estava quase segura de que a recepção dessa noite não seria agradável.

Reprimindo um repentino ataque de nervos, desenhou um sorriso nos lábios, levantou o queixo e atravessou a porta passando entre dois lacaios com libré.

Vestida com um traje de noite de seda cor safira com uma sobrefalda de tule prateado, não podia deixar de pensar nos singelos vestidos que utilizara na Ilha Draugr.

Essa noite, o decote do vestido permitia que a parte superior de seus seios ficasse ao descoberto, provocando o olhar ocasional de alguns dos galantes cavalheiros, e alguns olhares de soslaio de matronas fofoqueiras que, sem dúvida, perguntavam-se qual dos rumores que corriam sobre ela era certo.

Krista ficou rígida. Soube o que ocorreria ao ir essa noite à festa, mas estava decidida a dar com seu adversário, se era o suficientemente afortunada para encontrá-lo.

Estava de retorno em Londres, vestida outra vez com espartilho e anáguas, e tinha um trabalho que fazer.

Enquanto atravessavam um majestoso vestíbulo sob um teto com vidraças de cores, Corrie se inclinou para ela.

—Está segura de que esta é uma boa ideia, Krista?

—É uma ideia muito má. As más línguas estão fazendo seu gosto especulando sobre onde estive estas últimas semanas e, como editora de Coração a Coração, sou bastante impopular para a maioria dos convidados.

—Bom, não podemos ir agora, só pioraremos mais as coisas. - Corrie jogou uma olhada ao redor, notando, igual a Krista já fizera, que várias pessoas as olhavam fixamente.

—Não tenho intenção de ir - disse Krista com firmeza, embora sentia as pernas trementes sob a saia.

—O que devo dizer se me perguntam por sua volta?

—Meu pai e meu avô são toda a família que tenho além de minha tia que vive no campo.



Minha tia Abby ficou doente, e felizmente, graças a meus cuidados, pôde voltar a ficar em pé.

—Parece bastante acreditável.

—Talvez. Mas mais que nada porque ninguém deseja despertar a fúria do conde de Hampton ou da tia Abby.

Corrie reprimiu um sorriso.

—Essa tua tia é uma criatura formidável.

—Como a tua - disse Krista, dirigindo um olhar de soslaio à régia matrona de cabelo prateado. Lady Maybrook não parecia nada intimidada ante essas pessoas às que ela chamava a "classe operária".

Acompanhou às garotas com passo altivo até a poncheira. Mas em lugar de ponche, Krista e Corrie tomaram caminhos para a champanha.

—Para acalmar meus nervos - esclareceu Krista.

O salão de baile estava decorado ainda com mais esplendor que o resto da casa, com milhares de velas em dourados candelabros e vasos enormes com gardênia e camélias recém cortadas.

Uma orquestra de oito membros com librés de cetim azul brilhante tocava em um palco com cortinas ao fundo do salão de baile.

Atendo-se à história que seu pai e seu avô contaram, Krista respondeu às perguntas sobre sua recente estadia no campo.

—Foi algo completamente inesperado - disse à senhora Clivesdale, a robusta mãe de um rico acionista da ferrovia. - Minha tia, pelo geral, é uma mulher com muito boa saúde.

—Está aqui? - perguntou a mulher, levantando uns óculos para olhar com atenção por cima de seu longo nariz.

—Temo-me que não. A tia Abby ainda se está recuperando.

—Claro, entendo-o.

A mulher não entendia absolutamente nada, o qual convinha totalmente a Krista.

A noite se desenvolveu melhor do que Krista pensara, já que vários amigos de seu avô se encontravam entre os assistentes. Reconheceu aos senhores Paisley, assim como também aos condes do

Elgin, que eram extremamente leais a seu avô. O pai de Matthew Carlton, conde do Lisemore, estava também ali, acompanhado de seu filho Phillip, barão de Argyll. Logo viu Matthew.

Com seu cabelo castanho claro e seus rasgos finos, resultava tão atraente como sempre, e pensou quão fácil teria resultado sua vida - e quanto menos dolorosa - se tivesse apaixonado por ele em vez de Leif.

Nesse momento, elevou a cabeça e a viu. Com longas pernas se aproximou dela.

—Krista, está em casa. Disse-me isso seu avô. Houve um tempo no que pensei que não voltaria a te ver.

—De verdade? Só fui ao campo. Tia Abby ficou doente e fui acompanhá-la e cuidá-la.



—Já... quer dizer, o que o conde disse.

—Mas você não o acredita.

—Dá no mesmo. Quão único importa é que haja retornado. - Havia algo em sua expressão, um interesse familiar que ela acreditou que tinha morrido. Tomou a mão enluvada e a levou aos lábios.

—Espero que, agora que voltou para casa, possamos retomar de novo nossa... amizade.

Era possível que ele pensasse que poderiam reatar seu compromisso? Matthew sabia o que sentia pelo Leif. Sem dúvida alguma suspeitava que tinha passado as últimas semanas com ele.

Antes que pudesse responder, Corrie retornou de conversar brevemente com um amigo.

—Boa noite, Matthew.

—Senhorita Whitmore.

Havia algo na cara de Corrie que pôs a Krista em alerta.

—Lamento muito interromper - disse Corrie, dirigindo um olhar urgente, - mas preciso falar com a Krista sobre um tema de suma importância.

Krista o olhou.

—Lamento, Matthew. Se pode nos perdoar...

Ele fez uma reverência.

—É óbvio.

Corrie afastou a Krista alguns metros, até um lado do salão de baile.

—Temos que nos dar pressa!

—Santo Céu, Coralee, o que acontece?

—Vi-o, Krista! Ao homem que atacou minha carruagem, que me ameaçou!

—Está segura?

—Digo-te que o vi. Está aqui, no salão de baile.

—Como pode estar tão segura de que é ele? Disse que tinha posto uma máscara.

—Não era uma máscara, era um lenço preso sobre a boca e o nariz. Reconheci seus olhos. São muito característicos, para que saiba.

Duros e escuros, quase negros, e há uma nervura de crueldade neles que é impossível de esquecer ou confundir.

—Isso é tudo? Acredita ter reconhecido seus olhos?

—E sua constituição. É um homem grande, com uns ombros muito largos, igual ao homem que vi. Mas o mais importante é que reconheci seu anel.

Krista franziu o cenho.

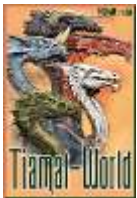
—Nunca tinha mencionado um anel.

—Não recordara, não até esse momento. Não até que tornei a ver esta noite. É uma granada engastada gravado com um par de sabres cruzados. É único. Não sei como pude esquecê-lo.

—Onde está agora esse homem?

Corrie pegou Krista pela mão e a conduziu até o fundo do salão de baile.

—Ali, é o homem que fala com o senhor Stoddard. - Que era o anfitrião do baile.



—Stoddard é muito rico! - vaiou Krista. - Sem dúvida alguma não se relacionaria com rufiões como os que você descreve.

—Digo-te que é ele! - Parecia muito convencida, tanto seus olhos verdes como a tensão de seus delicados traços confirmavam.

—Bom, se estiver tão segura, temos que averiguar seu nome.

—Por que não perguntamos a Matthew? Conhece muita gente. É provável que saiba quem é.

Matthew não estava muito longe, falando animadamente com Diana Cormack e seu marido, o visconde de Wimby. Embora Krista resistia a falar com Matthew outra vez, se perguntava a lady Maybrook, poderia despertar as suspeitas da mulher, e não queria fazê-lo. Assim não ficava outra escolha.

Esperaram impacientemente a que os viscondes de Wimby partissem logo se aproximaram de Matthew.

—Lamentamos te incomodar, Matthew - disse Corrie, - mas nos perguntávamos se poderia nos ajudar. Sabe por acaso quem é esse cavalheiro tão grande? Que está perto das portas que conduzem ao terraço.

Ao ser alto, Matthew podia ver por cima das cabeças da maioria das pessoas do salão de baile.

—Diz ao que está ao lado da porta ?

—Sim.

—Esse homem é Porter Burton. Por que me pergunta isso?

Krista aumentou os olhos.

—Tem algo a ver com o Lawrence Burton, da Companhia de Minas?

—É o filho mais velho do Burton.

—Está seguro? Parece muito velho. Lawrence Burton tem filhas com a metade da idade desse homem.

—Porter é o filho de Burton com sua primeira esposa, Maryann. Morreu ao nascer ele, e passaram alguns anos antes que seu pai se casasse de novo. Parece muito interessada. Por que o pergunta?

Krista esboçou um sorriso.

—Por nenhuma razão em particular... é só... que Corrie vai escrever sobre este baile e está tratando de catalogar aos convidados.

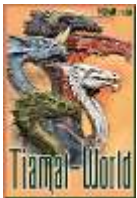
Corrie sorriu amplamente.

—Para meu artigo... Sim, isso. Obrigado, Matthew, muito obrigado.

Deixaram-no ali, observando como Krista arrastava a Corrie entre a multidão, ansiosa por falar do Porter Burton.

—Foi o próprio filho do Burton o que me ameaçou! - disse Corrie virtualmente a voz em grito. - Que descarado!

—Harley Jacobs disse que Burton era o verdadeiro responsável pelo assalto que sofremos



Leif e eu. Parece que não é o pai, a não ser o filho, quem paga ao supervisor para que assuma a culpa.

Corrie se deteve em seco, agarrando com força a Krista para que também se parasse.

—Crê que é também o responsável pelo incêndio em De Coração a Coração?

—Penso que há muitas possibilidades de que o seja. E possivelmente seja também o responsável pelo incêndio no London Beacon. - Krista adiantou a sua amiga. - Venha, vamos. Quero falar com ele.

Corrie se deteve.

—O que pensa fazer? Está louca?

—Há quatrocentos convidados neste baile. Estou totalmente a salvo e quero ouvir o que esse homem tem que dizer. - Krista ignorou qualquer réplica de Corrie e simplesmente seguiu adiante.

Quase alcançara seu destino quando Porter Burton saiu pela porta do terraço e desapareceu no exterior.

—Não pode segui-lo fora - sussurrou Corrie. - Sua reputação já pende de um fio e, ainda, pode não ser seguro.

—Esse homem não se atreverá a me atacar diante de tanta gente!

—Mas...

—Não se preocupe, sairei por outra das portas e assim ninguém me verá. - Krista tomou fôlego para tranquilizar-se e se perdeu entre a multidão, saindo momentos depois ao terraço.

Divisou Burton imediatamente, apoiado contra a parede, com a metade de seus traços escondido entre as sombras e a outra metade iluminada pela luz dos faróis que iluminavam a balaustrada.

la vestido de ornamento, com umas roupas que se ajustavam à perfeição a seu enorme corpo, e mesmo assim, de algum jeito, parecia o rufião que Coralee acreditava que era.

Estava fumando um charuto cujo resplendor avermelhado destacava na escuridão. Atirou-o a um lado quando ela se dirigiu para ele.

—Boa noite, senhor Burton. Meu nome é...

—Sei quem é. - separou-se da parede, com os olhos ocultos pelas sombras, mas ela pôde sentir seu olhar afiado. - Você é Krista Hart. Ouvi que tinha deixado Londres. Esperava que fosse quão último soubéssemos de você.

—Isso é o que gostaria você e a seu pai, verdade? Infelizmente estou de volta, e nem suas ameaças nem suas fanfarronices nos impedirão de publicar a verdade na gazeta.

—A verdade? Não será mas bem sua verdade?

—É o mesmo. Temos o direito de divulgar o que acreditamos. - Quando deu um passo em sua direção notou que era maior que ela. Surpreendeu-se por sentir um pouco de medo, inclusive ali, entre tanta gente.

—Não me importa o que creiam - disse ele. - Nem você nem o resto dos periódicos. Ou deixam de imprimir toda essa merda ou sofrerão as consequências. - Curvou os lábios em um



sorriso cruel.

—O Beacon mal pode seguir adiante. Um contratempo mais e estarão em quebra. A menos que queira que ocorra o mesmo a sua pequena revista, deveriam deixar de intrometer-se.

—Denunciarei-o às autoridades. Prenderão-o, igual à o Harley Jacobs.

Ele se endireitou, já não parecia tão divertido.

—Tente-o e quão único conseguirá é ficar como uma parva. Pode me acusar do que queira, mas não tem nenhuma só prova. Jacobs não falará, nem ele nem qualquer outro.

É só questão de tempo que todos esses disparates cheguem a seu fim, pois goste ou não, seguiremos com nossos negócios.

—Deu outro passo para ela, obrigando-a a retroceder até um enorme cipreste que bloqueava seu caminho. - Há um montão de dinheiro investido no negócio das minas - disse,

—e não vamos deixar de obter os benefícios que nos correspondem.

Ela tentou escapulir para um lado, mas Burton se interpunha em seu caminho.

—Me deixe passar - indicou ela.

Ele não se moveu, e manteve esses olhos duros fixos no rosto de Krista com um meio sorriso nos lábios.

Ela ouviu um débil som, logo uma mão enorme se apoiou no ombro de Burton.

—Faça o que a dama te pediu.

Krista desejou não sentir-se tão aliviada de ver Leif justo atrás de seu adversário. Burton girou, assombrado de descobrir que Leif era inclusive maior que ele, e assentiu brevemente com a cabeça.

—Boa noite. - Sua voz tinha um tom sarcástico que Krista ignorou enquanto o seguia com a vista de volta ao salão de baile.

Não se atrevia a olhar para Leif. Fez um esforço grande para confrontar a fúria que se lia em seu rosto.

—Como... como soube que estava aqui?

—Sabia do baile desta noite. E te conheço bastante bem, milady.

Suas faces avermelharam quando recordou exatamente quão bem a conhecia.

—Prometeu-me tomar cuidado - continuou ele. - Se for assim, como é que te encontra em pleno terreno inimigo? - Vestido com um traje de ornamento negro, com o loiro cabelo bem penteado, estava magnífico.

O misterioso príncipe escandinavo retornara, e sua presença não passaria despercebida.

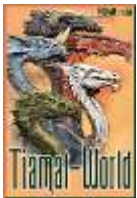
Krista gemeu interiormente. Iriam provocar mais falatórios, mais problemas para sua família e para ela.

—Esperava falar com Lawrence Burton - disse ela. - Mas em seu lugar, falei com seu filho. Coralee diz que Porter Burton é o homem que a ameaçou.

Leif ficou tenso.

—É o homem com quem estava falando?

Ela assentiu com a cabeça, e Leif jurou em escandinavo. Dando a volta, dirigiu-se a passo



vivo para a porta, e Krista teve que correr para o alcançar.

—Não enfrente a ele, Leif. Não aqui!

Ele pareceu dar-se conta dos problemas que causaria e conteve visivelmente seu temperamento.

—Como vou proteger você se não faz mais que te colocar em confusões?

—Não é teu assunto me proteger.

—Não? Se isso é o que pensa, está muito equivocada. Não posso abandonar a Inglaterra até que esteja a salvo.

Ela tentou não sentir prazer por ele se importar tanto, tentou ignorar o olhar possessivo da cara de Leif. Ficou nas pontas dos pés e com suavidade tocou a face.

—Então, possivelmente deveria ficar.

Por um momento seus olhos se encontraram e sustentaram o olhar. Leif apanhou a mão, a levou aos lábios e a beijou na palma. Não disse nada. Os dois sabiam que não podia ficar.

—Falará com a polícia sobre o Burton? - perguntou-lhe.

—Não temos provas, só a palavra de Corrie de ter reconhecido os olhos e o anel do assaltante. Duvido que isso sirva para algo nos tribunais. O comentarei com meu pai e o senhor Petersen.

Possivelmente saibam o que fazer.

Leif olhou para o salão de baile, onde as damas vestidas de brocado³ se moviam em redemoinhos de cor nos braços de seus casais ao ritmo de uma valsa.

Krista se perguntou se ele estaria pensando na Ilha Draugr e quão diferente era a vida aqui.

—Faz frio - disse ele. - Vá procurar sua capa. Levo-te a casa.

Krista sacudiu a cabeça.

—Isto não é Draugr, Leif. Não posso ir com você. Nem sequer deveria estar aqui fora a sós contigo.

Um músculo palpitou na face de Leif. Com um suspiro de resignação, ele assentiu com a cabeça.

—Deixarei que volte com a Coralee e seus amigos. Quando quiser ir a casa, seguirei-te em minha carruagem.

—Não acredito que necessite que você...

Interrompeu-a com um olhar feroz.

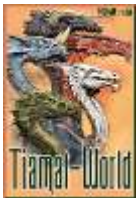
—Certo, direi que me dói a cabeça. Corrie jamais me perdoará, mas dá no mesmo. E de todas maneiras, pela manhã tenho coisas que fazer.

Krista deixou a festa ao cabo de uma hora com a Corrie protestando como sempre.

—Odeio ter que partir - disse enquanto pediam suas capas e lady Maybrook ia pedir a carruagem, - é uma festa preciosa.

—Salvo pelo Porter Burton.

³ Tecido mais grosso que o tafetá e menos que o veludo. Usado antigamente pelas moças de posses.



—Bom, sim, salvo pelo Porter Burton.

Mas Burton estava ali, as observando quando se afastaram da casa, e Krista se alegrou de que Leif as estivesse seguindo.

—Iremos dar conta às autoridades - disse o professor, zangado.

—Não servirá de nada - objetou Dolph Petersen. - Porter Burton tem razão... não temos provas.

—O que acontece com o anel? - perguntou Krista. Estavam sentados no estudo, Leif e seu pai em umas cadeiras frente a ela e o senhor Petersen. Como Thor só começara a aprender inglês e este era um assunto familiar, estava acima, em seu dormitório, estudando. - Meu pai diz que um par de sabres cruzados é um dos símbolos da Companhia de Minas.

Petersen não pareceu impressionado.

—Não é suficiente. Tudo o que temos é a palavra da senhorita Whitmore contra a do filho de um dos homens mais ricos da Inglaterra.

—Coralee é filha de um par.

Ele se encolheu de ombros.

—Segue sendo sua palavra contra a dele. - reclinou-se na cadeira. - Não podemos envolver à polícia, ao menos ainda não, mas podemos impedir que Porter Burton seja uma ameaça.

Leif meio que se ergueu na cadeira.

—Como? - perguntou dessa maneira franco que ele tinha.

Krista não o vira no baile. Não queria perguntar onde passava o tempo quando não estavam juntos. Possivelmente retornara às mesas de jogo, embora não acreditava.

Nunca gostara muito da ideia de ganhar dinheiro a costa dos vícios de outros homens, viu-se obrigado a fazê-lo antes para conseguir sua meta.

—A polícia não pode nos ajudar - continuou o investigador. - Mas há alguém que sim pode.

—Continue - urgiu Leif.

—Porter Burton é o herdeiro de Lawrence Burton. Seu pai é quem ostenta realmente o poder e, até que ele não morra, Porter não herdará.

Pressionem ao pai para que detenha seu filho e que o ameace deserdando, e ao Porter não ficará mais remedeio que deter-se. Verá-se forçado a suspender seus ataques.

—Temo-me que não o entendo - disse o professor. - Por que cessaria Burton pai a tal coisa?

—Tenho o forte pressentimento de que o pai não sabe nada das aventuras de seu filho - esclareceu Petersen.

—Lawrence tem uma esposa jovem a que adora e duas filhas para casar. Se as atividades de seu filho saíssem à luz, seria uma ruína para todos.

—Não funcionará - disse Leif. - Como há dito, não temos provas.

—Não necessitamos provas. Necessita-se a alguém o suficientemente poderoso para obrigar ao senhor Burton a tomar medidas contra seu filho, ou ao menos que ameace fazendo-o.

Senhorita Hart, seu avô, o conde do Hampton, é um homem com essa classe de poder.

Krista considerou atentamente as palavras do investigador. Seu avô era um homem muito



poderoso e muito protetor com sua família.

Se ela falasse com ele e contasse o que tinham descoberto sobre o Porter Burton, ajudaria-a, estava segura.

—É muito ardiloso, senhor Petersen - declarou ela.

Ele se levantou da cadeira e sorriu.

—Me faça saber como vão as coisas, de acordo?

—É obvio.

Petersen abandonou a casa e os três ficaram a discutir como iriam proceder.

—Sou eu quem deve falar com o conde - disse Krista.

O professor assentiu.

—Lorde Hampton te adora, embora não quer que saiba. Preocupou-se muito desde que começou a receber essas notas ameaçadoras.

—Como soube das mensagens que recebi?

—Há poucas coisas que o conde de Hampton não saiba.

Krista se perguntou se sabia algo da viagem que fizeram Leif e ela à Ilha Draugr. Sentiu que avermelhavam as faces.

Certamente, depois do que contara depois de sua volta, suspeitava que seu captor e ela foram amantes.

Bom, esforçou-se por salvar sua arruinada reputação, e estava segura de que também a ajudaria com isso.

Capítulo 29.

Leif se negou a deixar que Krista viajasse sozinha a casa de seu avô, embora, a contra gosto, aceitou esperá-la na carruagem.

—Depois do baile e a conversa com o Burton, corre mais perigo que nunca.

Era certo, Krista sabia, assim só mostrou uma resistência simbólica. A carruagem se deteve diante da mansão senhorial do conde, uma residência de estilo georgiano de três andares que estava nos subúrbios da cidade e que pertencia à família desde fazia mais de cem anos. Um jovem laçao loiro ajudou a Krista a baixar as escadinhas do carro e a guiou à porta, logo esperou na entrada a que ela retornasse.

Ela se voltou para ver Leif, depois dos guichês do veículo, com a mandíbula tensa e os olhos vigilantes.

Ignorando o golpe de dor que sentiu ao pensar que ele logo partiria, entrou na casa e foi conduzida a uma das elegantes salas do conde.

Seu avô se reuniu ali com ela, sentando-se em um extremo do sofá de brocado azul pálido enquanto que ela se sentava no extremo oposto.



—Me alegro de que tenha vindo, neta - disse ele, - pensava te visitar esta semana.

—Sim?

—Precisamos nos pôr de acordo sobre um assunto, mas, por agora, me diga o que te traz por aqui.

Krista não tinha muito claro por onde começar, assim começou pelas ameaçadoras cartas que recebera meses atrás, logo continuou com o incêndio que sofrera De Coração a Coração, do que seu avô já tinha notícias e o assalto à carruagem que Leif frustrara e do que não sabia nada.

—Esses homens eram uns rufiões - disse ela. - Se não tivesse sido por meu protetor, não sei o que teriam feito.

Um rubor alagou as faces enrugadas de seu avô.

—Deveria ter ido a mim! Você é a neta de conde do Hampton!

—Contratamos a um investigador, avô, um homem chamado Dolph Petersen.

Seu avô assentiu, e seu temperamento se apaziguou um pouco.

—Petersen? É um bom homem. Não podiam ter escolhido melhor.

Krista procedeu a falar sobre o Harley Jacobs, supervisor da companhia mineira, o homem que se confessou culpado de ter contratado aos malfeitores que os assaltaram.

—Pensávamos que os incidentes tinham terminado. Logo ameaçaram a Coralee Whitmore com uma pistola ao sair da gazeta de caminho a sua casa. Estamos seguros de que ambos os acontecimentos estão relacionados.

—Há dito que Jacobs está agora na prisão?

—Assim é. Mas já vê, resulta que Jacobs não era o verdadeiro responsável. - Procedeu a revelar como Porter Burton, filho do rico proprietário da companhia mineira, Lawrence Burton, era o verdadeiro responsável por ter contratado a seus assaltantes. - É provável que também seja culpado do incêndio nos escritórios de Coração a Coração. Virtualmente se gabou ante mim sobre a destruição do London Beacon.

O conde se reclinou contra o sofá, entrelaçando os nodosos dedos sobre o peito.

—Assim finalmente vieste a me pedir ajuda. O que é, menina? Que desejas que faça?

Explicou seus raciocínios, perguntando se estaria disposto a falar com o senhor Burton, a usar seu poder e influência para obrigar a esse homem a que controlasse a seu cruel filho.

O conde se ergueu de novo no assento.

—Sou seu avô. Farei o que seja necessário para te proteger, sem importar quanto custe. Mas quero algo em troca. É o tema que queria discutir contigo.

Ela decidiu mostrar-se cautelosa.

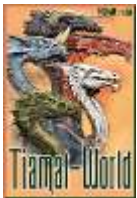
—O que quer?

—Em troca de meu amparo, quero que te case. Quero que te case com Matthew Carlton.

—O que?

—Me escute, Krista. Sua reputação está pelo chão. A única maneira de recuperar seu bom nome é que te case, e tem que fazê-lo logo.

—Mas? mas seguro que Matthew já não tem interesse em casar-se comigo. Por quê? por



que queria casar-se com uma mulher arruinada socialmente?

—Mas recordou o olhar de Matthew a última vez que falaram. Inclusive com sua reputação manchada, insinuara que seguia interessado nela.

—O porquê não é o que importa. O fato é que já falei com esse homem e está disposto a passar por cima de suas indiscrições, sejam as que sejam.

"O dote." Era bastante considerável, e sem dúvida seu avô teria prometido um bom beliscão mais se Matthew estava de acordo em casar-se com ela.

—O que me diz, menina? Se Matthew se converter em seu marido, terá liberdade para seguir te dedicando à gazeta. Encarregarei-me de Burton e seu filho e qualquer outro problema que pudesse surgir.

Não haverá mais ameaças, nem perigos - tem minha palavra.

A Krista retorceram as vísceras em um doloroso nó, e sentiu que faltava a respiração.

—Sempre quiseste ter família - acrescentou o conde, falando com mais suavidade. - E isso não vai passar a não ser que preste atenção as minhas palavras e faça o que é necessário.

—Ela mordeu os lábios para que não tremessem. - Matthew é um bom homem - continuou seu avô, - e sempre há sentido algo por ti.

Acredito que te tratará bem, e com o tempo, possivelmente possa chegar a sentir algo por ele.

Possivelmente. Mas não o amaria nunca. Nunca poderia amar a outro homem da maneira em que amava a Leif. Mas Matthew e ela foram amigos. Possivelmente pudessem voltar a sê-lo.

E no mais profundo de sua alma, sabia que seu avô tinha razão. Se não se casasse com o Matthew, ficaria solteirona.

Depois das semanas que compartilhara com o Leif, sabia o muito que gostava de ser protegida por um homem, quanto gostava da companhia de um homem e sentir-se sempre cuidada e protegida.

E estava o tema dos meninos. Sempre desejara ter família. Nunca teria um filho de Leif, mas teria os filhos que Matthew daria para amar, os meninos que criariam juntos.

O coração de Krista se contraiu. Mal ela estivesse fora de perigo, Leif iria. Se não podia casar-se com ele, que mais dava com quem se casasse? E precisava ter em conta a sua família.

Seu avô necessitava um herdeiro. Era seu dever dar-lhe.

—Eu necessito tempo, um pouco de tempo antes que nós... nós...

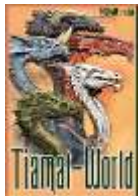
—Se a preocupa seus deveres conjugais, Matthew esteve de acordo em te proporcionar o tempo que necessite antes de reclamá-los.

Krista tragou saliva. Necessitava o tempo que o concedia para fazer à ideia de compartilhar seu corpo com um homem que não fosse Leif.

Apreciou o afeto que o conde mostrava em sua enrugada cara e o nó que tinha na garganta ameaçou fazer estalar em lágrimas.

—Se Matthew ainda deseja casar-se comigo, aceitarei-o.

O alívio e o prazer cintilaram nos pálidos olhos azuis do ancião.



—É uma boa garota, Krista. Sempre foste. Pela manhã, falarei com Burton Lawrence. Assim que se ocupe de controlar a seu filho, Matthew e você poderão casarem-se com uma licença especial.

Levaremos a cabo as bodas aqui mesmo, na capela de Hampton House, convidando tão somente à família e aos amigos próximos. Avisarei a sua tia Abby. Nos encarregaremos de tudo.

Krista se levantou tremente do sofá; o conde também ficou em pé.

—Me informará do que ocorra com o Burton?

—Te irei ver depois de amanhã pela manhã. - O conde endureceu a mandíbula de uma maneira que ela vira poucas vezes, e Krista pensou que, inclusive em seus anos de velhice, o conde de Hampton era um homem formidável.

—Não se preocupe, quando eu arrume tudo, Porter Burton já não será um perigo nem para ti nem para ninguém.

Krista não respondeu. Acreditava, total e absolutamente.

Encaminhou-se para a porta, apesar de sentir as pernas duras. Leif a esperava na carruagem, e o ver, sabendo que logo teria que casar-se com outro homem, fazia que enchesse o coração de tristeza.

Não disse nada sobre isso enquanto retornavam a casa, só contou que seu avô se mostrou disposto a ajudar e ela acreditava firmemente que em um dia, dois no máximo, todo o problema estaria resolvido.

Leif deu as costas enquanto olhava pelo guichê.

—O tempo piora cada dia que passa. Ao capitão Twig se preocupa que, se postergar a viagem muito tempo, logo não seja seguro navegar.

Ela não sabia muito de navegação, mas também esteve preocupada com o clima.

—Tão logo tenha a palavra de seu avô de que está a salvo, o Dragão do Mar zarpará.

Queria rogar que ficasse. Queria dizer que, se a deixava, nunca voltaria a ser a mesma, nunca mais encontraria o tipo de felicidade que teria com ele.

Mas pedir que ficasse não seria mais justo para o Leif do que ficar no Draugr teria sido para ela.

No pequeno espaço da carruagem, Krista guardou silêncio, sem dizer nada de seu próximo matrimônio.

Não queria dizer as palavras que acabariam com sua relação para sempre.

Como prometeu, dois dias mais tarde, o conde de Hampton foi a casa de Krista. Leif saíra a interessar-se por seu navio e sua tripulação, mas Thor estava com ela, um homem capaz de lutar com qualquer ameaça que surgisse.

Krista conduziu a seu pai e a seu avô para o estudo, onde o conde relatou o acontecido em sua reunião com Lawrence Burton e o consequente encontro entre o Burton e seu filho, no qual o conde também esteve presente.

—Petersen estava no certo - disse seu avô. - O senhor Burton não sabia nada das atividades de seu filho e ficou lívido. Aterrou-lhe pensar o que faria sua esposa se suas filhas perdessem a



oportunidade de conseguir a posição social que tanto desejava e se convertessem em vergonha da sociedade. Quando falou com seu filho, disse com muita clareza que se havia um só incidente mais contra qualquer dos periódicos reformistas, fosse Porter responsável ou não, deserdaria-o. Apagaria-o de seu testamento como se não existisse, e ficaria banido para sempre da família.

— Santo céu - exclamou Krista.

— Bem feito! - disse o professor.

O ancião sorriu, pequenas rugas sulcaram seus olhos.

— Acabou, querida. Seus amigos você, e essa maldita gazeta para damas, estão a salvo.

Porter Burton foi enviado ao campo, onde suponho que permanecerá ao menos um tempo.

— Obrigado, avô.

— É a neta de um conde. Nunca o esqueça. A próxima vez que necessite ajuda, vai para mim.

— Farei-o, prometo-lhe isso. Obrigado.

— Falemos agora de um tema muito mais agradável, suas próprias bodas.

Krista já comentara com seu pai, e embora entristecia que seu marido não pudesse ser Leif, sempre gostara de Matthew e estaria encantado de ter ele como genro.

— Falei com o vigário e também com tia Abby - anunciou o conde. - As bodas estão prevista para o sábado da semana que vem na capela de Hampton House.

Pensei que poderíamos celebrá-lo na estufa, já que fará muito frio no jardim.

Ela assentiu com a cabeça, sentindo-se estranhamente vazia. Nada parecia ser real, embora sabia muito bem que sim o era, que logo seria uma mulher casada.

— Possivelmente - tragou saliva. - Possivelmente Matthew e eu deveríamos falar. Parece estranho me casar com um homem com o que faz semanas que não vejo.

Seu avô se aproximou e a pegou na mão.

— Seu marido e você terão muito tempo para se conhecer depois de casados.

Até então, por que não pede a sua amiga, a senhorita Whitmore, que te ajude a escolher o vestido de noiva ou qualquer outra coisa que possa necessitar para seu enxoval?

Por Deus, nem sequer pensara no vestido de noiva.

Assim que imaginou o tipo de vestido que levaria às bodas, apareceu uma imagem de Leif na mente, alto e de aparência agradável, de pé a seu lado, no lugar que correspondia ao noivo.

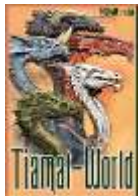
Tragou outra vez, o nó na garganta era cada vez maior. Isso não ia acontecer.

— Falarei com a Coralee. E obrigado de novo, avô, por tudo o que tem feito.

Krista precisava resignar-se à vida que se estendia ante ela e seguir adiante.

Capítulo 30.

Chegara o momento de que Leif voltasse para casa. Ao dia seguinte zarparia da Inglaterra e retornaria a seu lar na ilha. Krista sentia que seu coração partiria com ele.



Embora levantasse cedo, não vira Leif essa manhã. Ao princípio a aterrorizara a possibilidade de que ele tivesse decidido partir sem despedir-se.

Mas seu pai a tranquilizou ao dizer que só se aproximou do navio para ocupar-se dos últimos preparativos antes de partir e que tencionava retornar.

Era dia de trabalho. Krista precisava manter-se ocupada, distrair sua mente e seu coração dos dolorosos pensamentos sobre Leif. Estava trabalhando no escritório quando, pouco depois do almoço, ele apareceu na porta de seu escritório em De Coração a Coração, alto, loiro e incrivelmente bonito. Ao vê-lo deu um tombo o coração.

Levantou-se quando ele caminhou para ela. Deteve-se ante Krista e tomou ambas as mãos.

—Não podia deixar de pensar em ti - disse ele. Seus olhos, de um azul brilhante, estavam tão cheios de tristeza que a Krista fez um nó na garganta.

—Me alegre que tenha vindo.

—Sei que tem trabalho. Pensei... me perguntava se... possivelmente. Se possivelmente haja algo que possa fazer hoje para ajudar. - Durante um momento tinha falado em escandinavo, o que ocorria muito poucas vezes, e ela se deu conta de que ele sofria tanto como ela. Queria levá-lo fora, a alguma parte onde pudessem estar sozinhos, um lugar onde ela pudesse estar entre seus braços uma última vez.

Mas logo estaria casada. Não seria justo para nenhum dos dois.

Esboçou um sorriso.

—Suponho que posso encontrar algo que possa fazer.

Leif devolveu o sorriso. Queria estar com ela esse último dia e ela queria mais que nada estar com ele.

Manteve-o ocupado ordenando e transportando os pacotes dos exemplares recém impressos, um trabalho fácil para um homem com tanta força. Trabalharam cotovelo com cotovelo todo o dia, buscando-se e encontrando-se constantemente com o olhar, dizendo-se em silêncio palavras que nem sequer eles sabiam o que queriam dizer.

Ao final do dia, Krista estava cansada, mas não queria partir, não queria que essas preciosas horas chegassem a seu fim.

Um a um, foram-se partindo todos os membros do pessoal, até que só ficou Coralee.

—Eu também parto a casa - disse Corrie por fim, e Krista pôde ler a simpatia e a compreensão nos olhos verdes de sua amiga. Corrie olhou a Leif. - Entristece que as coisas sejam desta maneira, Leif.

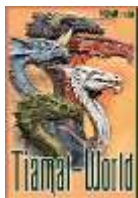
Rezarei para que tenham uma boa viagem de volta a casa.

—Obrigado - disse ele com uma leve inclinação de cabeça.

Corrie se foi, e o edifício ficou vazio salvo por eles dois. Krista se entreteve, desesperada por roubar um pouco mais de tempo com ele.

—Tenho acima um livro que necessita meu pai - disse ela antes que ele pudesse anunciar que era hora de partir. - Está na mesa de seu escritório. Subirei um momento para pega-lo.

—Eu irei - disse ele. - Qual é o título do livro?



—A saga de Grettir, o Forte, acredito que disse.

Leif assentiu com a cabeça. Sustentou o olhar de Krista durante uns momentos antes de dar meia volta e subir as escadas.

Acabava de desaparecer de sua vista quando ouviu ruído de cristais na porta traseira dos escritórios e logo o som de passos no chão de madeira do armazém.

Um calafrio desceu pelas costas. Por Deus! Abriu a boca para pedir ajuda a Leif, mas de repente, uma pistola que apontava em sua direção a deixou paralisada no lugar.

—Se fosse você, senhorita, não gritaria. - Porter Burton não se incomodou em usar máscara. Vestido completamente de negro, Burton parecia mais ameaçador que a noite que o enfrentara no baile dos Stoddard.

Rogou por que Leif os ouvisse falar e se desse conta do perigo.

—O que está fazendo aqui? - disse em voz alta. - Saia imediatamente!

O meio sorriso cruel que esboçaram seus lábios recordou a Krista seu encontro no terraço.

—Realmente pensou que as ameaças de meu pai fossem impedir que viesse por você? Sou eu quem dirige a Companhia de Minas, não meu débil e arrivista pai. Lawrence Burton não é mais que um boneco, uma marionete.

Houve um tempo em que tinha poder, mas as coisas mudaram. Sou o único que se ocupa da companhia neste momento. Sem mim, a Companhia de Minas não é nada, e ninguém melhor que ele sabe.

Krista se manteve impávida frente a esses escuros olhos frios.

—Se não sair imediatamente, vou chamar à polícia. Denunciarei-o ante a justiça, e não será só a palavra de minha amiga contra a sua, será também minha palavra.

—Seriamente? - voltou-se ligeiramente, e chamou por cima do ombro: - Reynolds, Higgins, entrem!

Dois homens chegaram do armazém. Krista recordou a descrição que esboçara Corrie do outro homem que assaltara sua carruagem, um homem enxuto com uma cicatriz no queixo.

Identificou-o assim que entrou na sala. Leif ainda não descera as escadas e rezou para que isso significasse que ouvira a discussão com o Burton e compreendesse que estava com problemas.

—Coloquem mãos à obra, meninos - ordenou Burton a seus homens. - Acabemos com isto e saiamos daqui.

Os olhos de Krista se dilataram quando os dois homens agarraram umas latas de azeite para abajures que havia no armazém e começaram a derramar o líquido por todo o perímetro.

—Detenham-se imediatamente!

—Não previra que você ainda andasse por aqui, mas me alegro de que assim seja. Matarei dois pássaros de um tiro.

—Q-o que quer dizer?

Burton sorriu, e ela se esforçou por controlar os tremores e manter a calma.

—Que terrível incêndio o De Coração a Coração - disse ele meneando a cabeça com fingido



pesar. - Lástima que sua proprietária ficasse apanhada entre as chamas.

—Você está louco!

—Nem de longe. Sou um homem de negócios, senhorita Hart. Seus artigos instigam a meus empregados, e isso me custa dinheiro.

Krista já não sabia se estava louco ou simplesmente era cruel e avaro. Fosse qual fosse a verdade, Porter Burton queria vê-la morta, e ela não estava disposta a deixar que isso ocorresse.

Voltando-se, correu para o outro extremo da sala, mas ele a apanhou antes que chegasse à porta. Levou-a a rastros até a parte traseira da zona de impressão, depois da grande prensa Stanhope, e a sentou de repente em uma cadeira de madeira que havia junto ao escritório de Coralee.

—Reynolds? traz uma dessas cordas que se utilizam para atar os pacotes - ordenou Burton ao homem da cicatriz e olhos afundados como os de um depredador.

Reynolds desapareceu no armazém. Passaram uns segundos, mas o homem não reapareceu.

—Vá ver o que o entretém - ordenou Burton ao outro homem, e ele, também, desapareceu pela porta.

Krista conteve o fôlego, rezou para que Leif tivesse descido pela escada de serviço para espreitar aos homens. Mas se era assim, ele também poderia estar correndo perigo.

Um ruído amortecido surgiu do armazém, depois voltou a ficar tudo em silêncio.

O tictac do relógio da parede ressonava como um tambor grande. O coração de Krista pulsava quase igual de forte e tinha os nervos de ponta enquanto permanecia sentada na borda da cadeira preparada para escapar.

Os duros olhos do Burton se dirigiram à parte posterior do edifício e logo a ela. Krista ficou sem fôlego quando a levantou de um puxão da cadeira e apertou seu grosso braço ao redor de seu pescoço.

Sentiu o frio metal do cano da pistola contra a têmpora.

—Tinha esquecido que seu amigo estaria aqui com você - disse ele, recordando claramente como sairá Leif da escuridão para protegê-la na noite do baile. - Já pode sair! - gritou.

—Se não o faz, vou apertar o gatilho e matarei a sua amiga.

—Leif, não o faça! - gritou ela.

—Cale-se! - Burton apertou mais seu braço ao redor do pescoço de Krista até que ela ofegou e arranhou o braço em seu esforço por liberar-se. Seu assaltante afrouxou a presa, mas só um pouco.

—Você escolhe, amigo. - Engatilhou a pistola, e o coração de Krista se deteve. Soltou um soluço quando Leif saiu do armazém, convertendo-se em um alvo fácil para o Porter Burton.

—Mãos para cima - ordenou Burton, e Leif lentamente levantou os braços. - Aproxime-se da mulher.

Mas Leif já estava em movimento, com os lábios apertados em uma linha firme e sombria. Krista reconheceu essa expressão. Era a mesma que tinha a noite que enfrentou aos homens do Burton, quando tinha talhado os dedos de um dos homens com a espada. A mesma expressão que



tinha no Draugr quando atacaram os berserkers.

Uma raiva assassina o invadira essa noite.

Durante um instante Krista chegou a sentir lástima pelo Porter Burton.

—Fique onde está - ordenou o captor.

Leif se deteve, mas seu duro olhar não abandonou a cara do Burton.

—Solte-a. Antes que tenha que te matar.

O homem riu, um som profundo e áspero.

—Odeio ter que recordar mas sou o único que leva pistola.

—Solte-a - repetiu Leif em um tom tão baixo e mortífero que as palavras pareceram fazer efeito mesmo em um homem tão cruel como Porter Burton, voltando-o cauteloso.

—O que fez a meus homens?

—Não os matei. Mas matarei a você se não a soltar.

Burton deu um passo atrás, arrastando a Krista com ele. Havia uma gaveta aberta na mesa de impressão e uma de suas pernas se chocou contra ele. Porter tropeçou, e Krista viu sua oportunidade.

Empurrando para trás com todas suas forças, conseguiu afastar o braço que apertava a pistola contra sua cabeça, jogando-o para trás.

Nesse mesmo instante, Leif se moveu tão veloz como o vento do Valhalla, e agarrou a adaga que levava na bota com tal rapidez que ela quase não percebeu o movimento.

Burton disparou no mesmo momento que a faca de Leif se cravava em seu coração.

Krista gritou quando o homem caiu para trás em suas costas e se derrubou torpemente no chão. Um atoleiro de sangue se estendia por seu peito e seus olhos sem vida olhavam ao teto.

Ela estava tremendo, mal podia manter-se em pé quando Leif se dirigiu rapidamente para ela. Abraçou-a; tomando-a pela nuca, pressionou a face contra seu ombro.

Krista se aferrou a ele tremendo dos pés a cabeça e com os olhos cheios de lágrimas.

Leif a estreitou com mais força.

—Não te incomodará mais. Acabou, honning. Já está a salvo.

Ela tragou saliva. Deslizou os braços ao redor do pescoço e simplesmente se apoiou nele. Durante um longo momento permaneceram assim, sem mover-se.

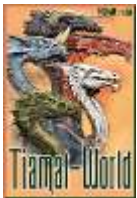
Por fim, os pequenos tremores que percorriam o corpo de Krista começaram a desaparecer.

Krista respirou profundamente para poder tranquilizar-se e se afastou um pouco.

—O que? o que aconteceu com os outros homens?

—Estão descansando. Sua carruagem está ao final da rua. Atarei aos homens e enviarei ao chofer a procurar à polícia.

Voltou a abraçá-lo pela última vez e logo o soltou. Porter Burton estava morto. Haveria perguntas, muitas perguntas. Os Burton eram uma família poderosa e rica. Mas o azeite derramado por todo o escritório e o ataque do Burton dessa noite explicaria o acontecido com clareza. E ao ter tido que lutar contra três homens, as ações de Leif seriam consideradas legítima defesa, por isso sem dúvida seria desculpado.



Acabou tudo.

O coração de Krista se rompeu em dois.

Por fim Leif poderia retornar a seu lar.

Era tarde quando retornaram a casa. O chefe de polícia chegara ao escritório com meia dúzia de agentes. Passaram um bom momento fazendo perguntas, como ela sabia o que fariam.

As autoridades precisavam assegurar-se do que ocorrera realmente em De Coração a Coração.

Krista enviara uma mensagem a seu pai para que não se preocupasse, mas embora passava bastante da meia-noite quando chegaram, Thor e ele estavam esperando-os.

Seu pai se aproximou depressa a ela, e Krista o abraçou.

—Minha querida menina. Estou muito afetado. Seu avô e eu estávamos tão seguros? - A afastou um pouco para olhá-la. - Seguro que está bem?

—Estou bem, pai. - Percorreu-a um calafrio e tentou não pensar em Porter Burton e o perto que esteve de morrer ela também. - Leif estava ali e... e... se ocupou de tudo, pai. Foi Porter Burton.

O professor passou uma mão por seu cabelo cinza e soltou um longo suspiro.

—E agora está morto. Cada um paga por seus pecados, suponho.

O irmão de Leif apareceu nesse momento, grande e moreno, inclusive com essa roupa civilizada, parecia ameaçador.

—E você, irmão? - perguntou Thor em escandinavo. Em sua atraente cara se refletia com clareza a preocupação que sentia.

—Estou bem - disse Leif. - E os inimigos de meus amigos foram vencidos.

—A polícia exonerou Leif de qualquer culpa - disse Krista, - já que obviamente tudo foi em defesa própria.

—A seguir explicou brevemente que Porter Burton era quem em realidade dirigia a Companhia de Minas. Disse o que ele pensara fazer essa noite, e como Leif os detivera, a ele e a seus dois comparsas.

—Os dois foram muito valentes - disse o professor, soltando a mão de Krista. Olhou ao Leif. - Ocorreram muitas coisas.

Possivelmente seja melhor que atrase a viagem um ou dois dias, e assim poderá te recuperar de tudo isto.

Leif só negou com a cabeça.

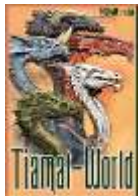
—Agora que Krista está a salvo, é o momento de partir - disse. Logo se dirigiu ao Thor: - Irmão, está seguro de que quer ficar na Inglaterra?

—Tinha razão, Leif. Há muito que aprender neste novo mundo. O professor esteve me ensinando e logo iremos a Heartland, onde se ofereceu a me ensinar mais coisas.

Leif assentiu levemente com a cabeça.

—Então que assim seja. Dentro de umas horas, nossos caminhos se separarão de novo.

Thor estendeu a mão e agarrou a seu irmão pelo braço.



—Está seguro do caminho que escolheu, Leif? É evidente que sente algo muito profundo pela Krista. Está seguro de que seu destino está no Draugr e não aqui?

Os olhos de Krista se alagaram de lágrimas. Encontrou-se rogando mentalmente por que Leif mudasse de ideia, para que ficasse na Inglaterra e pudessem estar juntos, mas em seu coração sabia que não o faria.

Ele negou com a cabeça.

—Tenho um dever com nossa gente. Fiz uma promessa a nosso pai e não a romperei.

O professor acariciou a face de Krista como se soubesse o que estava pensando, sabia o muito que ela desejava que Leif ficasse, sabia que estava usando toda sua força de vontade para não lançar-se a seus braços e rogar que ficasse.

—Está-se fazendo tarde, e Leif terá que madrugar - disse o professor. - Sugiro que vamos todos à cama e tentemos dormir um pouco.

Krista elevou a vista e encontrou com aqueles incríveis olhos azuis. Chegara a hora. Ignorando as lágrimas que pugnavam por sair, simplesmente inclinou a cabeça, voltou-se e começou a subir as escadas.

Quando o grupo chegou acima, Thor e seu pai continuaram pelo corredor para seus dormitórios, mas Krista se deteve e olhou a Leif.

—Verei você antes que vá?

—Irei antes do amanhecer. É melhor que nos despeçamos agora.

—Sim... eu... suponho que será o melhor. - Mas ela não queria despedir-se. Não queria perdê-lo, nem agora nem nunca. Krista não fez gesto de ir e ele tampouco.

—Nunca te esquecerei - disse ela, com um nó tão doloroso na garganta que mal podia falar. - Nunca amarei a outro homem como amo a ti.

Aconteça o que acontecer, não importa o que me proporcione o futuro, sempre será meu marido em meu coração.

Leif a olhou com firmeza.

—É minha. Sempre foi assim, e sempre o será. - Com delicadeza, tomou o rosto de Krista entre as mãos e a beijou brandamente.

Era a primeira vez que a tocava com tanta intimidade desde que retornaram a Inglaterra, e os olhos de Krista se encheram de lágrimas.

Em um instante estava devolvendo o beijo, derretendo-se contra ele, deslizando os braços ao redor de seu pescoço.

Krista estava tremendo, sofrendo. Sentia-se como se estivesse morrendo e, se assim fosse, prazerosamente daria as boas-vindas à morte.

Beijou-o uma e outra vez incapaz de deter-se. Teve que fazer provisão de toda sua vontade para afastar-se dele.

—Agora devemos nos separar - disse Leif em um sussurro. - Se não nos detivermos agora, te tomarei tal como desejo fazê-lo.

Ela estendeu a mão e acariciou a face, dando-se conta de que isso era exatamente o que



queria. Por um instante pensou em Matthew, mas não lhe devia nada... ainda não.

Seria um matrimônio de conveniência, uma questão de dinheiro e herdeiros, e esteve de acordo em esperar para reclamar seus direitos conjugais até que estivesse preparada.

Cumpriria com seu dever, seria uma boa esposa para Matthew. Mas se não podia ter ao homem que amava, ao menos poderia passar essas últimas e preciosas horas com ele.

—Quero que faça o amor comigo. Nunca desejei nada tanto como desejo isso.

Mas ele negou com a cabeça.

—Não posso fazê-lo. - Inclinando-se para ela, beijou-a uma última vez. - Que seja feliz, Krista Hart.

Logo se voltou e pôs-se a andar, entrou em seu dormitório sem olhar atrás e fechou brandamente a porta.

Krista se apoiou na parede para não cair. Sentia as pernas duras quando percorreu o corredor, entrou em seu dormitório e fechou a porta.

Sua donzela se foi à cama essa noite e Krista decidiu não despertá-la. Conseguiu tirar só o vestido manchado de sangue, lavou o rosto e pôs uma camisola de algodão.

Soltou os grossos cachos loiros para que caíssem sobre seus ombros, sentou-se diante do espelho e agarrando a escova de prata o passou pelo cabelo.

Essa noite seria a última vez que veria Leif.

Desejava-a, sabia. Igual a ela desejava a ele.

Se fosse a ele, rechaçaria-a?

Era um homem poderoso, com fortes princípios, e preocupava que pudesse deixá-la grávida. Mas se assim fosse, ela se alegraria, agradeceria qualquer parte dele que ficasse com ela.

Krista deixou a escova sobre a penteadeira e ficou de pé. Ignorando o frio chão de madeira, caminhou até a porta, abriu-a e saiu ao corredor.

Fora da casa ventava e ela podia ouvir o bater dos ramos contra os cristais das janelas. Se o tempo não mudasse, o dia seguinte seria um dia propício para navegar.

Com o coração dolorido Krista abriu a porta de Leif e rezou para que não a rechaçasse.

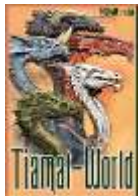
Leif tirou a roupa, notando as manchas de sangue do casaco e o colete. Recordaram seu encontro com o Porter Burton essa noite. Fechou os punhos instintivamente. Burton desejava machucar a Krista.

Se Leif não estivesse ali?

Tentou afastar esse pensamento. Acabou. Krista estava a salvo. Precisava acreditar. Se não o fizesse, não poderia partir.

O relógio de cima da chaminé deu as badaladas. Eram as duas da madrugada, mas não desejava dormir. Já o faria em umas horas.

Sairia com destino aos moles para zarpar pouco depois do amanhecer. Colocou um par de calças limpas e tirou as botas e a camisa limpa que usaria antes de partir, logo empacotou a túnica, os calções e o calçado viking forrado de pele que teve posto o dia de sua volta. Deixaria ali o resto da roupa inglesa para Thor. Leif já não a necessitaria.



Perguntou-se se voltaria alguma vez para Londres embora fosse brevemente, se os anciões o permitiam. Disse a si mesmo que não era a Krista a quem ansiava ver, que não era a mulher que amava a que o chamava inclusive nesse momento, antes de se afastar dessas costas estrangeiras. Em sua mente ainda a podia ver com a singela camisola branca que levava a noite que a raptara dessa casa, a noite que a reclamara como a mulher com a que se casaria.

Levantou o olhar e foi como se sua lembrança tivesse cobrado vida, como se a criatura que caminhava para ele com uma camisola branca, com os cachos dourados flutuando ao redor dos ombros, tivesse saído de seus sonhos.

Mas essa criatura era real. Uma mulher de carne e osso que vinha a ele como ele desejava que fizesse.

—Krista?

—Precisava vir, Leif. Por favor, não me rechace.

Dirigiu-se para ela, tomou entre seus braços, apertando-a contra seu peito.

—Não poderia te rechaçar. Já não ficam forças.

Olhou e o amor que Leif viu em seus olhos provocou uma dor no peito.

—Faz o amor comigo - disse.

Ele sabia que não poderia ser tão cuidadoso como fora sempre, que Krista poderia ficar grávida.

—O que fará se fica grávida?

—Amarei-o. Igual a amo a ti.

Leif não podia rechaçá-la; faria qualquer coisa por ela. Já não podia negar a si mesmo por mais tempo. Capturou sua boca e a beijou profundamente, mostrando tudo o que sentia por ela.

—Nunca pensei te amar - disse ele bruscamente. - Te desejava. Pensava que com isso seria suficiente.

Mas não era suficiente, agora sabia. Desejava seu coração tanto como desejava seu corpo.

—Só temos esta noite - disse ela. - De algum jeito terá que ser suficiente.

Elevou o queixo com os dedos.

—Uma noite não pode ser suficiente, mas tentarei que assim seja. - E logo a beijou outra vez, e suas línguas se buscaram e se encontraram.

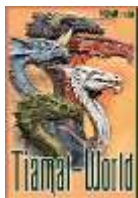
As mãos de Krista percorreram o peito nu e ela pressionou seu corpo suave contra o corpo duro de Leif.

Leif a beijou com ferocidade, logo abriu da cinta que fechava o colarinho da camisola e o deslizou pelos ombros suaves e pálidos, descendo pelos seios, a estreita cintura, a redondez dos quadris.

A imagem dela nua fez arder o sangue.

Tomou de novo entre seus braços e deu outro beijo ardente, sentindo como seus seios se apertavam contra seu dorso, enchendo as mãos com sua plenitude.

Tomou cada um dos seios na boca e ouviu o suave gemido de prazer que ela emitiu em resposta. Seu membro se endureceu ainda mais e palpitou pela necessidade, pelo feroz desejo de



estar enterrado nela.

"Ainda não", disse-se a si mesmo. Daria-lhe prazer essa noite, daria tudo. Amaria-a com tanta ferocidade que ela nunca poderia esquecê-lo. Se algum dia levasse a outro homem a sua cama, ela só pensaria nele e em quando estiveram juntos.

Levantando-a em seus braços, atravessou com ela o quarto e retirou as mantas da cama, logo a depositou sobre o colchão de plumas. Leif desabotoou as calças, as tirou de um puxão e, nu, uniu-se a ela na cama.

Por um momento, manteve-se a seu lado, admirando o que a luz da lua revelava, a beleza de seu rosto, a palidez de seu cabelo. O vento gemia detrás da janela e podia ouvir o bater dos ramos das árvores próximas à casa.

Aquele som penetrou em sua alma, uma espécie de profunda tristeza que chegou até os ossos e que soube que nunca o abandonaria.

Os deuses jogaram cruelmente, e se perguntou se poderia perdoá-los alguma vez.

Bom, concederam essa noite, e tencionava aproveitá-la bem. Quando Krista se estirou para alcançá-lo, agarrou-a entre os braços e a beijou profundamente, tomando tudo o que queria, dando tudo o que ela desejava, avivando seu desejo e o dela. Deslizou a boca por seu corpo, adorando os exuberantes seios, tão femininos, beijando a suave pele do ventre e baixando ainda mais.

Localizando-se entre as pernas de Krista, proporcionou-a prazer com a boca e as mãos, lambendo e acariciando até que ela alcançou a liberação.

Observou como seu corpo se arqueava ao chegar ao clímax, com os olhos fechados e mordendo o carnudo lábio inferior.

A necessidade que sentiu por ela se voltou quase insuportável. Amortecendo os gritos de paixão de Krista, deslizou a língua na doce caverna de sua boca ao mesmo tempo em que afundava sua dura longitude nela.

Encheu-a por completo, tomando o que tão desesperadamente queria. Krista se arqueou outra vez, urgindo em silêncio a que aprofundasse mais, e Leif gemeu.

Investiu uma e outra vez até que ela proferiu seu nome, chegando de novo ao clímax com um forte estremecimento.

Inclusive então ele não se deteve, não até que fez renascer o desejo de Krista uma vez mais, até que seus quadris se arquearam contra ele, indo ao encontro de cada um de suas profundas estocadas e exigindo em silêncio sua liberação. Era sua igual na paixão, dando e tomando com a mesma necessidade feroz que ele sentia por ela, e juntos chegaram ao topo e se elevaram até o céu.

Ficaram juntos um momento antes que tomasse outra vez, com ferocidade e ternura, quase com reverência. Quando terminaram e ela dormia profundamente, colocou-lhe a camisola e a levou de volta a seu quarto.

Ela não despertou quando se inclinou para avivar o fogo da lareira, não se moveu quando a beijou pela última vez.



Quando ela despertou, ele já tinha ido.

Pela manhã, Krista tratou de abraçar a Leif, mas a cama estava fria no lugar onde deveria ter estado ele, e se deu conta de que o quarto onde passara a noite era o dela. Um soluço escapou de sua garganta.

Tratou de alcançá-lo outra vez, embora sabia que ele não estava ali, com uma mão tremente tocou o travesseiro junto ao seu.

Ali em cima havia algo. Fechou os dedos em torno do objeto e levantou para ver o que era.

Na palma de sua mão havia um pequeno anel de marfim com um desenho intrincado. Era o anel que Leif determinara para que ela o levasse quando fosse sua esposa.

Não podia suportá-lo.

A essas horas a maré já subira. O Dragão do Mar já teria zarpado, afastando Leif para sempre dela. Apertando com firmeza o anel na mão, Krista afundou a cara no travesseiro e pôs-se a chorar.

Capítulo 31.

Os dias seguintes, Krista andou como se estivesse em transe. Coralee a ajudou a escolher o vestido de noiva, um precioso vestido de cor azul clara com uma volumosa saia de tule cheia de encaixe, que a fazia parecer uma princesa de conto de fadas, uma princesa muito alta, mas bem, o vestido era precioso.

Sem muito entusiasmo, Krista encarregou os trajes de baile, os vestidos de dia ou os de viagem que poderia necessitar em sua nova vida com Matthew Carlton.

Não vira seu prometido desde a noite do baile. Seu avô temia que pudesse mudar de ideia ao aproximar o dia das bodas, por isso não teve nenhum encontro.

Tampouco importava muito. O certo era que não importava nada das bodas ou do futuro desolador que se estendia ante ela. Tentou manter a mente ocupada no trabalho, enfocando seus pensamentos em questões relacionadas com De Coração a Coração, mas resultava difícil concentrar-se. Sabia que sua família e amigos estavam preocupados com ela, mas nada a podia liberar da letargia que a cobria como um manto.

Faltavam três dias para as bodas quando Coralee entrou no escritório de Krista e fechou a porta com suavidade.

—Quero falar contigo.

Krista levantou a vista do artigo que estava tratando de escrever com pouco êxito.

—O que acontece? Ocorreu algo?

—Estou preocupada com você, Krista. Está segura de que está bem? Nunca a vi assim. Não come o suficiente. Está pálida e não pode se concentrar nem nas tarefas mais simples.

—Estou bem. É só... que estou um pouco nervosa, suponho. Seguro que é normal nas noivas



ao aproximar as bodas.

—Ainda está apaixonada pelo Leif e não está em condições de se casar com outro homem.

—Sempre estarei apaixonada pelo Leif. Mas ele se foi, assim não importa o que sinta.

Matthew está disposto a casar-se comigo e necessito um marido.

—Mas pode esperar, pode atrasar as bodas um par de meses, e te dar um pouco mais de tempo para acostumar.

Krista negou com a cabeça.

—O tempo não mudará nada. Meu dever é me casar e dar a minha família um herdeiro. Meu avô se encarregou de todos os preparativos e não vou decepcionar ele outra vez.

—Krista?

—Por favor, Coralee. Tomei uma decisão. Leif se foi e não retornará. Se não puder me casar com ele, não me importa quem seja meu marido.

Corrie soltou um suspiro.

—Suponho que não é a primeira mulher que se casa por razões distintas ao amor.

—Não, não o sou. Este é um matrimônio de conveniência, e os dois somos conscientes disso.

—Faz parecer muito frio. Há alguma possibilidade de que com o tempo sinta algo pelo Matthew?

Krista olhou pela janela. Ainda ventava, o que levaria a embarcação de Leif cada vez mais longe.

—Possivelmente possa ocorrer... com o tempo. Se tiver sorte e tivermos filhos, talvez chegue a sentir algo por ele.

Corrie rodeou o escritório, inclinou-se e a abraçou.

—Faltam três dias para as bodas. Se necessitar algo... o que me seja... diga.

—Necessito sua amizade, Coralee. Nunca a necessitei tanto.

Corrie segurou sua mão.

—Sempre teve minha amizade, e nunca foi mais forte que agora.

—Então, com sua ajuda, confrontarei tudo isto. Casarei-me com Matthew e seguirei com minha vida.

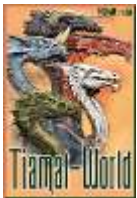
O vento inflava as velas do Dragão do Mar, impulsionando o veleiro através das ondas bravas. O navio avançava veloz sulcando a espuma branca para o horizonte. Os altos mastros rangiam enquanto

Leif se mantinha sobre a polpa erguido atrás do enorme leme de madeira do deque.

Tinha abandonado a Inglaterra fazia três dias, estava quase a meio caminho do Draugr. E durante cada um desses dias havia sentido a chamada da Inglaterra, puxando ele como um grande ímã.

Nunca havia sentido nada assim, era algo tão poderoso que quase parecia como se os mesmos deuses o empurrassem a retornar.

Mas tinha um dever que cumprir, recordou a si mesmo. Sua gente o necessitava e fizera uma promessa a seu pai. E os deuses não deram nenhum sinal de que Krista fosse para ele.



Durante três dias se disse isso. Durante três dias, tentou convencer-se a si mesmo. Mas uns momentos antes, depois de outra longa noite sem dormir, recordara a caixa.

A caixa de madeira esculpida que seu tio Sigurd dera na manhã que zarparam da Ilha Draugr.

"Quando estiver na Inglaterra - havia dito seu tio, - se ainda tem dúvidas sobre retornar ao Draugr, abre a caixa!"

"Tenho obrigações aqui, tio."

"Agarra a caixa - havia dito Sigurd - Abre-a se ficar alguma dúvida."

Leif a pegara e a colocara debaixo da cama de armar da cabine do capitão. Nunca ocorrera abri-la. Mas com a passagem dos dias, suas dúvidas aumentaram, e agora estava decidido a ver o que havia dentro da caixa.

Cedendo o leme ao capitão Twig, encaminhou-se para a escada de mão que conduzia a seu camarote na popa do navio. Levou só uns momentos encontrar a caixa e a tirar de debaixo da cama de armar.

Colocou-a sobre a cama, acionou a oxidada fechadura de ferro e abriu a tampa.

Dentro, sobre um tecido de fina lã, repousava um amuleto esculpido em presa de morsa, trespassado em uma cinta de couro. Reconheceu o objeto imediatamente. Fora usado por seu pai e o pai de seu pai antes do que ele.

No centro do antigo amuleto havia um pequeno martelo de prata, o raio do Thor, o deus que protegia aos homens do mal.

A seu lado havia um pergaminho enrolado fabricado com pele de ovelha.

A mão de Leif tremia quando alcançou o papel e o desenrolou. Reconheceu a escrita de seu tio.

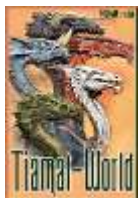
Se você ler isso é porque abriu a caixa e está claro que seu futuro já não está unido ao Draugr. Antes de morrer, seu pai te liberou de sua promessa, mas só se estivesse seguro de que seu destino estava em outro lugar. Acreditou até o final de sua vida que retornaria, e me pediu que te desse seu amuleto para te proteger em sua viagem pela vida. Não tema por sua gente. Olav governará com sabedoria em seu lugar. Ele pertence a esta ilha, mas você não. Segue os ditados de seu coração, sobrinho, e o caminho que os deuses escolheram para ti.

SIGURD.

O coração de Leif pulsava disparado quando se inclinou para recolher o amuleto. Por isso podia recordar, seu pai sempre teve pendurado no pescoço o martelo do Thor como amparo ante os perigos que podia encontrar na vida.

Ragnar dera o pendente a ele, seu filho mais velho. Inclusive depois de que Leif tivesse contrariado seus desejos, seu pai o amara. E possivelmente, ao final, compreendera o que impulsionara Leif a partir.

Sustentando em alto a correia de couro, Leif a passou sobre sua cabeça e deixou cair o



amuleto sobre seu peito. Era quase como se pudesse sentir a presença de seu pai ao seu lado, na cabine.

—Obrigado, pai - disse solenemente, fechando a mão sobre o marfim tão esquisitamente esculpido. Girando-se, saiu do camarote invadido por uma sensação de liberdade e alegria diferente a tudo que houvesse sentido antes. Os deuses estiveram no certo todo o tempo. Seu coração e seu destino estavam na Inglaterra, e por fim, estava em condições de poder reclamá-los.

Atravessando a popa a passo vivo, gritou:

—Atenção, capitão Twig! Há mudança de planos. Retornamos a Inglaterra!

Leif sorriu para si mesmo ao pensar em voltar para uma terra - em retornar a Krista - que uma vez parecera estranha e que agora seria por fim seu lar.

Chegou o dia das bodas, e Krista levantou cedo para preparar-se. Suas roupas foram enviadas à casa de seu avô, Hampton House, nos subúrbios da cidade. Demorariam um pouco a chegar na carruagem, e as bodas estavam prevista ao meio dia. Seu pai e ela precisavam se por em marcha para não chegar tarde.

Embora Thor tivesse sido convidado, declinara o convite. Ele devia ter compreendido que, apesar de ser moreno e Leif loiro, com apenas olhar a ele, Krista recordaria ao marido que desejara ter.

Thor acompanhou a Krista e a seu pai à porta, inclinou-se e a beijou na face.

—Sê... feliz, Krista - disse ele em inglês. Ela aumentou os olhos surpreendidos por seu esforço e logo sorriu. Thor sorriu amplamente, algo não muito habitual nele.

—Obrigado - respondeu ela, e ele assentiu aparentemente agradado de que suas palavras tivessem sido entendidas.

Inclusive antes de sair da casa, o sorriso de Krista começara a desvanecer-se. Não ansiava um futuro com Matthew, não como uma noiva deveria fazê-lo.

Perguntou se realmente era correto casar-se com ele quando estava apaixonada por outro homem.

Ficou absorta em seus pensamentos enquanto percorria na companhia de seu pai as abarrotadas ruas londrinas.

—Está muito formosa, querida. - A voz do professor chegou do outro extremo da carruagem, trazendo a de volta ao presente. Ainda não tinha posto o vestido de noiva, Coralee a ajudaria a trocar-se assim que chegasse a Hampton House, mas já se penteou, e os cachos dourados caíam sobre os ombros; sua donzela, Priscilla, usara gardênias recém cortadas neles.

—Obrigado, pai.

—Vais ser uma noiva preciosa.

Krista não respondeu. Só esperava que Matthew se mantivesse fiel a sua palavra e desse tempo para acostumar-se a ser sua esposa. Não estava preparada para nenhuma classe de intimidade entre eles.

Necessitava tempo para conhecê-lo, para falar sobre o futuro que se estendia ante eles.

"Com o tempo tudo se arrumará", disse a si mesmo.



E rezou para que fosse certo.

Quando o Dragão do Mar alcançou os moles londrinos, não passou muito tempo antes que Leif e seus homens jogassem a âncora e assegurassem o navio. Tão logo se completou a tarefa, saltou da coberta ao mole de madeira e percorreu o embarcadouro até terra firme.

Esfregou a barba de uma semana, desejando ter tido tempo de barbear-se antes de abandonar o navio, mas estava muito ansioso por ver a Krista. Não podia evitar pensar o aspecto tão diferente que tinha do civilizado cavaleiro que abandonara a Inglaterra fazia uma semana. O primeiro dia de viagem se despojou das roupas inglesas e as arrojara ao mar, esperando que seus dolorosos pensamentos se fossem com elas.

Não funcionara. Vestiu-se como um viking, mas os pensamentos seguiram o acossando. Fora enfeitado pela imagem de uma deusa de cabelo dourado que nenhum homem em seu são juízo poderia resistir.

Mas isso já era parte do passado e agora não importava.

Leif sorriu. Estava de retorno na Inglaterra, a terra que tencionava converter em seu lar.

Despedindo-se com a mão do Twig e seus homens, percorreu o atracadouro com passos enérgicos para procurar um carro de aluguel. Era um dia escuro, nublado e ventoso, o ar úmido prometia chuva.

Seu manto de pele ondeava com a brisa quando parou uma carruagem e subiu, ansioso por chegar à casa de Krista.

A viagem pareceu eterna, embora sabia que duraria menos de meia hora. Desceu de um salto da carruagem e lançou uma moeda ao condutor, agradecido de não ter arrojado o dinheiro ao mar junto com suas roupas.

Rapidamente subiu os degraus do alpendre. Golpeou várias vezes a porta antes que o mordomo a abrisse.

—Bom dia, Giles. Vim ver a Krista. Onde está? - Durante um momento o ancião pareceu não reconhecê-lo. Logo esboçou um enrugado sorriso. - Senhor Draugr! Entre!

—Preciso ver a Krista, Giles. Diga que estou aqui.

O sorriso do mordomo se desvaneceu imediatamente.

—Meu deus! A senhorita Krista? OH, Meu deus?

O ancião empalideceu de repente, e Leif sentiu uma opressão no peito. Deu um passo ameaçador para ele.

—Onde demônios está?

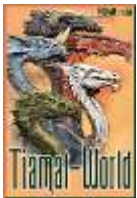
—Está? está?

—Casando-se - disse Thor em escandinavo, aproximando deles seguido pelo menino, Jamie Suthers, e o bonito, Alfinn, que estava encarapitado sobre o ombro do Jamie.

—Casando-se! Pelo sangue do Odín, do que está falando?

—Seu avô arrumou tudo - disse Thor. - Precisava casar-se, disse. Algo sobre seu dever com a família. O professor me tentou explicar isso mas não cheguei a entendê-lo muito bem.

Leif apertou os punhos inconscientemente. Ele compreendia com exatidão por que sentia



Krista que precisava casar-se. Tinha um dever, havia dito, e Leif o compreendera.

—Com quem vai casar se?

—Com o Matthew Carlton.

Leif reprimiu uma quebra de onda de fúria.

—Vai casar se hoje com esse bastardo insensível?

Thor assentiu com a cabeça.

—Onde?

—Em um lugar chamado Ham - Tom House.

—Conheço esse lugar. Estive ali uma vez com a Krista.

—A mansão de lorde Hampton é muito conhecida - disse Giles. - Qualquer chofer saberá como chegar. Mas deveria apressar-se. É quase a hora das bodas.

—Boa sorte, senhor! - gritou Jamie quando Leif começou a correr para a porta. O ruído dos passos do Thor ressonou a suas costas, os dois homens correram a toda velocidade para a rua fazendo gestos com as mãos para deter uma carruagem de aluguel. Aos poucos minutos percorriam as ruas de Londres, o coração de Leif pulsava ao mesmo ritmo que o trote dos cavalos.

—Quanto fica? - perguntou ao chofer depois do que pareciam horas.

—Só um pouco, chefe.

—Pagarei-te o dobro se nos levar ali tão rápido como possa!

O chofer tocou aos cavalos, impulsionando a carruagem para diante em uma carreira veloz pelas ruas da cidade.

Finalmente, depois de um momento, Leif começou a ver campos abertos e logo uma enorme mansão de três andares em uma colina longínqua.

—Ali está, chefe.

Inconscientemente, Leif tomou entre seus dedos o amuleto que levava no pescoço. Em silêncio, rezou aos deuses para que concedessem esse último desejo de poder chegar a tempo.

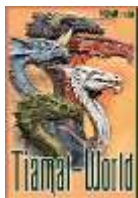
Capítulo 32.

Era um dia triste e deprimente, nuvens cinza cobriam toda a paisagem. O vento agitava os ramos das árvores, que golpeavam o telhado cristalino da estufa.

Em seu interior, a folhagem verde e exuberante era o cenário das bodas que estava a ponto de começar.

Krista precisava admitir que tia Abby e o conde fizeram um trabalho assombroso ao transformar a estufa em um jardim acolhedor. Junto com flores e árvores em miniatura havia umas enormes urnas brancas repletas de camélias e gardênias.

A grade branca da pérgola estava decorada com as mesmas flores rosadas e brancas das urnas, e as filas de cadeiras brancas do jardim flanqueavam um enorme arco azul decorado com



fitas azul claro.

Krista levava um vestido do mesmo tom azul com o sutiã adornado com um cóis e a cintura marcada com um profundo V na frente. A vaporosa saia também estava debruada e tinha uma sobrefalda mais curta de prateado.

Estava com umas sapatilhas de cetim combinando de cor azul clara. Começou a soar a música do órgão, e Krista tomou ar.

—Está preparada, querida? - perguntou seu pai.

Krista simplesmente assentiu com a cabeça. Nunca estaria preparada, mas não podia dizer. Tremia a mão quando segurou de seu braço e abriram passagem pelo corredor entre as filas de cadeiras para o altar diante da pérgola. A música do órgão acompanhava a marcha, as notas fluíam por cima dos novelos e as flores da estufa.

Matthew a esperava no altar. Alto e atraente, estava impecavelmente vestido com um casaco negro, uma calça cinza e um colete prateado que combinavam à perfeição.

Tinha penteado seu espesso cabelo castanho claro com raia ao meio, como ditava a moda.

Toda sua família estava ali: seu pai, o conde do Lisemore, seu irmão Phillip, barão de Argyle, e a miúda esposa de Phillip, Gretchen.

Também assistiram os amigos de Matthew, aos que Krista não conhecia, embora sim reconheceu a lorde e lady Wimby.

No lado do corredor de Krista, Coralee parecia estranhamente serena sentada junto a seus pais, lorde e lady Selkirk. Também estavam presentes alguns dos amigos de seu avô, incluindo os marqueses de Lindorf, lorde e lady Paisley. O arcebispo era um amigo íntimo da família e, embora não ia officiar a cerimônia, estava sentado entre os convidados, na primeira fila, ao lado do conde.

Tia Abby estava sentada à esquerda do conde. Luzia com elegância um vestido de seda cor lavanda; de vez em quando se enxugava discretamente os olhos com um lenço. Na última fila estava sentado o reduzido pessoal de Coração a Coração: Bessie Briggs, Gerald Bonner e o jovem Freddie Dobbs.

De pé ao fundo da estufa, estavam a donzela de Krista, Priscilla Dobbs, e parte do pessoal observando como Krista abria caminho pelo corredor.

A maioria dos amigos de Krista estavam ali, todos menos Thor, Jamie e o pequeno Alfinn, que esperavam em casa. Desejavam o melhor, sabia, e embora rezava por que assim fosse, seu coração não acreditava.

Quando chegou ao lado de Matthew, o sorriso dele era terno e afetuoso, mas não a reconfortou absolutamente. Tentou devolver o sorriso quando seu pai a deixou junto a ele e os dois giraram para o vigário, um homem miúdo com cabelo prateado e olhos sábios e amáveis.

O vigário Jensen observou à multidão, logo começou a cerimônia, olhando de vez em quando uma Bíblia coberta de pele que repousava aberta sobre o altar diante dele.

—Queridos irmãos. Estamos aqui reunidos para unir a este homem e esta mulher em sagrado matrimônio.

Krista tomou fôlego, lutando por controlar os tremores que a percorriam dos pés a cabeça.



—O matrimônio é uma instituição estabelecida Por Deus, a que não se deve acessar com ligeireza, a não ser com respeito e reverência. Por conseguinte, se algum dos aqui presente pode alegar alguma razão pelo qual estas duas pessoas não possam unir-se em sagrado matrimônio, que fale agora ou cale-se para sempre.

Seguiu um longo silencio. Krista rezou para que alguém elevasse a voz, para que alguém gritasse que essas bodas era uma mentira e que deveria ser suspensa antes que fosse muito tarde.

Mas ninguém disse nada.

Sentiu uma opressão no peito. Tremeu quando o vigário começou a falar de novo, pronunciando as palavras que a converteriam na esposa de Matthew.

Leif pagou ao chofer, desceu da carruagem antes que se detivesse por completo diante da mansão e pôs-se a correr para as maciças portas principais. Levantou a pesada aldrava de latão e golpeou com fúria.

Não se deteve até que se abriu uma das portas, e apareceu um mordomo magro e vestido de negro.

Estudou a Leif por trás de uns óculos com aros chapeados.

—Que demônios?

—Estamos aqui pelo das bodas - disse Leif. - Onde é?

O mordomo o examinou dos pés a cabeça, observando sua túnica de lã, o pesado manto de peles e as suaves botas de couro, o cabelo ligeiramente longo e a barba de uma semana.

—Parece-me que isso é muito pouco provável, senhor. - E deu com a porta nos narizes.

Leif amaldiçoou e começou a golpear outra vez a porta, mas a pesada folha não abriu.

—Teremos que rodear a casa por trás - disse Thor, e os dois se deslocaram para o alto muro de pedra que beirava a fazenda. Escalaram-no sem muito esforço e desceram ao jardim que havia ao outro lado.

—Tentaremos entrar pela entrada de serviço - disse Leif, dirigindo-se nessa direção, mas Thor o agarrou pelo braço.

—Não ouve isso?

Alguém estava cantando uma solene canção acompanhado de música de órgão. Leif se voltou para o som, e um edifício com coberto acristalado na parte traseira do jardim atraiu sua atenção.

—Ali dentro - disse.

Quando se apressaram nessa direção, puderam ver através das diminutas janelas a várias pessoas elegantemente vestidas e sentadas em umas cadeiras.

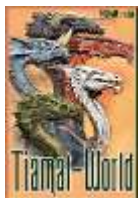
E logo, Leif viu a Krista.

—Esta ali! - gritou Thor com excitação.

Leif assentiu com a cabeça.

—Devemos nos apressar. - Pôs-se a correr para a figura azul que só pertencia a ele e a nenhum outro homem, abrindo bruscamente a porta e entrando a toda velocidade.

Quando alcançou a zona onde se estava celebrando as bodas, deteve-se, temendo por um



momento ter chegado muito tarde.

Krista estava de pé ao lado de Matthew Carlton e um sacerdote estava falando, pronunciando os juramentos das bodas segundo Leif observou. Mas o único no que podia fixar-se era na Krista e em quão pálida estava.

E o formosa que era.

Percorreu o corredor a passo vivo, indiferente aos ofegos das mulheres e as exclamações de afronta que os homens lançavam a sua passagem enquanto se dirigia com o olhar fixo para a mulher que pertencia a ele, para a mulher que, ao fim e ao cabo, tinha vindo a reclamar.

O vigário começou a recitar as palavras que a atariam para sempre a Matthew. Era hora de comprometer-se, hora de pronunciar os votos que a converteriam na esposa do Matthew.

—Você, Krista Chapman Hart, toma a este homem?

Foi seu pai gritando o nome de Leif o que interrompeu as palavras do vigário e fez voltar a vista para a porta para ver o enorme gigante loiro que avançava a grandes pernadas pelo corredor.

Krista conteve o fôlego. Por um momento, acreditou estar sonhando. Piscou, mas ele ainda seguia ali, aproximando-se, com a boca apertada em uma linha feroz e decidida.

la vestido de viking, e imaginou que, depois de tudo, mudara de ideia sobre o de voltar para sua casa no Draugr.

Se ele assim o queria, ela iria com ele, encantada. Não podia confrontar esse matrimônio, seu coração não seria capaz de suportar a vida tão vazia que se estendia ante ela. Nada importava. Só Leif.

Encheram os olhos de lágrimas quando ele percorreu de uma pernada os últimos passos que o separavam dela. Leif estendeu a mão e com muita suavidade tocou a face.

—Krista?

Matthew se interpôs entre eles.

—Que demônios pensa que está fazendo, Draugr?

Leif se ergueu em toda sua estatura.

—Vim aqui por minha mulher. Tenho intenção de fazê-la minha pela lei inglesa assim como ante os olhos dos deuses do lugar de onde venho.

Matthew se dirigiu com rapidez para os convidados da estufa, que olhavam com a boca aberta o suculento espetáculo que se desenvolvia ante eles.

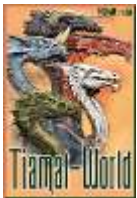
—Quero que joguem a este homem daqui! Não pode estar aqui! Quero que saia daqui? já!

Seu avô ficou de pé tão assombrado como todos os outros. Com rapidez abriu passagem para o reduzido grupo que havia diante do altar, tinha as sobancelhas tão arqueadas que formavam uma só linha.

—Vá-se daqui, jovem? está interrompendo as bodas de minha neta!

—Ela não pode casar-se com este homem - disse Leif. - Krista me pertence e estou aqui para reclamá-la.

—Nesse instante os olhos de Leif se encontraram com os dela e havia tanto amor neles que as lágrimas escorregaram pelas faces de Krista.



—Me leve contigo, Leif. Não me importa aonde vamos com tal de que possamos estar juntos.

Ele olhou a seu avô.

—Krista é minha. Pergunte a ela se não me acredita.

—Isto é ridículo! - A cara do Matthew estava vermelha de fúria.

—Meu filho tem razão. - O conde de Lisemore abandonou seu assento e caminhou pelo corredor. - Matthew está comprometido com esta mulher. O acordo de matrimônio já está assinado.

Tirem esse homem daqui imediatamente!

O conde dirigiu a Krista um olhar fulminante.

—Quero uma explicação, menina, e a quero já!

Ela abriu a boca para responder, mas tia Abby foi mais rápida e começou a explicá-lo tudo enquanto percorria o corredor para eles.

—Eu explicarei isso, pai - disse. - Este homem é Leif Draugr. O senhor Draugr é o jovem ao que Krista ama. Veio por ela, com um pouco de atraso, devo dizer, e parece evidente que ela também quer casar-se com ele.

Krista agradeceu a ajuda de sua tia em silêncio.

—Avô, Leif é o homem do qual te falei... é o homem que amo. É o único homem com o qual desejo me casar. - Olhou ao noivo. - O sinto, Matthew. Nunca tive intenção de te machucar de maneira nenhuma.

A cara de Matthew se obscureceu, e sua boca se transformou em uma linha desagradável e amarga.

—Me machucar? É uma cadela estúpida. Necessitava o dinheiro. Sempre se tratou de dinheiro. Vai - me custar uma fortuna!

Os músculos de Leif ficaram tensos e sua mandíbula pareceu converter-se em ferro. Com uma mão agarrou ao Mathew pelas lapelas de seu imaculado casaco, girou-o para ele e deu um murro na cara.

Várias mulheres gritaram quando Matthew chocou violentamente contra a grade da pérgola, que caiu para trás fazendo voar as gardêneas e camélias por toda parte.

O irmão de Matthew, Phillip, ficou de pé com intenção de intervir na briga, e Krista viu que Thor avançava pelo corredor para colocar-se junto a seu irmão. Vestido com roupas inglesas,

Thor parecia muito mais um cavalheiro que Leif, mas ela podia sentir ao poderoso guerreiro que formava parte dele no mais profundo de seu ser.

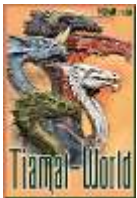
Foi lorde Lisemore o que rompeu a tensão que os rodeava.

—Já basta! Meu filho já deixou bastante claro. Acredito que é hora de que partamos. Phillip, me ajude a pôr a seu irmão em pé.

Phillip pareceu ficar chocado.

—Mas, pai?

—Seu irmão está possuído por uma forte obsessão pelos jogos de azar - disse o conde a seu



filho. - Está endividado até as sobranças, embora eu nunca me tenha dado por informado.

Pensei que se ele casa-se com a senhorita Hart acabaria colocando ordem em sua vida.

Matthew gemeu nesse momento, mas não fez gesto de levantar-se de entre as flores caídas a seu redor. Seu pai e seu irmão se moveram para ele, puseram-no de pé e a tropicões o conduziram pelo corredor para a porta.

—Caramba - disse o vigário Jensen quando os três homens desapareceram de sua vista.

—Em efeito - disse o professor, que também se uniu ao grupo.

Leif fixou seus penetrantes olhos azuis no conde.

—Krista me disse que você necessita netos. Meu sangue é forte e quente e darei a Krista uns filhos robustos dos que sentir-se orgulhoso.

O ardiloso olhar do conde passeou da cabeça loira de Leif, pelo pescoço musculoso até os ombros e o poderoso peito.

—Sim... posso ver que tem uma boa ascendência. - coçou o queixo. - Se se casar com minha neta, estará de acordo em viver aqui, na Inglaterra?

—Tinha feito a meu pai uma promessa de retornar a meu lar. Mas agora sou livre de minha promessa, e Inglaterra é o lugar que escolhi para viver. Ficarei se Krista estiver de acordo em converter-se em minha esposa.

As lágrimas de Krista escorregaram por suas faces. Leif ia ficar. Era o que mais desejava no mundo.

O conde olhou ao professor, que agora esboçava um sorriso que Krista nunca vira antes.

—Acredito que teremos que atrasar as bodas por um dia ou dois, até que possamos obter uma licença especial.

—Tolices - disse o conde. Virando-se, olhou a seu amigo o arcebispo, um homem grisalho e elegante que permanecia sentado, no que parecia um divertido silêncio, na primeira fila.

—O que diz você, William? Temos aqui uma licença, mas parece ter sido preenchida com um nome equivocado. Pode corrigir esse engano?

O arcebispo sorriu e ficou de pé.

—Acredito que sim. Embora resulte um tanto irregular e suponho que terei que fazer... algumas mudanças uma vez que retorne ao Canterbury. - Deslizando entre as filas de assentos, uniu-se ao grupo diante do altar.

—Vigário Jensen, a licença, por favor.

—É obvio, Seu Muito ilustre.

Houve um pequeno revoo enquanto utilizavam a pluma e a tinta e realizavam as mudanças pertinentes.

—Como já hei dito, isto é muito irregular. Espero uma considerável doação, Thomas, como gesto de boa fé.

—Não faz falta dizê-lo, Seu Muito ilustre. - Seu avô olhou ao vigário Jensen. - Acredito, senhor, que é o momento de continuar com as bodas.

—Magnífico! - disse o professor. - Embora esta vez minha filha terá um noivo muito mais



adequado.

Leif olhou a Krista. Tomando as mãos, as levou aos lábios.

—Hoje te casará com um viking, mas pela manhã seu marido se converterá em um cavaleiro outra vez.

—Vista-se como se veste, em seu coração sempre será um viking. Amo ambas as facetas por igual, e não quero que mude nunca.

Leif sorriu meigamente, e Krista devolveu o sorriso.

—Siga adiante, homem - disse o conde ao vigário, lançando ao Leif um olhar que nenhum homem poderia interpretar mal. - Quanto antes casem estes dois, antes levará meu futuro neto político a sua esposa à cama.

—Olhou a Krista, cujas faces começavam a ficar vermelhas com a vergonha. - Prepararei um quarto na ala leste da casa. Pela manhã retornarei ao campo. Estão convidados a ficar tanto tempo como desejam.

Krista sorriu ao Leif com acanhamento.

—Acredito que meu avô tem intenção de fazer você cumprir a promessa que fez de dar a ele netos.

Os olhos de Leif arderam com um fogo azul.

—Tenho intenção de cumprir minha promessa. Não posso pensar em nada que anseie mais.

Krista avermelhou ainda mais, e seu avô riu com regozijo. Em uns minutos terminou a cerimônia e foram declarados marido e mulher. Possivelmente os deuses de Leif tinham razão depois de tudo.

Possivelmente desde o começo estava predestinada a ser dele.

—Pode beijar à noiva - disse o vigário, e Leif a tomou entre seus braços.

Uma coisa era certa, seu coração pertencia a ele, igual ao dele pertencia a ela.

E quando Leif terminou de dar aquele beijo arrebatador, não havia nenhuma só alma nas bodas que não acreditasse que fosse assim.

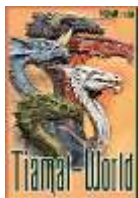
Epílogo.

Seis meses mais tarde.

Leif jazia ao lado de Krista em seu quarto na casa que seu avô dera como presente de bodas. Acabavam de fazer o amor e descansavam saciados na enorme cama de quatro postes.

O dormitório era cálido. A seu lado, Krista adormecia pacificamente no vão de seu braço. Estavam em maio. A luz da lua iluminava as flores do jardim traseiro da casa.

Um raio de luz penetrou entre as cortinas, iluminando o cabelo dourado de Krista. Sua esposa era muito formosa. Cada dia parecia mais bonita.



Algumas vezes, Leif continha a respiração quando a olhava, só para assegurar-se de que era sua esposa. Outras vezes, pensava no perto que esteve de perdê-la.

Precisava agradecer a seu tio Sigurd que o tinha agradado com a liberdade e a vida que agora se estendia ante ele, e só por isso estaria sempre em dívida com ele.

Distraidamente, acariciou o sedoso cabelo de Krista, pensando em tudo o que ocorrera nos meses transcorridos desde sua volta a Inglaterra.

Nunca fora um homem capaz de estar de braços cruzados, e a primeira coisa que fizera foi visitar seus velhos amigos, Alexander Cain e Dylan Villard, os donos de Continental Shipping.

Leif, por fim descobrira um talento inato para navegar e gostava do mar, ao que parece um legado de seus ancestrais vikings.

Seu irmão e ele se lançaram à aventura naval associando-se com aqueles homens. Leif acrescentara sua parte e a do Thor ao capital investido.

Queria pôr em marcha uma pequena linha de transporte que comunicasse com as pequenas ilhas do mar do Norte que estavam bastante afastadas.

Esperava incluir portos de povos da Inglaterra e Escócia, e com o tempo, Irlanda e Gales, possivelmente inclusive países um pouco mais longínquos.

Cain e Villard estavam de acordo, e assim tinham baseado a companhia Valhalla Shipping.

O Dragão do Mar fora seu primeiro navio, mas já somaram quatro mais. O dinheiro começara a entrar em cestas, e parecia que a aventura ia ter êxito.

Leif sorriu para si mesmo. O inglês do Thor melhorava com rapidez, e nesses dias poucas vezes conversava em escandinavo, exceto quando estava frustrado ou nervoso.

Havia muitas coisas que fazer em uma companhia que se expandia rapidamente, e Thor parecia estar à altura da provocação.

Na enorme cama, Leif sentiu como Krista se movia, e logo a pressão suave de seus lábios contra seu seio.

—Vejo que está acordado - disse ela. - Pensei que estaria cansado depois de...

Deixou a frase inacabada, e inclusive na escuridão, ele soube que ela se ruborizou.

Beijou-a nos cabelos.

—Pensava em quão afortunado sou.

Ela mudou de posição a seu lado e se ergueu sobre um cotovelo, puxando o lençol para cobrir seus preciosos seios.

—Os dois somos afortunados - inclinou e o beijou, e o corpo de Leif começou a se agitar. - Me deu tudo o que queria. Tenho liberdade, a independência que sempre apreciei tanto.

Estou casada com o homem que quero mais que a minha vida, e...

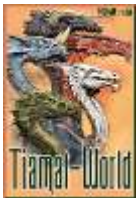
—E... - pressionou ele arqueando uma sobrancelha.

—E logo terei algo ainda mais precioso.

O olhar afiado de Leif se cravou em seu rosto.

—Do que está falando?

—la esperar um pouco mais para te dizer isso. Queria estar totalmente segura.



Leif girou, colocando-a sob seu peso. Podia sentir como o coração de Krista pulsava contra o seu.

—Diga isso, me diga as palavras que tanto desejo ouvir.

Krista sorriu e estendeu a mão para acariciar a face.

—Levo a seu filho no ventre, meu amor. É o maior presente que me poderia me dar.

O olhar de Leif se tornou feroz.

—É só o primeiro dos muitos presentes desse estilo que quero te fazer.

Logo a beijou e Krista correspondeu, envolvendo os braços ao redor de seu pescoço. Era o beijo mais doce que podia recordar, um beijo tenro e suave que se voltou com rapidez ardente e selvagem.

Leif entrou nela de novo, reclamando-a e fazendo-a sentir o muito que ele a queria.

Uma vez, Krista lutara por sua independência. Ao casar-se com Leif, tinha entregue seu futuro e sua alma a um homem totalmente diferente de qualquer dos que conhecia.

Um homem único e especial, Krista sabia.

Um homem com um coração leal.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

Título original: Heart of Honra

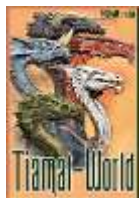
Tradução: María José Losada Rei e Rufina Moreno Ceballos

1ª edição: fevereiro 2008

2007 by Kat Martin Edições B, S. A., 2008 para o selo Javier Vergara Editor

Bailén, 84 - 08009 Barcelona (Espanha)

www.edicionesb.com



Tiamat World

Kat Martin
Serie Coração 01

Printed in Spain

ISBN: 978-84-666-2836-5

Depósito legal: B. 2.548-2008

Impresso pelo LIBERDÚPLEX, S.L.U.

Ctra. BV 2249 Km 7,4 Polígono Torrentfondo

08791 - Sant Llorenç d'Hortons (Barcelona)